

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**Fernando Gonçalves Bitencourt**

**NO REINO DO QUERO-QUERO: CORPO E MÁQUINA, TÉCNICA E  
CIÊNCIA EM UM CENTRO DE TREINAMENTO DE FUTEBOL –  
UMA ETNOGRAFIA CIBORGUE DO MUNDO VIVIDO**

**Ilha de Santa Catarina, Agosto de 2009**

**NO REINO DO QUERO-QUERO: CORPO E MÁQUINA, TÉCNICA E  
CIÊNCIA EM UM CENTRO DE TREINAMENTO DE FUTEBOL –  
UMA ETNOGRAFIA CIBORGUE DO MUNDO VIVIDO**

**Por**

**Fernando Gonçalves Bitencourt**

**Orientadora: Profa. Dra. Carmen Silvia Rial**

**Tese Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia  
Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de  
Santa Catarina, como Requisito Para a Obtenção do Título de Doutor em  
Antropologia Social.**

**Ilha de Santa Catarina, Agosto de 2009**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**Tese**

**NO REINO DO QUERO-QUERO: CORPO E MÁQUINA, TÉCNICA E  
CIÊNCIA EM UM CENTRO DE TREINAMENTO DE FUTEBOL –  
UMA ETNOGRAFIA CIBORGUE DO MUNDO VIVIDO**

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Carmen Silvia Rial – Orientadora

---

Profa. Dra. Diana Brown

---

Prof. Dr. Elenor Kunz

---

Profa. Dra. Maria José Reis

---

Prof. Dr. Mario Bick

---

Profa. Dra. Alicia Castels

---

Prof. Dr. Giovanni De Lorenzi Pires - Suplente

---

Prof. Dr. Alberto Groisman - Suplente

**Para DUDU**

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe Teresinha, meu pai Nimar, minha irmã Cristina, meu irmão Luciano, Mona Elisa e Everton e toda nossa família.

Aos meus tios, Januário, Zezé, Laércio, Catita e todos os primos por me acolherem em Curitiba por ocasião de meu trabalho de campo.

Às crianças: Eduardo, Tiago, Artur, Vitória, Fernanda, Vitor, Giovana, Lucas, Mariana e Bruno.

À Claudia, companheira no amor e na educação ao nosso filho.

À Carmen Rial, muito mais do que orientadora.

Aos membros da banca Diana Brown, Maria José Reis, Mário Bick, Elenor Kunz, Alicia Castels, Giovani de Lorenzi Pires, Alberto Groisman e Oscar Calávia Saez (qualificação) pela leitura e pelas considerações acerca do trabalho.

Ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, campus São José pela possibilidade de realizar este estudo, em especial aos colegas professores de Cultura Geral e de Educação Física.

Aos queridos amigos Beth, Galdino e Marcílio.

À Giovani Pires e todos os pesquisadores do Observatório da Mídia Esportiva (NEPEF/CDS/UFSC), por tudo.

Aos colegas do NAVI/GAUM/PPGAS/CDS/UFSC pela convivência e colaboração no desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores do PPGAS e do CDS da UFSC.

Aos amigos de pós-graduação Luiz Fernando Cardoso, Raquel Mombelli, Marta Magda, Karine Gross, Janayna Lui, Karla Galvão, Eduardo Didonet, Matias Gódio... e mais uma lista interminável de pessoas.

Aos amigos de sempre: Alessandro, Alexandre, Gastão, Guilherme, Marcus, Perna, Paulão, pela longa trajetória do basquete ao dominó.

À Verônica e o amor aos livros.

À Lislely.

À Bruna, Angélica, Teresinha e Cristina por transcrições, revisões, correções...

À CAPES, pela bolsa de estágio de doutorado em Madri.

Agradeço em especial aos profissionais do Clube Atlético Paranaense, que com paciência e amizade receberam este investigador no trabalho de campo. Reconheço em Antônio Carlos Gomes o apoio e incentivos necessários a quem, junto aos demais profissionais, desejo sucesso e felicidades em seus projetos.

A todos, pelo afeto, a paciência e o trabalho conjunto, meu muito obrigado.

# SUMÁRIO

## **INTRODUÇÃO..... 1**

- 1. CONSTRUINDO O OBJETO E O CAMPO: ..... 7
- 2. LOCALIZANDO A TESE NO CAMPO DA ANTROPOLOGIA (DO ESPORTE): O ESPORTE MODERNO – ESBOÇO DE UMA TRAJETÓRIA ..... 12
- 3. *Do Esporte (em geral) ao Futebol (em particular)* ..... 19

## **PRIMEIRA PARTE**

## **CAPÍTULO I..... 32**

## **DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA..... 32**

- 1.1. ALGUNS PRESSUPOSTOS INICIAIS..... 32
- 1.2. ASPECTOS PRÁTICOS DO TRABALHO DE CAMPO (OU MEUS MODOS DE FAZER) ..... 40
- 1.3. ASPECTOS ÉTICO-DIALÓGICOS DO CAMPO (OU MINHAS PERSPECTIVAS DE SER-NO-MUNDO)..... 47
- 1.3.1. *Da Impossibilidade Ética: os objetos como ‘coisa’*. ..... 51
- 1.3.2. *Dos agentes iguais em dignidade: uma possibilidade metodológica (e ética) na antropologia*. ..... 55

## **CAPÍTULO II ..... 60**

## **O LOCUS: ESPAÇO GEOGRÁFICO E SOCIAL ..... 60**

- 2.1. *O futebol e o contexto urbano* ..... 62
- 2.2. *O Centro de Treinamento Alfredo Gotardi – o CT do Caju*..... 72
- 2.2.1. *Entrar no CT*..... 77
- 2.2.2. *Viver no CT: Instituição Total?*..... 87
- 2.3. *Carne e pedra*..... 96

## **CAPÍTULO III..... 100**

## **O OLHAR E O SE-MOVIMENTAR: UMA FENOMENOLOGIA DO FUTEBOL, OU DE COMO O CAP ENCONTRA TALENTOS..... 100**

- 3.1. UM SISTEMA ETÁRIO ..... 101
- 3.2. A SELEÇÃO DE ATLETAS ..... 105

**CAPÍTULO IV ..... 123**

**ESTRUTURA, HIERARQUIA E EQUIVALÊNCIA**

**ABSTRATA DO DINHEIRO ..... 123**

4.1 Sobre o “Equilíbrio Instável” ..... 125  
4.2. Simmel e o Futebol ..... 136  
4.2.1. Notas Etnográficas 1: Estrutura Jurídica e Econômica ..... 138  
4.2.2. Notas Etnográficas 2: Individualismo e Liberalismo..... 144  
4.3. Dinheiro..... 146  
4.4. Da Comunidade de Afeto a Equivalência Abstrata do Dinheiro: ..... 153  
A Comunidade Imaginada e o Conflito ..... 153

**SEGUNDA PARTE**

**CAPÍTULO V..... 160**

**O CIBORGUE..... 160**

5.1. CIÊNCIA E FUTEBOL: (DES)COMPASSOS ..... 162  
5.2. A QUESTÃO DA TÉCNICA: OU A TÉCNICA COMO AMBIENTE ..... 167  
5.3. O SISTEMA DOS OBJETOS..... 175

**CAPÍTULO VI..... 179**

**UMA ESTRUTURA BIOMÉDICA ..... 179**

6.2. O DM – A MEDICINA ..... 180  
6.2. MAQUINARIA BIOMÉDICA..... 195  
6.3. DM – A FISIOTERAPIA ..... 199

**CAPÍTULO VII ..... 210**

**O TREINAMENTO ESPORTIVO: O CASO DO CAP**

**..... 210**

7.1 Os Ciclos de Treinamento ..... 212  
7.2. FISILOGIA ..... 215  
7.2.1. Os testes físicos: ..... 217  
7.2.2. A Preparação Física: ..... 230  
7.2.2.1. A Musculação ..... 234  
7.3. TREINO TÉCNICO E TÁTICO..... 238

**CAPÍTULO VIII..... 246**

**A ALIMENTAÇÃO/NUTRIÇÃO..... 246**

**TERCEIRA PARTE**

**CAPÍTULO IX..... 257**

**O SER-NO-MUNDO: DO CONTROLE AO MUNDO**

**VIVIDO - INCOMENSURABILIDADES..... 257**

9.1. O HOMEM-MÁQUINA..... 260

9.2. QUESTÕES SOBRE A DOR ..... 264

9.2.1. *A ética cavalheiresca (corpo nobre)* ..... 272

9.3. O MOVIMENTO: MIMESIS E POIESIS – REPETIÇÃO E DIFERENÇA..... 277

9.4. LUDICIDADE E COMMUNITAS..... 283

9.4.1 *Uma Partida de Futebol*..... 288

**CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 296**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 300**

# LISTA DE IMAGENS, QUADROS E GRÁFICOS

. Imagem 1: valores dos ingressos por localização no estádio para jogo do Campeonato Brasileiro.....	67
. Imagem 2: maquete digital da Kyocera Arena .....	71
. Imagem 3: mapa político da Cidade de Curitiba.....	73
. Organograma da estrutura do CAP: site do clube: acessado em 13/18/2007.....	76
. Estrutura do CT do Caju: <i>site</i> do clube: acessado em 13/18/2007.....	76
. Gráfico do número de atletas testados, dispensados e aproveitados na categorial infantil nos anos 2005/2006 – Fonte: relatório CAP.....	107
. Gráfico do número de atletas testados, dispensados e aproveitados na categorial juvenil nos anos 2005/2006 – Fonte: relatório CAP.....	108
. Gráfico do número de atletas testados, dispensados e aproveitados na categorial junior nos anos 2005/2006 – Fonte: relatório CAP.....	108
. Gráfico do número de atletas testados, dispensados e aproveitados em todas as categorias nos anos 2005/2006 – Fonte: relatório CAP.....	109
. Quadro: “Etapas de Promoção, Identificação e Preparação em Longo Prazo de Jovens Futebolistas”.....	110
. Quadro dos parâmetros da avaliação e seus valores para a seleção de atletas – fonte: projeto CAP.....	112
. Relatório da Condição Física do Atleta “Joaquim”: cedido pelo CAP.....	223/4
. Quadro da Programação Semanal de Treinamento em Semana de Jogo: CAP.....	233
. Planilha de avaliação de atleta do Juvenil. Fonte: CAP – Relatório da Base.....	254

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

. Foto 1: Fotomontagem da fachada e do interior da Kiocera Arena. Fornecida pelo site do CAP.....	70
. Foto 2: Foto aérea da cidade de Curitiba. Google Earth – acessado em 25/06/2009.....	74
. Foto 3: Foto aérea do CT do Caju. Google Earth – acessado em 25/06/2009.....	74
. Foto 4: Foto aérea do CT do Caju Google Earth – acessado em 25/06/2009.....	79
. Foto 5: Exame cardiológico, realizado no próprio clube – foto cedida pela comissão técnica.....	187
. Foto 6: Aparelhagem para exame cardiológico e testes fisiológicos – foto do autor.....	195
. Foto 7: sala de Fisioterapia – Foto do autor.....	200
. Foto 8: Maca da sala de fisioterapia. Observa-se, à esquerda, o aparelho de ultra-som e, no console a direita, o eletro-estimulador – foto do autor.....	207
. Foto 9: Exame cardiológico e teste físico concomitante – Máquina alemã: METAMAX 33 da Córtes - Foto cedida pela comissão técnica.....	219
. Foto 10: Atleta faz o teste na esteira – foto cedida pela comissão técnica.....	220
. (Foto 11: Atletas juniores realizam o teste físico Ioio. A foto capta o ponto de retorno dos 20m – Foto do autor.....	225
. Foto 12: Jogador terminando o teste físico Ioio. – Foto do autor.....	225
. Foto 13: Teste de velocidade – 30m. Pesquisador ao fundo – Foto do CAP.....	226
. Foto 14: Teste de força: membros superiores – Foto do CAP.....	227
. Foto 15: Teste de força na musculação: membros inferiores – foto do CAP.....	227
. Foto 16: Vista dos aparelhos à direita da entrada da sala de musculação. Foto do autor.....	235
. Foto 17: Vista dos aparelhos à esquerda da entrada da sala de musculação. Foto do autor.....	235
. Foto 18: Vista da sala de musculação a partir do balcão no qual trabalha o preparador físico. Foto do autor.....	236

. Foto 19: Juniores realizam trabalho na musculação nas máquinas para membros inferiores – foto do autor.....	237
. Foto 20: Vista parcial do refeitório: comissão técnica e nutricionistas, em primeiro plano em almoço. Ao fundo, à direita, a parte visível – não subterrânea – da cozinha. Foto do autor.....	248
. Foto 21: Atletas se alimentam no refeitório – foto do autor.....	249

## RESUMO

Esta tese, ao postular como problema antropológico contemporâneo a mecanização do corpo e a humanização da máquina, objetivou investigar a relação corpo e máquina, técnica e ciência no centro de treinamento de um clube da primeira divisão do futebol brasileiro, tomando como horizonte de análise o ciborgue e o ser-no-mundo. Através do método etnográfico, um trabalho de campo foi realizado entre abril de 2006 e fevereiro de 2007, quando observei a estrutura e organização do clube, a vida cotidiana e os sistemas de treino, além dos agenciamentos da tecnociência e da biomedicina por parte dos especialistas – médicos, fisioterapeutas, técnicos e auxiliares, fisiologista, preparadores físicos, nutricionista... – sobre os corpos dos atletas no centro de treinamento. Este trabalho está dividido em três partes. Na primeira, após discutir teórico-metodologicamente a tese, descrevo o espaço físico e social que o clube ocupa na cidade e as relações vividas pelos atletas numa instituição que guarda características semelhantes às de uma “instituição total”. Ademais, procurei compreender a lógica que preside as relações quando estas são mediadas pela equivalência abstrata do dinheiro. A anatomopolítica e o liberalismo econômico, entre outras questões, estão no fundamento destas primeiras análises. A segunda parte da tese apresenta os procedimentos planejados e realizados pela biomedicina e a tecnociência; analisa a maquinaria agenciada pelos especialistas já referidos e interpreta, a partir das teses da normalização da espécie e do biopoder, como os atletas convivem com as máquinas que escrevem e inscrevem verdades ao investir sobre o corpo seus esforços perscrutadores. Para tanto, etnografei as práticas médico-fisioterápicas, o trabalho do fisiologista e dos preparadores físicos, o treinamento técnico e tático, além da nutrição. O ciborgue, fruto da técnica – que descobre aquilo que está disponível – e da ciência, vê-se entrelaçado ao conjunto maquinário do CT através da incorporação dos procedimentos, dos dispositivos e objetos que tal maquinaria põe em ação. Tal incorporação, entretanto, já anuncia a terceira parte da tese, na qual a incomensurabilidade do corpo (do humano) foi tratada. Deslocando o enfoque da relação saber/poder foucaultiana para o ser-no-mundo fenomenológico, discuto, considerando a “indeterminação essencial da existência,” os imponderáveis e a incomensurabilidade do corpo próprio: esta abertura passível de agenciamento pelos atletas. Retomando a reflexão sobre o corpo-máquina, sustento que a dor, a *illusio* e o se-movimentar estão inscritos neste espaço incontável do mundo que habitamos e que tais ordens do vivido estão no campo da *mimesis*, da *poiesis* e da *esthesis*, ou seja, constituem-se em tempo-espaço de criação, de invenção, no qual o novo pode brotar e as relações sociais institucionalizadas numa estrutura em “equilíbrio instável” podem ser substituídas por momentos de *communitas*. Tais aspectos, ainda, destarte a fragmentação do corpo e das práticas através dos procedimentos tecnocientíficos, sugerem também os termos nos quais uma experiência, no sentido benjaminiano, surge como devir possível, haja vista a unidade fundamental corpo-mundo, esta que o se-movimentar traduz em diálogo através da intercorporeidade e da intersubjetividade. Concluo, por fim, afirmando a tese de que a natureza do corpo próprio é o ponto de partida e o limite da relação corpo-máquina, assim como a ancoragem que possibilita o ciborgue, este ser que incorporou a tecnociência.

## ABSTRACT

This thesis, by postulating the mechanization of the body and the humanization of the machine as a contemporary anthropological problem, aimed to investigate the relationship between body and machine, science and technique at a training center of a first division Brazilian soccer team, considering as horizon of analysis the cyborg and the being-in-the-world. Through the ethnographic method, a fieldwork was conducted from April 2006 to February 2007, when I could observe the structure and organization of the club, the everyday life and the training systems, as well as, the some experts agencies of technoscience and biomedicine - doctors, physiotherapists, coaches and coach assistants, physiologist, physical trainers, nutritionists ... – about the bodies of athletes in the training center. This work is divided into three parts. In the first part, after discussing theoretical and methodological aspects of the thesis, I describe the physical and social space that the club occupies in the city and the relationships experienced by athletes at an institution that has characteristics similar to those of a "total institution". Also, I tried to understand the logic that governs the relationship when they are mediated by the abstract equivalence of money. The anatomo-policy and economic liberalism, among other issues, are the basis of these initial analyses. The second part of the thesis presents the procedures designed and made by biomedicine and technoscience; analyses the agencied machinery by the experts already cited and interprets, from the thesis of normalization of the species and the bio-power, how the athletes live with the machines that write and form truths to invest their efforts investigated in the body. Thus, I ethnographed the physiotherapeutic and the medical practices, the work of the physiologist and the physical trainers, the technical and tactical training, and, the nutrition. The cyborg, the result of the technique - which discovers what is available - and of the science, is seen as linked to the machines of the training center by incorporating the procedures, the devices and objects that such machinery puts in action. This incorporation, however, announces the third part of the thesis, in which the incommensurability of the body (the human) is treated. Removing the focus of Foucault's knowledge/power for the phenomenological being-in-the-world, I discuss, considering the "essential indeterminacy of the existence", the imponderables and the incommensurability of the body itself: this is likely to opening agency by the athletes. Back to the reflection about the body-machine, I say that the pain, the ilusio and the self-movement are enrolled in this inscribed area of the world that we live and that such orders of the experienced world are in the field of *mimesis*, of *poiesis* and *esthesis*, in other words, constitute themselves in time and space of creation, invention, in which what is new can germinate and the institutionalized social relationship in a structure in "unstable equilibrium" can be replaced by moments of *comunnitas*. Those aspects also suggests the fragmentation of the body and the practices through the technoscientific procedures, the terms in which an experience in Benjaminian sense, appear as a possible becoming, in view of considering the fundamental unit body-world, that the self-movement results in a dialogue through intercorporality and intersubjectivity. Finally, I conclude this supporting the thesis that the nature of the body itself is the starting point and the limit of the body-machine relationship, as well as the anchorage that allows the cyborg, this being that incorporated the technoscience.

## RESUMEN

Esta tese, al postular como problema antropológico-contemporáneo la mecanización del cuerpo y la humanización de la máquina, con el objetivo de investigar la relación cuerpo y la máquina, la técnica y la ciencia en el centro de entrenamiento de un club de la primera división del fútbol brasileño, teniendo en el horizonte de análisis el ciborgue y lo estar en el mundo. A través del método etnográfico, un trabajo de campo se realizó entre abril de 2006 y febrero de 2007, cuando se observó la estructura y la organización del club, la vida cotidiana y los sistemas de formación, además de los agenciamientos de la tecnociencia y la biomedicina de los expertos - médicos, fisioterapeutas, técnicos, asistentes, fisiólogos, entrenadores físicos y nutricionistas ... - sobre los cuerpos de los atletas en el centro de formación. Este trabajo se divide en tres partes. En primer lugar, después de debatir el argumento teórico y metodológico, describo el espacio físico y social que el club ocupa en la ciudad y las relaciones que experimentan los atletas en una institución que tiene características similares a las de una "institución total". Además, he intentado comprender la lógica que rige esas relaciones cuando están mediadas por la equivalencia abstracta del dinero. La anatomopolítica y el liberalismo económico, entre otras cuestiones, se encuentran en la base de estas primeras análisis. La segunda parte de la tesis presenta los procedimientos diseñados y realizados por la biomedicina y la tecnociencia; examina la maquinaria agenciada por los expertos ya referenciados e interpreta, a partir de la tesis de la normalización de las especies y de lo biopoder, como los atletas interactúan con las máquinas que escriben y inscriben verdades al invertir sobre el cuerpo sus esfuerzos. Por lo tanto, he etnografiado las prácticas médicas-fisioterapéuticas, la labor del fisiólogo y de los preparadores físicos, la formación técnica y táctica, además de la nutrición. El ciborgue, es resultado de la técnica - que descubre lo que está disponible - y la ciencia, es el conjunto entrelazado de máquinas de lo CT mediante la incorporación de los procedimientos, de los dispositivos y objetos que la maquinaria pone en acción. Esta incorporación, sin embargo, ha anunciado la tercera parte de la tesis, en la que la inconmensurabilidad del cuerpo (humano) fue tratado. Cambiando el enfoque de la relación saber/poder foucaultiana para lo ser en el mundo fenomenológico; yo discuto, teniendo en cuenta la "indeterminación esencial de la existencia", y los imponderables y la inconmensurabilidad del cuerpo propio: esta apertura, pasible de agenciamiento por los atletas. Retomando el debate sobre el cuerpo-máquina, sostengo que el dolor, la *illusio* y lo moverse están matriculados en este espacio incontrolado del mundo que habitamos y que esas órdenes del experimentado están en el campo de la *mimesis*, de la *poiesis* y de la *esthesis*; o sea, se constituyen en el tiempo y en el espacio de creación, invención, en que lo nuevo puede germinar y las relaciones sociales intitucionalizadas en una estructura en "equilibrio inestable" pueden ser sustituidas por momentos de *comunnitas*. Estos aspectos, todavía, teniendo en cuenta, la fragmentación del cuerpo y de las prácticas a través de los procedimientos tecnocientíficos, también sugieren los términos, los cuales una experiencia, con el fin benjaminiano, surge como posible, teniendo en cuenta la unidad fundamental cuerpo-mundo, esta que, al movimentarse, traduce en diálogos a través de la intercorporeidad y de la intersubjetividad. Yo concluyo, en el final, diciendo que la naturaleza del propio cuerpo es el punto de partida y el límite del cuerpo-máquina, así como el ancla que permite que el ciborgue, este que se incorpora por la tecnociencia.

# INTRODUÇÃO

“Escrevo diante da janela aberta.  
Minha caneta é cor de venezianas:  
Verde!... E que leves, lindas filigranas  
Desenha o sol na página deserta!”  
(Mario Quintana)

Frankstein, Ciborgue (o homem de seis milhões de dólares), Inteligência Artificial, Matrix entre outros heróis e narrativas com alguma frequência alimentam nossas fantasias. Estes (as) resultam importantes modos de pensarmos nossa condição humana e, mais especificamente, dramatizam o tema da finitude e da superação de nossa humanidade. Seja (re)criando o humano<sup>1</sup> a partir de elementos do próprio corpo, seja pela adição de materiais não orgânicos (mecânicos, eletrônicos ou cibernéticos), ou mesmo pela reinvenção de humano fora das bases naturais, nosso drama de perpetuação individual ou coletiva da espécie, nestes casos através da ciência, permanece.

Há um personagem, entretanto, quase esquecido nesta nossa trajetória fantástica e científica, que encanta justamente por sua complexidade, chama-se Pinóquio<sup>2</sup>. Associado ao mundo infantil, tratado como conto popular e percebido em geral como mais uma das fábulas cuja moral trata de educar as crianças, o fato é que Pinóquio resiste ao tempo, retorna a vida dos adultos em seus núcleos familiares e, como o penso, transcende a condição de “mera” história para crianças dormirem. Pinóquio é uma síntese brilhante de nossas fantasmagorias.

---

<sup>1</sup> Frankstein estaria a renascer no desenvolvimento do projeto genoma, na clonagem ou na criação de órgão para fins terapêuticos? Dado que estes órgãos estariam juridicamente mortos, sentiríamos o mesmo horror narrado na história, ou, pelo fato de a origem destes órgãos não ser o cemitério, mas o laboratório, incorporaríamos (incorporaremos) novas sensibilidades?

<sup>2</sup> A idéia de trazer Pinóquio como reflexão nasceu de uma observação do prof. Mario Bick durante a qualificação desta tese. O professor comentou o fato de os atletas serem menos Frankstein do que Batman, este que amplia suas possibilidades corporais através da técnica, ou seja, tem agência. Mas Batman é um pouco soturno e talvez demasiado heróico. Por isso Pinóquio, que trás em si o complexo natureza/cultura/sobrenatureza e, através de sua agência, ou seja, por merecimento, transforma-se em menino de verdade. Isto antecipa algo importante da tese, o fato de que os atletas não são o puro suporte de intervenção da tecnociência, mas são, também, agentes, participam de sua “transformação”.

Pinóquio é fruto da técnica, transformado em boneco pelas mãos de um marceneiro e vivente por ação sobrenatural. A Fada Azul, reconhecendo a bondade do velho Gepeto e comovida com sua solidão, dá vida a sua criatura. A natureza, morta e manipulada pela cultura, retorna à vida pelo sobrenatural sem, portanto, ascender à condição de humano. A humanidade de Pinóquio dependerá das virtudes que será capaz de incorporar – num corpo de madeira, bem entendido – em sua trajetória vivida.

A tarefa do boneco não é simples. Afora o bom “vovozinho”, seu caminho é tomado pela vigarice, a ganância, a mentira, a irresponsabilidade etc. Tragado pelas tramas do capital, sempre atento às novidades, aos esforços do trabalho no circo e emboscado nas tramas da natureza pela raposa e pelo gato<sup>3</sup>, além de “cooptado” ao mundo das travessuras por crianças não muito bem socializadas – talvez ainda em estado de natureza – nosso herói vê seu acesso a humanidade quase ruir com um retorno a natureza. Quando seu nariz cresce, em virtude de suas mentiras, como o galho de uma árvore ou quando, já nas tramas finais, inicia a sua transformação em burro, o sucesso individual e coletivo da sociedade fica por um fio.

Mas Pinóquio tem uma consciência externa. Salvo pelo grilo da completa transformação em burro – o que não acontece com as “crianças de verdade” –, tal como a razão e a técnica devem dominar a natureza, volta ao cenário como uma mistura de animal e vegetal (um ser bizarro). Neste ínterim, seu avô é engolido por uma baleia. Ninguém se acorre a salvá-lo. Em ato desesperado, Pinóquio se lança ao mar, encontra o “monstro” e se faz engolir. Descobre seu avô a aquecer-se em frente a uma fogueira (fogo que nos aquece, ilumina e salva). Com engenhosidade, o misto de animal/vegetal lança a fumaça para a cabeça da baleia que, ao espirrar, lança-os de volta ao mar. Feito de madeira, Pinóquio flutua salvando seu avô. Seu feito heróico é recompensado pela fada que desce do céu. Virtuoso, o boneco vira um menino de verdade, é alçado à humanidade, dispensa uma consciência externa, transcende sua natureza. A história aí acaba, pois sabemos bem como são – também na história – os meninos de verdade.

A história de Pinóquio é preciosa. Interpretar todas as tramas que por fim envolvem natureza<sup>4</sup>/cultura/sobrenatureza exigiria um esforço que não pretendo empreender neste

---

<sup>3</sup> Talvez sejam por demais conhecidas as relações que a raposa e o gato têm com a vida furtiva. Outros animais aparecem na história, como o grilo e o burro. Uma análise mais acurada dos significados destes animais, “bons para pensar”, foge aos limites deste trabalho.

<sup>4</sup> Reconheço haver, no interior da antropologia, uma discussão acerca da validade do conceito de natureza, principalmente ao se considerar outras ontologias (Descola, 2005) ou mesmo os híbridos na Antropologia Simétrica (Latour, 1994; 1997; 2004) na qual se postula um colapso entre as fronteiras. Nesta tese, porém, uma vez que trato de um processo de modernização do futebol e da aplicação da tecnociência, natureza é uma

espaço. Procurei expor, entretanto, as complexas relações desta tríade, que é de dominação/sujeição em reversibilidade contínua e que continua a se constituir como uma trama, talvez fantástica, de nossa experiência comum sobre a vida. Se há raposas a nos enganar, fadas a nos encantar e técnicas a nos ajudar (?), nosso reino permanece o mesmo. Talvez, como sugere Latour (1994), jamais tenhamos sido modernos, ou, como prefiro, nossa modernidade configura-se ainda sob os mesmos dramas.

Com este pano de fundo chego ao reino do quero-quero. Espaço que cobre uma grande área urbana num bairro periférico de Curitiba, capital do Paraná. É uma combinação de construções em movimento e platôs gramados em forma de campo de futebol. Neste espaço plano e bem cuidado, o quero-quero faz seu ninho, acasala e defende seus ovos e filhotes. A bola de futebol disputa com os ovos e filhotes o direito de viver o lugar. Mas o reino do quero-quero não se resume ao espetáculo ruidoso e desafiador da ave, há mais. Para o que nos interessa, é uma intrincada trama de querereres dispersos numa hierarquia mais ou menos rígida, estruturada na interioridade de um clube de futebol. No concurso das diversas vozes os querereres se misturam, configurando as relações entre os saberes, os corpos e estes querereres. E, se “é possível um ato desinteressado?”, questão pascaliana de Bourdieu (2001), ele também faz parte deste reino. Pois o quero-quero deste lugar é enfático em seus desejos: grita, abre asas, voa, dissimula e ataca; está também na boca miúda, nos olhos perscrutadores, nos ouvidos atentos. Está, ainda, na ordem interna, no discurso do moderno, na técnica (que obriga a dispor daquilo que está encoberto), na razão, no cálculo... Mas está também, e por fim, no querer sem sujeito, impessoal e abstrato. Viver o centro de treinamento é viver relações de querereres. Entender estes querereres, suas possibilidades e limitações quando corpo e máquina se encontram, está no horizonte deste trabalho.

Estes querereres são aplicações de saberes legítimos do corpo, da bola, do clube, do futebol, das relações sociais... e também da técnica e da ciência<sup>5</sup>. São, portanto, a parte que

---

categoria importante, sendo tomada, em princípio, sob duas perspectivas: 1) A partir da perspectiva de uma natureza da qual nos afastamos e dominamos pela consciência, ou seja, como aquilo que está disponível para a aplicação da técnica – esclareço melhor tal perspectiva na segunda parte da tese; 2) sendo também o corpo próprio, agora do ponto de vista da fenomenologia, que está em *ineinander* (a *inerência de si ao mundo ou do mundo a si, de si ao outro e do outro a si*) com a natureza, ou seja, “a carne do corpo nos faz compreender a carne do mundo” uma vez que somos feitos do mesmo estofo. (MERLEAU-PONTY, 2000a, p. 352)

<sup>5</sup> Sigo, para este trabalho, um fio condutor anunciado por Galimberti (2006) para esclarecer os conceitos de técnica e ciência: a primeira, entendida tanto como um universo de meios (as tecnologias) quanto a racionalidade que preside seu emprego; a segunda, como um modo singular de perscrutar o mundo através da organização de procedimentos e métodos, que com algum rigor, procuraria, neste, verdades inscritas através do uso da razão. Aprofundo tais questões na segunda parte desta tese.

cabe de capital social, cultural e econômico no campo do (de) futebol: esfera relativamente autônoma de relações sociais, de disputas e alianças, de práticas e sentidos especificamente vividos em sua estrutura, mas profundamente ligada a outras esferas da vida humana, para além das barreiras físicas e simbólicas. O reino do quero-quero, assim, não é fechado. Não está em isolamento do mundo. Ao contrário, suas conexões com a sociedade contemporânea ou com a modernidade são tão extensas que é preciso demarcar seus limites. Contornos imprecisos, voláteis, mas fundamentais. É como tentativa de colocar meu campo de investigação no redemoinho do contemporâneo que passo ao problema desta pesquisa.

O estudo a que me proponho, centrado na perspectiva de investigar a “sociedade complexa” em uma de suas articulações fundamentais – e porque não, em duas de suas invenções mais importantes, a saber, o corpo e a máquina – é fruto, por um lado, das reflexões oriundas das ciências humanas, na qual a antropologia tem se destacado através de estudos sobre biociências ou a nova genética, e pesquisas em laboratórios<sup>6</sup>, por exemplo, e da filosofia, por outro, de discussões recorrentes em minha área de atuação profissional: Professor de Educação Física no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. Em ambas as perspectivas há um esforço para entender o corpo e a técnica no contexto do que se chama modernidade. Do mesmo modo, permanece o sentimento de que a questão, longe de se esgotar, exige um contínuo debruçar-se, perscrutando a realidade, construindo novos horizontes, formulando novas teorias e ampliando o debate sobre o sentir/pensar/agir humano em sua relação com a técnica e a ciência e suas faces materializadas, as máquinas.

Nos é bastante conhecida a tese da alienação proposta por Marx (1989), na qual o trabalhador, ao não reconhecer o fruto de seu trabalho como algo que lhe pertence, é alienado em seu trabalho e, na mesma medida, aliena-se de si mesmo. Escreve o autor:

O trabalhador se torna tão mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens... Este fato nada mais expressa senão: o objeto que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta como um ser alheio, como um poder independente do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, se fez coisa, é a objetivação do trabalho... No estado econômico-político esta realização efetiva do

---

<sup>6</sup> É possível acompanhar estes debates no Brasil através dos grupos de trabalho das Reuniões da Associação Brasileira de Antropologia, entre outros fóruns. No cenário internacional, destaco os trabalhos de Rabinow (1999) e Latour (1997), por exemplo, ambos abordados nesta tese.

trabalho aparece como desefetivação do trabalhador, a objetivação como perda e servidão do objeto, a apropriação como alienação, como exteriorização (p. 148-149).

Corpo-força-de-trabalho, portanto, corpo-mercadoria é, em última instância, mais um elemento da maquinaria que converte o valor de uso em valor de troca. A jocosidade lacônica com que Chaplin, em seu filme *Tempos Modernos*, representa o sujeito mecanizado na sua relação com a máquina pode ser uma imagem síntese (alegórico-dramática) para firmar a questão.

Simmel, conforme argumenta Waizbort (2000), acompanha Marx, mas vai além. Por um lado, reconhece Simmel que a divisão social do trabalho, que desprende o produto final daquele que o produziu, é um dos aspectos sobre os quais se fundamenta a alienação do trabalhador, uma vez que o produto do trabalho aparece como objeto autônomo, tornando-se um fim em si mesmo. Por outro lado, entretanto, preocupado com a formação cultural, este vai ver neste ponto apenas um dos elementos da “tragédia da cultura”, pois a cultura objetiva – aquilo que é produto do humano e se exterioriza – torna-se, em todas as suas esferas, este fim em si mesmo que coloca o sujeito na condição de meio. Nestes termos, o autor alerta para a impossibilidade de na sociedade do dinheiro, que transforma em valor abstrato a relação entre os sujeitos e as coisas, realizar a ressubjetivação da cultura objetivada, resultante/resultado da cultura reificada que parece caracterizar a modernidade<sup>7</sup>.

Não obstante, esta leitura aguda de uma vida danificada (ADORNO, 1993) que nos encerra numa tragédia é vivida duplamente na temática que pretendo trabalhar e exprime-se, sem dúvida, como um paradoxo. Enquanto a sociedade industrial tratou de transformar seus trabalhadores em máquinas recusando sua humanidade pela exploração de seu corpo e seus produtos em mercadoria (a ponto de os alimentos poderem ser destruídos se não tiverem bom preço no mercado; e de terem o sabor, ou sua qualidade sensível, substituído pela quantificação química de sua composição – calorias, proteínas, potássio... – como requisito para seu consumo), o aperfeiçoamento das máquinas carrega em seu íntimo o desejo de sua antropomorfização, algo cada vez mais relevante na cibercultura e do qual

---

<sup>7</sup> À diferença de Marx, que vê os meios de produção e o trabalho como os motores da história, Simmel está mais preocupado com a vida. Talvez possamos sintetizar a distinção entre estes autores, para além (ou aquém) da oposição materialismo-idealismo, nestes termos: Para Marx o trabalho é o motor de vida, para Simmel, o trabalho cabe na vida, mas a vida não cabe no trabalho; este é, senão, apenas um dos aspectos sobre os quais a vida se realiza.

Pinóquio – mais que, mas também Frankstein – talvez seja seu principal modelo arquetípico<sup>8</sup>.

Nesta trama, está posto o problema, a saber: o da relação dos seres humanos com as máquinas – esta dupla via em que os homens se mecanicizam e em que as máquinas são humanizadas. Esta complexa relação encadeada de homem-mecanizado, portanto humanizado e máquina humanizada, portanto mecanizada que se radicaliza nas novas tecnologias de produção e manutenção da vida.

Dentro desta problemática, tomo como objeto o corpo humano, modo singular e inalienável de ser no mundo, em sua relação com as máquinas. A presente tese, então, teve como **objetivo** investigar as relações práticas e simbólicas formuladas no encontro do corpo com a máquina (e por suposto com a técnica e a ciência), num espaço social que se constitui uma esfera importante da produção dos “super-humanos” (os atletas) da modernidade: os centros de treinamento esportivo e seu ambiente tecnocientífico – ambos convertidos, em algum sentido, em laboratórios de pesquisa.

Não se trata, todavia, de investigar um corpo genérico, tampouco de qualquer laboratório de pesquisa. Trata-se, ao meu ver, da composição de um espaço emblemático da modernidade, justamente por articular um corpo tomado como um dos modelos a perseguir, o corpo esportivo ou corpo atlético, com um espaço no qual a sociedade depositou as esperanças de construção das verdades e do progresso infinito (e talvez o fim dos males) no qual um modelo de fazer ciência, de caráter empírico-analítico, e um modo de intervenção no mundo, revelam o poder de um certo modo de pensar este mundo, ao mesmo tempo em que seus pressupostos e finalidades estão constantemente sob suspeita.

Tal quadro, formuladas as teses da tragédia da cultura e da nossa transformação em ciborgues<sup>9</sup>, exige que reflitamos mais duramente sobre a vida na modernidade e que investiguemos, no mais profundo de suas relações, o que o humano diz, humanamente, sobre si mesmo. Esta tarefa, que o antropólogo está sempre a realizar – mesmo parecendo o Barão de Münchhausenn a puxar-se pelos próprios cabelos para sair do atoleiro em que se meteu – é a possibilidade crítica que o trabalho etnográfico – que há muito descobre vida

---

<sup>8</sup> Diferente de Frankstein, que se converte em ode a ciência, Pinóquio é natureza humanizada pela técnica e por ação sobrenatural. Se o primeiro vai contra Deus e a Natureza, o segundo está com eles e talvez mais perto de nós. Talvez, quando as igrejas passarem a louvar a geração (invenção) da vida fora dos princípios naturais, portanto divinos, tenhamos o encontro entre ambos. Por enquanto, Frankstein permanece uma aberração e um pária.

<sup>9</sup> Trabalharei a idéia de ciborgue no decorrer desta tese. Por ora, sigo Haraway (2000; p. 40), para quem “um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção”.

onde se imaginam primitivos, bárbaros ou alienados – e o escopo teórico-metodológico pertinentes à antropologia têm a oferecer.

Se mencionei que há muito o que se caminhar na discussão sobre as relações do humano com a máquina – assim como com a natureza – é que, em vários aspectos, como procurarei mostrar a seguir, têm-se especulado e refletido bastante sobre a questão que carece, entretanto, de estudos que dialoguem com seus “nativos”, estes atletas – homens-máquinas – e suas “vidas de laboratório”. Nestes termos, inspiro-me em Latour (1997) para dar passos nesta tarefa de etnografar o mundo vivido na maquinaria esportiva através dos corpos humano-máquinas, corpos ciborgues.

### **1. Construindo o objeto e o campo:**

Uma empresa multinacional de artigos esportivos preparava em laboratório, nos anos 90, uma equipe de maratonistas. Sua preocupação era que dentre as inúmeras provas que compõem o atletismo, esta era uma das poucas em que os Estados Unidos não conta(va)m com uma equipe competitiva. Simulando em um ambiente fechado as condições naturais da atmosfera do Quênia – país que abriga vários dos mais importantes corredores de longa distância da atualidade – pretendiam produzir os campeões nesta modalidade.

Talvez não seja necessário reafirmar, neste momento, a associação dos interesses do mercado ao esporte, nem o seu uso pelos diferentes regimes políticos, tampouco ampliar os exemplos para além do acima mencionado<sup>10</sup>. Entretanto, para não tomarmos o exemplo citado como apenas um caso exótico da produção de atletas, se faz necessário mostrar quão corriqueira é esta prática. Os alemães orientais, já na década de setenta do século passado, faziam estudos de biótipo para determinar o esporte que o indivíduo deveria praticar, além de utilizarem os bem conhecidos esteróides anabolizantes para a melhoria dos resultados de seus atletas. Não me furto em afirmar que o corpo atlético, ao longo do século XX e do XXI, tem transparecido como o próprio corpo do Estado (talvez como um dia fora o corpo do rei, encarnação do Estado<sup>11</sup>) e, na mesma medida, converteu-se em mercadoria de grande valor.

---

<sup>10</sup> Quando tratar do esporte, na seção seguinte, apresentarei algumas das discussões tomadas neste sentido.

<sup>11</sup> Aqui inicio minha aproximação com Foucault (1987; 2008), quando anatomopolítica e, mais tarde, biopolítica são atravessadas pelo poder despótico do Rei ou pela consolidação do Estado através do regime liberal.

Desde então – é provável que mesmo muito antes – a técnica e a ciência têm estado a serviço do esporte de alto rendimento (sobre o qual tratarei na seção seguinte). Seja no preparo orgânico, através dos avanços dos estudos em fisiologia do exercício, em nutrição e treinamento atlético, inclusive com o aperfeiçoamento do *dopping* e seu conseqüente controle e inibição – disputa que se trava no campo exclusivo da ciência, mas que é eivada de pressupostos éticos (hipócritas); seja no desenvolvimento de técnicas corporais cada vez mais elaboradas, apoiadas, principalmente, nos estudos em biomecânica, ou seja no desenvolvimento de equipamentos e instalações, recursos volumosos de capital financeiro e humano são gastos sob a doutrina ideológica do progresso infinito, que no esporte se anuncia pela voz da transcendência do corpo rumo ao mais forte, mais alto, mais veloz, etc.

Em subjacente perspectiva, a biomedicina e a engenharia médica se desenvolveram a ponto de reabrir a questão do que é o humano. Quantas partes de nosso corpo podem ser substituídas pela maquinaria biomédica e, mesmo assim, permanecermos humanos? O projeto genoma, as nano-tecnologias – capazes de implantar chips de computador em feixes de neurônios – e as múltiplas próteses – entre as quais as inúmeras tecnologias da vida cotidiana – tornam fluidas as fronteiras entre o corpo e a alma, o orgânico e a máquina, a natureza e a cultura. Estas questões em aberto sugerem problemas que a filosofia há muito persegue e reafirmam problemas antropológicos cuja pesquisa e reflexão estão no campo do entendimento – e do alargamento – do que é o ser humano.

Adorno e Horkheimer (1985), ao formularem a denúncia de que na modernidade todo projeto de superação do mito pela razão converteu-se novamente em mito e que os animais sacrificiais continuam existindo – agora para outros “deuses”<sup>12</sup> – constroem a tese fundamental, reelaborada mais tarde por Habermas (2001), de que a técnica e a ciência constituem-se em ideologia. Esta assertiva decorre da constatação de que o esclarecimento, a saída do homem da sua menoridade, revelou-se seu contrário, terminando na administração da barbárie operada nos campos de concentração de Auschwitz.

A técnica, tornada fim em si mesma e convertida em argumento funcional para o estabelecimento de ações sobre o mundo – sejam elas corporais, políticas ou administrativas – associa-se à ciência que, na modernidade, investe-se da autoridade do conhecimento legítimo de explicação do ser humano e do mundo. Tal autoridade é, para os frankfurtianos, resultado de uma inversão radical do uso da razão e da produção do conhecimento científico, na medida em que os mesmos estariam sujeitos aos interesses da

---

<sup>12</sup> Ou seja, a Ciência.

técnica e do capital. Estas análises, que se estruturam a partir da relação saber/poder, estão centradas na preocupação em recuperar dialeticamente o esclarecimento através de uma reflexão sobre a reflexão e recolocar o projeto iluminista em seu caminho original.

É por demais sabido que a filosofia cartesiana é um marco fundamental do modelo de racionalidade vigente. A constituição de uma ciência positiva de caráter empírico-analítico estabeleceu novas relações dos seres humanos com a natureza e com a sociedade, permitindo novas abordagens investigativas em seus objetos. Em nome do saber verdadeiro, acessível apenas à razão e à investigação metódica, o conhecimento positivo, ungido pela neutralidade – seja política, seja epistemológica – que deixa o objeto puro aparecer ao observador, domina a natureza e propõe modelos análogos ao conhecimento do ser humano e da sociedade. Cabe à ciência desvendar os ‘mecanismos’ que regem o universo, este relógio cuja perfeição da engrenagem funcionará como analogia para todos os corpos: celeste, animais, humanos, etc.

É nesse contexto, então, que o corpo vai ganhar relevância como objeto de investigação, manipulação e controle. Vivo ou morto, dissecado, aprisionado, excluído ou exaltado, o corpo, conforme sugere Foucault (1987), torna-se objeto de saber da medicina, da justiça, do exército, da escola, da indústria etc. É possível classificar, hierarquizar e esquadrihar o corpo, o tempo e o espaço; desde então, nada escapa a razão científica, ao cuidado metodológico e ao entendimento do mundo como uma máquina. Esse é o momento do controle de corpos, do nascimento da sociedade disciplinar, de vigilância, de poder coercitivo exterior: o que hoje já se exprime como sociedade controle, de biopoder (FOUCAULT, 2008), na qual os corpos internalizaram o controle.

Porém, o corpo perspectivado como objeto da ciência é apenas uma das faces do ser do corpo. Pode-se tomá-lo sob outro prisma, como discuto mais ao final deste trabalho, ampliando sua abordagem e significância. Acompanhando Merleau-Ponty (1994), entendo o corpo como unidade fundamental do ser-no-mundo, este ser que funda o mundo em que vive a partir de sua corporeidade. Esta corporeidade que é corpo e representação constitui-se em sede do sujeito e da identidade<sup>13</sup>, sendo, nestes termos, também, o primeiro suporte da alteridade, do estranhamento e do encontro com o outro.

Sendo assim, o corpo que é ao mesmo tempo sujeito e objeto – sempre objeto-sujeito, mesmo que se insista em anular a subjetividade deste objeto peculiar – exige múltiplas abordagens em seu trato e o cuidado de não coisificá-lo e nem cindi-lo, anulando

---

<sup>13</sup> Para ver mais sobre identidade e suas relações com a etnicidade, ver Oliveira (1976); Poutignat & Fenart (1998).

sua complexidade e sua vitalidade<sup>14</sup>. Marcel Mauss (1974) vai compreender bem o aspecto fundante da corporeidade e de como o ser-no-mundo se exprime também como técnica.

Com o convite de Mauss, que nasce de uma densa reflexão antropológica, para que se estudassem as técnicas corporais das diferentes culturas, inicio uma digressão que aproxima a antropologia da Educação Física<sup>15</sup>. Em um duplo sentido, a noção de técnicas corporais tem orientado os estudos desta área<sup>16</sup>. Sem esquecer que a Educação Física se constitui numa pedagogia, implicando, portanto, numa intervenção através do conhecimento, uma parte significativa do “campo”, no sentido dado por Bourdieu (1998), investe seus esforços na melhoria do rendimento<sup>17</sup> dos gestos técnicos esportivos, seja através do refinamento da técnica corporal específica, seja através da melhoria orgânica do corpo. Neste sentido, as bases de trabalho nessa área de conhecimento são formuladas a partir das ciências da natureza, significativamente a Física e a Biologia.

Por outro lado, na perspectiva de discutir os significados inscritos nestas técnicas e ‘incorporados’ pelo coletivo social, estudos são realizados apoiados nas chamadas ciências humanas e na filosofia. Em linhas gerais, apreender o significado das práticas corporais, principalmente as esportivas, implica na perspectiva de compreender a realidade contemporânea a partir de um dos aspectos desta realidade, fornecendo elementos para uma prática pedagógica que não se restrinja ao ensino de técnicas corporais, mas que se amplie na reflexão das mesmas e interfira com maior capacidade crítica na “cultura de movimento” (KUNZ, 1994).

No encontro entre estas duas abordagens epistemológicas de Educação Física, que tem sido conflituoso na medida em que as premissas que as sustentam são praticamente antitéticas, estão o corpo e a “cultura de movimento” como objetos privilegiados de estudo. O caminho que tomo, neste trabalho, mergulha no esporte enquanto síntese paradigmática de um modo de pensar que se produz a partir do saber científico, mas que se encontra com o senso comum e suas diversas formas de saber na legitimação de seus valores, portanto, em conjunto e aquém da manifestação esportiva enquanto prática cultural que une

---

<sup>14</sup> Para uma leitura das abordagens possíveis sobre o corpo, ver Le Breton (1990; 2006).

<sup>15</sup> Tomo aqui a Educação Física por dois vieses, quais sejam: o primeiro é que esta é área de trabalho da qual parto, segundo porque são os professores de Educação Física os maiores responsáveis pelo desenvolvimento científico e técnico do esporte.

<sup>16</sup> Para uma leitura dos paradigmas de pesquisa em Educação Física e as perspectivas de pós-graduação na área, ver: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v.24, n. 2, janeiro de 2003.

<sup>17</sup> Na linguagem corrente do esporte – e com a qual meu próprio texto, por hábito, pode me trair – rendimento e performance aparecem como sinônimos. Para evitar problemas de entendimento, toda vez que me referir ao resultado efetivo de um atleta em competição, estarei falando em rendimento. Performance será tomado no sentido desenvolvido por Victor Turner, que é um termo importante da antropologia e que pode ajudar a pensar o modo como jogadores de futebol se fazem como são.

espetáculo, atletas e espectadores. Pretendo compreender a trama formulada entre corpo – sujeito e objeto-sujeito –, máquina, tecnologia e ciência vivida no cotidiano destes atletas. Trama na qual biomecânica, fisiologia do exercício, nutrição e treinamento esportivo são disciplinas sob as quais o corpo é esquadrihado com o olhar agudo das ciências naturais, possibilitando ao corpo, em dialética, a incorporação – nesse mundo encarnado, como sugere Merleau-Ponty (1994) – da maquinaria que o olha.

Latour (1997), ao fazer seu trabalho de campo em um laboratório de pesquisas na Califórnia (EUA), tinha por objetivo realizar uma etnografia do trabalho científico. Meu olhar segue direção semelhante, pois no encontro do corpo com a técnica e a ciência, do orgânico com o mecânico, reflito sobre o esporte como produto deste conhecimento, cuja eficácia simbólica (LÉVI-STRAUSS, 1996) produz o corpo esportivo síntese dos desejos atuais, mito de perfeição: rendimento (mas também performance) – atlético, profissional, sexual.

Este é um estudo que atende a outro convite, o de Donna Haraway (2000), para refletir sobre os “ciborgues” que nascem dos laboratórios de pesquisa esportiva. A medicina esportiva (fisiologia, biomecânica e outras formas de intervenção sobre o corpo biológico) há muito vem criando um corpo capaz de superar sua própria natureza. Na sociedade veloz, atletas sem anabólicos, aminoácidos e/ou suplementos das mais variadas formas possivelmente tornariam a competição um tédio. A tecnociência não para de se desenvolver.

Parece claro que as mais avançadas tecnologias estão à disposição do mundo esportivo para a superação constante de nossos limites corporais. Não seria equivocado apontar o esporte como uma das mais poderosas ideologias do progresso, da dominação da natureza e da superação do humano - estaríamos gestando um pós-humano, como no filme de Stanley Kubrick, *Inteligência Artificial*? O que podemos esperar para o futuro? Do projeto genoma às nano-tecnologias - a endocolonização denunciada por Virilio (1996) - a tecnociência substitui a natureza na produção e manutenção da vida. Estão os esportistas a reboque ou são estes os próprios mitos da nova artificialidade?

A dominação e a exclusão a que o corpo está sujeito hoje, impostas pela lógica do capitalismo tardio, geram preocupações quanto aos usos das novas biotecnologias. Se a hipótese de Rabinow (1999) estiver correta, a saber, de que "a nova genética - e também as nano-tecnologias - deverá remodelar a sociedade e a vida com uma força infinitamente maior do que a revolução física jamais teve, porque será implantada em todo tecido social por práticas médicas e uma série de outros discursos" entre eles, pode-se destacar, o

esportivo; e o biopoder (FOUCAULT *apud* RABINOW, 1999, p.135), "aquilo que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos e faz do poder-saber um agente da transformação da vida humana" ganha contornos extremados, quais as novas configurações da vida para o futuro e qual o papel do esporte nesta jornada rumo ao "artificial" são questões em aberto, promessa de longos debates.

## **2. Localizando a Tese no Campo da Antropologia (do esporte): O Esporte Moderno – esboço de uma trajetória**

Para articular o campo a pesquisar ao problema da relação corpo máquina na modernidade e dar início a esta empreitada, faz-se necessário esclarecer o que penso ser o "esporte hegemônico"<sup>18</sup>, suas nuances e vicissitudes, seu poder e presença no tecido social. Não é difícil perceber que a expressão "esporte" vem tendo seu alargamento conceitual. Deve-se este fato a duas questões principais: a espetacularização da cultura corporal de movimento e, como temos uma cultura mais ampla do que palavras para representá-la, a possibilidade de a mesma palavra passar a significar diferentes coisas. É assim que "esporte" hoje designa práticas corporais cujos modos de ação e objetivos são muito distintos: futebol, jogging, caminhadas e ginástica de academia têm o mesmo "status" de esporte. Entretanto, é necessário precisar melhor o conceito de esporte que utilizo neste trabalho, pois seu demasiado alargamento, que é um dos reflexos da importância que o "Esporte Moderno" adquiriu, mais visivelmente nos últimos trinta anos, dificulta o entendimento, transformando em esporte uma gama muito ampla de movimentos que não têm características especificamente esportivas.

Apesar de guardar algumas características dos jogos na Grécia do período clássico e dos jogos na Idade Média europeia, o esporte moderno evoluiu a partir do fim século XIX e alcançou proporções jamais imaginadas. Por volta de 1800 a cultura de movimento popular e também a da nobreza inglesa transformaram-se. Os jogos populares, inúmeros deles com bola, e nobres – entre eles a caça – sofreram um processo de esportivização. As transformações no estilo de vida, causados pela industrialização e a urbanização, segundo Dunning (1992), levaram a estes novos padrões de movimento. Elias e Dunning (1992) elaboram uma profunda reflexão sobre o processo civilizador e o desenvolvimento do esporte – não me deterei, portanto, neste ponto.

---

<sup>18</sup> Hegemônico, pois que, mesmo que haja múltiplas possibilidades de manifestação do fenômeno esportivo, há uma estrutura que se impõe às lógicas distintas e que serve como modelo destas diferentes práticas.

Cabe distinguir que, enquanto os jogos antigos estavam inseridos numa cosmologia na qual jogos, guerras, danças e crenças não se dissociavam, o esporte moderno se desvinculou das tradições, desenvolvendo-se à partir de quatro aspectos fundamentais, conforme Brohm (1982):

(a) o desenvolvimento do tempo livre e das atividades recreativas; (b) mundialização dos intercâmbios através dos transportes e dos meios de comunicação de massa; (c) revolução científica e técnica; e (d) o advento e aperfeiçoamento da revolução burguesa ‘democrática’ e o confronto entre nações.

Nesta mesma direção, qual seja, a de que há uma descontinuidade no sentido das práticas corporais entre o medievo e os modernos, Bourdieu (1983) considera que o esporte teve sua gênese na Inglaterra, mais precisamente nas escolas destinadas à aristocracia e à alta burguesia. Nestas escolas, os jogos populares foram descontextualizados e ressignificados dentro de um sistema de valores e normas que interessava a formação dos “futuros líderes”. Deste modo, os jogos populares, que estavam vinculados à cosmologia e ao calendário social, passaram a ser uma prática dissociada das demais vividas no cotidiano, convertida em exercícios corporais com um fim em si mesmo. Os futuros líderes, educados nos valores da elite burguesa, com seu orgulho, seu desinteresse e distanciamento das rudezas da vida aprendiam no “fair play” a jogar por jogar e a vencer por vencer (dentro das regras), treinavam a coragem, a masculinidade e formavam o caráter, diferentemente da plebe, que perseguia a vitória a qualquer custo.

O esporte tornava-se um ideal moral. Além da oposição entre elite e plebe, pode-se observar o contraste entre a educação burguesa e a educação da pequena burguesia. Educação *vs.* instrução, caráter ou força de vontade *vs.* inteligência, esporte *vs.* cultura afirmariam as hierarquias educacionais entre as classes e frações de classes, espaço em que a legitimação dos usos do corpo através do esporte vai também operar.

Assim, Bourdieu (1983) entende que a definição social do esporte é um campo de lutas onde há o embate pelo monopólio da capacidade de imposição e legitimação dos usos do corpo e das funções da prática esportiva: amadorismo *vs.* profissionalismo, praticante *vs.* espectador, esporte de elite *vs.* esporte popular entre outras definições. Nestes termos, a luta pela legitimidade dos usos do corpo e do significado do esporte envolve uma série de especialistas. Seriam hoje: os médicos, treinadores, preparadores físicos, professores de educação física, educadores em geral, religiosos, psicólogos e diversos “intermediários culturais” (FEATHERSTONE, 1995) que se utilizam de uma autoridade específica para

impor suas concepções sobre as práticas corporais de modo geral. Para além disso, os gostos e os valores éticos e morais das classes e frações de classe estruturariam distinções na percepção dos usos do corpo de forma a gerarem distinções na prática dos esportes, que se manifestariam em ascetismo, hedonismo, esteticismo etc.

É preciso pensar, entretanto, como o esporte se tornou tão popular. Neste ponto, Bourdieu se aproxima de Foucault, ao perceber no esporte uma forma de controle dos jovens dentro da escola, a partir do esquadramento do tempo e do espaço e do controle dos corpos através dos gestos. O esporte passou das escolas de elite às da classe trabalhadora, colaborando na disciplina. Ao engajarem-se nestas práticas os jovens davam vazão à violência que tenderia a ser usada contra os professores e os prédios escolares. Nestas instituições, que tinham responsabilidade sobre os jovens, “*full time*”, o esporte tornou-se uma maneira econômica de controle. Estas estratégias se dissolveram no tecido social, passando o esporte a ser um importante meio de controle das comunidades (ligas desportivas locais e religiosas) e dos trabalhadores (através dos clubes de empregados).

Em síntese, para o autor, os valores educacionais e o controle dos jovens e dos trabalhadores associam-se à competição (importante meio de reforçar laços e identidades), e apoiadas pelas diversas organizações públicas e privadas formam um conjunto que, sob a aparente neutralidade que o esporte suscita, estrutura a sua disseminação na sociedade. A autonomização do campo se dá no âmbito do processo de racionalização que caracteriza o desenvolvimento da sociedade capitalista.

Por fim, Bourdieu (1983) enquadra o esporte em seu modelo de análise da reprodução e distinção das classes e frações de classes, classificando as modalidades esportivas e os usos do corpo de acordo com o tempo disponível, o capital econômico e o capital cultural destas classes, argumentando que as percepções e apreciações do esporte estão vinculados ao *habitus* – disposições incorporadas, mais ou menos duráveis, para a prática e para representação destas práticas – e servem para auferir ganhos imediatos ou futuros em termos hierárquicos e distintivos dentro do campo esportivo e corporal. Deste modo, relaciona diferentes práticas esportivas – tênis, golfe, rugby, futebol, ginástica entre outras – e percepções sobre o corpo – ascetismo, hedonismo, preocupações estéticas ou com a saúde, etc. – às classes e frações de classes, reforçando suas teses sobre o processo de diferenciação e reprodução destas.

Pensando o desenvolvimento do esporte moderno, Guttman (*apud* BRACHT, 1997, p. 10) apresenta sete características básicas de seu desenvolvimento, quais sejam: “1.

secularização; 2. igualdade de chances; 3. especialização dos papéis; 4. racionalização; 5. burocratização; 6. quantificação; 7. busca do recorde.” Muitos desses aspectos, de acordo com o autor, são, sem dúvida, alguns dos alicerces da modernidade e estruturam, também, o desenvolvimento do capital.

Diegel (*apud* BRACHT, 1997b), resume assim os principais pontos do esporte moderno:

(...) possui um aparato para a procura de talentos normalmente financiado pelo Estado. Além disso, este aparato promove o desenvolvimento tecnológico, com o desenvolvimento de aparelhos para a utilização ótima do material humano; possui um pequeno número de atletas que tem o esporte como principal ocupação; possui uma massa consumidora que financia parte do esporte-espetáculo; os meios de comunicação de massa são co-organizadores do esporte-espetáculo; possui um sistema de gratificação que varia em função do sistema político-societal (p. 13).

Kunz (1994) identifica, em meio aos diferentes aspectos já apresentados sobre o esporte que podemos considerar hegemônico, dois princípios que regem esta prática cultural: o princípio da sobrepujança e o princípio das comparações objetivas. Ambos são condições necessárias para que o esporte se realize e colaboram, mesmo em última instância, para estruturar uma forma de pensar competitiva.

Falo, assim, do esporte que está diariamente nos meios de comunicação, que envolve quantias elevadas de capital, arrasta legiões de espectadores (fãs), cria ídolos, mitos, “intermediários culturais especializados” (FEATHERSTONE, 1995), tais como cronistas esportivos, jornalistas, professores de educação física, e está vinculado à produção e ao consumo de bens, produtos e serviços, principalmente via publicidade. Este é o esporte que leva vários nomes como: Esporte de Alto Nível, Esporte de Rendimento, Esporte de Competição, Esporte Espetáculo, Esporte Mercadoria, entre outras possibilidades. Trato deste tipo de esporte por ser paradigmático e, como tal, nortear a prática do esporte em outras instâncias porque, como já foi visto, este se realiza sob o primado da técnica e da ciência.

Pensando ainda sobre o esporte nos séculos XIX e XX, entendo que o mesmo também se caracteriza por dois pólos distintos, mas não separáveis, em seu desenvolvimento: um político, outro econômico. O término da Segunda Guerra e a nova configuração geopolítica mundial, bipolarizada em capitalistas e comunistas, fomentou a Guerra Fria que, dentre outras armas, se utilizou do esporte para fortalecer os Estados nacionais e medir forças entre estes Estados. A base da relação ocorreria de maneira direta:

obter o maior número de medalhas correspondia a ser melhor nação (melhor povo, melhor economia, melhor política). No Brasil, isto se refletiu também nas diferentes esferas do Estado, como nos níveis estaduais e municipais. O fim da Guerra Fria, todavia, não pôs fim ao caráter ideológico do nacionalismo ou da produção de identidades através do esporte, como as próprias competições demonstram, mas implicou uma nova lógica ocidental contemporânea, a crescente mercadorização. Nacionalismos, localismos e racismos à parte, o esporte se curva ao capital.

Diversos autores têm tratado dos interesses econômicos envolvendo o esporte<sup>19</sup>. Por exemplo, Simson e Jennings (1992) desvelaram o submundo do jogo de interesses econômicos que permeiam as duas maiores entidades organizadoras do esporte em nível mundial: FIFA e COI. Temos como exemplo, mais recentemente, o escândalo gerado pela acusação de corrupção na organização para a Olimpíada de Sidney<sup>20</sup>. Outro exemplo foi fornecido pelas Olimpíadas de Atlanta, em 1996, que marcou o centenário dos Jogos Olímpicos da era moderna e que, por razões não econômicas, mas históricas, deveria ser realizada na Grécia. Venceu, entretanto, o poder das multinacionais americanas. Outros casos podem ser descritos, tais como a prova de atletismo que foi o principal evento internacional em 1997. Esta envolvia não dois países, mas dois “super-atletas” – o americano Michael Johnson e o canadense Donovan Bayle, campeões e recordistas, respectivamente, dos 200 e dos 100 metros rasos – com super-patrocínios diferentes; ou o da seleção brasileira de futebol cujos torneios e amistosos – quando e contra quem – eram (ainda o são?) definidos pela empresa patrocinadora, à revelia dos interesses meramente técnicos.

Pois bem, considerando válida a noção geertziana de que a cultura é constituída de estruturas de significados incorporadas em símbolos e que símbolos estão em qualquer objeto, ato ou acontecimento, temos que o esporte, seja como objeto, ato, ou acontecimento, é uma prática na qual a cultura moderna imprime seus inúmeros significados. Por um lado, o esporte carrega significados estruturados nestas práticas e que se reproduzem – ou não – quando este se realiza. Por outro, ele reflete significados outros, circunscritos a sua esfera, mas referentes a outras instâncias sócio-culturais, que são menos resultado de sua realização do que dos valores e normas que sustentam culturalmente um

---

<sup>19</sup> Ver também, entre outros: Smit (2007) e Yallop (1998).

<sup>20</sup> Enquanto encerro esta tese, o TCU, Tribunal de Contas da União, estuda os balanços financeiros dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, este, também, envolto em denúncias de corrupção, mal uso do dinheiro público, etc.

grupo social. Com isto, quero dizer que, apesar de estar entrelaçado ao espírito da cultura moderna ocidental, o esporte não se limita a isto; ele pode carregar mais do que isto.

A cultura caracteriza-se por ser localizada historicamente, ou seja, circunscrita em termos de tempo e espaço. A transmissão de idéias, bens e estilos em escala global, possibilitada pelos poderosos meios de comunicação e pela velocidade dos transportes (APPADURAI, 1996; FEATHERSTONE, 1995), gerou transformações fantásticas no seio das culturas. O que antigamente parecia ter fronteiras inteligíveis e definidas se complexificou, tornando as considerações acerca da cultura difíceis. Desde que Adorno e Horkheimer (1985, p. 113) afirmaram que “a cultura moderna confere a tudo um ar de semelhança”, em sua crítica à Indústria Cultural, refletir sobre os localismos e particularismos da cultura frente a esta evidente universalização nos remete a uma questão, dentre outras não menos contundentes: Cultura ou culturas?

Ao partirmos do conceito antropológico de cultura – exposto anteriormente – chegaríamos à conclusão de que não há uma única cultura, comum a todos. Os diferentes conjuntos simbólicos e seus inúmeros significados nos infindáveis espaços do globo sugerem como resposta mais adequada: culturas. Entretanto, vemos práticas e estilos de vida sendo incorporados em escala mundial; as pessoas bebem, comem, vestem e sonham com coisas semelhantes. Num relance, poderíamos responder: cultura. Precisamos, todavia, refletir um pouco mais a respeito, uma vez que o esporte carrega em seu interior, seja como espetáculo, seja em sua face menos visível, o complexo todo-parte, micro-macro, local-global que os sistemas culturais comportam.

Ainda com Geertz (1989), o que parece mais evidente é que a moderna possibilidade de informação e comunicação tem expandido determinados aspectos culturais até seu limite, que é o global, enquanto culturas locais são transformadas e comprimidas. Este jogo é rico em permanências, transformações, justaposições e ressignificações geradas pelo encontro entre as diferentes culturas. O paradoxal é que, na mesma medida em que uma cultura mundial se desenha, as singularidades e particularidades são, por vezes, mantidas, tramando um complexo jogo de formação e transformação de bens culturais, valores e símbolos. A mundialização da cultura não é exclusivamente um processo unilateral de achatamento das culturas localizadas por culturas mais poderosas, até sua extinção, mas sim, dentro da dinâmica própria da cultura, um processo contínuo de significação e ressignificação, um imbricado jogo de forças entre o “global” e o “local”.

Sintetizando, compreendo que, conforme (FEATHERSTONE: 1997, p. 31):

O processo de globalização, não parece produzir a uniformidade da cultura. Ele torna, sim, consciente de novos níveis de diversidade. Se existir uma cultura global, seria melhor concebê-la não como uma cultura comum, mas como um campo na qual se exerçam as diferenças, as lutas de poder e as disputas em torno do prestígio cultural.

O que está em jogo, para além deste paradoxo, é um conflito gerado pelo choque entre as culturas locais, históricas, centradas nos indivíduos que formam o conjunto social, e a cultura do encontro, fruto da velocidade, do deslocamento ou lançada via meios de comunicação – TV, cinema, rádio, revistas e etc. A cultura se configura nessa dupla direção: de um lado, a tradição e do outro, as incorporações feitas a partir da exterioridade. Para Durham (1977), a tentativa homogeneizante da Indústria Cultural esbarra na característica heterogênea da cultura, onde cada grupo apreende e interpreta diferentemente os produtos desta indústria, criando novas heterogeneidades. Os conteúdos transmitidos “sofrem necessariamente uma seleção, reordenação ou mesmo transformação de significado” (DURHAM, 1977, p. 35), apoiados nos padrões de representações locais.

O esporte é, nesse sentido, um exemplo paradigmático para se compreender o exposto acima, pois seu caráter mundializado é incontestável, ao mesmo tempo em que espelha o imediato da cultura local. Apesar de a maioria dos esportes conhecidos serem praticadas nos cinco continentes, subjetividades contextuais, elementos e significados particulares (regionais, nacionais) caracterizam estas práticas. Da mesma forma, apresentam estruturas próprias de significados e também envolvem um mundo de significados exteriores ao que se designa ser do campo estritamente esportivo.

Meu campo se dá justamente nesta confluência. Por um lado, há um modo particular de realizar o esporte, sentir e pensar o futebol, agenciar recursos, aplicar os saberes tecnocintíficos. Por outro, tais saberes, o discurso da profissionalização e do moderno, a aplicação da biomedicina, da física e da química, os princípios de administração e gerenciamento, estão penetrados pelo global, talvez, pelo “universal”.

O futebol é realmente interessante. O futebol brasileiro é particular (local) e ao mesmo tempo universal (global). Seus movimentos, suas paixões, sua organização são particulares, caracteristicamente brasileiros, ao mesmo tempo em que movimentos, paixões e organização também são elementos encontrados em todos os outros lugares em que se pratica o futebol. Pode-se observar características peculiares da cultura brasileira que interpenetram o nosso futebol que, em outros países, estão vinculadas a outras práticas, ou

articuladas diferentemente ao futebol. Como exemplo – reconhecendo que é preciso pensar nas nuances do próprio processo e arriscando-me a um certo esquematismo – podemos tomar o machismo característico que se revela na sociedade brasileira, que pode ser reconhecido no preconceito vinculado ao futebol feminino e no velho chavão chauvinista “futebol é pra macho”<sup>21</sup>. Nos Estados Unidos, 52% dos praticantes de futebol são mulheres (eram inclusive as campeãs mundiais à época). Lá, ao inverso, futebol é coisa de mulher<sup>22</sup>. Assim, nos EUA, o machismo pode se configurar em outras instâncias – como em um programa de TV a cabo, cuja comédia se baseava em dois comentaristas de basquetebol feminino que, durante os intervalos comerciais, faziam gracinhas quanto à chatice do jogo e as maravilhas do jogo masculino. Outros exemplos podem ser arrolados, como o paternalismo político e o paternalismo da cartolagem, os problemas da violência, da corrupção, da malandragem, entre outras aproximações permitidas pelo estudo do esporte com o universo mais amplo da cultura em diferentes contextos.

Finalmente, o esporte inicia o milênio como um dos eventos mais assistidos via televisão em todo o mundo. Ao mesmo tempo em que exprime uma cultura que se mundializa, é prenhe de localismos, bairrismos e circunstancialidades advindas dos pequenos universos culturais. Cada espetáculo esportivo, cada grande evento (Olimpíadas, Copa do Mundo) é um novo ritual (DA MATTA, 1997a) que atualiza, reforça e reproduz os valores éticos, morais, educacionais, sociais e nacionais vinculados ao mundo esportivo, encarados positivamente pela sociedade, mas que também ensejam conflitos, descontentamentos e divergências. Eis o paradoxo e eis uma de nossas possibilidades de compreender nossa relação homem-máquina.

### **3. Do Esporte (em geral) ao Futebol (em particular)**

Por que o futebol? Pergunta sempre candente, espelhada na tentativa de se compreender este fenômeno, e que ultrapassa o vínculo formal da justificativa deste

---

<sup>21</sup> A antropóloga Simoni Guedes comentou em algum lugar, já há algum tempo, que o futebol é (era?) um esporte feito por homens, para homens. Este aspecto dá ao futebol um aspecto *suis generis*, pois, numa perspectiva ligada ao senso comum, homens não gostam de ver, tampouco, admirar homens. Meu campo de estudos revela muito bem esta perspectiva, uma vez que não há mulheres na estrutura do futebol do CAP. Com raras exceções, ocupam posições ligadas a vida doméstica: camareiras, cozinheiras, nutricionista, etc. Por outro lado, o incentivo a masculinidade prescritiva é recorrente durante os treinamentos e jogos. Pensando sob outra perspectiva, entretanto, em termos mais dinâmicos, percebe-se o quanto o espaço do futebol feminino cresceu no mundo, e em particular no Brasil, nos últimos anos. Embora, é fato, continue muito mais restrito. Para esta discussão ver Rial (2008).

<sup>22</sup> Valor estatístico veiculado pela mídia no final dos anos oitenta, início dos anos noventa.

trabalho. A própria proposição interrogativa é um caminho para a resposta, pois marcado no fundo daquilo sobre o qual se pergunta articulam-se esferas que vão do amor ao econômico, do político à honra, do trabalho ao lúdico; uma fala de Deus e do povo, da ciência e da arte, da dor e da alegria, da vida e da morte. Por que fui trabalhar com o futebol? Impaciente irresposta. Na alma das gentes ainda cabe: por que o futebol?

Mas é preciso cercar a esfera, para que não se perca o caminho. Não tinha o objetivo de pesquisar o/no futebol. Minha idéia era atravessar laboratórios de pesquisa a perscrutar atletas de diferentes esportes. Hercúleos corredores, nadadores, saltadores ou arremessadores. Corpos que treinam a exaustão um mesmo movimento, diariamente subsumindo sua motricidade a poucos gestos técnicos eficazes, que os fariam correr e nadar mais rápido, saltar mais longe, etc. Corpos sujeitados ao conhecimento da biomecânica e da fisiologia, em esportes que pensar, inventar, ou fazer diferente são ações impraticáveis. Afinal, um corredor de 100 metros, cravando seus 10 segundos, mal respira, quiçá possa bailar alguns passos desinibidos em sua marcha. Claro, ainda é preciso estudá-los, mas eis o futebol.

Se o futebol fala (e é fala) de tantas humanidades é porque, seguindo a perspicácia maussiana, ele é um “fato social total”. E como totalidade, como qualquer totalidade, é inalcançável. Isso não o torna um objeto impossível, tampouco improvável. Sua incomensurabilidade é a esteira sobre a qual o pensamento escorrega de um ponto a outro dos mistérios que constituem a efemeridade de um jogo, do lançar-se do humano sobre si mesmo. Portanto, é preciso reconhecer, meu objeto é laconicamente mínimo, ao pensarmos no espectro que o jogo – não qualquer jogo, mas o futebol – enseja. Mas é fato que ele também é fato, fato da sociedade que é viva e se inventa no jogo da bola.

O futebol se torna uma problemática antropológica e sociológica apenas nos fins da década de 1960. Principalmente através da pena de intelectuais que compunham a “nova esquerda” européia, tais como Brohm (1972; 1982) e Vinnai (1986), o esporte foi tangido por críticas de fundo marxista, vinculando-o à alienação e ao encantamento das massas, ou ao controle das pulsões, no olhar esliasiano, perguntando-se sobre o processo histórico e os significados do movimento esportivo. Talvez porque as massas retornavam à cena. Mesmo que, se por um lado, houvesse movimentos políticos importantes, por outro, o crescimento dos meios de comunicação, o envolvimento de grandes públicos em shows musicais e espetáculos esportivos parecia fazer recrudescer os perigos dos movimentos de massa das décadas de trinta e quarenta, que culminaram na administração da morte em campos de concentração.

Em trabalho recente, Sebrelli (1998) reedita os principais pontos das críticas da década de setenta. Discorre sobre a queda na barbárie que o esporte suscita, apoiado nas pesquisas sobre a personalidade autoritária levadas a cabo pela Escola de Frankfurt. Remete a paixão pelo esporte à alienação – o futebol como ópio do povo – principalmente ao analisar as torcidas. Reencontra os princípios liberais e capitalistas, os quais aparecem de alguma forma quando tratei do desenvolvimento do esporte nos séculos XIX e XX, ao mesmo tempo em que descreve como a estrutura de classe é fator importante na configuração do futebol profissional, associando às camadas inferiores da sociedade à disposição para o uso vigoroso do corpo, tanto no esporte quanto na guerra. Faz crítica ainda ao perigo que a massificação do futebol implica, pois que há uma propensão aos excessos de violência e intolerância semelhantes aos processos autoritários das políticas totalitaristas, em seu caso, na própria Argentina.

No Brasil, as reflexões, principalmente sobre o futebol, ganham contornos importantes também na década de 1970, principalmente sob o olhar de DaMatta<sup>23</sup> e José Sergio Leite Lopes, entre outros antropólogos. Com outras preocupações, que não as da “nova esquerda”, o Brasil é passado a limpo através dos textos que discutiam identidade nacional, raça, brasilidade, cultura popular etc. Por caminhos semelhantes, mas paralelos, uma produção de esquerda no interior da educação e da educação física – que se apoiava nas ciências humanas e na filosofia, para além das questões técnicas da educação e do ensino – emprestava os mesmos contornos ao esporte que o novo marxismo europeu. Deste modo, uma vertente de pensamento tentava entender a lógica (ou a sócio lógica) do esporte, principalmente do futebol, na formação da identidade brasileira. Outra, preocupada com a intervenção no âmbito educacional, realçava as conexões do esporte com o capitalismo e as formas mais ou menos sutis de dominação. Ambas são importantes e compõem o pano de fundo deste trabalho.

Do ponto de vista de nosso campo, Roberto DaMatta é fundamental para se entender o desenvolvimento da antropologia do esporte, e do futebol, no Brasil. Engrossando uma tradição de antropólogos que tentaram pensar o Brasil, portanto não se limitando aos micro-eventos de uma antropologia do local, DaMatta vai se dedicar a temas “malditos” para o cânone das humanidades. Carnaval, malandros, jogo do bicho e futebol são temas que vão ser lançados à dignidade científica e a esferas importantes para o entendimento do que é ser brasileiro.

---

<sup>23</sup> Na Argentina ocorre um desenvolvimento parecido com o da antropologia brasileira, notadamente nos trabalhos de Eduardo Archetti.

No futebol, DaMatta vai encontrar (como o próprio autor sugeriu em algum lugar, a maneira de Norbert Elias) o veículo civilizador do brasileiro. Como um drama que se desenrola para que a sociedade se veja a si mesma, o futebol, com seus princípios liberais de igualdade e competição, vai ser a mola da aprendizagem da democracia. Numa sociedade hierárquica e pessoalizada, a noção de indivíduo, competência – além das experiências da vitória, para um povo sofrido – e a possibilidade de ascender socialmente com elas vão ser determinantes para a nova brasilidade. Assim, os mestiços, outrora viralatas, como queria Nelson Rodrigues, aprendem a viver a civilidade, a igualdade e o sucesso que as vitórias no futebol – e as Copas do Mundo são a prova – podem fazer viver<sup>24</sup>.

Outros aspectos da brasilidade também são invocados. Nosso sucesso e a respectiva paixão pelo futebol estariam no fato de este ser jogado com os pés. Samba, capoeira e futebol compõem a arquitetura da corporalidade brasileira, que é morena e sensual, pois é o jogo de cintura, quadril e coxas que marca nossa “raça”. Ser brasileiro é ser este sujeito sensual que se individualiza e democratiza jogando bola.

Esta pequena síntese (talvez não muito fiel) das noções damattianas, que encontram seu outro especular no futebol crioulo na argentina, não tem a intenção de diminuir a importância do pensamento do autor, servem apenas para marcar o ponto de encontro entre as teorias sobre a brasilidade – que também atravessavam o futebol – e que chegam à antropologia do esporte do fim do século passado, com os novos a(u)tores, que vão dar rumos diversos ao problema do esporte em geral e do futebol em particular<sup>25</sup>.

Esse encontro entre gerações se dá, em uma das vias, na crítica à perspectiva centralista de ver o Brasil a partir do Rio de Janeiro ou de São Paulo. De fato, estudos históricos apontaram o desenvolvimento do futebol do Rio Grande do Sul<sup>26</sup> ao Pará. Críticas a noção de mestiçagem e retomadas do problema da identidade são revisto a luz dos estudos locais. Pois que, na esteira da questão da nacionalidade está a demarcação de um modelo de futebol brasileiro, caracterizado pela ginga e o drible, a arte no lugar da

---

<sup>24</sup> Um texto de Baeta Neves (1979), dedicado a DaMatta, é singular para ver como no interior mesmo da antropologia as teses deste são alvo de críticas. Demonstrando como a hierarquia estrutural se apresenta através da própria arquitetura e da ocupação dos espaços no estádio de futebol, Baeta Neves desconstrói a tese da igualdade no terreno do futebol. Trato desta questão mais adiante, quando discutir o espaço social.

<sup>25</sup> É importante notar que há, no Brasil, uma antropologia do futebol, mais do que do esporte. Para além da obviedade de que o futebol é um esporte, em nosso caso ele é O esporte, e claro, muito mais do que Um esporte.

<sup>26</sup> Vale notar que há um mito de origem do futebol no Brasil que envolve a figura de Charles Muller e a primeira bola Entretanto, é em Rio Grande (RS) que é fundado o primeiro clube de futebol do Brasil, sendo no mesmo estado que o primeiro campeonato estadual se desenvolve.

força e etc. Mais do que a conformação da brasilidade através do futebol há a invenção do futebol à brasileira<sup>27</sup>. Outra via aparece através de uma abordagem menos “pretensiosa”. Na medida em que o futebol agora serve a discussões menos abrangentes quanto à cultura nacional, as análises passam a se preocupar com outros problemas antropológicos, tais como as questões ligadas à violência, ao gênero, globalização, espaços de sociabilidade, mídia, entre outros, sem, é claro, jamais abandonar o importante problema da identidade.

O tema que marca esta passagem é o estudo das torcidas de futebol. Procurando compreender sua lógica – da paixão à violência – estudos se destacam pela imersão neste universo que se realiza através do futebol e que, ao mesmo tempo, o torna possível. As torcidas organizadas no Brasil e as *hinchas* na Argentina<sup>28</sup> são espaços para reflexões sobre violência, consumo de bebidas e entorpecentes, gênero, notadamente masculinidade, relações sociais de camadas inferiores economicamente, patronato, territórios e pertencimento, entre outras questões antropológicas tradicionais.

Necessário marcar a importância dos trabalhos de Guedes (1977; 1998) e a formação, no Rio de Janeiro, de um grupo de pesquisa sobre futebol em particular e esporte em geral. Assim, também no Rio Grande do Sul, Damo (1998; 1999; 2005) e Gastaldo (2002), entre outros, tem passado a limpo o modo de se fazer futebol (a produção de “pés-de-obra”) e de torcer (o pertencimento clubístico) dos clubes gaúchos, além dos usos da publicidade na Copa do Mundo. Ao mesmo tempo, Toledo (2002), em São Paulo, após estudo sobre torcidas (1996; 1999) investigou as diferentes lógicas que compõem o universo do futebol. Articulando a lógica do jogo, da torcida e dos meios de comunicação, procurou mostrar como o futebol se funda em diferentes olhares sobre o mesmo evento, mostrando a pluralidade de significados que a ele são conferidas quando diferentes agentes, em diferentes locais do campo esportivo, dão sentido às suas práticas.

O que considero importante, também, e que auxilia na justificativa deste trabalho, é que poucos estudos têm pesquisado o futebol a partir de seus atores principais, quais sejam, jogadores e comissões técnicas. Estes vivem o interior do futebol como campo de trabalho e estão imersos na interioridade de um fenômeno que chega a superfície na forma de espetáculo. Destaco os trabalhos realizados sob orientação da Profa. Carmen Rial, no

---

<sup>27</sup> Essa, é claro, em se tratando de futebol, uma questão muito mais difícil de engolir, principalmente nos estados do sul do país.

<sup>28</sup> Há um diálogo bastante frutífero entre antropólogos brasileiros e argentinos. Roberto DaMatta, Simoni Guedes, Eduardo Archetti (infelizmente falecido) e Pablo Alabarces deram início e ainda são, Guedes e Alabarces, os principais responsáveis por este intercâmbio. Ambos têm, inclusive, coordenado os Grupos de Trabalho de Antropologia do Esporte da Reunião Brasileira de Antropologia e da Reunião de Antropologia do MERCOSUL.

Núcleo de Antropologia Visual/Grupo de Antropologia Urbana e Marítima (NAVI/GAUM/PPGAS/UFSC) que, como o que se poderia chamar de escola, vêm pesquisando atletas e demais envolvidos no esporte a partir de suas práticas e representações. Assim, Rial (2003; 2006; 2008) tem estudado jogadores de futebol como trabalhadores especializados “migrantes”, além de atletas e sua relação com a mídia. As mulheres surfistas (SOUZA, 2003), as jogadoras de futebol Maycon Melo\*, e os presidentes de clube Matias Gódio\* formam parte deste núcleo de estudos. Participam ainda desta perspectiva antropológica sobre o esporte, ou seja, que toma como objetos-sujeitos das pesquisas os protagonistas, aqueles que constroem com seu trabalho o universo esportivo, Viviani Silveira\* que está estudando em sua tese de doutorado tecnologia e mulher atleta e Wagner Camargo\*, cujo objeto são as masculinidades *queer* em eventos gays. Meu estudo se articula a estes, pois como já mencionei, é sobre o mundo vivido dos jogadores de futebol em seus centros de treinamento que esta pesquisa trata.

O campo da antropologia do esporte é bastante amplo, está se alargando e certamente teve seu pleno desenvolvimento com a criação, por Carmen Rial, dos grupos de trabalho nas Reuniões de Antropologia da ABA e da AMPOCS. Uma descrição mais apurada deste campo pode ser encontrada no trabalho de Toledo (2001), cujo estudo faz um panorama dos principais temas e autores responsáveis pelo desenvolvimento da antropologia do esporte até o ano de 2002 e capta com maior precisão o início e desenvolvimento desta área de estudos na antropologia brasileira.

Para encerrar esta breve descrição do campo, quero destacar também as contribuições ao estudo do campo esportivo oriundas da Educação Física, em que pese estas estarem apoiadas em campos como a filosofia e as ciências sociais, principalmente de origem alemã. Já na década de setenta apareceram as primeiras reflexões sobre o esporte, sobretudo as de origem marxista. Os efeitos do esporte de massa, a perspectiva do Brasil Grande fundada pela ditadura militar e revelada também no uso político do esporte e de esportistas tais como a seleção de futebol (Tri-Campeã no México), Éder Jofre (Campeão Mundial de Boxe), Emerson Fittipaldi (Bi-Campeão de Fórmula 1) entre outros, além do desenvolvimento, na década de 1970, do projeto Esporte Para Todos estão no centro das análises.

---

\* Pesquisadores nos programas de pós graduação da UFSC sob a orientação de profa. Carmen Rial.

Se Walter Bracht<sup>29</sup> se destaca pelo uso criterioso das análises marxistas, em meados da década de oitenta, Elenor Kunz, apoiado na Fenomenologia de Husserl, mas também de holandeses como Buytendjik e do Francês Merleau-Ponty, e na Razão Comunicativa de Habermas, inclui nos debates a preocupação do corpo como ser-no-mundo e do movimento como diálogo entre os humanos entre si e com o mundo. O esporte aparece como uma interpretação técnica do movimento, cujo sentido/significado precisa ser compreendido através do diálogo.

Outros autores compõem esta cena, ainda que suas contribuições tenham menos impacto dos que a de Bracht e Kunz. Mais recentemente, Alexandre Vaz, apoiado na filosofia crítica da Escola de Frankfurt vai retomar o problema da técnica e da dominação do corpo (já colocado nas análises de Kunz). A antropologia é utilizada nos trabalhos de Jocimar Daólio e de Marcos Paulo Stigger, ambos sob a influência das técnicas corporais de Marcel Mauss e da noção de cultura proposta por Clifford Geertz. Diferente de autores como os de tradição alemã (preocupados com a *bildung* e com o esclarecimento na modernidade), estes autores vão se preocupar com a dimensão local e com os diferentes significados do esporte de acordo com seus respectivos contextos.

Destaco ainda a associação, no Rio de Janeiro, de pesquisadores como Ronaldo Helal, Hugo Lovisolo, Antônio Soares, entre outros, em torno do futebol. Esta associação interdisciplinar tem procurado retomar o tema clássico do futebol no Brasil, o futebol como identidade, e discuti-lo à luz de novas abordagens. Há uma ênfase na releitura dos trabalhos de Gilberto Freire, Mário Viana entre outros, para sua crítica e superação. Superar um certo romantismo nos estudos sobre o futebol através, por exemplo, da recuperação histórica do treinamento esportivo em eventos tais como a Copa do Mundo de 1970 ou demonstrar como a identidade é operada dependendo do contexto futebolístico específico apontam uma preocupação com a manutenção do debate histórico sobre o futebol no Brasil, mas na tentativa de retomá-lo em outras bases.

Ainda cabe registrar as discussões importantes no âmbito da relação do esporte com os meios de comunicação de massa. Mauro Betti e Giovanni Pires são os principais representantes destes debates. Betti é pioneiro nestas análises. Utilizando-se da hermenêutica de Paul Ricoeur, principalmente, procura compreender o fenômeno esportivo

---

<sup>29</sup> Bracht é muito criterioso nas análises propostas, que estão além da mera transposição de um campo a outro do conhecimento da filosofia marxista. Sua colaboração é fundamental no desenvolvimento do campo da Educação.Física no Brasil.

como tele-espetáculo. Pires, ainda que na mesma perspectiva, apóia-se também na teoria da ação comunicativa habermasiana para compreender o mesmo fenômeno.

O campo, claro, é vasto e disperso e este mapa é incompleto, talvez impreciso. Há estudos ligando o esporte às diversas formas de sermos humanos e conectados também a muitas outras disciplinas, tais como: lazer, educação, natureza, história, corpo, gênero, cinema, imaginário, sociologia... Importa que, tanto na Antropologia em particular, como nas ciências humanas e na educação em geral, especificamente na Educação Física, muitos esforços já foram empreendidos para compreender o fenômeno esportivo. Este trabalho é apenas mais uma tentativa de contribuir com os debates que ora se travam.

Este estudo é, por fim, marcado pela perspectiva de compreender os processos técnicos e as relações sociais na interioridade do futebol, este drama que se desenrola, ou esta história que contamos, e que fala de nós, para nós mesmos. Voltando a questão inicial: Por que o Futebol? Porque nele estão inscritos corpo e alma, razão, ciência, paixão e técnica. Uma arte do imponderável que os esforços científicos tentam controlar. Onde ciborgues rezam em busca de algum sentido – e melhor sorte. Porque, como quer DaMatta (2006) “a bola corre mais os homens”, mas também porquê, como sugere Sartre em algum lugar, “corremos para nós mesmos, e por isso somos um ser que jamais será capaz de se alcançar”.

\* \* \*

Finalizo esta introdução enfatizando a importância e o efeito do campo de pesquisa na construção desta tese. Quando iniciei meus estudos e ainda mais tarde, quando cheguei ao meu campo de pesquisa, não tinha a pretensão de seguir os pressupostos teóricos que ora norteiam este trabalho. Imaginava, e enquanto meu trabalho de campo avançava se tornava mais claro, que haveria um sistema de pensamento que, como pano de fundo e diretriz, orientaria o trabalho no Centro de Treinamento, mas que não seria exclusivo de seu espaço particular. Realizar o que propôs Geertz (1989), uma etnografia do pensamento moderno, ou Rabinow (1999) uma Antropologia da Razão, me parecia uma temeridade, senão uma arriscada pretensão.

Por outro lado, após trabalhar com Georg Simmel, aproximar-me das noções de tragédia da cultura e dos pressupostos que erigem sua filosofia do dinheiro, comecei a perceber com mais clareza que descrever o CT em sua estrutura e organização, como o fiz na primeira parte da tese e, em seguida, compreender os processos biomédicos que

sustentam o planejamento, a gestão, o funcionamento e execução e, por fim, a avaliação dos treinamentos e jogos de toda uma temporada, me levavam a uma articulação geral em torno de pressupostos comuns, que articulavam um sentido congruente às duas primeiras partes da tese.

Foi neste processo que cheguei a conclusão de que quem, por um caminho que vai do campo à teoria e da teoria ao campo, neste processo reflexivo exaustivo, permeava o fundo deste trabalho era Michel Foucault. A constatação de que um sistema de disciplinamento está subjacente a toda a primeira parte, através de dispositivos de controle bastante complexos, que envolvem desde um panoptismo tecnologizado, passando por um esquadramento do espaço até a formulação de um conceito, por parte dos mecanismos de controle, de quem são estes atletas e de como eles podem chegar e devem viver no CT. Estes pontos levaram-me a perceber a pertinência dos escritos do autor, encontrado principalmente em *Vigiar e Punir*.

A segunda parte da tese, por seu turno, é impregnada pelo controle dos corpos através de uma maquinaria que descobre, sob a pele, a verdade do corpo, evidenciando um saber-poder de ordem biomédica. Saber que se desenvolve na esteira de uma normalização organizada na idéia de coletividade, a espécie humana, que ao apresentar traços comuns inscritos no corpo-espécie pode, portanto, ser regulamentada, como apontam os problemas formulados nos textos em que o biopoder e/ou a biopolítica são a tônica.

Cada questão deverá ser tratada a seu tempo, quando pretendo expor junto aos dados de campo os conceitos e demais problemas teóricos que orientam o percurso deste trabalho. Por ora, porém, traçarei os contornos gerais sobre a questão de uma *lógica* comum que arbitra o trabalho desenvolvido pelos diferentes agentes que compõe o campo desta pesquisa. Faz-se claro, pois é evidente, a inevitabilidade de se descrever os sentidos em que corpo, técnica, ciência e máquina se encontram no Centro de Treinamento Alfredo Gotardi.

Pois bem, quando abro a introdução desta tese invocando Pinóquio é porque um princípio inequívoco subsume a amplitude, não apenas de meu problema de pesquisa, mas o de meu campo de investigação, qual seja, a de que o mesmo é recortado por diversos tipos de saberes. Entretanto, ainda que o cruzamento triádico entre o homem, e seu saber ordinário da vida comum, a onisciência de Deus<sup>30</sup> e “A Ciência” recortem o conjunto das relações no CT, é sob o domínio do saber científico que a vida naquele lugar é ordenada.

---

<sup>30</sup> O problema da religião ou de Deus como um dos saberes-poderes que organizam a vida no CT não serão tratados nesta tese, exceto tangencialmente em um ou outro ponto que se faça necessária a alusão.

Deste ponto de vista, vale tentar verificar os fundamentos deste saber, sua lógica e sua direção, pois que “A Ciência” não passa de uma abstração. O que temos são modos diferentes e complexos de se pensar o estatuto da ciência, e que há, em sentido específico, uma episteme, isto é, uma teoria do conhecimento, que regula o modo de conhecer.

Para além, ainda que epistemes diferentes sugiram princípios científicos distintos, não há dúvida de que é o pensamento científico o referente máximo do trabalho profissional no futebol quando se trata de obter o rendimento máximo dos atletas durante as competições. Penso que haja convergência na proposta geertzeana de realizar uma antropologia do pensamento e a de Paul Rabinow (1999) da necessidade de se levar a efeito uma antropologia da razão. Em ambos se apresenta o convite de investigação sobre a cultura contemporânea em suas diferentes formas de manifestação. É com esta preocupação que Rabinow vai realizar estudo em laboratórios de pesquisa (assim como Latour (1997)) com o genoma humano, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa.

Rabinow foi muito próximo de Michel Foucault e como antropólogo pensador da ciência e seus desdobramentos para a vida social procurou aproximar o francês (filósofo, historiador, epistemólogo...?) ao nosso campo científico. Deste encontro revela-se a emergência da preocupação com o fazer científico em sentido mais geral e das implicações das pesquisas genéticas para a humanidade, tomando referência o corpo como objeto/sujeito da reflexão. Assim propõe Rabinow (1999, p. 116) uma Antropologia da Razão (não por acaso nome do livro do autor, traduzido e organizado por João Guilherme Biehl). Em suas próprias palavras:

Eu trabalho com a hipótese de que é possível analisar a razão da mesma maneira geral que outros objetos etnográficos são analisados, ou seja, como um conjunto de práticas sociais em complexas relações pragmáticas com uma congeneridade de símbolos. (...) A razão, a despeito de qualquer outra coisa que possa ser, é uma relação historicamente localizável, uma ação no mundo.

Tratando nestes termos, aponto como primeiro marco a organizar o pensamento investigativo desta tese e que é a elaboração tardia da pesquisa de campo, além de um problema epistemológico fundamental do pensamento moderno, a hipótese de Foucault (1995, p. 403-4) segundo a qual:

O homem não é o mais velho problema nem o mais constante que se tem posto ao saber humano. Escolhendo uma cronologia relativamente curta e um espaço geográfico restrito — a cultura européia desde o século XVI —, pode-se estar certo de que o homem é uma inovação recente. Não foi em

torno dele e dos seus segredos que, por longo tempo, obscuramente, o saber rondou. De fato, entre todas as mutações que afetaram o saber das coisas e da sua ordem, o saber das identidades, das diferenças, dos caracteres, das equivalências, das palavras — em suma, no meio de todos os episódios desta profunda história do mesmo -, um único, aquele que começou há um século e meio e que talvez esteja em vias de se encerrar, deixou aparecer a figura do homem. (...). O homem é uma invenção, e uma invenção recente, tal como a arqueologia do nosso pensamento o mostra facilmente. E talvez ela nos indique também o seu próximo fim.

A aparição do homem como problema para o pensamento fundamenta a noção de episteme em Foucault (1995). Vale notar que *epistémê* nunca é definida por Foucault como um termo para uma forma particular de conhecimento, mas como o conjunto das relações epistemológicas entre as ciências humanas. Decorre então que a epistemologia “não é a teoria geral de qualquer ciência e de qualquer enunciado científico; ela é a pesquisa da normatividade interna às diferentes atividades científicas, tais como foram (são) efetivamente operadas”. Em sua argumentação, as ciências humanas nascem nesse momento histórico, quando através da formulação de conceitos científicos e métodos positivos o homem é tomado por objeto empírico. Esse “acontecimento na ordem do saber” (*idem*, p. 362) é uma articulação destas ciências em torno dos problemas do homem a viver em sociedade ou como indivíduo. Posto que o homem tornara-se, no interior da filosofia, a medida de todas as coisas e, através de Kant, não mais aquele que simplesmente conhece, mas aquele que deve questionar os fundamentos do conhecer em suas possibilidades, torna-se este homem o próprio objeto da reflexão.

A tomada do homem como problema é também a descoberta de seu corpo. Se a biomedicina debruçou-se sobre o corpo espetacular nas aulas de anatomia e foi possível observar sua interioridade em forma e especular sua funcionalidade, num caminho que levou a medicina do diálogo com o paciente ao olhar objetivante sobre o corpo – como Foucault (2004) descreve em *O Nascimento da Clínica* – também o social, tomado como tecido, vai ser objetivado em suas qualidades disformes, suas impurezas, seus interstícios, tramando uma nova política de ordenamento e controle sobre a coletividade.

Se há um “espírito do tempo” no qual a Ciência se desenvolve, há, também, para o autor em questão, como desdobramento, um debate entre as “ciências propriamente ditas” e as ciências humanas no que concerne aos seus pressupostos epistemológicos, metodológicos e mesmo ontológicos. Este debate pode ser sintetizado em um princípio, quando se pensa a partir das ciências humanas: a “des-matematização” do mundo. Se,

desde as aulas de anatomia, o homem é este ser cuja biologia cabe observar, descobrir e explicar, segue que:

De um modo mais geral, o homem, para as ciências humanas, não é esse ser vivo que tem uma forma bem particular (uma fisiologia especial e uma anatomia quase única); é esse ser vivo que, do interior da vida à qual pertence inteiramente e pela qual é atravessado em todo seu ser, constitui as representações graças às quais ele vive e a partir das quais detém esta estranha capacidade de poder representar justamente a vida. (FOUCAULT, 1995, p.369)

Não pretendo rediscutir a arqueologia de Foucault, tampouco trazer a reboque todo o arcabouço teórico que envia as ciências humanas ao que o autor chamou de episteme. O objetivo destas linhas é argumentar que, a despeito de se tratar, nesta tese, de investigar um dos aspectos da sociedade complexa, portanto inapreensível em sua totalidade – se é que é possível apreender qualquer totalidade, ainda se ela existir – há um ordenamento lógico, configurado prática e simbolicamente, ancorado em saberes estabelecidos pelas “ciências tradicionais” – concretamente: biologia, química e física – mas que se imiscuem de humanidades e tornam polimorfos as práticas médicas, fisioterápicas, nutricionais, e os investimentos sobre o corpo, calcados, ainda, na fisiologia e nas ciências do treinamento esportivo.

Portanto, trazer a tona as questões pertinentes ao problema da episteme neste autor, que, conforme Dreyfus & Rabinow (1995) reviu suas pressuposições sobre o problema em seus escritos mais tardios – quando o mesmo não se considera um estruturalista<sup>31</sup>, tampouco um hermenêuta – é um esforço para anunciar, desde já, que há no Centro de Treinamento do CAP a aplicação de um conjunto de saberes relativamente ordenados sob a mesma lógica, um projeto que coloca a ciência como recurso para tramar a arquitetura – em sentido lato e simbólico – de um clube de futebol que se quer moderno. Mais, o que está em jogo não é apenas o sentido da modernização ou modo pelo qual o futebol deve se configurar, mas a questão do *que* é o homem, assim como *quem* ele o é.

Por fim, postas estas questões, que tratam de explicitar o percurso realizado nesta tese em suas duas primeiras partes, devo finalizar apontando o fato de, na última parte deste trabalho, proceder um afastamento das teses foucaultianas em direção ao ser-no-mundo, ao corpo fenomenológico que Merleau-Ponty (1994) desenvolve – e que Csordas

---

<sup>31</sup> Para um detalhamento mais rigoroso sobre a posição de Foucault no interior do movimento estruturalista francês, principalmente a partir de *As palavras e as Coisas*, e ainda que o mesmo tenha negado esta posição posteriormente ver Dosse (2007).

(2008) e Bimbenet (2004) vão acompanhar desde um ponto de vista antropológico – para escapar das aporias de um ser humano preso a tramas de saber-poder para um ser que é abertura para o mundo. Com estas questões abro o caminho para a discussão teórico-metodológica desta tese.

# **PRIMEIRA PARTE**

# CAPÍTULO I

“Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo.”  
(Clarice Lispector)

## DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

### *1.1. Alguns Pressupostos Iniciais*

Corpo habitual no horizonte temporal da percepção, que funde numa unidade passado e presente, que é já prospectivo, corpo e mundo. Tudo se dá num único movimento, no instante mesmo em que ancoo minha experiência da bola, do campo, do futebol naquele momento vivido. Expando meu espaço-tempo, recupero um sentido que explicito agora neste texto. Do mundo da vida, este horizonte comum de nossa existência, destaco a bola e o jogo, os homens e as máquinas, restituo estes instantes, vivo aquele e todos os tempos juntos, sou um corpo em conexão com o mundo.

A etnografia que pretendi realizar é o isso do instante do encontro. Mas ela é muito mais, pois a Antropologia respira o espírito universal. Seja pensando como Clifford Geertz<sup>32</sup> numa antropologia microscópica em busca de diferenças entre particulares específicos para então alçar às generalizações, ou como Claude Lévi-Strauss<sup>33</sup>, que através de uma metodologia inversa à do kantismo kantiano perseguiu as estruturas imanentes do pensamento, ou seja, ainda, como sugere Eduardo Viveiros de Castro (2001) inspirado em Tim Ingold, tomando a antropologia como uma filosofia com o homem dentro – ou uma metafísica experimental – ser antropólogo é aspirar ao todo.

Reforço este último aspecto com a seguinte reflexão de Bimbenet (2004, p. 27):

Philosophie et sciences humaines ne sont pas deux discours complémentaires, dont l'un viendrait fonder ou rectifier l'autre : ce sont

---

<sup>32</sup> Para ver as premissas da Antropologia Interpretativa deste autor ver Geertz (1989; 1997; 2001). Seu trabalho remete à hermenêutica diltheana, cujas teses trataram de estabelecer diferenças epistemológicas (e porque não ontológicas) entre as ciências da natureza, de caráter causal-explicativo e às ciências humanas, compreensivas-interpretativas.

<sup>33</sup> Lévi-Strauss faz comentários a sua filiação kantiana em sua entrevista a Didier Eribon (2005).

plutôt deux appropriations convergentes d'un même phénomène, dont la teneur « métaphysique » les destine chacune à une même inquiétude.

Pois bem, da perspectiva vitoriana, esboço genealógico do evolucionismo e do difusionismo ao pós-modernismo antropológico, considerando a tese de Oliveira<sup>34</sup>, de que os quatro grandes paradigmas em antropologia permanecem em ação e convivem – convivência complexa, é claro – e nascida sob a iluminação do iluminismo, ciência ou filosofia, a antropologia perscruta o humano no vasto campo que é a terra.

É fato que a terra encolheu. Os estranhos – ou exóticos – estão tão próximos que fazer antropologia parece ter se tornado um esforço de invenção – em consonância com a teorização epistemológica que atravessa os vários campos científicos –, mais do que de procura. Se os objetos antes estavam “lá”, em remotas terras distantes no tempo e no espaço, bastava encontrá-los para trazer à luz a sua “realidade”, agora móveis, complexos, descentrados precisam ser constituídos em sua existência.

É assim que recorto do urbano o Centro de Treinamento, do vivido, os atletas e os corpos, dos objetos, a máquina... Pois um problema e seu objeto de pesquisa correlato não estão no mundo como as leis mecânicas do positivismo, mas não está, tampouco, como quer o idealismo na “cabeça do pesquisador”. Nasce, sim, desta relação complexa do humano com o mundo: as pessoas, os objetos, o espaço, o tempo...

Mas o objeto, em nosso caso o antropológico, é recusa. O que se afigura nesta recusa do objeto de tomar-se por inteiro, pois, descoberto em sua humanidade, desnaturalizado em sua natureza cultural – e cujo risco é de novamente remetê-lo à natureza – recobre-o de subjetividade outorgada cientificamente, é a incomensurável relação, por certo ontológica, de humanidades em cruzamento. Porém, como bem lembram Adorno e Horkheimer (1985), é através do domínio da natureza que o ocidente se constrói. E se constrói como sociedade do conhecimento, da ciência, da filosofia, em uma palavra: razão.

O domínio da natureza para o ocidente, segundo Duarte (1993), começa nas premissas gregas de controle interno daquilo que exprime nossa animalidade. Em Platão ainda não há uma noção de natureza externa. Dominar a natureza é dominar-se. Aristóteles esboça uma idéia de natureza exterior ao humano, mas é com o renascimento, em Comte e

---

<sup>34</sup> Os quatro paradigmas tratados por Oliveira (1997), estruturados num quadro que articula sincronia e diacronia com empirismo e racionalismo são: o Culturalismo Americano, a Escola Francesa, a Escola Estrutural Funcionalista Britânica e a Hermenêutica Americana.

fundamentalmente Descartes que esta natureza surge como objeto de dominação<sup>35</sup>. À ciência cumpre a tarefa de escrutinar, manipular e transformar a natureza, dada, desde então, como objeto a conhecer.

Epistemologia e método, faces complementares da produção de saberes e da configuração das diferentes ciências, são entendidas aqui como conceitos em processo e que, portanto, resultante de reflexões oriundas de diferentes orientações teóricas, não podem ser entendidas como modelos estáticos de procedimentos para a investigação, mas como um campo de forças mais ou menos prescritivas que concorrem pela hegemonia na construção do campo científico.

Este capítulo, subsumido a problemática do encontro entre eu e o outro, objetiva, considerando estes preâmbulos, discutir a relação entre antropólogo e nativo no trabalho de campo e traçar a linhas metodológicas – além das experiências concretas – desta tese.

Início levantando questão histórica, de que haveria, numa certa perspectiva linear, uma pré-antropologia (Heródoto), uma proto-antropologia (Tylor, Frazer...) e finalmente uma antropologia fundada nas esteiras de Boas, Mauss, Rivers e mais reconhecidamente Malinowski<sup>36</sup>. Esta perspectiva abriu o caminho para a idéia de exotização do outro. Conforme lembra Brumana (2003), a busca do exótico, da completa alteridade orientou os trabalhos de campo e compôs um quadro em três níveis, quais sejam: a) A alteridade absoluta no encontro com o outro, numa perspectiva de resgatar seu modo de vida antes do contato com os europeus; b) o tornar exótica regiões próximas aos centros produtores da antropologia, como o caso da antropologia do mediterrâneo; c) e por fim, a Antropologia Urbana (ou das sociedades complexas) que produz o estranhamento do que nos parece ordinário em nossas próprias vidas. Reconheço-me nesta última perspectiva, salientando que, como sugere Geertz (1989), tornamo-nos todos nativos.

Pensando nos diferentes paradigmas a pouco mencionados, (OLIVEIRA, 1997), independente aqui de se tratar da busca de invariantes ou do alargamento do discurso humano sobre o humano, o que está posto é a experiência cognitiva resultante do encontro de diferentes subjetividades, da apreensão perspectiva de que há no outro – ou no outrem, merleua-pontyano – a fundação de um mundo outro, do qual podemos tomar conhecimento (talvez apenas superficialmente) e travar relação. O cruzamento de perspectivas distintas – com o cuidado de não reduzirmos o outro à nossa percepção e nem o contrário, como

---

<sup>35</sup> Como mencionei ainda na introdução (nota 4), discutirei, na segunda parte da tese, o problema da natureza.

<sup>36</sup> Estes aspectos, entre outras partes das discussões deste capítulo são resultado da disciplina Métodos Antropológicos lecionadas pelo Prof. Oscar Calavia Saez, a quem agradeço pelos ensinamentos.

sugere, mais uma vez, Merleau-Ponty (1991) – faz parte desta experiência cognitiva em que o antropólogo está metido e cujas marcas se alinhavam em seus escritos, suas reflexões e na vida dos nossos objetos-sujeitos.

Nestes termos, o trabalho de campo constitui-se como experiência imprescindível do trabalho antropológico, seja por sua natureza epistemológica – e ontológica – seja pela experiência existencial que é incondicionalmente constituída quando diferentes sujeitos se põem em interação.

A partir deste encontro – e das demais questões formuladas – penso que o trabalho de campo é um elemento estruturante do fazer Antropológico e há nele inúmeras implicações para a pesquisa, o etnógrafo e para os sujeito-objetos da pesquisa. Tradicionalmente temos refletido sobre o Antropólogo de gabinete e o modelo malinowskiano de pesquisa. É importante pensar que a Antropologia de gabinete jamais eliminou o trabalho de campo, mas, pelo contrário, construiu suas premissas em relatos de diferentes personagens em contato com os “exóticos”. O que Malinowski vai marcar, ao que parece – além de seu modelo canônico de permanência em trabalho de campo – é a unificação do coletor de dados com o teórico que vai analisá-los.

O que importa nos termos propostos acima é que o trabalho de campo é muito mais do que uma coleta de material para escrever uma tese ou, mais radicalmente, mais também que um “mero” rito de passagem. Mas o que se tem no campo que ultrapassa as meras questões técnicas ou políticas do fazer antropológico? Há o encontro com o “outro” (mais ou menos exótico). Uma “astúcia antropológica” que põe em contato diferentes subjetividades – algumas radicalmente opostas – em uma relação dialógica. Este diálogo pode ser vertical, horizontal, colonialista, imperialista... questão esta bastante problemática. Trato, todavia, aqui, tão somente da premissa de pôr em perspectiva perspectivas diferentes sobre o mundo vivido, o que, no mínimo, amplia nossa possibilidade de compreensão do que é ser humano, alargando nossa humanidade.

Oliveira (1998) afirma que “talvez a primeira experiência do pesquisador de campo – ou no campo – esteja na domesticação teórica do seu olhar”. A maneira de chegar ao campo, usando as “lentes” teóricas de uma formação específica, não é suficiente para dar segurança sobre o que ver, perguntar, ouvir e escrever. Esta adaptação necessária, um processo gradual de ajuste de olhar e idéias, de destruição de preconceitos e transformações no modo de ver as coisas, juntamente com os acertos advindos de hipóteses razoáveis (ou bem formuladas) parecem não abandonar o pesquisador em campo,

principalmente quando o tempo disponível para o trabalho é relativamente curto e, seguramente, não o abandona, nem mesmo quando escrever se faz necessário.

Há, portanto, como síntese presuntiva de toda pesquisa, a idéia de que ela nasce de um estranhamento. Posto diante das vicissitudes e incongruências do mundo o pesquisador se interroga sobre o exótico que se apresenta – ou, que se o inventa – e erige seu problema e objetos deste estupor. Assim, estranhar é a ordem: estranhem o mundo, diz-se aos iniciantes. Ver sob a rotina monótona da vida – nossa ou do outro – algo que perturba e pede motivos, eis um dos imperativos antropológicos.

Sem embargo, aceitando a razoável primazia do estranho, meu campo de estudos comporta um encantamento. Se não me parece mais significativamente exótico a humanidade conectar-se às máquinas ou apostar nas ciências para tecer nosso mundo, me encanta menos o fato de o fazermos, mas a forma como o fazemos. Não basta, em sentido muito restrito, fazermos transposições diretas do que planejamos e recortamos do mundo tecnocientífico para alimentarmos nossas esperanças e temores sobre a vida. Esticamos ao máximo os limites destas apropriações e intervenções, ancorando-as num sistema complexo que envolve símbolos e imagens, numa espécie de transcendência de nós mesmos pela prática, mas, significativamente, pela imaginação. Em outras palavras, brincamos conosco e com as coisas que compõem o fundo de nossa existência.

Meu campo é um destes lugares. Meu encantamento é multiforme. Nasce de um fundo de memória inscrita num corpo quase infantil e derrama-se pelos efeitos tardios do saber sobre corpo e ciência. Por um lado, chegava eu ao CT do Caju maravilhado com os campos, os jogadores, os uniformes e, claro, a bola. Esperava que ela rolasse até mim para que eu a devolvesse com um toque sutil, mas certo e firme, procurando um olhar cúmplice, quase um convite para jogar, largar o caderno de campo, esquecer meus objetivos, perder-me na ludicidade implicada no jogo de bola. Depois, descansaria a sombra a conversar sobre o jogo, riria de tudo e aguardaria o próximo dia, para um próximo jogo. Por outro, acompanhei o desenvolvimento físico dos atletas, as recuperações fisioterápicas, os diagnósticos médicos e apreendi um campo de emoções particular, mas que remete a este todo que é o humano a existir.

Bem, mas há uma dificuldade que remete à relação entre o antropólogo e o nativo, podendo ser problematizada sob três rubricas quanto à possibilidade de tradução/traição do “modo de vida de um povo” para a sociedade do pesquisador: a do universalismo, que pressupõe uma equivalência entre as categorias, o que possibilitaria esta tradução; o relativismo, que compreende a distinção das categorias do antropólogo com as dos nativos

e que impossibilitaria a tradução e; num olhar perspectivante, seria necessário refletir em que sentido as categorias do pesquisador e do pesquisado são diferentes e quem traduz/trai a quem no encontro forjado no trabalho de campo. Isto implica em tomar o “outrem” como estrutura *a priori*, gerando as condições de possibilidade de, na constituição das relações, compreender que há diversos mundos possíveis, tornando-se o objeto do etnógrafo o mundo possível que os conceitos nativos projetam. Em termos geertzianos, está implicada a possibilidade de interpretar a cultura, *a priori* interpretada pelos nativos.

Sem dúvida, fruto de uma co-presença, o pensamento do antropólogo se forma no pensamento do nativo, e vice-versa como mencionou Lévi-Strauss (*apud* PERRONE-MOISÉS, 2008). Em verdade, na prática, gostaria de ter alcançado tal formulação em minha experiência de campo, mas talvez isso traísse meu próprio pensamento. Entendo que meu trabalho acabe por dizer mais sobre as práticas do que sobre os pensamentos (ou os pensamentos objetivados em palavras pelos meus nativos). Mas, sendo assim, não fala ele também do pensado, ainda que talvez o mesmo não seja fiel ao pensador (o nativo)?

A cultura é, sim, uma invenção (positiva) dos antropólogos, na mesma medida em que os informantes inventam a cultura nativa. Estas afirmações soam um tanto estranhas se pensarmos na complexidade que é investigar algo que “não existe” e que é então inventada para ser transformada em tese. Segundo Wagner (1981), o arcabouço teórico ao construir – inventar – um olhar sobre uma cultura, inventa também a própria cultura do pesquisador e inventa, por fim, a Cultura. Só assim há plenitudes de cultura. A noção de invenção não se afirma como a criação do inexistente, mas, no processo reflexivo em que as narrativas sobre a cultura se constrói, a fala inventa a cultura, inventa o mundo vivido, pois, ao tomarmos novamente Merleau-Ponty (1994), somos levados a unicidade entre pensamento e fala, através de um corpo que está no mundo e cuja consciência é a projeção do ser no mundo.

Estas constatações nos permitem pensar em como no trabalho de campo o investigador se inventa e inventa sua cultura, assim como os informantes inventam a cultura nativa. Devereux (1980), numa perspectiva francamente “psicanalítica”, sugere que no trabalho de campo o cientista é o “corpo e alma” de sua própria pesquisa, sendo esta resultado de projeções que o cientista faz sobre seus sujeitos num processo de transferência e contra-transferência. Em última instância o que o pesquisador faz é aprender sobre si mesmo – promovendo uma auto-análise. Brumana (2003) e Wagner (1981) partem de uma perspectiva mais sociológica e menos psicanalítica. Em termos específicos afirmam que ao conhecer a cultura e sociedade do “outro” estamos aprendendo sobre nós mesmos. De todo

modo estas perspectivas não são excludentes, sendo o campo uma experiência cognitiva que abarca as dimensões humanas em sua totalidade, produzindo um conjunto de conhecimentos sobre esta totalidade em relação.

Penso, agora, depois de quase um ano em campo, que é realmente importante refletir sobre o que caracteriza, do ponto de vista da personalidade, o próprio pesquisador. Feito isso, talvez se torne menos árduo, ou doloroso, o caminho para o encontro com o outro. Talvez Devereux tenha razão ao pensar o campo como uma empresa quase psicanalítica. Sem excessos, entretanto, ficou claro que: minha incapacidade de ser insistente e de importunar os nativos com as questões obtusas com uma frequência que talvez fosse necessária; meu incômodo em estar invadindo um espaço que não me pertence, apesar de uma autorização formal e muito mais tarde com apoio de alguns dos próprios investigados (sempre os de minha formação de base), mas sentindo ser tratado (mesmo que realmente não o fosse) com certa insatisfação dissimulada; esta sensação de deslocamento e impertinência obstruiu em muito o avanço de minhas investigações, que, em circunstâncias mais favoráveis, devido ao aspecto quase fechado do CT, poderia ter se realizado muito mais rapidamente<sup>37</sup>.

Isto talvez ajude a reafirmar que a perspectiva positivista do pesquisador neutro que vai encontrar a “verdade espontânea (natural)” dos nativos está completamente descartada. O que se tem são subjetividades em cruzamento, tangência, cisão ou embaralhamento que na reciprocidade de invenção – pois tanto pesquisador, quanto pesquisado estão formulando idéias sobre a vida – partilham conhecimentos e entendimentos sobre o mundo, tornando a escritura da cultura possível. Sob outra perspectiva, como sugere Geertz (1989), a subjetividade do autor é inalienável ao texto etnográfico por ele produzido, o que refuta, também, a possibilidade de escritura de um texto neutro e positivo sobre o universo pesquisado. Talvez como o fotógrafo de Bourdieu, que se mostra, através de seu trabalho, tanto quanto aqueles a quem fotografa.

Posto que um método nunca é vazio, mas encerra em si uma visão de mundo (uma cultura?), um modelo de pesquisa, além da subjetividade do pesquisador, registre-se então o problema da entrevista, da coleta, organização e análise dos dados sob a mesma ótica, como uma tentativa de articular, de todo modo, um mundo objetivo/inventado que se

---

<sup>37</sup> Através de um colega, Prof. de Educação Física nascido na região norte do Paraná, local onde o Prof. Antônio Carlos Gomes leciona, fiquei sabendo que havia ganhado um apelido no CT, a saber, PENSADOR. De fato, passei bastante tempo calado e observando, incapaz de travar diálogo com os diversos agentes no campo.

exterioriza pela subjetividade posta na interlocução entre dois sujeitos e a complexidade que reside na diferença de perspectivas sobre o mundo.

Rabinow (1977) entende que a relação do antropólogo com o nativo está inserido num conjunto partilhado de símbolos em projeção. Este conjunto, complexificado pelas diferentes perspectivas, ainda permite que uma “trama de significados” (GEERTZ, 1989) resulte numa possibilidade de entendimento mútuo. Vale lembrar que não é só o antropólogo quem investiga, observa e interroga os nativos, o inverso também se realiza. É nestes termos que a relação informante/pesquisador se constitui numa perspectiva relacional. Da dupla intencionalidade posta em relação, esta perspectiva relacional instalada epistemologicamente num ponto de fuga de qualquer possibilidade de reduzir a pesquisa a uma objetividade positivista, instaura a objetivação intersubjetiva.

Deste modo, tomando como registro o aspecto cognitivo da relação, temos que o informante, o pesquisador e o contexto (cultural, social, político, etc.) formulam o quadro no qual as informações são produzidas e as culturas (do etnógrafo e do nativo) são inventadas (WAGNER, 1981) e/ou interpretadas (RABINOW, 1977). Surgem como reflexão sobre o mundo vivido e constituem-se em suportes narrativos da existência coletiva do grupo em questão. Apenas registrando, o que já deve ter ficado claro, o conjunto em relação interfere nas formulações propostas pelos investigadores tanto quanto pelos nativos, anulando a possibilidade de que, no que se refere às conversas e observações, o antropólogo desapareça, fique neutro ou se anule enquanto sujeito que interfere no quadro posto em questão.

Pois bem, este trabalho teve como campo de estudos o centro de treinamento esportivo de um clube de futebol da primeira divisão no Brasil e que conta com uma infraestrutura significativa em termos tecnocientíficos (e sua maquinaria correlata) para a produção e manutenção do rendimento de seus jogadores. Acompanhei a temporada esportiva dos atletas – de abril de 2006 à fevereiro de 2007 – em sua vida ordinária no CT.

A opção por este encontro – corpo/máquina – neste tipo de “laboratório” se deveu a suas características *suis generis*. Ao contrário da maioria dos laboratórios, que, presos ao capital ou não, comprometem-se de alguma maneira com o desenvolvimento social mais geral, a maquinaria desenvolvida para o treinamento – e que tem suas bases fundadas na tecnologia militar – tem seus recursos aplicados na produção ideológica do resultado esportivo, no corpo mais forte e mais veloz, melhor preparado para suportar os impactos perigosos sobre o corpo das competições esportivas.

Os sujeitos da pesquisa, ou os nativos, foram os atletas e a comissão técnica em suas relações com a técnica, a ciência e a máquina. Estes atletas são sujeitos a testes específicos de cada disciplina ligada ao desenvolvimento do esporte – Biomedicina, Biomecânica, Fisiologia e Aprendizagem e Desenvolvimento Motor, por exemplo, devidamente detalhadas na etnografia – que implicam numa série de intervenções sobre o corpo e em diversas conexões entre o corpo e as máquinas. Numa escala progressiva, os resultados destes atletas são subprodutos desta relação, estando a melhoria do rendimento cada vez mais dependente do incremento científico tecnológico do treinamento esportivo. Neste conjunto, pesquisei, então, os especialistas na tecnociência empregada no treinamento esportivo – médicos, fisiologistas, professores de educação física – que dominam este campo da intervenção sobre o corpo.

Meu acesso a estes espaços produtores/inventores de verdade, para lembrar Latour (1997), foi, por certo, dependente da minha relação profissional com a área – algo que se tornou um facilitador, como detalharei mais adiante – e de articulações com profissionais em diferentes instituições de ensino e profissionais do futebol, alguns com os quais já havia trabalhado.

Trabalhei num campo que não me exigiu mosquiteiro, ainda que intempéries fossem, por vezes, bastante pronunciadas. Cumpridas algumas etapas tais como o fundamental mergulho na linguagem, na tecnologia e nos tipos de conhecimentos específicos destes centros de treinamento e tendo apreendido um quê inicial dos pontos de conexão entre o corpo e a maquinaria produtora de sentido, ou, como afirma Latour (1997), inscritora da realidade, procurei, através de um procedimento hermenêutico, no limite das possibilidades, ouvir o próprio corpo nativo, deixá-lo falar sobre o mundo encarnado da vida com a máquina, ou, como sugeriu Geertz (1989), conversar com ele.

## **1.2. Aspectos Práticos do Trabalho de Campo (ou meus modos de fazer)**

Pensando agora a partir de outra perspectiva, de minha própria experiência, talvez num sentido mais técnico, a questão inicial foi de como preparar-me para o trabalho de campo. Haveria uma receita para o encontro com o outro? Parece que alguns detalhes técnicos facilitam. Todavia, nos deparamos com o imponderável das relações humanas, o que torna incontrolável alguns aspectos – o principal – da etnografia. Assim, temos o trabalho de campo como uma abertura para o *outrem*. Esta abertura, porém, se dá sem uma

“partitura” a ser lida, mas numa música totalmente nova a ser construída. Isso se deve ao fato de o objeto antropológico ser também sujeito.

Para localizar o campo e facilitar o entendimento do que discorrerei, vale alertar o leitor que meu trabalho se realizou em Curitiba, local de fácil acesso, no qual tenho uma parentela de apoio e pude, sem grandes problemas, alugar um imóvel para residir. Meu deslocamento até o campo era fácil, pois o mesmo está localizado em um bairro periférico, mas que pode ser acessado muito rapidamente de carro pela Rodovia de Contorno Sul. Não tive custo de nenhuma ordem para ter acesso ao campo ou que barganhar com qualquer interlocutor, e vivi bem numa cidade bastante agradável. Como qualquer destes trabalhos, pedi autorização a alguém em posição de poder e minha relação com ele descrevo logo a seguir. Em linhas gerais, este é um trabalho de antropologia do esporte, mas que se imiscui nos problemas da razão, da técnica e da ciência, e que portanto está inscrito ainda sob o projeto da modernidade e articulado ao circuito urbano. Apesar de meus nativos serem oriundos de diversos locais do país e do exterior, o CT é relativamente fechado<sup>38</sup>, facilitando o recorte do espaço-tempo do objeto da pesquisa.

A despeito destas facilidades, encontrar um interlocutor para dar fluxo ao complexo de informações que o antropólogo pretende “descobrir” com o trabalho de campo não foi tarefa muito fácil. Para minha chegada ao campo fiz uma opção pensada, mas perigosa. Resolvi, sem nenhum intermediário, entrar diretamente em contato com aquele que poderia me inserir no campo, o diretor técnico do Clube Atlético Paranaense (CAP), Antônio Carlos Gomes<sup>39</sup>. As informações que eu tinha do CT e do que acontecia no Atlético eram de segunda mão. Não resultado de pesquisas, mas conhecimentos travados por outros profissionais da área de educação física que se dedicam a questão do treinamento esportivo.

Em linhas gerais, o contato se deu da seguinte forma, conforme minhas primeiras anotações de campo: Cheguei a Curitiba em 11 de abril de 2006. Por volta de 14:00h do mesmo dia fui ao estádio da Arena da Baixada. Sem conhecer sua estrutura, cheguei ao setor no qual se encontram as lojas de materiais esportivos, de turismo e visitas do Clube Atlético Paranaense. Lá, recebido pelo funcionário de setor de turismo, fui encaminhado ao lado oposto do estádio onde fica a administração do clube.

---

<sup>38</sup> Isso, como descreverei mais tarde, possibilita reconhecer uma certa substância de relação, um viver que se traduz em práticas e sentidos comuns ao se habitar o espaço.

<sup>39</sup> Com exceção dos Professores Antônio Carlos Gomes e Luiz Fernando Cordeiro, e ainda em uma ou outra passagem em que nomes verídicos não se traduzem em análise direta da prática ou do discurso, todos os demais nomes são fictícios.

Chegando ao local indicado, fui recebido via interfone por uma recepcionista que me deu acesso ao pequeno hall de entrada. Esta pequena sala tinha, somente, um banco com duas cadeiras geminadas. Protegida por um vidro – talvez blindado – que era atravessado por um comunicador – um cilindro pelo qual eu falava e ouvia o microfone que estava à frente – a recepcionista respondeu-me em tom seco sobre onde eu encontraria Antônio Carlos Gomes: “CT do Caju”<sup>40</sup>. Por volta das 15:30h tentei contato com o Antônio Carlos e com a assessora de imprensa, sem sucesso.

Na manhã seguinte, por volta de 10:30h consegui, por telefone, a entrevista com minha possibilidade de acesso ao clube. Um tanto desconfiado, além de me fazer algumas questões sobre a natureza de meu trabalho, argumentou que havia um grande número de pesquisadores interessados em pesquisar no CAP e que a direção estava por proibir (ou ao menos restringir) tais trabalhos no CT. Por outro lado, após alguma interlocução, se pôs a disposição para conversar – reunião marcada para a terça feira, 10:00h (uma semana depois) – e me deixou aberta, como uma ponta de esperança, a possibilidade de realizar o trabalho com as categorias de base.

No dia marcado, cheguei ao CT do Caju as 9:40h, após rodar perdido pelo bairro Umbará (que eu pensava chamar-se Capão Sitiado, na verdade Sítio Cercado) – a facilidade para se chegar ao CT anteriormente mencionada se dá, logicamente, depois do mergulho na cidade, no conhecimento de seus percursos e atalhos . Na portaria fiquei aguardando o contato com o Antônio Carlos para que o mesmo, como havíamos combinado, me recebesse. Fui encaminhado ao hall de entrada do “hotel do CT” (naquela época em reforma).

Antônio Carlos me recebeu amistosamente, conduziu-me a uma sala com vários troféus e que devia estar servindo como “auditório”. Fomos direto ao assunto de nossa interlocução. Apresentei meu interesse em pesquisar no CAP. Usando o Notebook<sup>41</sup> apresentei meu problema de pesquisa bem como meus objetivos e o campo. A perspectiva de trabalhar na Espanha e no Marrocos<sup>42</sup> parece ter gerado uma abertura ao diálogo. Discutimos a possibilidade da realização da pesquisa no CAP e na medida em que conversávamos as resistências iniciais apresentadas por Antônio Carlos (muitos

---

<sup>40</sup> Detalho, na primeira parte da tese o espaço geográfico que separa o Estádio da Arena da Baixada do CT do Caju (páginas 76 a 86).

<sup>41</sup> É interessante notar que, além de se agenciar pessoas e conhecimentos para se inserir no campo, máquinas e equipamentos parecem ajudar na tarefa. Esta foi minha sensação quando usei o computador para apresentar meu projeto. Evidentemente não foi uma compra com painéis e espelhos, mas abriu um processo de dom e contra dom que facilitou minha estada e meu trabalho.

<sup>42</sup> Tentei uma bolsa de sanduíche para realizar tal pesquisa, mas a mesma não se concretizou.

pesquisadores procurando o CAP, atletas profissionais e diretoria sem interesse em colaborar e etc.) foram se diluindo.

Assim, após ter explicado meu interesse de pesquisa, devidamente entendido o método antropológico (?) e minha disposição de observar e conversar sem “interferir” (ops!!!) e respeitar todas as limitações impostas pelo clube ao meu trabalho passamos a uma conversa mais amistosa à beira do gramado onde os profissionais faziam o treino matinal. Antônio falou sobre o projeto do CAP, a qualidade de seus jogadores, a crise causada pela saída do treinador alemão e que em breve o time estaria novamente nos eixos. Conversamos amenidades e procurei me aproximar não mais como um indivíduo institucionalizado, mas como uma pessoa com laços e relações pessoais e intelectuais comuns – parece que funcionou.

Fui levado a conhecer todo o CT e seu projeto, o que de imediato muito me entusiasmou, pois, em minha idéia, havia chegado ao lugar certo na hora certa. Fomos, então, a sua sala onde conversamos muito pouco, mas na qual pude conhecer algumas pessoas – um dos médicos do clube e o Coordenador de Futebol Profissional (prof. Cordeiro). Todos me receberam muito bem e ficaram interessados e à disposição de meu trabalho. Almoçamos juntos no refeitório (junto ao Prof. Cordeiro) e falamos sobre futebol, o clube, a função de Cordeiro, a antropologia do esporte, etc.

Nesta incursão inicial, usei, por opção, uma estratégia de chegada ao campo talvez não muito eficiente, mas que me colocou como único articulador – com exceção dos requisitos oficiais – da entrada em campo. Mesmo quando se trata de realizar um trabalho acadêmico, espaço social no qual a relevância e os méritos parecem estar em primeiro plano, ser tratado como um indivíduo num conjunto de outros indivíduos pesquisadores suscita reflexões, já bem exploradas por DaMatta (1997a) em “você sabe com quem está falando?” e o “ofício do etnólogo ou como ter *anthropological blues*” (idem, 1978), e configura bem, em meu anonimato, a frieza e distância do tratamento a mim conferido em nosso contato telefônico e durante muito tempo ainda.

De fato, ao ingressar no campo tive que passar por um processo não muito simples, já em meu primeiro encontro, a saber, a metamorfose social que transforma o indivíduo (aquele que se dissolve no tecido social por ocupar um lugar abstrato no campo das leis e da ordem) em pessoa (com qualidades específicas, passível de identificação afetiva, profissional, etc. e de ocupar um lugar legítimo do universo de relações que circundam o interlocutor). Para tanto, minha credencial de antropólogo e de pesquisador, mesmo que fossem inicialmente interessantes para um interlocutor também pesquisador, não pareciam

suficientes. Fui obrigado a lançar mão de outra identidade (professor de Educação Física, assim como Antônio Carlos e Cordeiro) e travar diálogo sobre assuntos e pessoas de trato comum a ambos. Foi este passo que facilitou o processo de incursão no campo.

Esta chegada ao campo de pesquisa estava associada a outros aspectos. Partia com a idéia, muito relevante, sugerida por Evans-Pritchard (1972), de que a antropologia deve estudar problemas e não povos, assim com a de Geertz (1989), de que a antropologia estuda “na aldeia, não a aldeia”. Foi isto que me levou ao CT do Caju. Tendo como problema a relação do corpo com a máquina na modernidade e como objetivo a relação corpo-máquina no treinamento esportivo, me vi numa situação de dificuldade que acabou por exigir uma mudança de perspectiva do objeto. O motivo da dificuldade teve início na mudança do objeto da pesquisa e do campo. Eu pretendia pesquisar laboratórios de pesquisa e desenvolvimento de atletas da rede CENESP<sup>43</sup> e trabalhar com esportes mais “duros”, onde o resultado depende quase exclusivamente das capacidades atléticas corporais, tais como natação, atletismo, etc.

Ao mudar o campo para o futebol, meu objeto sofreu um alargamento, pois as lógicas que presidem os esportes são distintas, e o futebol, em particular, é *suis generis*. Há, neste caldeirão cultural, um cruzamento de saberes de diversos tipos, sendo o tecnocientífico apenas um deles. Este foi um complicador inicial, pois gerou uma dispersão no objetivo proposto e obrigou alterações no modo de olhar o fenômeno. A mudança de campo gerou, entretanto, um problema mais sério, a saber, o suporte material da relação corpo-máquina, ou seja, a máquina, a ser pesquisado não estava lá, ainda que o corpo-máquina sim. Nenhum laboratório, nenhuma máquina, apenas um grupo de profissionais com conhecimento específico, aplicando este conhecimento no cotidiano de seu trabalho. Só ao fim do campo, nos meses de janeiro e fevereiro, é que o laboratório de fisiologia foi montado e pude, finalmente, etnografar a conexão corpo-máquina no treinamento. Eu já havia acompanhado o trabalho dos fisioterapeutas e seus vários instrumentos e tentado acompanhar exames médicos mais significativos do ponto de vista tecnológico (raio X, ressonância magnética, etc), mas aquilo a que me propus ao iniciar o doutorado simplesmente não estava lá.

O que precisei fazer, neste caso, foi reorientar a discussão, reconhecendo o limite material do campo: tomar a maquinaria como um *a priori* do conhecimento das ciências

---

<sup>43</sup> Rede de pesquisa criada pelo governo brasileiro em diferentes centros universitários para desenvolver o esporte olímpico nacional.

que sustentam o treinamento esportivo e o rendimento atlético. Assim, apesar de ter encontrado, em escala reduzida, o que pretendia, a concretude do objeto material tecnocientífico (a maquinaria) teve, de início, que ser tomado em outro plano, talvez mais em abstrato. Ainda que tenha sido na relação corpo-máquina que este trabalho se desenvolveu, houve um grande investimento na relação do corpo/atleta de futebol com as biociências (medicina, fisioterapia, treinamento esportivo, nutrição, psicologia...), as quais são responsáveis pelo rendimento atlético através de prescrições e imposições sobre o corpo e o movimento. As máquinas, mais tarde, ganharam contornos mais precisos, e passaram a ser pensadas, por uma série de motivos, como escritoras/inscricoras de/sobre/no corpos.

Um elemento metodológico fundamental para o pesquisador em campo, bem se o sabe, é o caderno de campo. Neste, que se transforma num diário, as observações, impressões, sentimentos, divagações, esboços teóricos etc. devem ser anotados e lidos não só em campo mais em todo o processo da pesquisa. O diário de campo é onde aparece o contexto incontrolável da pesquisa – os elementos da vida cotidiana – enquanto os protocolos e documentos agrupam os controláveis. Sendo a etnografia uma empresa escrita (evidente que não se está a desconsiderar a antropologia visual), é o diário de campo que possibilita que o autor chegue às reflexões que dão fruto a tese, onde o texto e aquilo que está nas bordas do texto, se fundem na “invenção da tese” e onde a memória do pesquisador se objetiva.

Meu procedimento, um tanto desordenado, foi de ter um caderno, em campo, para tomar minhas notas no local da etnografia. Algumas vezes passava estas notas para o computador, outras não. Também fiz notas direto no computador. Ao final do trabalho de campo, coloquei todas juntas em um arquivo comum. Além das notas de observação, *insights*, impressões, incertezas, notas esparsas sobre questões de ordem pessoal, desenhos, rabiscos e outras ordens de objetos compuseram o manuscrito. Nada, é verdade, que valha a pena uma investigação posterior ou a busca de algo perdido ou insólito.

Minha estada em campo, porém, pôs em jogo outras preocupações técnicas. Pensei que saber quem entrevistar, quando, onde, sob que condições e qual atitude tomar diante do entrevistado poderia ajudar a construir uma entrevista proveitosa (mesmo que não garantisse). Nestes termos, os manuais clássicos sobre entrevista sugerem uma série de procedimentos que não pretendo reproduzir aqui. De todo modo, algumas questões foram importantes, e implicaram mais na relação que travei com os interlocutores do que com técnicas rígidas.

Um problema foi selecionar os interlocutores, aqueles com quem trocava impressões diárias e tomava como uma referência para meu trabalho. Consciente de que a posição social do mesmo interfere singularmente nos dados obtidos, procurei travar conhecimento amistoso e fazer discussões mais abertas com diversos interlocutores, deixando para o “futuro”, na medida em que criava uma relação de mútua confiança, para tratar de temáticas mais específicas ou controversas, com procedimentos mais fechados. Procurei, também, deixar o diálogo sempre aberto, usando como uma possibilidade a troca de informações – como vimos, os nativos também têm curiosidades sobre os etnógrafos.

Utilizei, é verdade, um expediente singular em meu trabalho. Em virtude da forte hierarquização do trabalho no CT, do processo mesmo de pesquisa e, por certo, das características pessoais próprias deste investigador iniciei interlocução com pessoas de menor importância no *status* do CT para, aos poucos, com o tempo e o conhecimento adquirido, travar diálogo com aqueles que estão hierarquicamente em posição superior. Assim que iniciei observando os treinos das categorias de base e aos poucos fui me aproximando dos profissionais. Do mesmo modo, primeiro me aproximei de roupeiros e massagistas, para depois de preparadores físicos e técnicos. Ao final da pesquisa, estava em diálogo com médicos, fisioterapeutas, com a nutricionista e com o diretor científico (fisiologista), o gerente de futebol e com o diretor técnico, o próprio Antônio Carlos.

Este processo, em meu caso específico, foi se dando de forma lenta e gradual e hoje me parece ter sido uma boa estratégia de imersão no campo, pois a medida que conhecia as pessoas em níveis diferentes de importância, me aproximava e era conhecido e respeitado por outros interlocutores, num percurso que me levou ao interior do espaço central desta tese, a saber, o laboratório de fisiologia, o departamento médico e seus agentes. Por fim, após ficar bastante tempo em silêncio, “apenas observando”, ou em conversas informais, realizei 22 entrevistas gravadas com vários dos agentes: roupeiro, olheiro, médicos, fisioterapeutas, preparadores físicos e atletas. Estas foram transcritas e algumas passagens dos diálogos estão na tese. Também tive a oportunidade de realizar imagens – fotografias e filmes –, além de receber, da própria comissão técnica, imagens de trabalhos realizados.

Tentei até aqui descrever, sucintamente, minha estada no campo. Durante a tese outras impressões, dados gerais e procedimentos são mencionados. Estas questões iniciais, que parecem pequenas anedotas de um bestiário improvável da vida de um antropólogo no campo, anunciam as questões de fundo sobre o método antropológico e a relação antropólogo nativo durante a pesquisa etnográfica. Discuto, a partir de agora e finalmente,

tomando a possibilidade proposta por Habermas de uma ética discursiva, as condições para a fundação das relações nas quais os sujeitos se configurem em iguais em dignidade, fundamentando-a na condição corporal de ser no mundo proposta por Merleau-Ponty. Foi com este espírito que iniciei meu trabalho de campo e espero ter alcançado.

### **1.3. Aspectos Ético-Dialógicos do Campo (ou minhas perspectivas de ser-no-mundo)**

Esta breve digressão que trago agora – ainda que assumo o risco de me afastar em demasia de meu objeto – para pensar a ética e o diálogo no trabalho de campo, tem dois objetivos: o primeiro, de apresentar meus esforços para a compreensão do campo antropológico em sua prática etnográfica; o segundo, e mais importante, porque, ao tomar o corpo como abertura para o diálogo com o outrem e com o mundo, entendo a ética não como o corolário, mas como a pressuposição ou o fundamento da relação entre sujeitos, e portanto, como um princípio metodológico, o que tentei empregar no trabalho investigativo.

O antropólogo se encontra sempre, e no mínimo, entre dois mundos, que articulam também, sempre e no mínimo, dois universos éticos. Suspendendo as tramas lançadas na empresa etnográfica pelas diferentes instâncias que podem compô-la, quais sejam: agentes e órgãos governamentais, outras sociedades em contato, interesses público/privados ligados a laudos de diferentes tipos etc. nos quais diversos contextos de mediação acabam por sugerir ao antropólogo algum envolvimento<sup>44</sup>, é entre este mínimo existencial – epistemológico e ontológico –, entre antropólogo e nativo, que um encontro de dupla ética se articula.

Não pretendo esboçar uma genealogia da ética enquanto conceito ou problema de interesse filosófico. É por demais conhecida sua origem entre os gregos e sua permanência como tema de amplitude filosófica por todo pensamento ocidental, secular ou não. Assim, considerando o problema da ética para a antropologia, tratarei de refletir sobre esta problemática a partir da matriz habermasiana e das condições de possibilidade, no contexto do trabalho de campo, de fundar uma ética discursiva. Tratarei de recortar da longa

---

<sup>44</sup> Para ver uma discussão na qual o antropólogo aparece como mediador entre dois mundos éticos, também apoiada na razão argumentativa, ver Oliveira (2004). Para uma reflexão sobre problemas éticos numa perspectiva que põe em comparação dois fenômenos distintos ver Bastos (1998).

tradição um conceito de ética que dê conta de sistematizar as idéias centrais de minha argumentação, já expostas na introdução.

O mundo da vida é uma esfera de interação entre humanos. Esta interação se dá, entre outros aspectos, como comunidade moral, onde pretensões normativas de validade articulam-se. Esta normatividade, enquanto diretriz de conduta moral, solicita aos agentes em interação – prática e lingüística – o cumprimento destes postulados, como condição de manutenção das relações sociais. A ética é o discurso sobre a moral. São os termos pelos quais a vida moral dos agentes em interação são postos em debate e refletidos em suas pretensões de validade. A ética do discurso de Habermas participa destas premissas, mas procura refletir sobre as condições de possibilidade deste discurso nas circunstâncias históricas em que vivemos, mais precisamente na modernidade.

Segundo Oliveira (1993, p. 9):

A ética do discurso entende-se como tentativa de repensar a racionalidade do ético numa civilização profundamente marcada pela racionalidade própria às ciências modernas, ou seja, ela se compreende como a ética que se tornou possível a partir da cientificação da vida humana.

Retomando a noção de que a antropologia, entendida como uma ciência, ou como uma filosofia com o homem dentro, situa-se em articulação com o universal, os problemas colocados por Habermas parecem pertinentes para refletir sobre a dupla ética posta em jogo no encontro etnográfico e sua condição de universalidade. É sob a noção de “pragmática universal” (Habermas, 2002) que a questão é discutida.

Segundo Habermas (2002, p.9) “a função da pragmática universal é identificar e construir condições universais de possível compreensão mútua”, ou pressupostos gerais de ação comunicativa. O que o autor propõe não é a imposição a priori de conteúdos morais para a formulação discursiva. A ética discursiva não trata de conteúdos, mas de um método capaz de levar os sujeitos ao entendimento sobre os conteúdos morais. Os participantes da ação comunicativa, para que se cumpra a tarefa proposta, devem seguir quatro petições de princípio que conformam as condições ideais de fala:

- i. enunciar de uma forma inteligível;
- ii. dar ao ouvinte algo que este compreenderá;
- iii. fazer-se a si próprio, desta forma, entender;
- iv. atingir o seu objetivo de compreensão junto de outrem.

Como, porém, garantir as condições de inteligibilidade dos discursos em circunstâncias nas quais a comunidade de fala envolve agentes de diferentes contextos práticos e simbólicos? Habermas reconhece que as pretensões normativas de validade estão sujeitas às condições internas das realidades sociais específicas. Ou seja, é no contexto histórico e cultural que as comunidades morais forjam suas condutas – que envolvem o mundo da vida e as instituições. É sob a singularidade das diferentes configurações sociais, que implicam em formações simbólicas e tramas de significados específicas e revelam que o mundo é interpretado diferentemente por pessoas e/ou grupos, que a normatividade moral é estabelecida.

Tal questão não se dá de forma simples ou direta. Em meu trabalho, ficava me perguntando: como conseguir que os atletas (e demais profissionais) do CAP compreendessem o que é ser antropólogo e fazer uma etnografia? Como minha posição de pesquisador interferia no sistema de relações? Quais as concepções dos agentes sobre meu trabalho e meu modo de estar “em campo”? Por fim, como garantir esta “comunidade ideal de fala” e exercer o ofício etnográfico gerando uma relação de iguais em dignidade?

Habermas (2002) apóia-se em Chomsky<sup>45</sup> para sugerir que a função da teoria gramatical é tornar inteligível aquilo que subjaz os atos de fala, ou seja, a própria estrutura gramatical. Considerando a gramaticalidade de todas as línguas, a pragmática universal se estabelece na possibilidade que os atos de fala carregam de tornarem-se inteligíveis entre interlocutores de diferentes línguas e através das quais se pode acessar os significados expostos por um outro. Neste ponto, sob a ótica de que o ético emerge da interação entre sujeitos capazes de falar – mas também agir –, Habermas (*apud* OLIVEIRA,1993) afirma que seria tarefa da antropologia, e de outras ciências do social demonstrar como o entendimento entre diferentes culturas é possível.

Ao contrário, porém, das abordagens que valorizam sensibilidades microscópicas em consonância com uma nova estética baseada na afetividade e no desenvolvimento humano em seu pequeno mundo cotidiano, Habermas, seguindo a tradição frankfurtiana, procura reafirmar a razão, agora argumentativa, portanto intersubjetiva e não solipsista, como possibilidade de articular o entendimento entre os sujeitos numa escala universal. Contra os críticos da colonização do mundo pelo ocidente, Habermas reafirma que a moral ocidental não tem privilégio sobre as diferentes eticidades. Ou seja, “a ética do discurso não fornece orientações de conteúdos, pois esses provêm dos contextos históricos, mas um

---

<sup>45</sup> Habermas refere-se ao livro: CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass: 1965.

procedimento que pode garantir a objetividade dos julgamentos sobre essas orientações” (OLIVEIRA, 1993, p. 47).

Por fim, a ética do discurso está baseada na consideração de que dois sujeitos ou grupos em interação sejam tratados como iguais em dignidade<sup>46</sup>, que seus discursos sejam compreendidos e aceitos como argumentos válidos e busca, através do uso da razão, uma regulação discursivo-consensual dos problemas postos. Enfatizam ainda, os autores, que “o que a ética do discurso defende é uma complementaridade fundamental entre o universalismo ético (formalismo) e as totalidades vitais concretas (historicidade)” (OLIVEIRA, 1993, p. 38). É nesta intersecção que a antropologia – e o trabalho de campo – se instala como saber, e de onde parto para discutir as condições de possibilidade de relações éticas no (em meu) trabalho de campo, de um ponto de vista epistemológico.

Sabe-se que a moral é um dos fundamentos das relações humanas e em diversos contextos a reflexão ética é chamada a regular estas relações. No campo científico não é diferente. A atividade dos cientistas é regulada por inúmeros postulados éticos e revelam uma preocupação cada vez mais acentuada com as implicações que a pesquisa e os resultados por ela e dela obtidos têm para a vida humana. Já discutimos como a ética do discurso erige-se desta constatação. Em termos epistemológicos temos situações divergentes quanto aos procedimentos científicos que merecem ser destacados. Dois conjuntos interligados chamam a atenção: primeiro o que diferencia a pesquisa *em* seres humanos da *com* seres humanos<sup>47</sup>; segundo as que se referem ao tipo de ciência e sua vinculação com o objeto, a saber, ciência da natureza (objetos-coisas<sup>48</sup>) e ciência humanas (objetos-sujeitos).

Considerando o fato de que a modernidade pretendeu formular um sistema ético baseado na ciência independente da religião e de toda metafísica e que onde há ciência há também um problema humano em questão, a dupla face posta pelo tipo de ciência e sua relação com o objeto me aparecem como discussão importante para pensar a pesquisa etnográfica. Sob o regime das ciências da natureza, o problema ético emerge na preocupação sobre os fins da pesquisa e tem se configurado, sob a ótica de Adorno e

---

<sup>46</sup> Sobre as condições de possibilidade de, em termos antropológicos – na relação investigador/nativo –, reconhecer o outro como igual em dignidade discutirei na última parte deste ensaio.

<sup>47</sup> Para esta discussão ver Luís R. C. de Oliveira (2004).

<sup>48</sup> Para fins deste trabalho denomino objeto aquilo que por excelência se afigura como elemento de investigação científica, ou seja, tomo-o em seu sentido epistemológico e metodológico. Diferentemente, coisa – na falta de expressão melhor – refere-se a qualquer ser, natural ou artificial, que não se configure como humano. Nestes termos, o próprio ser humano, em condições específicas, pode ser reificado, ou, como trato neste capítulo, tornado coisa.

Horkheimer (1985), como uma redução do uso da razão a sua instrumentalidade. Já com referência às ciências do social e do humano, o problema ético transcende a questão dos fins e instala-se também na própria relação entre pesquisador e pesquisados. É deste ponto particular do trabalho de campo na antropologia, a saber, o da relação entre antropólogo e nativo (objeto-sujeito) que passo a discutir a questão ética e suas implicações metodológicas – ou as questões metodológicas que implicam um espaço ético – em meu trabalho.

### **1.3.1. Da Impossibilidade Ética: os objetos como ‘coisa’.**

Refletindo sob uma perspectiva historicizante, mas que absolutamente coloca os termos de que tratarei apenas no passado, é como dívida das ciências da natureza que a antropologia é constituída. Por diferentes vias, ao remeter os nativos a uma natureza perdida, conjecturar sobre sua biologicidade específica, ou mesmo nas metáforas mais ricas que se inspiram na natureza para pensar a sociedade, o modelo de pensamento que em princípio se impõe é o princípio cartesiano de domínio da natureza. A ciência que conhece o outro – distante no tempo e no espaço – é a que partilha dos pressupostos gerais de um ocidente renascido como a civilização do conhecimento, frente a uma natureza dada à dominação. O outro é natureza.

A “anedota barroca” levi-Straussiana (*apud* MAZZOLENI, 1992, p. 6) inspira-nos algumas questões:

Nas Grandes Antilhas, pouco depois da descoberta da América, enquanto os espanhóis enviavam comissões de investigação para estabelecer se os indígenas eram ou não dotados de uma alma, estes preocupavam-se em imergir os prisioneiros brancos na água para verificar, após prolongada observação, se seu cadáver era ou não sujeito a putrefação.

Se esta passagem nos ensina algo é, primeiramente, o fato de o encontro com o outro ser, ao menos preliminarmente, forjado sob a ótica própria às sociedades em contato<sup>49</sup>. Deste modo, segundo Mazzoleni (1993), enquanto a tendência a antropologização do cosmos via abstração metafísica da alma se dava a partir da Europa, a cosmologização do outro partia dos sentidos e dos dados da natureza. Neste mínimo

---

<sup>49</sup> Sahlins (1990) discute este tema ao tratar do encontro entre os havaianos e Capitão Cook quando da chegada dos ingleses ao arquipélago. Para formular sua tese que articula estrutura e evento, o autor demonstra porque os havaianos receberam Cook como um Deus e como tal fato estava inscrito na cosmologia nativa.

concreto relacional – lembro aqui Simmel, com referência à anedota anterior, para quem um fato sociológico não precisa ter existência “real”, basta que seja possível – ambos participavam de um jogo investigativo. As partes tomavam o estrangeiro como objeto de conhecimento e, ainda que antropologizado ou cosmologizado, tratavam-no como coisas.

Talvez não seja difícil reconhecer o fato de que remeter o outro à condição de natureza seja parte do repertório de atitudes frente ao estrangeiro em diversas sociedades. O significado do nome de alguns grupos indígenas é simplesmente “os homens”, “os humanos” etc.. Rodrigues (1989) apresenta um complexo sistema de classificação entre sociedades canibais da Nova Guiné que vai dos humanos aos animais de acordo com o “apetite” antropofágico e suas relações com uma civilidade ligada às crenças, rituais e tabus. Sob este signo, quero anotar que não apenas o ocidente cientificista “naturalizou” a humanidade de outros, mas, por outro lado, ninguém levou tão longe o projeto de dominação da natureza.

É vinculado a este projeto moderno, que toma o humano como meio e não como fim, remete-o à condição de natureza, e que, portanto, o coisifica, que o estabelecimento de uma relação ética entre pesquisador e objeto constitui-se como impossibilidade. Não há dúvida sobre o fato de a ética se instalar na relação entre humanos. A esfera restrita das coisas não se estabelece como espaço de eticidade senão enquanto articulada a seus fins. Nestes termos, tomada a ‘coisa’ em sua finalidade, a ética se estabelece entre os humanos, no sentido de estabelecer valores positivos – ou não – aos fins prescritos. Discutamos a questão sob esta ótica, visto que tratei de encontros complexos entre diferentes sociedades sem, contudo, me estabelecer no campo restrito da investigação antropológica como empreendimento científico.

A despeito de o evolucionismo ter sua origem ligada a complexidade da evolução biológica proposta em *A Origem das Espécies* por Darwin e por consequência as diferentes sociedades no período vitoriano terem sido classificadas em uma escala evolutiva – principalmente a partir de uma matriz economicista, mas também moralista e culturalista – a, saber, primitivos, bárbaros e civilizados, o pensamento que inclui Morgan, Taylor e Frazer (entre outros), ao menos, inclui os “selvagens” – sem lei nem moral; ou bons e em estado de natureza – na condição humana. Neste aspecto, o programa antropológico, ainda que postulasse humanidades de diferentes categorias, tratou de integrar-nos num todo.

Lévi-Strauss (1975, p. 21) reflete sobre a passagem do puro exotismo à elaboração científica na antropologia nestes termos:

Los objetos patrimonio de los salvajes, las descripciones de las costumbres extrañas y lejanas, lo visto y relatado por los viajeros, la mayoría de las veces deja de ser considerado como si tratase de curiosidades exóticas e de meros pretextos desde los que fundamentar vaticinios de índole filosófica e moral. Ahora se les promueve al estado privativo de los documentos científicos, con el mismo derecho que ostentan los fósiles y las colecciones botánicas y zoológicas. A partir de ahí, no hace falta sino describirlos, clasificarlos, aperebirse de las relaciones históricas y geográficas que les unen y les distinguen, todo ello encaminado a elaborar una visión coherente de las diferentes etapas por las que ha transcurrido la humanidad, en su paso del salvajismo a la barbarie y de la barbarie a la civilización.

Independente do modelo taxinômico – sincrônico ou diacrônico – que se tome para classificar a evolução da disciplina, a humanidade de todos os humanos estabelecera-se. Do evolucionismo ao pós-modernismo antropológico, passando pelo funcionalismo, o estrutural-funcionalismo, o estruturalismo e o interpretativismo – ou ainda, antropologia social, antropologia cultural, neo-evolucionismo, antropologia física e o que quer que se funda aos dispositivos de fazer algum tipo de antropologia – um sistema de dupla eticidade já se estabelecera entre nativos e antropólogos. O problema passou a ser o estatuto epistemológico e metodológico da empresa etnográfica e as conseqüências práticas para a ontologia destas relações.

Em muitos aspectos o “Deus me livre” de Frazer e o modelo heróico do “vim, vi e venci” que em algum sentido o trabalho de Malinowski<sup>50</sup> suscita, ainda que pressupondo a humanidade de toda a humanidade, acoberta em seu conservadorismo a face de uma Europa civilizada frente a um outro estranho e que, portanto, a despeito de falar, sonhar, dormir e amar pode ser estudado como coisa. Por um lado, o objeto-coisa está mergulhado na sugestiva menoridade desta gente frente ao homem, branco, adulto e europeu (mas também estadunidense), por outro, sujeito aos cânones do empirismo positivista: é como coisa que se pode acessar este objeto que se dá a conhecer.

Podê parecer exagero pensar que se o fato social pode ser estudado como coisa, como sugeriu Durkheim (1982), tenha-se perscrutado não os fatos, mas os próprios agentes como objetos-coisa. Leclerc (1973), refletindo sobre as relações entre antropologia e colonialismo, discute como, mesmo que à revelia de muitos antropólogos importantes, os estudos etnográficos serviram à dominação colonial – britânica ou francesa – em seus

---

<sup>50</sup> O já famoso, mas não menos controverso, Diário (de Campo) de Malinowski acrescenta uma dimensão humana a este pesquisador e faz ascender o mundo vivido para além da performática composição epistemológica do cientista distante e imparcial. Ao demonstrar a ambigüidade de seus sentimentos para com os nativos, humaniza também os últimos. Afinal, amar e ser amado, odiar e ser odiado são faces indeléveis de nossa humanidade.

diversos campos na África, na Ásia e na Oceania. Este modelo de “colonização científica” teve seus pensadores de gabinete numa perspectiva evolucionista e sua superação por um pragmatismo levado a cabo por administradores-antropólogos como Saussure, Delafosse e Clozel (franceses) e Lugard e Cameron (britânicos) que viram na assimilação o modelo para o novo período colonial. As *indirect rules* são exemplos da colaboração entre ciência e dominação: a colonização racional.<sup>51</sup>

Por outras vias, uma antropologia ligada ao higienismo e trabalhando com suporte teórico nas ciências biológicas continuava escrutinando o corpo humano – penso que a nova genética é a permanência em um caminho jamais fechado –, procurando em seus detalhes anatômicos e fisiológicos o que a natureza poderia nos oferecer para encontrarmos nossas semelhanças e diferenças. Mais radicalmente do que em outros modelos, aqui o corpo é tomado como objeto-coisa que se oferece ao esquadramento racional. As antropometrias de crânio, formato do rosto, cor da pele e suas correlações presumidas com o comportamento testemunham o quanto se pensou na coisificação do humano pela sua subsunção às formas de sua biologia<sup>52</sup>.

Em vigor, sem nenhum anacronismo, pois que não se pode afastar com facilidade as idéias fundantes, o projeto de dominação da natureza – interna e externa – já analisada no mito de Ulisses por Adorno e Horkheimer (1985) e a persistência de um modelo científico do qual a antropologia ainda pode estar sujeita. Mas uma contra face deste modelo epistemológico que impede uma ética comum a antropólogo e nativo, pois que se convive, mas objetivamente em mundos diferentes – além do mais porque, reforçemos, entre sujeitos e coisas não há relação ética – é a tentativa pós-moderna de “dar voz aos nativos”. Estes porta-vozes, que enchem seus textos com longas citações de falas nativas, pretensão ingenuamente sustentada na hipótese de que a transcrição do discurso nativo em sua forma bruta fará acedermos ao seu mundo, tornam-se agora veículos<sup>53</sup>.

Nestes termos, a pós-modernidade antropológica abandona o sujeito reflexivo das ciências da humanidade para tornar-se a mediadora de um discurso que não lhe pertence, mas que traz em si a verdade do outro. Um outro agora falante, desejante e pleno em sua dignidade. O antropólogo, entretanto, coisifica-se no papel de mero reproduzidor do discurso

---

<sup>51</sup> Para a refutação das teses de Leclerc (1973) ver Kuper (1978).

<sup>52</sup> A mim parece significativo o fato de que as reflexões sobre bioética sejam um dos temas mais importantes do debate atual sobre as condições atuais e futuras de vida para a humanidade.

<sup>53</sup> É preciso ficar claro que a antropologia pós-moderna não é unívoca e se desdobra em diferentes perspectivas. Mas o fato de organizarem-se sobre elementos como o fim da verdade e a crise da autoridade antropológica sugerem uma reflexão quanto ao papel do antropólogo em sua relação com o outro no campo – problemas de fundo epistemológico. Para uma ampliação desta discussão, ver Cardoso (1997) e também Clifford (1998).

alheio. Talvez apressado em conferir humanidade ao outro humano, perde sua condição humana na parcialidade de sua tarefa instrumentalizada. Impedido por seu cânone teórico-metodológico de ao ver, ouvir e escrever – além de sentir e pensar – interpretar ou explicar, e transferindo ao outro a responsabilidade discursiva, inverte por completo a impossibilidade de fundar uma ética discursiva entre as partes em convívio. Passamos em fim do objeto-coisa ao antropólogo-instrumento; assim, reduzidamente coisificado.

O procedimento tomado até aqui para refutar a possibilidade de uma relação ética nos termos postos, ou seja, a idéia de coisificação de uma das partes em relação, é apenas heurístico. O fato de em determinadas condições sermos tratados como matéria bruta – como no caso da tortura ou da escravidão – e a despeito, frente ao outro que nos domina, de estarmos reduzidos em dignidade, não elimina jamais nossa condição humana. Ela é apenas vivida em outros termos, qual seja, nos de nossa própria vida moral, indiferente às condições exteriores impostas. A coisificação é, em síntese, uma ação humana sobre outro humano – neste caso de saber-poder – que desiguala em dignidade este em relação àquele<sup>54</sup>.

Para encerrar este tópico é preciso refutar a idéia, sempre perigosa, de que entre antropólogos e nativos há apenas uma relação funcional sustentada pela razão instrumental. Claro está que encontrar-se em campo é vivê-lo em toda a intensidade dos sentidos e sentimentos – a etnografia é uma empresa corporal – e laços afetivos e intelectuais se estabelecem em diferentes ordens. O problema não se dá no nível das relações interpessoais, mas na perspectiva epistemológica que subjaz a relação como o outro do antropólogo. Em síntese, o modelo científico de “descoberta” e apresentação do objeto objetivado positivamente é que foi posto em questão até aqui e o ponto sobre o qual se afirma a redução do outro a condição de coisa.

### **1.3.2. Dos agentes iguais em dignidade: uma possibilidade metodológica (e ética) na antropologia.**

Retomando, a ética argumentativa habermasiana está baseada em dois aspectos bastante complexos: a comunidade ideal de fala e os agentes iguais em dignidade. O

---

<sup>54</sup> Para uma discussão bastante interessante ver o debate entre Leclerc (1973) e Kuper (1978). O fato de os antropólogos estarem na maior parte das vezes em favor dos nativos independe, de certo modo, de que a produção de conhecimento antropológico seja utilizado para a dominação colonial. Neste caso, duas instituições distintas, mas conectadas, disputam os fins de uso de um conhecimento produzido.

primeiro exige o mútuo entendimento a partir da possibilidade aberta pela linguagem para a expressão inteligível dos argumentos. O segundo, de dificuldade singular e complementar ao primeiro, é pensar, numa sociedade estruturada de maneira profundamente desigual, as possibilidades de igualar os agentes em dignidade, na perspectiva de que ambos os mundos vividos sejam plenos em reconhecimento. Esta é a questão que me ponho a pensar nas linhas a seguir.

Como argumenta Bourdieu (1996) a dificuldade explícita na ação comunicativa proposta por Habermas é o fato de vivermos em um espaço social estruturado. Esta estrutura gera posições desiguais para o ato de fala, impossibilitando a comunidade lingüística ideal. Para tanto, exprime como exemplo os usos da língua em contextos específicos, como o do político que, nascido numa cidade do interior francês, retorna ao seu reduto eleitoral e se utiliza das expressões típicas de sua região para auferir lucros em termos de capital simbólico. Pode-se perceber também que os discursos de autoridade, recorrentemente sustentados por um saber específico, geram desigualdades no diálogo.

Em verdade, ao refletir sobre minha própria pesquisa, é possível perceber o quanto o espaço social estruturado em um sistema hierárquico reflete-se nas modalidades de interlocução e nos modos de agenciamento do pesquisador para participar de um universo de compreensão que pertence a um determinado grupo específico e que, ao mesmo tempo, é recortado por diferentes hierarquias, saberes, interesses, etc. Foi sentindo o peso da estrutura do CAP que “escalei” a hierarquia em minhas conversas, observações e entrevistas.

De fato, ao se refletir sobre a tradição científica, da qual a antropologia também faz parte, percebe-se a recorrência – apontada na parte anterior deste texto – de uma assimetria na relação estabelecida entre pesquisador-pesquisado, fato deveras debatido nas discussões epistemológicas. Entretanto, vive-se tentativas de tornar o trabalho científico menos impositivo como sistema de poder<sup>55</sup> e é nessa perspectiva que tentei realizar minha pesquisa e reflito sobre o fundamento ético da relação antropólogo-nativo<sup>56</sup>.

Meu encontro com atletas e demais profissionais no CT, não obstante, não se deu, *a priori*, a partir de um diálogo verbal, mas de uma presença; ou melhor, da co-presença que a corporeidade infunde quando se habita o mundo. Ao estar lá, minha exterioridade, que

---

<sup>55</sup> Para uma discussão sobre a questão da assimetria, não só quando se trata de pôr em confronto ciências com estatutos epistemológicos diferentes ciências, mas também sobre a relação antropólogo-nativo ver Latour (1994).

<sup>56</sup> Por outro lado, como já registrei, a visão nativa do antropólogo também o coloca em relação de assimetria, com alguma frequência como um inferior. Não são poucos os relatos de escárnio, menosprezo e mesmo violência física por que passam antropólogos em situações de campo.

sou eu, e a de outrem, possibilitou esta aproximação muda que convida, como abertura para o mundo e para este outrem, ao diálogo. Por isso que, na esteira de meus dias, também eu era interrogado sobre minha vida (Quem eu era? O que fazia? Por que estava lá?), pois minha presença formulava o horizonte no qual o diálogo se estabelece como possibilidade de mútuo entendimento.

O outrem<sup>57</sup> merleau-pontyano é já, segundo Moutinho (2006, p. 205) “um corpo no mundo, ainda anônimo e pré-pessoal”. E como um outrem é “coextensivo ao ser” e eu também sou, “somos parte desse nosso mundo público”. É nesse “mundo único e intersubjetivo”, no qual todos os mundos são possíveis, que o encontro outrem e eu, a intercorporeidade, se dá. Pois como sugere Merleau-Ponty (1994, p. 122,154) “o corpo é o veículo do ser no mundo, ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”, em outras palavras: o corpo – do antropólogo e do nativo – “é a potência de um certo mundo”.

Ora, se aceitamos estas formulações ideais sobre o trabalho de campo, fica aberta a possibilidade de entendimento mútuo postulada pela ética habermasiana, haja vista que, reconhecido o fundamento da relação numa corporeidade que é potência do mundo, suporte sobre o qual se projeta o *outrem* como abertura para o entendimento de um mundo outro, as condições de possibilidade que ancoram os sujeitos iguais em dignidade e em cuja margem se dá as condições ideais de fala talvez possam ser encontradas.

Ainda uma última questão. É preciso fugir da perspectiva romântica sobre o corpo, como sugere Galimberti (2006). O corpo é sim o suporte da alteridade e da diferença: falas, roupas, cabelos, tons de pele conformam o conjunto de atributos que ajudam a separar o eu do outro. Mas, no plano em que o corpo é corporeidade, em que é *erlebnis*, experiência vivida, ele é também conexão estrutural como o mundo. Fazer antropologia é olhar a vida com a vida, pois que não somos indivíduos fechados para o mundo. Ao encontrarmos os nativos, que fundam seu mundo em sua corporeidade, não vivemos a relação de alguém que percebe com o algo que é percebido, mas porque o seu ser-para-nós é inseparável do ser-presente-em-nós, somos carne do mundo: o ponto, repito, onde qualquer mundo é possível e toda perspectiva é vida posta em comum.

\* \* \*

---

<sup>57</sup> A concepção deleuziana de *outrem* (DELEUZE & GUATTARI, 1991) é o conceito a partir do qual Viveiros de Castro vai refletir sobre a *perspectiva*, num caminho muito próximo ao que tomo aqui com Merleau-Ponty, a possibilidade de entendimento de um mundo outro no qual o antropólogo vai avizinhar-se.

Bem, aqui está uma síntese dos esforços por mim realizados para a compreensão do campo antropológico, do método etnográfico e do trabalho de campo. Foram aberturas para reflexões e decisões necessárias a tomar quando da realização de minha própria pesquisa. Os limites e possibilidades impostos por relações complexas e imprevisíveis e que ofereceram, enquanto resultado de práticas superpostas entre diferentes agentes, menos certezas do que imponderáveis, exige a configuração de uma base mínima de apoio ao pesquisador para o enfrentamento de sua tarefa. Um código de conduta prescritivo, do tipo manual, esbarra nas diferentes configurações que o campo engendra, não dando conta de resolver os impasses colocados em relação – ainda que um mínimo seja desejável.

O trabalho antropológico é vivido corporalmente. Estes corpos dialógicos – unidades mínimas de entendimento e respeitabilidade – exprimem a questão epistemológica sobre o que se procura alcançar num estudo etnográfico – e conseqüentemente ao quadro teórico ao qual a pesquisa se filia. Buscamos as profundezas ocultas da “alma selvagem” e os universais que constituem a humanidade ou tomamos o microcosmo em análise como suficiente em si mesmo? Procuramos segredos ou aquilo que se apresenta como dado “imediatamente” da observação ou da entrevista? Estas questões mereceriam outras reflexões, talvez mais profundas e demoradas, pois retomam sinteticamente o problema do que e como se constitui o campo antropológico. Independente da resposta a estas questões, fazer antropologia é acessar o vivido sob um prisma que exige uma postura ética.

Retornando a questão habermasiana, o mundo moral, no qual vivemos como pessoas morais, tem um sentido construtivo. Esta construção só pode realizar-se como lógica argumentativa se adotarmos as perspectivas uns dos outros – numa forma de descentralização. Apenas superando o etnocentrismo uma ética argumentativa se assevera como possível (HABERMAS, 2004). Tentei, desta forma, ao discutir o trabalho de campo centrado na corporeidade como modo de ser no mundo, argumentar em favor desta possibilidade de, no que em antropologia convencionou-se chamar relativismo – que é uma postura metodológica, como lembra Sahlins (2004) – pensar com o outro a comunidade moral que inclui um estranho, qual seja, o antropólogo e a possibilidade de, epistemologicamente, aprender com/sobre este outro.

Pitt-Rivers (1979, p. 39), ao estudar a honra mediterrânea, nos alerta com estas afirmações:

Un sistema de valores no es nunca un código homogéneo de principios abstractos obedecidos por todos los participantes en una cultura

determinada (...) sino una colección de conceptos que están relacionados mutuamente y que los diferentes grupos de condición definidos por la edad, el sexo, la clase, la ocupación, etc. aplican en las distintas situaciones (e no solo en los distintos contextos lingüísticos) en que se encuentran sus significados.

Isto posto, o antropólogo se vê frente a uma trama de sentidos manipuláveis, cujos conteúdos, e seus significados, para serem acordados necessitam, de ambas as partes, a aceitação tácita da validade dos argumentos de um outro posto em perspectiva, fruto já desta ancoragem corporal do mundo – reafirmando, atitude não apenas do antropólogo, mas evidentemente também do nativo – uma vez que este mundo que habitamos,

o mundo fenomenológico, é não o ser puro, mas o sentido que transparece na interseção de minhas experiências, e na interseção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de uma nas outras; ele é, portanto, inseparável da subjetividade e da inter subjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 18).

Mas voltemos ao “início”. Mauss (1974), em algum sentido antecipando o problema que se formava em torno do encontro com o outro, inclusive o risco do esvaziamento de sua subjetividade, afirmava, sem jamais abandonar a reflexão interpretativa (ou explicativa) do antropólogo, que o importante era o melanésio desta ou daquela ilha, pois o fato social total só pode emergir de sujeitos totais. Do enigma das luas mortas ou pálidas, ainda ficamos nós a perscrutarmos uns aos outros.

Mauss estava certo. No circuito urbano no qual o esporte se encerra e o futebol profissional fez seu lugar, o que importa é aquele jogador de um ou outro clube, o treinador desta ou aquela categoria, ou ainda médicos e fisioterapeutas daqui ou de lá, todos a tramarem suas existências na relação corpo a corpo, com a bola e com as máquinas.

## CAPÍTULO II

“Em baixo, afastando-se do alto onde estou em  
desniveamentos de sombra, dorme ao luar,  
álgida, a cidade inteira.”  
(Fernando Pessoa)

### O LOCUS: ESPAÇO GEOGRÁFICO E SOCIAL

As discussões sobre o espaço na formação do campo Antropológico são diversas e distam já bastante no tempo. Sahlins (2003), não depois de outros, tratou de pôr um limite nas implicações mais funcionalistas ou economicistas sobre a questão, que, entretanto, sempre reclama uma aguda atenção, por vezes interpretações em novo enfoque, perspectivas que construam ou restituam a importância do espaço na organização da vida coletiva.

Afora então uma certa Antropologia Física (depois ecologia cultural etc...), que buscava nos determinantes do ambiente os suportes adaptativos da vida coletiva, a primazia do simbólico, do imaginado, sentido e pensado atravessou a história do campo antropológico, traduzindo em diferentes matizes, perspectivas de apreensão, ocupação e sentido, tal preocupação. De Boas a Lévi-Strauss, passando por Mauss, Evans-Pritchard e Leach, chegando as etnografias mais recentes, que refletem sobre o mundo vivido através do tempo-espaço incorporado, como sugere o trabalho dos perspectivistas<sup>58</sup>, o certo é que tratar o espaço nos quais as relações sociais são estabelecidas é percurso obrigatório na construção e interpretação do campo de pesquisa.

Pois bem, imaginar-se sozinho numa ilha remota do Pacífico, após ver o barco partir e desaparecer no horizonte, cercado por nativos estranhos – este *alter* relativamente absoluto do antropólogo – e apenas com alguns instrumentos (um caderno de notas, uma

---

<sup>58</sup> Por certo há diferenças importantes entre as reflexões dos diferentes autores citados e não pretendo, aqui neste contexto, desvendá-las. Mas é evidente que tomar o espaço como um problema para a formulação de Categorias ou como elemento a se considerar no processo histórico no qual o contato entre culturas estabelece trocas e apropriações, ou ainda como configurador de um elemento fundamental da estrutura política apontam, ainda que de modo ligeiro, as distinções que no interior do campo antropológico o problema do espaço foi tomado.

barraca e um mosquiteiro) tornou-se o grau zero do trabalho de campo. Esta quase liturgia malinowskiana dispensa apresentações, pois amplamente conhecida, mas situa o antropólogo como um solitário no “meio do nada”, paraíso e inferno sincronicamente tramando com a vida do pesquisador. Desde então, estamos nós, antropólogos, a construir nossas ilhas. Claro, não por vaidade ou desejo de posse, mas por necessidade metodológica.

Foi-se o tempo em que se pensava a ilha como o local isolado no qual encontraríamos o humano em estado de natureza, ou “nós mesmos” em outro estado. Aprendemos que nenhuma ilha é uma “ilha”. As fronteiras não são limites, assim como as pontes e as portas de Simmel e as passagens de Benjamin são sempre uma e outra coisa. No permeável espaço social, os humanos se encontraram. As culturas intocadas não existem e o complexo de diferenciações entre uns e outros é o corolário deste encontro – como já anunciou Lévi-Strauss (1989). Sendo assim, não é necessária uma longa digressão epistemológica sobre uma ontologia de minha ilha: permeável, múltipla, equívoca, desconexa, incoerente, fluida... Minha ilha é complexa, como toda sociedade.

Determinar os limites da pesquisa (ou os do campo) não implica apenas em construir o espaço sobre o qual as pessoas vivem ou circulam e estabelecem teias de sociabilidade. A complexidade do urbano, a velocidade e a circulação, que segundo Simmel (1977; 1988; 2006) organizam a vida na modernidade, assim como para Appadurai (1996) estruturam a “mundialização da cultura”, carregam a exigência de um debruçar-se sobre o território para além dele, escavando, no subsolo das formações sociais, as permeabilidades, fluxos, transitoriedades, enfim, toda a trama que atravessa o circunscrito espacialmente e conecta um local ao todo.

Pode-se prender-se a materialidade destes percursos: ruas e avenidas, infovias, meios de comunicação de massa e toda uma estrutura material que suporta este circular. Pode-se também realizar os percursos com os agentes, descobrindo, a maneira de Magnani (1998), pedaços, percursos ou manchas (e seus sentidos). E pode-se, considerando que as possibilidades anteriores sempre carregam esta última, agarrar-se ao lócus, tomá-lo como um espaço social e vinculá-lo ao todo em suas articulações, não através dos suportes materiais ou da circulação dos agentes, mas do complexo prático simbólico que une o espaço como espaço social – portanto econômico, político, cultural... – ao sistema estruturado que ora é englobado ora englobante (DUMONT, 1992).

Este trabalho de antropologia está conceitualmente ancorado como estudo das sociedades complexas, modernas, urbanas, conforme Velho (1987; 1994). Farei seu

esboço, seu desenho, sua pintura. Entretanto, minha ilha não tem moldura, ou tem, mas é tão pintura quanto à própria tela que desenvolverei. Pretendo descrever o espaço geográfico e social que funda minha ilha sob a lógica de que, apesar da permeabilidade de materiais e agentes, é como espaço pensado e vivido que esta se configura como *locus* de estudo e se impõem como articulada ao que caracteriza o momento contemporâneo.

## **2.1. O futebol e o contexto urbano**

A arquitetura urbana, desdobrada pelo olhar como um mapa, pode ser atravessada em sobrevôo, registrando suas passagens, lugares de fluxo e aglomerações entre o formigar de pessoas e automóveis. Este ponto de vista aéreo descobre também os bairros, paisagens desconexas de concreto, asfalto e natureza, dispersões em forma de pequenas praças, bosques, árvores que perseguem as avenidas ou vivem isoladas. Visitam monumentos de todas as ordens: dedicados à política, ao consumo, à glória e grandeza humana, mas também a nossa miséria. Terminais e linhas de transporte público, ferrovias e aeroportos. Pontes e viadutos. Todas as marcas indeléveis do humano materializando seu mundo.

O sobrevôo alcança, como convidado já esperado, as grandes construções. Encontra também, já que não se pode mais tardar, os monumentos dedicados ao esporte: autódromos, ginásios poli esportivos, piscinas olímpicas e semi-olímpicas, campos para atletismo e, finalmente, por sua grandiosidade imperiosa, os estádios de futebol (e, mais recentemente, os centros de treinamento). Mas, vê-los de cima, localizá-los no mapa urbano, é apenas um passo no sentido de compreendê-los na tessitura da metrópole, que amalgama estas inúmeras armações em aço e concreto em espaços de sociabilidade complexos e singulares. Então descortinada a plenitude da cidade como o falcão que inspeciona os campos de caça, é preciso vivê-la em suas entranhas.

É Certeau (1994) quem nos alerta que a “cidade-panorama” é apenas uma modalidade do urbano, pois que, o olhar que a cerca a distância desconhece as práticas ordinárias cotidianas. É na motricidade, no corpo-a-corpo entre pessoas e objetos, que a cidade significa, demarca, hierarquiza, descortina-se como habitat onde a vida pulula e ganha sentido. Na gramática do deslocamento os espaços são preenchidos pelas percepções advindas destas experiências, através da qual a cidade se espessa. Aqui, uma primeira lembrança, a experiência só se realiza pela corporeidade (MERLEAU-PONTY, 1994; CSORDAS, 2008).

Os estádios de futebol – do qual tratarei apenas de passagem, pois não estão na centralidade desta pesquisa – vistos de cima, são construções grandiosas<sup>59</sup> mas que, mergulhados na trama urbana, registram um modo de pensar o esporte e de marcar as relações das pessoas com os clubes aos quais estes pertencem, além, é claro, de denotar a posição social destes através de sua estrutura física e localização. Ademais, inventam fronteiras ancoradas nas identidades coletivas dos torcedores esportivos.

O estádio, não apenas como patrimônio de um clube, mas também como suporte de um evento, o jogo de futebol, é o centro em torno do qual fronteiras mais ou menos móveis e permeáveis são traçadas no imaginário e no percurso urbano, como demonstra o trabalho de Toledo (1996b). Acompanhando a ocupação do terreno e o deslocamento das torcidas na cidade de São Paulo quando em dia de “clássico” no Morumbi, o autor argumenta sobre como a cidade é demarcada, cindida, disputada, cabendo às torcidas a posse de um percurso distinto ao do adversário. Neste caso, as fronteiras são erguidas para que o encontro entre rivais não se transforme em conflito. Espaços de segurança que informam limites, recolhimentos, impossibilidades e exigem a presença do Estado. Sociação (SIMMEL, 1983) realizada no conflito, na tensão e no risco. Mas cortada pela alegria, o canto e a esperança.

Chama a atenção, no texto de Toledo, a experiência organizada na/pela metrópole. Se no aglomerado urbano o estádio é dividido, assim como as ruas, pelos diferentes agentes em trânsito e pela dispersão desenraizada da residência, vale lembrar que nem sempre foi assim, e que os estádios funcionavam como um espaço de comunhão entre residentes identificados com uma região ou bairro. De certa forma este ponto permanece, mas a escala espacial que funda a noção de pertencimento clubístico (DAMO, 1998), esta comunidade imaginada, foi ampliada, e quando se trata de times de futebol que competem em nível nacional há muito já não se pode pensar no local como “as redondezas da casa”.

Mas, ainda assim, o estádio é, também, casa. E a casa do CAP foi erguida sob o nome Estádio Joaquim Américo, em 1924, numa chácara na Baixada da Água Verde, hoje um bairro de camadas médias, médias-altas localizado em região próxima ao centro da cidade. Desde então, o modesto estádio passou, juntamente com a cidade, por muitas transformações. Modernizaram-se, com os ares do primeiro mundo e em comunhão com a arquitetura, a economia e a cidade, Curitiba e o estádio. O CAP é o Furacão da Baixada<sup>60</sup>.

---

<sup>59</sup> Os *shopping centers* parecem estar envidando esforços para superá-los em tamanho, ao mesmo tempo em que os estádios viram, além de espaço de espetáculo, centros de compra e lazer.

<sup>60</sup> Furacão é o nome totêmico do Clube Atlético Paranaense.

Sobrevoar o estádio, entretanto e novamente, é limitar-se ao geográfico e arquitetural. É preciso habitá-lo. Em um artigo dedicado a Roberto DaMatta, Baeta Neves<sup>61</sup> (1979), reflete como o futebol é fonte de ideologias (de transformação social e de permanência). Como ideologia da permanência a noção liberal da igualdade de chances, da alcunha de “esporte das massas”, além da indicação redundante de espaço de democracia racial e social, haja vista seus princípios modernos e liberais. Ademais, recursos populistas e paternalistas seriam postos em ação, configurando com a “ideologia da harmonia” princípios gerais do viver bem na comunidade nacional brasileira.

Por outro lado, pensando nas ideologias de transformação, o autor vai ver reações complexas às manifestações de poder; o público reagiria ora com apoio e sentimento cívico, como no caso de quando se canta o Hino Nacional, ora demonstrando desprezo, ironia, desregramento, raiva, quando entram os árbitros ou se anuncia alguma autoridade presente ao estádio.

Se algumas das análises propostas por Baeta Neves (1979) já nos são bastante conhecidas e foram desenvolvidas também por outros pesquisadores<sup>62</sup>, outra linha de argumentação chama a atenção em seu trabalho: a ocupação do espaço no interior do estádio. Provavelmente pensando no Maracanã, no Rio de Janeiro, o autor também descreve como a estrutura física do estádio de futebol é socialmente ocupada em dias de jogos. Discutindo os sentidos de distribuição e hierarquização do espaço, mapeou a ocupação das arquibancadas da “geral” à tribuna de honra. Na “democracia” chamada futebol, o espaço tem seu preço: quem pode senta e se protege da chuva, quem não pode, fica em pé. O privilégio dos melhores lugares é dado a quem pode pagar mais. Entretanto, o espaço de deferência, o lugar mais significativo e importante, é a tribuna de honra: lugar para pessoas selecionadas, que, apesar de poderem, não pagam.

Ambos os trabalhos acima citados insistem na percepção de que o espaço arquitetado é socialmente preenchido, vivido nas tramas das relações históricas e culturais estabelecidas por agentes em pontos específicos do campo social e obrigam a pensar as estruturas físicas de ferro e concreto, arquibancada e gramado, interior e exterior numa

---

<sup>61</sup> É preciso tomar este texto como interpretação datada do espaço dedicado aos torcedores nos estádios, pois que os mesmos têm sofrido transformações importantes (modernizando-se?) em sua estrutura, como atesta, por exemplo, o fim da geral no Maracanã. De todo modo, a força interpretativa do texto não perde sua validade, sendo necessária a devida atualização das relações entre pessoas e arquibancadas.

<sup>62</sup> Para tanto basta citar DaMatta (1982; 1994) e Guedes (1998). Uma olhada nos anais dos congressos de antropologia (RBA e RAM, por exemplo) auxiliam a observar o fato de estes temas continuarem a ser o grande problema em debate quando se trata de esporte e principalmente de futebol.

ordem mais ampla, a da regulação permanente e interminável dos encontros (e confrontos) das coletividades e dos indivíduos.

Seguindo esta perspectiva, as modificações estruturais dos estádios parecem estar acompanhando os sentidos de ocupação dos espaços urbanos, tendo como suporte lógico (ou ideológico) a noção de modernização. Harvey (1996, p. 79) aponta que, no que se afirma contemporaneamente como sendo moderno, na esfera econômica o neo-liberalismo, “o populismo do livre mercado, por exemplo, encerra as classes médias nos espaços fechados e protegidos dos shoppings e átrios, mas nada faz pelos pobres (...)”. A rigor, o espaço público urbano, a rua, tornou-se, para uma parcela significativa da população nacional, um lugar liminar, de passagem. A segurança do privado, ou do que se pode comprar (o que dá no mesmo) empurra as camadas médias para os espaços fechados, marcados prática e simbolicamente pelo regime do capital e pelas forças de proteção, estatais ou privadas.

A Arena da Baixada, em 2007, considerada o “estádio mais moderno do Brasil” e, por enquanto, desde que realize sua ampliação de capacidade de público, o único em condições de sediar uma Copa do Mundo de futebol, foi, também, ao tempo do trabalho de campo, um dos estádios cujo acesso era mais caro, pois, evidente, só há modernização quando sujeitos modernos dão sentido ao espaço. Quem organiza este sentido é uma camada da população que pode pagar em média R\$30,00<sup>63</sup> para assistir seu clube de futebol jogar. O que confere valor ao ingresso, além da qualidade técnica e tática do CAP e do adversário e do valor agregado pela própria competição, que interferem tanto quanto o próprio CAP no valor do espetáculo, é o espaço social que, estruturado a forma de um sistema de distinção (BOURDIEU, 1979; 1997), regula a relação dos torcedores do CAP entre si e do CAP com os demais clubes do Paraná e do Brasil<sup>64</sup>, pois para Bourdieu (1997, p. 30):

O espaço social organiza-se de acordo com três dimensões fundamentais: na primeira dimensão, os agentes se distribuem de acordo com o volume global do capital possuído, aí incluídos todos os tipos; na segunda, de acordo com a estrutura desse capital, isto é, de acordo com o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no conjunto de seu patrimônio; na terceira, de acordo com a evolução, no tempo, do volume e da estrutura de seu capital. Dada a correspondência que se estabelece entre o espaço de posições ocupadas no espaço social e o espaço de disposições (ou de

---

<sup>63</sup> Os valores dos ingressos podem variar de acordo com a qualidade e importância dos jogos. Além das “meia entradas” (instituídas por força de lei) é comum serem vendidos bilhetes mais baratos de acordo com as circunstâncias. Estes, porém, comportam sempre o sentido de promoção, ou seja, uma lembrança ou antecipação de que o que está a venda vale muito mais e os que quiserem, ou puderem, que aproveitem.

<sup>64</sup> Para uma discussão sobre consumidores e cidadãos no futebol ver Betti (1996; 1997).

habitus) de seus ocupantes e também, por intermediação dessas últimas, o espaço de tomadas de posição, o modelo funciona como princípio de classificação adequado: as classes que podemos produzir recortando as regiões do espaço social agrupam agentes tão homogêneos quanto possível, não apenas do ponto de vista de suas condições de existência, mas também do ponto de vista de suas práticas culturais, de consumo, de suas opiniões políticas etc.

Em suma, as pessoas em geral, e os torcedores em particular, reconhecem no sistema de consumo o quanto se pode pagar por um espetáculo ou por um espaço. A medida que o próprio espaço agrega mais ou menos valor e o clube auferir mais ou menos lucros simbólicos deste, o preço dos ingressos vai sendo negociado com a sociedade. Por conseguinte, os diversos setores da sociedade, no caso específico na comunidade de torcedores, vão ocupando seus espaços na conjuntura erguida por este campo de forças. No fim das contas, o preço dos ingressos na Arena da Baixada era mais elevado do que na maioria dos outros estádios porque há uma parcela significativa de atleticanos que podiam pagar pela distinção de estar em um dos melhores estádios do Brasil, fazer parte da comunidade de frequentadores de jogos em estádio e ser, também e, portanto, moderno.

Sahlins (2003, p. 166) ao tratar do pensamento burguês como sistema cultural vai se utilizar de uma epígrafe colhida nas reflexões de Jean Badrillard sobre a economia política dos signos que, neste contexto, vale a pena reproduzir, para refletir sobre a importância/primazia do simbólico na apreensão do mundo vivido:

O campo da economia política, construído exclusivamente sobre os dois valores de troca e de uso, se desfaz e necessita ser inteiramente reanalisado sob a forma de uma Economia política generalizada, e que vai sugerir a produção do valor de troca simbólico (**valeur d'échange/signe**) como a mesma coisa e no mesmo movimento que a produção de bens materiais e do valor de troca econômica. Portanto, a análise da produção de símbolos e cultura não se mostra externa, ulterior, ou “superestrutural” em relação à produção material; ela se mostra como uma revolução da própria economia política, generalizada pela intervenção teórica e prática do valor de troca simbólico<sup>65</sup>.

Deste modo, os recursos utilizados pelo CAP no sentido de sua modernização, entre outras estratégias, funcionam como dispositivos simbólicos para agregação de valor

---

<sup>65</sup> A tradução neste texto de Sahlins para *valeur d'échange/signe* não está correta, entretanto, para o que nos interessa, tal equívoco não tem efeito prático.

econômico nos ingressos e outros bens de consumo postos a disposição de seus torcedores, como camisas, agasalhos, chaveiros, etc<sup>66</sup>.

Por outro lado, resultante deste processo, não é pouco contestado, principalmente através dos meios de comunicação de massa, mas também por atletas de baixa renda ou torcedores de outros clubes com os quais pude conversar, o fato de o CAP ter sua história ligada às camadas populares e estar, a despeito desta história, orientando seus “espetáculos” para as camadas médias e altas da sociedade. Aos torcedores de baixa renda parece restar o consolo de assistirem a jogos pouco importantes em competições ou momentos competitivos idem, ou se utilizarem dos meios de comunicação de massa, como os valores dos ingressos para o Campeonato Brasileiro de 2007, considerando as condições financeiras da maioria dos brasileiros, pode atestar.



(Imagem 1: valores dos ingressos por localização no estádio para jogo do Campeonato Brasileiro de 2007)

<sup>66</sup> Durante os meses de setembro de 2008 e fevereiro de 2009 estive em Madri para realizar Estágio no Exterior (sanduíche). Neste período, pude observar o mesmo processo de negociação de valores dos ingressos para os jogos da equipe do Real Madri. Enquanto que em uma partida do campeonato com alguma equipe mediana, se podia comprar um bom ingresso por até 100 euros, os ingressos para o jogo da Liga dos Campeões da Europa contra o Liverpool (da Inglaterra) podiam chegar a 870 euros.

A sessão “torcedores” do sítio oficial do clube ilustra o descontentamento com o preço do ingresso – fato que atinge também as camadas médias:

**16/08/07 – torcedor 1**

**Vergonha do Paranaense**

Vergonha do paranaense nao tenho o q falar simplimente uma vergonha !!!!

PAGAR 40\$ PRA VER UM TIME MEDILCRE E SEM FUTEBOL NENHUM E DURO PARTE O CARAÇÃO DE QM TANTO AMA ESSE CLUBE ATLETICO PARANAENSE E NAUM ESSE TAL DE PARANAENSE Q NAO CONHECEMOS E NEM QUEREMOS CONHECER....

FORÇA FURACAO ....SUL-AMERICANA JA ERA AGORA E ESQUENTAR O CHIFRE NO BRASILEIRO ....

OUTRA COISA PARECE Q NOSSA DIRETORIA SO ESTA INVESTINDO EM ESTRUTURA E ESQUECE DO TIME POR Q TODO JOGARDOR E VENDIDO E O DINHEIRO SO VAI PRA INFRAESTRUTURA CONTRATAÇÕES COMO MARCELO,DINEI, E LOPES E DURO D ACREDITAR, MAS COMO AMAMOS ESSE TIME SEMPRE APOIAMOS..

EU PROMETI PRA MIM MESMO Q NAO VOU NA ARENA ENQUANTO ESSE PARANANENSE ESTIVER ATUANDO,SO VOU QUANDO O MEU TIME DE CORAÇÃO Q TEM RAÇA FORÇA DE VONTADE O FURACAO DAS AMERICAS ESTIVER D VOLTA POR MAIS Q DEMORE MUITOS E MUITO S ANOS....

SAUDAÇÕES RUBRU-NEGRAS A TODOS,,,,,

**17/08/07 – torcedor 2**

**Matemática**

R\$15,00 x R\$30,00

Copa do Brasil com ingresso a R\$ 15,00 - 44.814 pagantes em 3 jogos (média de 14.938), arrecadação total de R\$ 671.690,00 com média de R\$ 223.896,67 por jogo.

Campeonato Brasileiro com ingresso a R\$ 30,00 - 55.266 pagantes em 8 jogos (média de 6.908), arrecadação total de R\$ 1.332.010,00 com média de R\$ 166.501,25 por jogo.

Fonte: Site da CBF (www.cbfnews.com.br)

R\$ 223.896,67 é mais dinheiro que R\$ 166.501,25

O Clube arrecada mais, os lojistas vendem mais, o time joga mais e todo mundo fica feliz!

**17/08/07 – torcedor 3**

**Cade**

Cade meu atletico.....cade meu time.....cade minha torcida, aquele que sempre cantou e chorou.....quando vc Petraglia estava sendo acusado por comprar Juiz de futebol.....meus paranbens!!!!!!

Ingresso mas caro do Brasil, pagar 30reais e ver aquela palhacada quarta feira!!!!!!!! MEU CLUBE ATLETICO PARANAENS MORREU.....vc matou ele!!!!!!!!!!!!!!

**17/08/07 – torcedor 4**

**Vergonha**

Dirigentes atleticanos façam alguma coisa por nos torcedores, esse time é muito fraco. Tenho um irmão de 12 anos fanático atleticano que chora de vontade de ir a arena toda vez que tem jogo, mas como vamos ao estadio em todos os jogos com o ingresso nesse valor, e ainda pra ver um time fraco e derrotas que envergonham a todos como a contra o vasco. A massa rubro negra nao merece isso.

Vergonha!!!!!!!!!!!!!!

Enquanto manifestações deste tipo se desenrolavam, para o segundo turno do Campeonato Brasileiro de 2007, quando o CAP ocupava uma posição muito ruim na tabela de classificação, o clube realizou uma promoção de meia-entrada para o resto da

temporada, com vistas a recuperar o público, demonstrar que sua política não era de intransigência, tentar melhorar o rendimento da equipe em seus domínios, etc., o que logo gerou manifestações de contentamento no sítio oficial. Por fim, este embate ajuda a demonstrar o campo de forças no qual o valor econômico e simbólico dos objetos estão em disputa.

17/08/2007 - Sexta-Feira - 18:49

## PROMOÇÃO MEIO-INGRESSO PARA O 2º TURNO

*Atlético Paranaense convoca torcida para apoio ao time no retorno do Brasileirão*

O Atlético Paranaense sempre foi uma instituição forte e tradicional. A paixão rubro-negra extrapola limites e em diversos momentos o clube unido - time e torcida - superou adversidades. Por isso, o momento é de união. Todos pelo mesmo ideal, um Atlético Paranaense forte e vitorioso.

Dessa forma, com o apelo da torcida e dos atletas, ficou definido que haverá uma **PROMOÇÃO para o segundo turno do Brasileirão 2007**, que inicia neste sábado. Todos os dez jogos do Atlético Paranaense na Kyocera Arena pelo retorno do Campeonato Brasileiro, inclusive a partida deste sábado diante do Figueirense, terão os ingressos a **preços únicos de meia entrada**, ou seja, para o setor Retas da Getúlio Vargas (incluindo curvas) os bilhetes custarão R\$ 20 e no setor Gols R\$ 15.

**ATENÇÃO** - Os torcedores que já adquiriram seus ingressos para a partida do Atlético Paranaense e Figueirense, neste sábado, às 18h10, na Kyocera Arena, com valores de ingressos não promocionais, devem comparecer nas bilheteria do estádio atleticano para trocar seu ingresso por dois bilhetes promocionais ou ter o ressarcimento da diferença em dinheiro.

**Sócios** - O clube aproveita para tranquilizar seus Sócios Furacão e informa que na próxima semana anunciará opções para que a promoção beneficie também os associados. Vale salientar que diferentemente do que ocorreu na Copa do Brasil, não haverá retirada de ingresso cortesia pelos sócios na partida deste sábado, contra o Figueirense.

[Anterior](#) | [Próxima](#)

20/08/07 – torcedor 5

**Parabéns, ingresso legal!**

Parabéns, com este preço de ingresso a acessibilidade à Baixada voltou!

18/08/07 – torcedor 6

**Parabéns**

Parabens a diretoria Atleticana pela iniciativa de baixar o preço do ingresso em 50%, acho que quem lucra com isso e o clube e a torcida!

As questões expostas tornam mais próximas o significado da Arena da Baixada para o futebol atual, incluído desde os modelos de gestão à conformação dos espaços para espetáculo. De todo modo, uma comparação *in loco* com outros estádios seria interessante. Porém, aqui me parece suficiente seguir as informações do clube em seu próprio *site* – que

por seu modelo de investimento e administração que tem no marketing um dos pilares, acaba por construir uma imagem “moderna” de sua casa:

A Kyocera Arena é hoje o estádio mais moderno da América Latina. Foi concebida para atender ao conceito de multi-uso e pode ser palco de outros eventos, além das emocionantes partidas de futebol do Furacão. Para criar o projeto, vários estádios europeus foram visitados, como a Arena de Amsterdã na Holanda, o St. Dennis, na França, o Old Trafford, estádio do Manchester United, da Inglaterra, entre outros tantos. A Kyocera Arena oferece serviços com a qualidade de um shopping center, incluindo conforto e segurança. O empreendimento ainda conta com um centro comercial, onde funcionam lojas, uma academia de ginástica e uma churrascaria.



(foto 1: Fotomontagem da fachada e do interior da Kiocera Arena. Fornecida peo *site* do CAP)

O chamado processo de modernização que o CAP atravessa pode ser caracterizado, ainda que não exaustivamente, pela tentativa de equiparar-se, através de seu estádio, aos países europeus – os verdadeiramente modernos – o que inclui também a “profissionalização” da administração do clube, o investimento em tecnologia e informação, a estruturação física de seus espaços de trabalho, além de um incremento de capital proveniente de investimentos externos<sup>67</sup>, como no caso do próprio estádio, apresentado no site oficial do clube:

No começo de 2005, o Atlético Paranaense tornou-se o primeiro clube do futebol brasileiro a assinar um contrato de *naming rights*. A Kyocera Mita América, uma das empresas líderes mundiais no manuseio de documentos digitais, adquiriu o direito de exposição de seu nome no estádio mais moderno da América Latina. Desde então, a Arena passou a se chamar Kyocera Arena. *Naming rights* é o direito de dar nome a um empreendimento ou espaço físico. O Clube Atlético Paranaense cedeu à Kyocera o direito de nominar a Arena, o mais moderno estádio da América Latina<sup>68</sup>.

---

<sup>67</sup> Tratarei dos objetivos do CAP e seus investimentos na formação de jogadores e na geração de recurso mais adiante.

<sup>68</sup> Informações colhidas em, <http://www.atleticopr.com.br/arena/namingrights.php>, acessado em 24/04/007.

Considerando as imposições legais e, portanto, formais que a FIFA têm feito sobre as condições gerais dos estádios de futebol, associada, obviamente, aos interesses econômicos, práticos e simbólicos que o esporte como vetor de civilização (e de modernização) sugere, parece haver em curso, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo, um processo de “pasteurização” dos estádios no “padrão FIFA”. Lugar do cidadão/consumidor, que exige conforto e segurança, pois pagou por estes direitos, estes novos espaços, como *shopping-centers* e ou redes de lanchonetes, acabam por transformarem-se em lugares mundiais, reconhecíveis e intercambiáveis. A universalidade do esporte, a despeito de se destruir/construir com velocidade cada vez maior, deve ser reconhecida também em sua “arena”; não mais apenas na formalização regrada do jogo, mas também na arquitetura, nos serviços, dispositivos de segurança...

Portanto, mais do que construir e reformar, o esforço orquestrado pelos dirigentes do Atlético reafirma, como visto, que todo espaço geográfico é, segundo Bourdieu (1997; 1997b), um espaço social. Pois que, construído socialmente, o espaço é investido de valor simbólico, transformando-se em mais do que a materialidade pura de uma geografia polimorfa ou da noção irrequieta de distância e percurso. Em sua substância se imiscui o significado coletivamente partilhado, produzindo vínculos, distinções, hierarquias, pertencimentos, colorindo aquilo que, sem a arquitetura do social, seria opaco, sem vida. Neste caso, é o social – local/global – se realizando.

É com esta preocupação e perspectiva que o CAP já anuncia em seu site a conclusão da Arena, disponibilizando, inclusive, a seguinte imagem (uma maquete digital?) da obra finalizada.



(Imagem 2: maquete digital da Kyocera Arena)

Reconhecendo por fim as teias que amarram a cidade em seus diferentes modos de organização aos contextos urbanos específicos e localizados, de 1924, quando da assembleia geral que marcou a fusão do América com o Internacional e fundou o Clube Atlético Paranaense (a 21 de março daquele ano) e da inauguração do estádio Joaquim Américo (por enquanto Kyocera Arena), aos dias de hoje, a capital do Paraná tornou-se, no imaginário popular, expressão de modernidade e desenvolvimento, tanto no campo econômico quanto no campo cultural. Uma configuração ímpar, que este estudo por razões óbvias não alcança, do urbano, do econômico, cultural e político acabou por lançar o CAP aos avatares desta modernização, voz e eco do processo ilimitado de reconfiguração da sociedade em seus diferentes aspectos.

Simmel (*apud* WAIZBORT, 2000, p.190) afirma que “a distância é um modo simbólico de expressar as relações entre o eu e as coisas, os homens, as idéias e os interesses. (...) toda a relação entre os homens consiste de elementos de aproximação e elementos de distância”. A Arena da Baixada localiza o CAP no centro urbano da cidade de Curitiba. O CT, do qual tratarei a seguir, revela um afastamento. Afastamento que se dá por motivo pragmático, a saber, o valor econômico dos terrenos com as dimensões necessárias para a construção de um centro de treinamento, mas que pode traduzir um pouco mais. Aproximemo-nos do CT.

## **2.2. O Centro de Treinamento Alfredo Gotardi – o CT do Caju**

O Centro de Treinamento Alfredo Gotardi (CT do Caju) tem seu centro geográfico situado a 25° 32' 55" de latitude sul e 49° 16' 37" de longitude oeste. Está localizado no bairro Umbará a 15 km do centro, na cidade de Curitiba, capital do Estado do Paraná, ocupando um terreno de aproximadamente 230.000m<sup>2</sup>.

Considerado periférico, o Umbará tem uma área de 22,47 km<sup>2</sup> e está localizado no lado sul da cidade de Curitiba, conforme apresenta o mapa abaixo<sup>69</sup>, tendo os seguintes limites geográficos: ponto inicial na confluência da Rua Nicola Pellanda e Estrada do Ganchinho. Segue pela Estrada do Ganchinho, Rua Eduardo Pinto da Rocha, Rio Ponta Grossa, Rio Iguaçú, Arroio da Prensa, Ruas Bortolo Pellanda, Nicola Pellanda, até o ponto inicial.

---

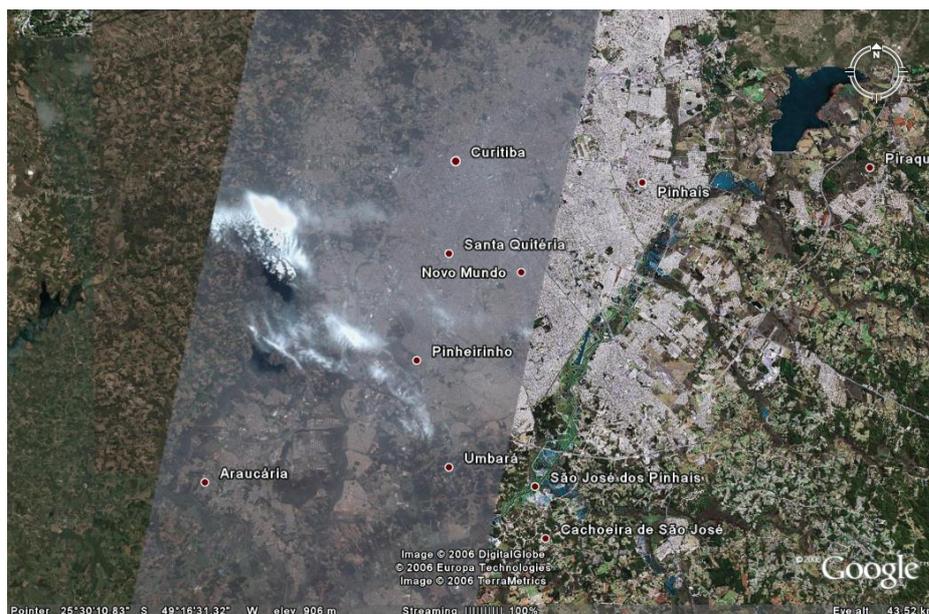
<sup>69</sup> Os dados sobre o bairro do Umbará são fornecidos pela prefeitura de Curitiba no site <http://www.curitiba.pr.gov.br/pmc/curitiba/bairros/bairro.asp?bcod=75>, acessado em 27/11/2006.



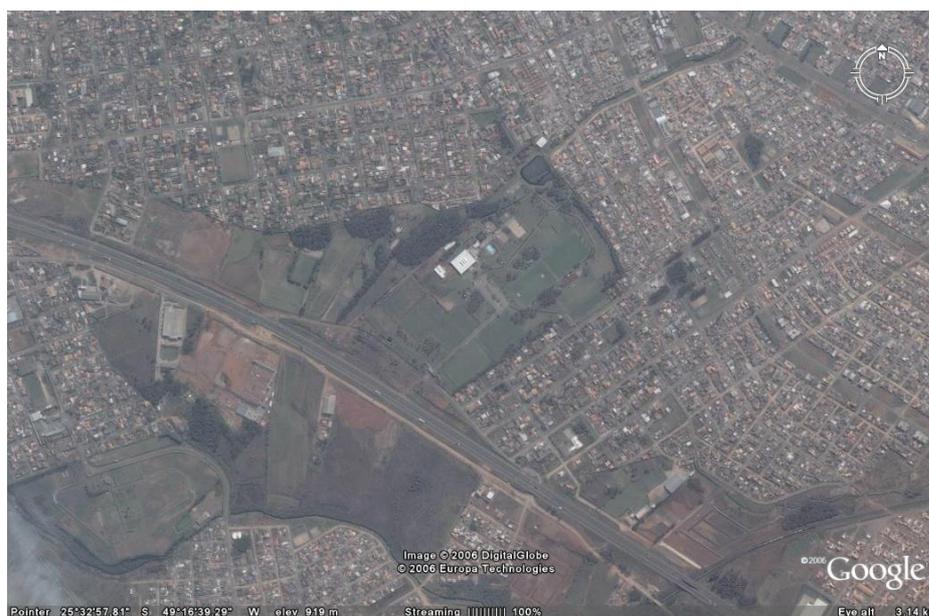
(Imagem 3: mapa político da Cidade de Curitiba)

Composto por cerca de 3900 domicílios tinha, segundo dados do ano de 2000, população aproximada de 14.500 habitantes; na sua maioria brancos (79,63%) e pardos (14,87%), contando ainda 5,11% de “pretos”, 0,35% de índios e 0,04% de “amarelos”. Tem uma economia baseada no comércio, em serviços e pequenas indústrias, apresentando renda média de 4,63 salários mínimos (sendo de 9,48 para toda Curitiba) e renda mediana de 2,98 (contra 4,64 de toda cidade).

Observado diretamente ao se circular pela região e comparado a bairros mais centrais de Curitiba, o Umbará se apresenta com aspecto relativamente deteriorado, com casas simples e ruas de asfalto mal cuidadas. Conta com um comércio variado e em algumas áreas apresenta infra-estrutura razoável. Segundo os profissionais que trabalham no CT, é uma área não muito segura – é aconselhável, conforme os mesmos, caso se esteja de carro, andar com os vidros levantados. O CT é circunvizinhado por imóveis (residenciais e comerciais) de pequeno e médio porte em região relativamente adensada, tendo seu portão de acesso principal voltado para a BR 116, que faz o contorno sul da capital paranaense.



(Foto 2: Foto aérea da cidade de Curitiba. Google Earth – acessado em 25/06/2009)



(Foto 3: Foto aérea do CT do Caju. Google Earth – acessado em 25/06/2009)

Acima se pode ter uma noção da posição geográfica que o bairro do Umbará ocupa em relação ao centro de Curitiba e a outros bairros e abaixo temos uma vista geral – ainda que a foto possa não ser muito recente – do CT do Caju<sup>70</sup> em sua relação espacial com o bairro. É impossível desprezar a vasta área ocupada pelo CT em comparação com as outras construções ou mesmo a dimensão das quadras. Se a Arena da Baixada ocupa um espaço importante em um bairro nobre de Curitiba, o Centro de Treinamento transforma a

<sup>70</sup> Ambas as imagens foram obtidas a partir do programa Google Earth: [www.google.com.br](http://www.google.com.br) (acesso em 20/11/2006).

paisagem ao abrir, no aglomerado de pequenas casas de um bairro popular, uma verdadeira clareira, estabelecendo a dimensão grandiosa que o clube tenta transmitir, inclusive no cenário nacional. Ainda que para poucos seja possível sobrevoá-lo, a experiência de circundar o CT, avistá-lo de longe, ou mesmo, nas poucas ocasiões em que isto é possível, participar de seu interior, é vivida não sem admiração, espanto ou ao menos o reconhecimento de sua imponência.

Esta imponência se revela, inclusive, no auto-discurso que pode ser encontrado no *site*<sup>71</sup> oficial do clube:

No CT do Caju, cada detalhe foi estudado para assegurar o que há de mais avançado no mundo do futebol a todos os profissionais que trabalham com o esporte (supervisores, técnicos, atletas, etc). Hoje, o Centro de Treinamento conta com dois Núcleos-Habitacionais, com capacidade para abrigar 284 hóspedes, oferecendo conforto, segurança e tranquilidade. Nos próximos anos, este complexo será ampliado com a construção de dois novos módulos que duplicarão a capacidade ora instalada.

OITO CAMPOS OFICIAIS: Na imensa área verde do CT, há oito campos de futebol com as medidas e padrões oficiais estabelecidos pela FIFA. Todos os campos estão equipados com sistemas de irrigação e drenagem, para garantir a qualidade dos gramados oferecidos às equipes.

O complexo ainda oferece outras opções de esportes, como quadra de tênis, quadra de areia para futebol ou vôlei de praia, quadra poliesportiva, campo de futebol suíço e uma pista de jogging com mais de 750 metros.

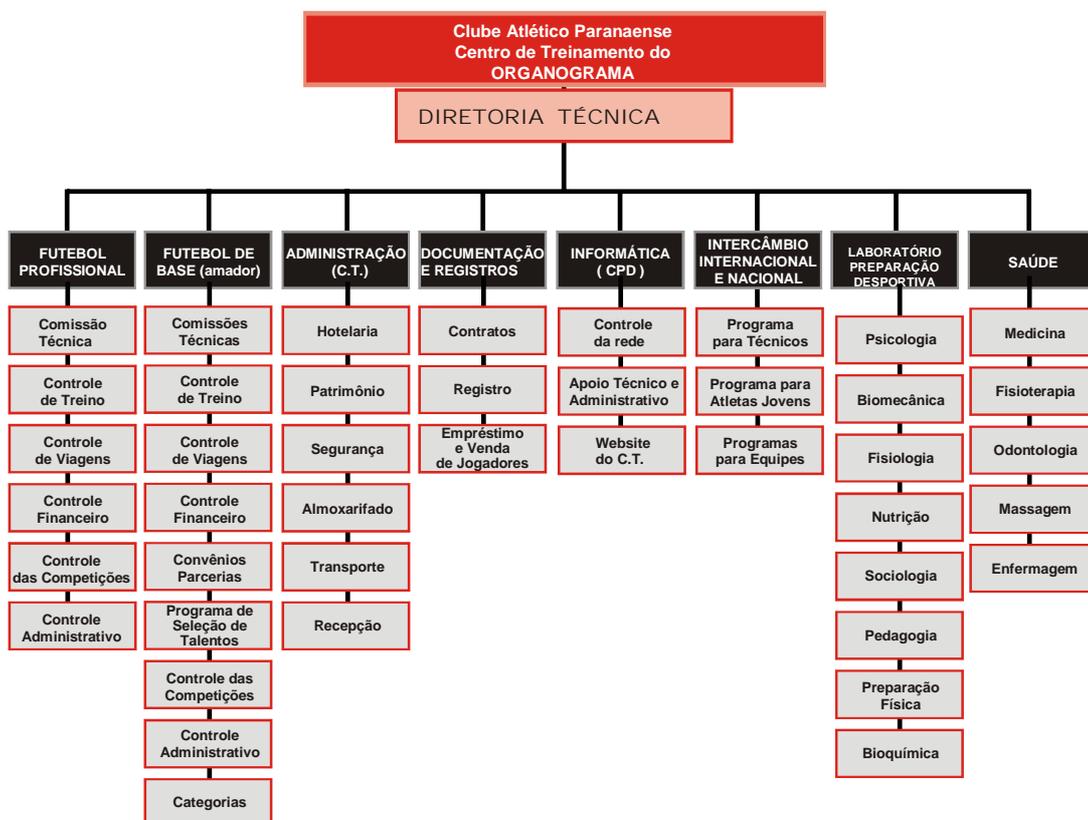
O conjunto de oito campos de futebol do CT do Caju, todos em ótimas condições, serve para treinamento, jogos treinos das categorias infanto-juvenil, juvenil, juniores e profissional e jogos oficiais das categorias de base. Uma mescla de gramas diferentes, cuidadas por um bom número de funcionários, mais o rodízio imposto ao uso dos campos para o treinamento garantem a manutenção da qualidade dos gramados durante toda a temporada.

Além de outras áreas não menos importantes para este trabalho, em meados de dezembro de 2006 ficou pronto o complexo construído durante toda aquela temporada. Este abriga, numa das áreas, os novos quartos do hotel, o restaurante e sua cozinha, sala de aula e biblioteca. Em outra, encontramos toda a administração, a estrutura médica e científica, os vestiários dos profissionais, além da sala de musculação e da piscina (coberta e aquecida). Nesta grande área construída os espaços foram ordenados de forma a facilitar

---

<sup>71</sup> Em: [www.caparanaense.com.br](http://www.caparanaense.com.br). Acessado em 20/11/06.

a comunicação entre as partes congruentes. Distribuem-se ali, as seguintes funções, conforme o organograma a seguir, seguido por um quadro das principais diretorias:



(Organograma da estrutura do CAP: *site* do clube: acessado em 13/18/2007)

SETORES
<b>Diretoria Técnica</b>
<b>Futebol Profissional</b>
<b>Futebol Amador</b>
<b>Administração CT</b>
<b>Documentação e Registro</b>
<b>Informática</b>
<b>Intercâmbio Internacional/Nacional</b>
<b>Laboratório Científico</b>
<b>Saúde</b>

(Estrutura do CT do Caju: *site* do clube: acessado em 13/18/2007)

Toda esta estrutura e suas funções exigirão, no que concerne ao departamento médico e científico, um debruçar-se para compreender sua lógica. Há, no meu ponto de vista, a partir do acompanhamento do processo de organização dos espaços, uma racionalidade que se erige do pensamento burocrático e inspira o modo geral de pensar o futebol. Em poucas linhas, tanto na administração, quanto no departamento científico, uma relação saber/poder estrutura a distribuição do espaço físico e põe em evidência a hierarquia imposta ao conjunto. Apenas para ilustrar, não é de se estranhar que os principais administradores do futebol profissional ganham um lugar reservado nos fundos do grande salão que suporta a estrutura administrativa e a distribuição do espaço no setor científico revela o poder biomédico que sustenta o treinamento. Estas questões serão ainda melhor analisadas, mas parecem indicar uma tendência comum que relaciona espaço físico e poder simbólico.

Esta é também a impressão que todo o espaço físico e o sistema dos objetos construídos pelo CAP provocam aos demais clubes de futebol. Seja em conversa com jogadores recém chegados ao clube, seja observando os diversos clubes que freqüentam o CT para treinamento durante a temporada, podem-se perceber os efeitos positivos e a forte impressão causada pelas instalações do CAP e o quanto isso alçou o clube a um patamar superior na hierarquia dos clubes de futebol no Brasil.

### **2.2.1. Entrar no CT**

O CT é, do ponto de vista arquitetural, uma grande área cercada por muros altos que, seja apenas por uma questão funcional, para realmente interditar aos de fora o mundo interior (e vice-versa), ou impedir que as bolas de futebol ganhem a rua durante os treinamentos, por exemplo, seja por sua simbólica, impor sua edificação triunfante marca o espaço liminar e retira da comunidade de pessoas e casas uma fatia singular de seu espaço e suas vidas, colando em seus horizontes a presença do futebol escondida pelo concreto. Mas não há apenas muro. Há entradas.

Há três portões que dão acesso ao CT. Um primeiro, localizado à esquerda do portão principal é de acesso restrito aos trabalhadores da obra de construção e reforma das instalações do CT e de prestadores de serviços gerais para a mesma. O segundo, na parte lateral do CT, a sudeste, está reservado para o acesso de torcedores nos dias de jogos das categorias de base. Esta é uma das raras possibilidades de se conhecer o CT, ainda que

a área a ser ocupada se restrinja ao entorno do campo de jogo – o que é muito pouco, se considerarmos o tamanho do CT – sem que se seja explicitamente convidado por algum dos funcionários, jogadores ou membros da diretoria.

O portão principal é uma construção de arquitetura em arco que se reparte em três porções praticamente equivalentes. Os dois terços à esquerda de quem entra são divididos por uma guarita de onde se controla as cancelas de entrada e saída de pessoas e automóveis. No último terço, o arco engloba uma parte de um pequeno prédio onde funciona a sala de imprensa. Como espaço liminar, este portão regula com rigor o acesso ao CT realizando ligações para informar a presença de alguém e confirmar a permissão de entrada, distribuindo crachás apropriados ao tipo de visitante (serviços, familiar de atleta, imprensa, etc.) ou impedindo que um “estranho” adentre ao mundo privado do trabalho atleticano.

As interdições são muitas. Entrar no CT e circular em seu interior não se dá de forma tão simples. Durante o campeonato brasileiro de 2006 o Esporte Clube Corinthians Paulista realizou treinos por lá, enquanto aguardava seu jogo contra outra equipe do futebol paranaense. ‘Aturdidos’ pela tranquilidade do ambiente, perguntaram, numa seqüência que denuncia o cotidiano da maioria dos clubes do Brasil: Onde está a imprensa? E os dirigentes? Cadê os torcedores? Não entra ninguém? Realmente, durante o ciclo semanal de treinamentos, a entrada no CT é muito restrita. Torcedores estão proibidos. Dirigentes estão elegantemente convidados a não comparecerem e a imprensa tem, terças e quintas, quinze minutos para filmagens dos treinos e a seguir entrevista na sala de imprensa que, como já mencionei, se localiza no portão de entrada do clube.

Uma vez permitida a entrada, toma-se uma rua bem cuidada assentada em paralelepípedo que margeia, a direita, os campos de treinamento 1 e 2 e, a esquerda, os de número 6, 7 e 8. Ao fim de aproximadamente duzentos metros há uma bifurcação que leva, a direita, aos campos 3, 4 e 5, onde há uma outra bifurcação que leva ao portão lateral (a direita), e a esquerda ao estacionamento (em duas mãos separados por um canteiro). A rua ainda contorna em arco os campo 3 e 4 e mais um campo para testes e treinos físicos, completando o circuito, agora de asfalto, para carros no CT.



(Foto 4: Foto aérea do CT do Caju Google Earth – acessado em 25/06/2009)

De frente ao estacionamento está o prédio principal, construído em sentido longitudinal em relação ao terreno, com três blocos distintos ligados por corredores de arranjos diferentes. Em cada bloco organizam-se modos singulares de sociabilidade, dos quais tratarei mais adiante, através dos sentidos de permanência e percurso dados aos espaços por aqueles que de direito (e/ou por obrigação) usufruem do lugar. Há na constituição destes espaços, provavelmente pensados em sua funcionalidade e ainda que não intencionalmente realizada, uma hierarquia sugerida segundo o status dos seus ocupantes.

Considerando a construção da esquerda para a direita, desde que se esteja em frente ao mesmo, tem-se um primeiro bloco em dois andares, mais antigo e menor, que serve como hotel (moradia) para os jogadores das categorias de base (em sua maioria juvenis, mas também juniores) em apartamentos para quatro pessoas. Atravessando o pequeno corredor onde se encontram as mesas de tênis de mesa, sinuca e pebolim, chega-se ao prédio central. Reformado a partir da antiga estrutura, é uma grande área aberta em *hall*, onde quartos duplos estão dispostos em todo o piso superior e de frente à porta de entrada, na parede oposta. Há uma sala de estudos com computadores e biblioteca na parede contígua a entrada, à esquerda, salas para reunião e conferências à esquerda, estando a cozinha e o refeitório à direita.

Por fim, o bloco mais recentemente construído abriga, além da burocracia do clube, com seus diretores, administradores e demais personagens que gerenciam o futebol na parte superior a direita, no nível intermediário os especialistas técnicos – profissionais graduados em suas funções – quais sejam, médicos, fisioterapeutas, psicólogas, nutricionistas e os especialistas em treinamento esportivo: fisiologista e diretor técnico. No nível inferior encontramos os vestiários para os jogadores profissionais, as salas de trabalho dos seus roupeiros e do massagista, além da sala de musculação e da piscina.

Na área que corresponde aos profissionais que lidam com a biomedicina, há, a direita do conjunto, uma ampla sala onde se encontram os aparelhos do laboratório de fisiologia, visível do *hall*, que antecipa este ambiente, pela transparência das paredes de vidro. Apesar desta visibilidade, tanto o fisiologista quanto o diretor técnico ocupam mesas em espaços recortados do conjunto que impedem que se os vejam diretamente e que obriga, a quem a eles pretender se dirigir, atravessar toda a sala do laboratório.

Neste bloco há, à esquerda, uma sala de reuniões, uma abertura em espaço comum que tem à direita, após o laboratório de fisiologia, um balcão onde trabalha um funcionário responsável pelo controle da burocracia médica. No lado oposto da sala, as nutricionistas desempenham suas funções. Passando por este espaço, há uma porta que leva à fisioterapia. Aí também a disposição do espaço faz com que os equipamentos estejam à vista com facilidade, mas os fisioterapeutas ocupam um lugar no canto, logo a esquerda de quem entra, que se facilita o atendimento de quem chega os distribui num espaço menos visível. Ao que parece, um esforço pelo privado obriga ao recorte da arquitetura ou ao arranjo dos móveis e objetos.

Ao fundo do conjunto, após a sala de reuniões, temos à esquerda a sala do médico, antecipada pela sala de medicamentos. À direita, uma pequena sala de reuniões passou a abrigar o trabalho das psicólogas. Importa registrar, que se a sala do médico é pequena e visível logo que se entra no conjunto, há nela uma privacidade não registrada nos outros especialistas, salvo quando estritamente necessário. O saber médico, como pretendo tratar futuramente, é o ordenador principal do sistema de treinamento e suas funções ultrapassam a de diagnóstico e cura.

O espaço que se organiza a partir do pensamento científico é ele também, por princípio, esquadrihado. Todos terão o seu quinhão. Como qualquer hierarquia exige, os espaços são distintos. Não pelo tamanho que os regula, pois há, também, organizando as hierarquias, uma funcionalidade: onde pode haver vários atletas – ou devem caber mais pessoas – , mais espaço. Mas o esquadrihamento se dá pela dupla hierarquia estabelecida

em termos simbólicos: uma, a primeira, a que existe há muito tempo: a biomedicina como matriz do qual os demais saberes erigem – nutrição, psicologia, fisioterapia, educação física. A outra, mais recente, que coloca os *experts* em treinamento esportivo – sempre tratados como professores, mas professores doutores – como os detentores de um saber que ocupa, pelo menos na hierarquia do CAP, um poder relevante.

Não há meias palavras: saber e poder estão em homologia<sup>72</sup>, paradigmas sobre os quais a organização científica do treinamento e do rendimento atlético se equilibra. Cabe, sem tentar uma descrição exaustiva, assinalar que os espaços ocupados pelos diferentes agentes podem ser associados ao tipo de conhecimento que se detém e o tipo de poder a ele destinado na hierarquia do sistema esportivo. Tem-se, deste modo, que na medida em que se cresce em poder e importância no sistema há a tendência de, nos dois blocos principais de organização dos especialistas, isolamento e/ou distanciamento das entradas e áreas de maior circulação.

Já o bloco administrativo se divide à esquerda em várias ilhas de trabalho ligadas ao departamento de futebol. Após a mesa da recepcionista, obviamente logo à entrada, os primeiros espaços são ocupados por funcionários que administram questões menores do departamento de futebol, tais como, informática e categorias de base. Ao fundo do conjunto, à esquerda fica a gerência de futebol profissional e à direita, na única sala fechada em relação às ilhas, fica o departamento jurídico. A direita do bloco, além de uma sala de reuniões, há uma parte administrativa onde trabalham os responsáveis pelo gerenciamento do CT.

Retomando o terreno em toda sua extensão, temos, na outra extrema, a direita de quem entra, uma arquibancada para 2.500 torcedores e que pode ser avistada a alguma distância, anunciando não apenas o antigo campo de jogo (hoje apenas utilizado para treinos, pois suas dimensões são um pouco reduzidas), mas com a inscrição CAP em vermelho e preto cobrindo todos os lances da mesma, todo o CT. Sob suas marquises estão os vestiários das categorias de base e os vestiários para os adversários e para a arbitragem em dia de jogo. A estrutura ainda abrigou, quando da reforma e construção do prédio atual, todo o pessoal que ora se encontra nesse novo prédio.

Quando se trata dos jogadores há um procedimento para ocupação do espaço um pouco diferenciado. Apesar de a privacidade e o conforto serem importantes para a

---

<sup>72</sup> Foucault (2006), que trabalhou esta questão exaustivamente explica, em entrevista a estudantes, que não há uma relação direta e indissociável entre saber e poder, mas que é preciso investigá-las em suas confluências na organização do tecido social.

distribuição dos quartos do hotel – pois os profissionais e juniores estão nos apartamentos duplos construídos recentemente, enquanto os juvenis dividem quartos para quatro pessoas da parte mais antiga do hotel – parece haver também um princípio de funcionalidade (facilidade), a saber, os profissionais estão mais próximos dos espaços prescritos para suas atividades. Enquanto os juvenis e juniores precisam atravessar uma boa parte do CT para chegar aos seus vestiários e se prepararem para os treinos (localizado sob a arquibancada anteriormente mencionada), sujeitos a enfrentarem inclusive os rigores climáticos, os profissionais estão a poucos metros de seus vestiários, da musculação e da piscina e muito próximos do restaurante, tendo que deixar as áreas cobertas apenas para ir aos campos.

O sistema de hotelaria organiza também a circulação de um outro grupo de trabalhadores do CT, os “invisíveis”. Camareiras, faxineiras e faxineiros, funcionários de manutenção e de cozinha circulam por caminhos paralelos no interior do prédio, por onde deve escoar também os diversos produtos utilizados nos serviços diários e o lixo produzido. Um circuito paralelo de movimentação promove a integração das partes constituintes da arquitetura predial e o encontro do visível com o invisível. Assim, o sistema hierárquico, ligado em diferentes níveis pela relação saber/poder, mas também pela classificação etária e o grau de importância e status, ordenam a ocupação dos espaços. Apesar disso, o discurso do moderno, eficiente e racional é utilizado para justificar o modelo arquitetural assumido e a distribuição espacial dos agentes no conjunto.

Uma pequena capela está mergulhada no chão, como se fosse à busca dos deuses ctônicos, e estabelece materialmente a presença divina. Seu teto eleva-se a apenas alguns centímetros do nível do chão externo fazendo em seu cimo uma espécie de piscina que convida a formação de um espelho d’água. Uma torre eleva-se uns dez metros e não deixa dúvida do princípio cristão que a cruz, no alto, remete. Localizada ao lado do estacionamento, em frente ao bloco central, é preciso descer alguns degraus para chegar a um ambiente aconchegante, com um pequeno altar ladeado por dois vitrais coloridos. Algumas cadeiras estão arranjadas de modo a poder acompanhar os rituais e observar os poucos símbolos ali dispostos.

Há um contraste visível entre a urbanidade periférica do bairro do Umbará e a ordem interna do CT. Fora dos muros, ruas mal asfaltadas, casas deselegantes e mal acabadas e um aspecto escuro de sujeira entranhada devido à cor da terra e o mau trato da cidade com o que se considera de pouco ou nenhum valor. No lado de dentro, a ordem

quase obsessiva mantém os campos em perfeitas condições, as árvores podadas, os meios fios brancos, os prédios e seus equipamentos em perfeito estado, tudo limpo e no “lugar”<sup>73</sup>.

Descritos o percurso e a ocupação dos espaços, que orientam os modos de circular – e, portanto, de limitar – se faz importante apreender a atmosfera do lugar, a forma pela qual o arranjo entre natureza e arquitetura nos diz algo, formula uma paisagem<sup>74</sup>, permite uma interpretação de seu encontro que ao meu ver é complementar e contrastivo. Complementar porque registra a mesma fórmula de controle do espaço-tempo; contrastiva, pois que a natureza por vezes sugere uma linha de fuga dos ordenamentos do trabalho, um retorno promissor à vida.

O problema da paisagem se impõe por sua pertinência ao conjunto corpo-mundo (ou da relação do corpo com um *Umwelt* merleau-pontyano (2000)), esfera sobre a qual a relação homem-máquina se pretende deslizar. Portanto, o complemento/contraste que o espaço anuncia remete ao humano vivido em ambigüidade com a natureza. O corpo atlético, que ora apenas anuncio, é o domínio da natureza do humano através da técnica e o registro de nossa ambígua relação (dentro/fora) com ela.

Retomo Cauquelin (2007, p. 14) para reafirmar a importância da discussão do espaço relativo à natureza no CT:

Coisa Curiosa (diz a autora): quando se trata de culturas estrangeiras, imaginamos facilmente a relação entre espaços apresentados e os modos de vida, os usos, as “maneiras” de ver e os modos de dizer, de tal forma que chegamos a perceber uma espécie de tecido inconsútil, sem dentro nem fora, em uma peça única. Mas para nós, em nossa própria cultura, temos grande dificuldade de imaginar que nossa relação com o mundo (com a realidade, diga-se) possa depender de um tecido tal que as propriedades atribuídas ao campo espacial por um artifício de expressão – qualquer que seja ele – condicionem a percepção do real.

Talvez seja exagerado supor um condicionamento da percepção do real, neste tecido único que a autora sugere e que em Merleau-Ponty (2000) pode ser lido através da noção de que “somos carne do mundo”. Não se trata, pois, de um condicionamento, mas de uma condição, pois somente ancorado no mundo vivido que a percepção do real é possível. De todo modo, para além desta ancoragem, o problema de se ter uma grande área disponível aos elementos da natureza não pode ser tomado por uma “atitude natural”,

---

<sup>73</sup> Claro, este “no lugar” denota não apenas uma arbitrariedade, mas a idéia de que alguma ordem é preciso impor, sendo o “no lugar” uma constatação dos dispositivos de poder que racionalizam o lugar das coisas – e das pessoas.

<sup>74</sup> Tomo aqui a noção de paisagem desenvolvida por Cauquelin (2007) para quem a paisagem participa da eternidade da natureza e mais, “a paisagem é uma substância”.

senão por uma expressão da cultura que toma como relevante o verde, o ar puro, a árvores e os animais para a criação de uma atmosfera que, caso contrário, seria de puro concreto e ferro<sup>75</sup>.

O que sugere Cauquelin (2007, p. 28-9) é que a paisagem “parece traduzir uma relação estreita e privilegiada com o mundo, representa como que uma harmonia preestabelecida, inquestionável, impossível de criticar sem se cometer sacrilégio”. A noção de paisagem registra a impossibilidade de se alcançar a Natureza, pois que esta é “uma idéia que só pode aparecer vestida”, isto é, em perfis perspectivistas, cambiantes”

Bem, minha primeira impressão ao adentrar meu campo de pesquisa – e que ainda não me abandona – a que corrobora o sentido contrastivo, é a de que os arranjos espaciais foram pensados para gerar um ambiente tranquilo, harmonioso, que investissem o CT da atmosfera recuperadora e viva da natureza. Árvores variegadas, tais como os ipês amarelos e as araucárias, além de lebres, gaviões, corujas entre outros animais – sem esquecer, é claro, dos quero-queros – circulam o trabalho, colorindo o ambiente, gerando sutis imponderáveis no espaço esquadrinhado do CT. Também as estações climáticas – estas sim, incontroláveis –, cuja cíclica temporalidade trimestral pode irromper mesmo em um único dia, cortam impacientemente as práticas cotidianas.

Forja-se uma experiência – e, não esqueçamos, a experiência só pode ser corporal – de participação e contato com o verde e o irregular do mundo natural, tal como sugeriu o Prof. Cordeiro, gerente de futebol profissional, em certo dia no qual caminhávamos para o almoço, mais ou menos nestes termos: “*é ótimo caminhar no CT, o contato com a natureza (...) é um ambiente calmo, diferente da loucura da cidade*”.. Recupera-se, mesmo que como sentido restrito, uma natureza da qual se faz parte, que é um nós mesmos, mas com outros contornos. Por esta via, tal organização espacial, através de uma perspectiva estética, do recorte sensível da natureza (das plantas, mas também dos animais se-moventes) ecoa ora como uma lembrança, ora como um retorno (no sentido romântico alemão), mas ora também como projeção de um domínio.

Simmel (apud WAIZBORT, 1997, p. 191) nos chama atenção para o fato de que

(...) a natureza ainda é, no final das contas, para nós: uma imagem anímica distante, que mesmo nos momentos de proximidade corporal permanece frente a nós como algo inalcançável interiormente, como uma promessa nunca inteiramente cumprida, e responde à nossa

---

<sup>75</sup> Em recente conversa com o pesquisador Rogério Souza, do CDS/UFSC, fui informado que, no CT do Cruzeiro Futebol Clube, de Minas Gerais (Toca da Raposa 2), não há espaços destinados aos arranjos de “natureza” como os descritos aqui.

entrega mais apaixonada com uma suave estranheza e alheamento.

O domínio mencionado, que é ao mesmo tempo técnico e estético, portanto racional e sensível, recoloca a flora e a fauna, após serem retiradas para o nascimento da cidade – e do CT – entre as ruas e os prédios, circunscrevendo-as no espaço delimitado pelos muros e arranjos singulares dos imóveis. Após despír o espaço vivido no CAP de sua natureza, esta retorna na ambígua relação domínio/fascínio, para invocar dilemas já anunciados por Adorno e Horkheimer (1985) em sua análise do mito de Ulisses.

A natureza no CT não chega a ser exuberante porém, tampouco esmagadora em seu volume e densidade. Este tipo de apresentação da natureza não combina com o sistema de controle e ordem que o modelo de pensamento no CAP suporta. O que temos é a natureza “domesticada”<sup>76</sup>. Os campos de futebol cultivados com obsessão geométrica, as árvores plantadas (ou aproveitadas por sua existência anterior) podadas, pintadas, arranjadas em espaços circunscritos, formando colônias de plantas ou acompanhando o entorno dos campos de futebol – quando se tem uma grande área gramada, aberta ao sol e a chuva, ilhas de proteção são bem vindas.

Nesta ordem de idéia, é como complementaridade ordenada do espaço estruturado para o trabalho que a natureza se revela. Pois os espaços esportivos tais como as pistas de atletismo, os hipódromos e autódromos, podendo-se incluir neste *hall* também as quadras e campos de futebol, não esqueçamos, são, para Virilio (1998, p. 137), espaços puros, “marcados por linhas retas e curvas. Trata-se de um espaço instrumental, pois (...) eliminou as asperidades, as pequenas flores, os acidentes da paisagem”.

É assim que o verde e a “perfeição” dos gramados são conseguidos com o uso exaustivo da tecnociência. Uma mistura de gramas de espécies diferentes, sistemas de plantio e corte, drenagem, além da aplicação mensal aproximada de 3t de adubo, mais pesticidas, garantem a qualidade dos campos no CT<sup>77</sup>. Eliminar as asperezas (ou falhas,

---

<sup>76</sup> Devo este termo a Profa. Ana Márcia Silva.

<sup>77</sup> O site do clube dá as seguintes informações sobre o gramado da Kyocera Arena:

GRAMADO: O gramado da Kyocera Arena recebe cuidados durante todo o ano para que os atletas tenham o melhor cenário possível para suas atuações. Como forma de garantir qualidade, são feitas duas adubações por mês. A manutenção inclui também cortes 3 vezes por semana e cuidados especiais após cada uma das partidas realizadas no estádio. O clima em Curitiba sofre grandes variações, indo do frio úmido no inverno ao calor constante no ápice verão. Por causa desta variação, são utilizados três tipos de grama. Durante o verão do Hemisfério Sul, após as competições da temporada, uma parte do gramado passa por um processo de replantio. Nestas áreas, a grama antiga é retirada e novas placas de uma espécie típica de regiões quentes (Tifton 419 - bermuda) são colocadas em seu lugar. Mas esta espécie não resiste ao frio e às geadas, comuns no inverno do Sul do Brasil.

buracos e desníveis), circunscrevê-la a um espaço, torná-la um “tapete”, eis o esforço cotidiano para dominar a natureza da grama. Por outro lado, as possibilidades tecnológicas oferecidas pelo gramado sintético são desprezadas. O esforço é o de domesticação da natureza, como já mencionei, através da tecnociência, não a sua substituição por um simulacro<sup>78</sup>.

Por fim, à medida que a estética é vivida como experiência de uma relação e que nem todos os frequentadores do CT se entregam ao olhar que descobre o que é sensível ao que afeta, como pude perceber na relação funcional que o campo gramado, as áreas gramadas e as árvores proporcionam, vale mais uma vez reencontrar Cauquelin (2007, p. 41), para quem nossa relação com a paisagem-natureza é confusa, pois trata-se em,

(...) de um lado, restituir a paisagem à natureza, como única forma de torná-la visível (logo, de transformá-la através do trabalho paisagístico); por outro lado, desdobrá-la em direção do princípio inalterável da natureza, apagando então a idéia de sua possível construção.

Em suma, o que se tem é uma natureza-paisagem, como termo e conceito inseparável. O controle e manipulação da paisagem – modelá-la ou destruí-la – é tocar a própria natureza. Noção que também vale para a natureza do corpo. Mas o CT não é apenas arquitetura e natureza. É, sem dúvida, uma instituição em cujo interior a vida flui.

---

Para manter o gramado verdejante também durante o período de baixas temperaturas, a equipe de manutenção do gramado da Kyocera Arena recorre ao overseeding - processo pelo qual é semeada grama de inverno sobre o gramado já formado. No caso da Arena, duas novas espécies (Ryegrass/ Poa Trivialis) são semeadas no início do outono.

A espécie Ryegrass tem folhas de textura fina e coloração verde-escura. Ela germina entre 5 e 7 dias após o plantio e se estabelece rapidamente. Esta grama é ideal para as condições da Kyocera Arena por ser resistente ao pisoteio e ter boa adaptação a áreas sombreadas. A outra espécie, a Poa Trivialis germina com mais lentidão, entre 10 a 12 dias. Possui folhas finas e pequenas de coloração verde-clara. Uma de suas principais qualidades é a formação de uma superfície uniforme, permitindo que a bola corra junto ao gramado, sem obstáculos.

No meio da primavera, a grama original retoma seu crescimento e as espécies semeadas perdem a força e desaparecem gradualmente. Mantendo o ciclo de replantios a cada estação, o gramado da Kyocera Arena conserva sua beleza e qualidade.

O sistema de drenagem é outro ponto fundamental para manter o gramado sempre saudável. Na Kyocera Arena, a drenagem inclui caimentos na superfície, permitindo o escoamento inicial nos quatro lados do gramado. Abaixo da grama, para manter a fertilidade e a capacidade de absorção, várias camadas compõem o solo. Entre elas, os tubos em forma de espinha de peixe canalizam a água absorvida e facilitam o escoamento. O projeto do gramado da Arena tem ainda um sistema de irrigação totalmente automatizado. Formada por uma rede de dutos pressurizada, a estrutura chega ao gramado através dos aspersores. Todos eles ficam sob o gramado, são retráteis e têm as bordas revestidas por três centímetros de borracha – para evitar qualquer risco de lesões. De acordo com a programação, os aspersores são acionados e irrigam o gramado.

O sistema funciona em etapas – irrigando isoladamente cada parte do campo - e de acordo com o clima em cada época do ano. Além disso, a Arena conta com sensores de chuva, que interrompem o processo nos dias de grande precipitação. As medidas do campo são idênticas às utilizadas na Copa do Mundo de 2002, realizada no Japão e na Coréia: 105 x 68 m.

<sup>78</sup> Durante a Copa da Liga dos Campeões da Europa temporada 2005/2006 o Bayern de Munique reclamou oficialmente a confederação europeia de futebol o fato de ter disputado em Moscou, contra o CSKA, uma partida em gramado artificial, mesmo considerando os rigores do inverno russo e a morte do gramado natural.

Passemos a olhar, então, uma outra ordem de relações, não mais forma e sentido, mas relações sociais nesta perspectiva mais abstrata que as instituições sociais convidam.

### **2.2.2. Viver no CT: Instituição Total?**

As formas pelas quais as pessoas se relacionam com as diferentes instituições sociais são inúmeras. Deslizam de frouxas adesões a compromissos sólidos. Sob a dupla direção que as interações impõem, nos envolvemos com uma instituição por desejo próprio ou somos alcançados por ela devido à abrangência e importância social da mesma. Podemos nos associar a clubes, confrarias e/ou sermos comprometidos com a escola, o trabalho etc. Habermas (*apud* FREITAG, s/d) discute as interações entre o mundo da vida e o sistema – retomando um ponto tratado por Adorno nas teses sobre a “vida administrada” – na modernidade afirmando que houve uma colonização daquela por este, o que lançaria a vida ordinária nas mesmas tramas da dominação jurídica e burocrática.

Tal assertiva é bastante importante, sendo também importante notarmos que as análises sobre o disciplinamento e o biopoder, propostas por Foucault (1997; 2005; 2008), encerram preocupações que caminham na mesma direção, a saber, o do controle da vida pelo sistema. Deste modo, e entretanto, pretendo trabalhar a partir da idéia de um modelo de instituição, de caráter *suis generis*, que invade muito profundamente a vida cotidiana dos agentes, qual seja, a “instituição total”, conforme as argumentações de Goffman (1974).

Se o Centro de Treinamento é uma “instituição total”, com princípios preconizados por Goffman, apenas se pode inferir, ainda, como um questionamento. Primeiro, em caráter geral, porque as instituições estudadas pelo autor, ainda que sobrevivam, já não são mais as mesmas; sofreram transformações desde a década de 60. Segundo, porque o próprio CT, ainda que características significativas daquelas possam ser aventadas, parece ter nas relações entre os pares, entre “inferiores e superiores” e, fundamentalmente, entre mundo interno e externo muito mais permeabilidade e fluxo. Mas uma olhada de perto no que sugere o autor de Manicômios, Prisões e Conventos pode ajudar a entender a lógica que preside meu campo de estudos.

Cabe antes destacar que a opção por discutir este tipo de instituição e o problema que ora coloco a partir de Erving Goffman se dá na medida em que suas descrições e análises são, neste momento, mais direta e objetivamente associadas ao meu campo de

investigação e remetem, não por comparação, mas por mútua implicação e semelhança, para a descrição a que me proponho. Por outro lado, Foucault (1997) será retomado para recuperar a idéia de esquadramento e do estabelecimento do “corpo dócil”, assim como deverá regressar mais adiante nesta tese quando da discussão do biopoder, que reside no estofo da relação corpo-máquina que aqui pretendo tratar.

Parte Goffman (1974, p. 17) de uma premissa, qual seja, a de que na sociedade moderna, “o indivíduo tende a dormir, brincar e trabalhar em diferentes lugares, com diferentes co-participantes, sob diferentes autoridades e sem um plano racional<sup>79</sup>”. Algumas instituições, entretanto, tendem a tomar, por seu “fechamento”, um tempo maior e mais significativo da vida dos indivíduos. Este fechamento, marcado por barreiras à saída e ao contato com o mundo externo, através do qual as necessidades gerais das pessoas são organizadas por um sistema burocrático e pelo controle e vigilância caracteriza, ainda que de modo incompleto, as “instituições totais”. Finalmente, são as instituições totais, híbridas: “parcialmente comunidade residencial e parcialmente organização formal. São estufas para mudar pessoas (...)” (idem, p. 22).

Ainda segundo Goffman (1974, p. 16-7), cinco são as possibilidades de se classificar estes tipos de instituição. Para o que nos interessa, registro apenas o quarto grupo, a saber: “instituições estabelecidas com a intenção de realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho, e que se justifiquem apenas através de tais fundamentos instrumentais: quartéis, navios, escolas internas, campos de trabalho...” etc. É o nosso CT uma modalidade desta instituição?

Tentarei, nos passos a seguir, discutir esta questão. Reafirmo, para que se compreenda que a descrição do campo não se afasta do objetivo desta tese, que considero que a mentalidade científica e tecnológica que organiza o sistema de treinamento e dispõe as relações dos corpos com as máquinas é correlata da ordenação espacial e do controle do tempo-espaço dos agentes.

No CT moram cerca de 50 jogadores<sup>80</sup>. Todos os demais, ainda que não residam, têm um apartamento a disposição, tanto para descansarem entre os treinamentos quanto para as concentrações que antecedem aos jogos. A maioria dos residentes é formada por atletas das categorias de base que não tem família em Curitiba, ou cujos familiares, ainda que morem na capital, estão fixados em regiões distantes. Há também profissionais recém

---

<sup>79</sup> Grifo meu.

<sup>80</sup> O número de atletas residentes flutua, pois como tratarei adiante, a circulação de jogadores é muito grande. De todo modo, 50 foi a última informação obtida e que está de acordo com a quantidade de apartamentos (e leitos) disponíveis para a ocupação.

promovidos dos juniores, cujo salário ainda não possibilita uma vida independente. Em ocasiões especiais, como o caso da pré-temporada<sup>81</sup> de 2007 para os atletas profissionais, os jogadores podem permanecer por um período prolongado nas dependências do hotel<sup>82</sup>.

O cotidiano no CT é profundamente marcado pela organização espaço-temporal, sendo o calendário de competições o ponto fixo sobre o qual os trabalhos realizados giram. Entretanto, se as competições organizam o calendário, são os saberes tecnocientíficos que determinam os afazeres diários tanto dos atletas quanto da comissão técnica. A burocracia também depende dos calendários das competições, apesar de que em alguns setores as rotinas de trabalho estejam sujeitas a outras lógicas.

Reconhecendo que há uma diferença entre aqueles que estão “internados” no clube e os que residem fora (geralmente os atletas profissionais), ainda assim é possível pensar que todos estão sujeitos à mesma lógica de esquadramento e regulação de suas vidas cotidianas. Isto se dá, por um lado, porque todos vivem as mesmas rotinas no CT e, por outro, porque, como salientarei quando falar sobre o longo processo de formação dos atletas, estes dispositivos de controle das condutas são incorporados. Trata-se de, por diferentes caminhos, mas tendo o controle do espaço-tempo como um dos princípios, realizar a transformação do menino em atleta de futebol. O CT é, em determinada medida, estufa para mudar pessoas.

Há uma rotina, pensada pelos especialistas, que ocupa o dia dos atletas com obrigações sistemáticas em horários e locais determinados com algum rigor. Os horários de refeições – café da manhã, almoço, janta e lanche da noite – e de treinos (ou jogos) – matutinos e vespertinos – acabam por imprimir o ritmo de vida. Para os juvenis e juniores ainda há a escola, no período noturno. Observemos dois exemplos:

a) os horários rotineiros de uma categoria de atletas: os juvenis<sup>83</sup>:

. 8:00hs – café da manhã;      . 9:00hs – treino;      .12:00hs – almoço;  
.14:30hs – treino;              .17:30hs – jantar;              .18:00hs – ida a escola<sup>84</sup>;  
.22:30hs – retorno;              . 23:00hs – lanche da noite e recolher.

---

<sup>81</sup> Tratarei dos ciclos de treinamento em outro ponto da tese, mas, em síntese, a pré-temporada é um período de treinamento dedicado a recuperar as condições físicas dos atletas desgastadas pela temporada anterior e pelo período de férias, deixando-os organicamente aptos a enfrentarem as competições vindouras.

<sup>82</sup> O conjunto de apartamentos é nominado, no discurso nativo, como hotel. Ainda que alguns jogadores tenham residência fixada nestes apartamentos, é como sistema de hotelaria que a habitação no CT funciona e é internalizado

<sup>83</sup> Em *Vigiar e Punir*, Foucault apresenta dispositivos de controles de espaço e tempo semelhantes em diferentes sistemas, como na escola, por exemplo: “8:45 entrada do monitor, 8:52 chamada do monitor, 8:56 entrada das crianças e oração, 9:00 horas entrada nos bancos, 9:04 primeira lousa, 9:08 fim do ditado, 9:12 segunda lousa etc.” (FOUCAULT, 1997, p. 130)

b) a programação para um dia de jogo dos profissionais:

### **PROGRAMAÇÃO PARA VIAJEM**

#### **BOTAFOGO DE FUTEBOL E REGATAS X CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE**

**MOTIVO** CAMPEONATO BRASILEIRO DE CLUBES – SÉRIE A – 2006

**DATA E HORÁRIO** 29/04/06 (SÁBADO) ÀS 18:10h

**LOCAL** ESTÁDIO MARACANÃ – RIO DE JANEIRO/RJ

**CONCENTRAÇÃO** PLAZA COPACABANA HOTEL – (21) 2195-5500

#### **DATA: 28/04/2006 (SEXTA-FEIRA)**

08:30h – APRESENTAÇÃO

09:00h – TREINAMENTO

11:45h – ALMOÇO

12:30h – SAÍDA DO ÔNIBUS PARA O AEROPORTO AFONSO PENNA

12:45h – CHECK IN

13:45h – SAÍDA PARA O RIO DE JANEIRO – **VARIG VÔO 2133**

15:05h – PREVISÃO DE CHEGADA AO RIO DE JANEIRO (AEROPORTO DO GALEÃO)

➤ APÓS O DESEMBARQUE – SAÍDA PARA O PLAZA COPACABANA HOTEL

16:00h – PREVISÃO DO LANCHE

19:00h – JANTAR

22:00h – LANCHE

22:30h – RECOLHER / SILENCIO

#### **DATA: 29/04/2006 (SÁBADO)**

09:00h – DESPERTAR

10:00h – HORÁRIO LIMITE PARA O CAFÉ DA MANHÃ

11:30h – REVISÃO MÉDICA

12:00h – ALMOÇO

15:00h – LANCHE

16:00h – **PRELEÇÃO**

16:30h – SAÍDA DO ÔNIBUS PARA O ESTÁDIO MARACANÃ

17:10h – VESTIÁRIO

18:10h – JOGO: BOTAFOGP/RJ X **ATLÉTICO/PR**

➤ APÓS O JOGO, RETORNO AO HOTEL

21:30h – PREVISÃO DO JANTAR

➤ APÓS O JANTAR – RECOLHER / SILENCIO

#### **DATA: 30/04/2006 (DOMINGO)**

09:00h – DESPERTAR

09:30h – DESOCUPAR APARTAMENTOS E ACERTO DOS EXTRAS / CAFÉ DA MANHÃ

**10:20h – SAÍDA DO ÔNIBUS PARA O AEROPORTO DO GALEÃO**

10:50h – CHECK IN

11:50h – SAÍDA PARA CURITIBA – **VARIG VÔO 2132**

13:15h – PREVISÃO DE CHEGADA EM CURITIBA

#### **REAPRESENTAÇÃO: 01/05/2006 (SEGUNDA-FEIRA)**

**15:30h – TREINAMENTO CT**

PROF. LUIZ FERNANDO CORDEIRO  
COORDENADOR GERAL

---

<sup>84</sup> Damo (2005) ao comparar as escolas de futebol do Brasil e da França, mostra como há uma preocupação naquele país para que os alunos estudem. No caso brasileiro, ainda que o CAP obrigue seus atletas menores de 18 anos estudarem e que haja, inclusive, um profissional para acompanhar este desenvolvimento, na prática os atletas enfrentam a escola depois de um dia exaustivo de treinamento, o que diferencia o Brasil do sistema Francês e dificulta muito o desenvolvimento escolar dos atletas.

Os intervalos entre uma atividade e outra são de preparação e recuperação. Ou seja, na medida em que os períodos são marcados por ingestão de alimentos e esforços físicos de diferentes intensidades, mesmo o repouso, o que se poderia pensar como tempo livre, é tomado pela necessidade do descanso orientado, seja para que ocorra a digestão em tempo que permita a participação confortável no treino, seja na recuperação das energias para a próxima tarefa.

Esta rotina é partilhada por todas as categorias, cada uma com suas características próprias, horários específicos, mas que, em última instância, são regidas sob o mesmo princípio, qual seja, o do saber biomédico sobre o corpo e sua fisiologia – princípio racional. A logística obriga horários diferentes de refeições e treinos às categorias. Em hiatos de 30min, o almoço é servido 12:00hs aos juvenis e juniores, 12:30 hs aos profissionais e 13:00hs para comissão técnica e demais funcionários do clube, funcionando do mesmo modo o regime de treinos e horários – com exceção óbvia para os não atletas.

Há ainda, na organização do sistema de treinos e jogos, os períodos ou dias de folga. Tais espaços sem atividades são concedidos observando-se princípios gerais do treinamento esportivo que reconhece ser o descanso tão importante quanto o próprio esforço para a obtenção do rendimento atlético planejado para o período. É assim que durante um ciclo semanal de treinos têm-se em geral a folga de um período durante os treinamentos e de um dia após os esforços exigidos por um jogo. São nestes intervalos, principalmente, que os residentes podem deixar o CT, desde que os funcionários competentes sejam devidamente informados.

Em meados de 2007 um novo dispositivo de controle estava por ser implantado. Um sistema de catracas digitalizadas iria controlar os deslocamentos dos atletas. Cada jogador deveria receber um cartão magnético que registraria a passagem pelas catracas espalhadas por diferentes pontos. Três estavam instaladas e não tenho certeza se outras chegariam. Uma catraca controla a entrada e saída de jogadores, uma segunda a entrada na musculação e, a terceira, foi posta à entrada do refeitório. Ambas estão ligadas a um sistema de computadores que realizam o registro e o controle das ações nestes espaços. Mais importante: ninguém entra, ou sai, sem que se tenha autorização ou se tome conhecimento.

Já os que não moram no CT, atletas profissionais de modo geral, mas também juniores e juvenis com família em Curitiba, têm uma vida diferente, mas não menos observada (e/ou controlada) do que os internados. Como já ressaltai, além dos dispositivos incorporados na formação profissional, há um grupo relativamente grande de agentes,

como jornalistas, torcedores – as vezes organizados<sup>85</sup> – e porque não, familiares, que vigiam a vida particular dos atletas.

O olhar que vigia, não no modelo panóptico de Bentham descrito por Foucault (1997), pois que disperso em muitos pontos, registra uma invasão do eu (self) que Goffman (1974, p.32) percebe nas instituições totais. Cito: “*o internado nunca está inteiramente sozinho; está sempre em posição em que possa ser visto e muitas vezes ouvido por alguém, ainda que apenas pelos colegas de internamento*”. Assim, um aspecto interessante da organização do CT e que ilustra a distribuição da vigilância está na forma como os quartos dos atletas e vestiários são desenhados. Os quartos para quatro pessoas apresentam dois conjuntos de louça para banheiro e chuveiro, sendo que apenas o boxe de banho é fechado. Os duplos têm o banheiro reservado, o que, se ameniza o poder do olhar ainda registra outros modos de regular a referida invasão. Já nos vestiários os chuveiros são expostos em boxes abertos. Nestes espaços reservados a intimidade, na vida ordinária, a presença constante do outro impede a privacidade.

Dormir, tomar banho, comer, divertir-se, treinar, são assuntos nos quais os territórios do eu são violados, invadidos. Outras questões perturbam a autonomia, tais como a necessidade de se pedir autorização para coisas simples e corriqueiras, que fora da instituição não seria necessário, ou estar sujeito a uma retórica repetitiva que, através de perguntas e imposições, vai orientando a vida no CT. “Já fez o exame médico?”, “Cadê a caneleira?”, “Tomou a creatina?” são expressões ouvidas com frequência e acabam por dominar o ambiente em torno das obrigações disciplinares dos atletas, remetendo-os a uma minoridade nem sempre compatível com o estatuto dos agentes.

Também um sistema de prêmios e castigos perpetra éticas complexas nesta comunidade de destino<sup>86</sup>. O cumprimento das normas torna a vida tranqüila para os atletas que moram no CT, mas não acarretam em nenhum tipo de privilégio. As punições são provenientes do não cumprimento de normas (chegar atrasado ao treino, não usar caneleira, etc.); já os prêmios dependem menos das obrigações cumpridas do que do rendimento atlético. Treinar e jogar bem são os principais modos de se obter prêmios e privilégios. Estas relações de prêmio e castigo se estabelecem entre a comissão técnica e os jogadores, mas também entre os próprios jogadores. Brincadeiras com novatos podem se configurar

---

<sup>85</sup> Durante a campanha do campeonato brasileiro de 2005 a torcida atleticana organizou uma espécie de disque denuncia, para “dedurar” jogadores do clube que estivessem em bares ou *boites* nas noites de Curitiba.

<sup>86</sup> Goffman usa a expressão “comunidade igualitária de destino”. Prefiro, neste caso, suprimir a idéia de igualdade, pois se o disciplinamento é relativamente igual para todos não significa que não hajam hierarquias e muitas desigualdades.

modos de inclusão, assim como não passar a bola para um atleta recém chegado ou não bem querido pelo grupo sugere um processo de exclusão, e são exemplos deste modo de travar relações.

Outro aspecto bastante relevante, que pretendo tratar com mais profundidade na segunda parte desta tese, é o fato de os atletas estarem sujeitos a uma rotina que impõe o olhar médico – e sua maquinaria correlata – como agente principal do sistema de controle sobre as vidas no CT. Talvez não haja outra categoria profissional ou grupo de pessoas que conviva tão próximo e intensamente com o saber médico. Através de anamneses e exames periódicos, os procedimentos clínicos expõem a interioridade corporal, invadindo o self até o seu limite.

Correlato a estes processos, os diversos tipos de testes pelos quais os atletas passam durante a temporada – físicos ou fisiológicos – vão informando as condições gerais dos seus corpos e colocando a disposição do núcleo dirigente – a comissão técnica – conteúdos extraídos como forma de controle dos corpos e projeção e regulação dos procedimentos a serem adotados pelo grupo de profissionais.

Deste modo, instituindo um fundamento para conferir sentido ao trabalho desenvolvido e reafirmando a proposição de Goffman (1974), um conceito de natureza humana é concebido pelo grupo dirigente. Para além desta (im)postura fundante, realiza-se ainda pressuposições sobre a identidade (individual e coletiva) dos agentes, estruturando os princípios gerais pelos quais o CT, como modelo relativo de “instituição total”, organiza a vida coletiva no interior de seu espaço-tempo.

Bem, se tentei demonstrar uma relativa correlação entre o CT e as instituições totais é porque há um pano de fundo histórico que Vigiar e Punir (FOUCAULT, 1997)<sup>87</sup> faz aparecer. Aproximadamente no início do período que se convencionou chamar de Iluminista, com o desenvolvimento do saber científico e do positivismo, do saber médico e jurídico, da nova ordem econômica e do crescimento da industrialização, suscitaram-se, concomitantemente, novas formas de estruturação e controle social que vieram a transformar os séculos seguintes sendo, por razões óbvias, marcas dos nossos dias. O que Foucault (1997) chama de *tecnologia de poder* colocou uma nova ordem no mundo “desorganizado”.

---

<sup>87</sup> Compreendo que há uma fissura entre o Interacionismo Simbólico de Goffman e o Estruturalismo (?) de Foucault. Entretanto, ainda que a partir de problemas e métodos diferentes, o primeiro através de um estudo de observação participante e sincrônico e o segundo histórico e diacrônico, refletiram sobre os controles a que indivíduos, atados às instituições, são sujeitados.

Gostaria de mapear, então, sucintamente, a gênese deste processo. O pensamento científico, as idéias protestantes, a urbanização e a organização do trabalho na industrialização são, em conjunto, uma série de eventos que estão, como poderíamos dizer, no espírito do seu tempo. Porém, três elementos, segundo Foucault (1997), parecem essenciais para o desenrolar desta nova política social: um saber jurídico independente do poder feudal, a diferente organização dos exércitos e a implantação de uma medicina social.

O novo saber jurídico deu-se com a necessidade de se controlar não mais o corpo individual, mas sim, o espírito coletivo. As penas deveriam servir de exemplo aos demais e deviam possibilitar a recuperação dos infratores. Era preciso punir com rigor, porém somente o necessário. As prisões surgiram com o objetivo de possibilitar a reintegração dos criminosos à sociedade. Para tanto, o trabalho, a religião e a moral passaram a fazer parte do cotidiano dos presos. Na prisão, o tempo e o espaço eram totalmente controlados.

Os exércitos, do mesmo modo, sofreram transformações importantes. Com a invenção do fuzil, fez-se necessário preparar melhor os soldados, adaptando seus movimentos à nova arma. A habilidade e a destreza necessárias para o uso do fuzil, além das novas técnicas de combate, exigiam treinamento rigoroso e maior organização. A hierarquia, com soldados profissionalizados e táticas de guerra diferentes, ganhou força. Os corpos eram cada vez mais treinados e classificados.

Por fim, o novo saber médico possibilitou esquadrihar o tecido social. As grandes epidemias obrigaram um controle rigoroso da população. Era preciso informar, separar, classificar e controlar os indivíduos, doentes ou não. Doentes eram excluídos ou enclausurados. Com a idéia de “normal”, a medicina se juntou ao saber jurídico, ampliando a série de artifícios que foram postos em prática para controlar o tecido social e o enorme aglomerado urbano.

Definitivamente, este controle sobre as vidas comuns, que se materializava em diferentes instituições, ganhou forma em outras instâncias. Nas fábricas, por exemplo, o tempo e o espaço foram completamente controlados. Horários rígidos de entrada, saída e intervalos, bem como localização dos diferentes empregados em diferentes funções com hierarquias e subordinações são exemplos desta forma frenética de controlar os sujeitos no tempo e no espaço. A linha de montagem e o modelo taylorista-fordista de produção – o trabalho regulado pelo ritmo da máquina – levou ao extremo o controle externo sobre o corpo do trabalhador.

A palavra chave que traduz estas novas idéias de controle das relações sociais é “disciplina”. É conveniente lembrar que, apesar de a nova proposta da justiça estar centrada sobre o espírito, é efetivamente sobre o corpo que ela vai atuar. É sobre o corpo que as novas políticas incidem, disciplinando-o: nas prisões, com seu tempo regido pelo trabalho, pelas orações e leituras sobre moralidade; nos exércitos, com os treinamentos exaustivos e as hierarquias rigorosas; nos hospitais, com a atuação dos médicos sobre os corpos de seus pacientes; nas cidades, com a vigilância, tanto médica quanto policial, com o registro, exclusão e reintrodução na sociedade de doentes e criminosos; nas fábricas, com o aperfeiçoamento da mão-de-obra, o controle do tempo e do espaço...

Um corpo sempre controlado, vigiado e treinado – objeto e alvo do poder – é um corpo inteligível e fundamentalmente dócil. Segundo Foucault (1987, p. 118), em sua fórmula já bastante conhecida, “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Cabe à disciplina fabricar estes corpos, submissos e exercitados – dóceis.

Afirma ainda Foucault (1987, p. 119):

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais útil, e inversamente.(...) A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência).

Como “anatomia política do detalhe” (FOUCAULT, 1997, p. 129) o papel da disciplina é exercido mediante dois aspectos fundamentais. O primeiro procedimento disciplinar é a disposição dos indivíduos no espaço. Ganha força o chamado *quadriculamento*. Onde antes havia espaço livre para a ocupação voluntária, deixado pela própria arquitetura, haverá uma ocupação ordenada. Cada indivíduo deverá ocupar um espaço e em cada local deverá se encontrar um indivíduo. Esta disposição espacial não somente facilita a vigilância como dá utilidade ao espaço. Dispondo em filas e colunas, a disciplina “individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas distribui e os faz circular numa rede de relações” (idem, p. 125)

Além do esquadramento do espaço, o tempo passa a ser valorizado tanto para eficiência das atividades quanto para o controle. Deve-se garantir a qualidade do tempo empregado. A regularidade, em conjunto com a exatidão e a aplicação são essenciais à disciplina.

Desta forma, um rigoroso controle sobre o corpo e os gestos é implantado através de um implacável controle do tempo. Esta elaboração temporal da ação não apenas ensina e prepara gestos específicos, mas realiza uma melhor interação entre o movimento e a globalidade do corpo: eficiência e eficácia. Além desta interação gesto-corpo, as relações com os objetos também vão ser definidas. Para que corpo, gesto e objeto se encaixem, é preciso treinar, utilizar o corpo exaustivamente. O exercício se transforma em uma tecnologia política do corpo e da duração.

As observações feitas por Foucault complementam as análises realizadas nas pesquisas de Goffman. Não há esporte sem disciplina, sem esta regulação quase obsessiva do espaço e do tempo, o que o CT, amparado no argumento da racionalidade, implementa. Esta estufa de transformar pessoas, através do disciplinamento dos corpos e do controle rigoroso da vida, é um modo de operar a transformação de crianças e jovens, jogadores de bola, em atletas de futebol: pés de obra (DAMO, 2005).

Em síntese, o corpo é localizado no espaço e no tempo. Ambos são apropriados pelo poder que os controla e utiliza. “Um gesto disciplinado é a base de um gesto eficiente” (FOUCAULT, 1997, p.130). Quanto mais o tempo e o espaço são subdivididos, esquadrihados, desdobrados e desarticulados em seus elementos internos, sob um olhar vigilante, melhor serão utilizados. O corpo docilizado é um corpo útil. As implicações destas transformações na organização espaço-temporal na cultura contemporânea são evidentes, o Centro de Treinamento do Caju é uma de suas manifestações.

### **2.3. Carne e pedra**

Esta breve descrição da geografia do CT, mais o esboço de sua análise, estariam incompletos se não se colocasse o corpo no horizonte deste debate. Mesmo que alguns aspectos já tenham sido levantados, cabe fazer algumas reflexões sobre como o conjunto espacial do CT é então incorporado, sugerindo, para além do corpo que percebe e vive um lugar, vieses correlatos no processo pelo qual o espaço se ergue tomando como base uma concepção de corpo.

A recolocação do corpo no problema do espaço serve para situarmos a ambigüidade desta relação e sugerirmos também, para além das descrições anteriores que desvendaram um campo talvez um tanto sombrio, uma poética do espaço, como sugere Bachelard (2003). Isto é necessário, pois que, é preciso que se estabeleça, os processos de

subjetivação não se agitam apenas a partir do controle do tempo-espaço, da vigilância e do poder tecnocientífico – e anuncio aqui o ponto através do qual, apesar de seguir com Foucault a maior parte da tese, dele me afasto –, mas também de modos de sociabilidade fraternais, afetivos, lúdicos, traços de memória, sonhos, projeções...

Em um trabalho magnífico, Sennet (1997) realiza uma recuperação histórica das relações corpo-cidade no ocidente. Visitando a arquitetura e as concepções de corpo desde os gregos e romanos, atravessando os burgos e os judeus discriminados de Veneza, até lançar o olhar sobre as avenidas e os cafés de Paris, culminando nos grandes edifícios modernos, uma trajetória que mistura carne e pedra – como o título do livro já destaca – anuncia as correlações deste processo que, numa frase, responde ao ponto firmado por Merleau-Ponty (1994): “somos carne do mundo”.

Há, no que concerne ao CAP, uma nítida cisão entre o modo de pensar o torcedor/consumidor nos estádios e o de pensar os atletas no CT. O processo de individualização – ou o individualismo como ideologia – tem um dos seus suportes na garantia da inviolabilidade do corpo e da garantia de que os espaços arquitetônicos cumprirão esta função individualizadora. Os estádios, que antes acotovelavam multidões em espaços comuns, hoje reordenam as arquibancadas, numerando cadeiras, classificando espaços, medindo distâncias de conforto.

Ao mesmo tempo, desdobram-se no oferecimento de serviços, pois o sujeito que consome é o corpo desejante de novidades. A grande quantidade de bares, o restaurante, a academia de ginástica ou a loja de esportes apenas reforçam este princípio. Por fim, a intimidade de um corpo que deve ser vivido em privacidade, é garantida pela ampliação e reformulação dos banheiros, pelo controle das filas para entrada nos estádios e por um pensamento que separa e coloca, como já anunciou Foucault (1997) – com quem, diga-se de passagem, Sennet trabalhou – um corpo em cada lugar e concede, a cada lugar, um corpo.

Ao contrário, como vimos ao discutir o CT nos itens anteriores, ao postular um conceito de natureza humana, mas também de jogador de futebol, investe no controle da intimidade, tomando o corpo como uma natureza a ser domada, cujo perigo está na possibilidade inscrita de, na intimidade, revelar-se o corpo desejante que se deve controlar. Não deixa de ser interessante que aspectos fundamentais para a construção da masculinidade – o sexo e a masturbação, a bebida alcoólica, as festas e os exageros – sejam fortemente reprimidas, inclusive através de uma arquitetura que, como vimos, não permite a individualização nos moldes que o princípio moderno impõem. Só é possível

individualizar-se em público, através de uma outra corporalidade, que não a dos contornos íntimos.

Por outro lado, a espacialidade do corpo próprio é irrevogável. Mas a ambigüidade que nasce da dupla possibilidade de ser tocante e tocado e, conseqüentemente, ser aquele que vê e é visto, percebe e é percebido, nos destina a ser também objeto entre objetos, mas para além, à comunhão com o mundo e com os outros, como sugere Merleau-Ponty (1994). Esta presença encarnada no mundo é vivida como ligação impronunciável, pois nasce da percepção do mundo, daquilo que já está e precede a consciência da presença. É o mundo “anti-predicativo”. Significado em sua multiplicidade vivida, praticado, esgotado em percurso e usufruto, ele, o espaço, incorporado.

“É já a carne das coisas quem nos fala de nossa carne e da carne de outrem” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 183; 222). Deste modo, vivendo a espacialidade do CT aquém do afastamento necessário para a compreensão, tomando como um mundo já dado, com o qual eu travo uma relação pré-reflexiva – como no dirigir um automóvel, quando minhas ações se confundem com um carro que é, já, minha extensão – os corpos circulam pelo CT com a segurança de quem reconhece aquele mundo, de quem o domina numa corporeidade que, ao se-movimentar, tem num saber do corpo as dimensões espaço-temporais, porque aí habita, dos encontros com os outros e com os limites que as tecnologias de controle e vigilância, mas também os aportes do sensível que nos faz agir intencionalmente com o mundo e com outrem: é o corpo quem sabe. Carne e pedra, ambos carne do mundo.

\* \* \*

Procurei apresentar, neste capítulo, como o Atlético organiza seu espaço e, para além disso, agencia mecanismos de controle sobre os corpos dos atletas. Esta modalidade de micropolítica, na qual o tempo e o espaço são sistematicamente recortados e ordenados, e que atinge o corpo através de sua individualização, aponta a obsessão pelo controle e a ordem que o esporte em geral e o CAP, como exemplo para o futebol, vêm empregando. No capítulo seguinte, ainda apresento aspectos desta mesma modalidade de regulação das vidas, ou seja, de anatomopolítica. Esta é a base sobre a qual as discussões sobre o ciborgue, a biopolítica e a invasão microscópica do corpo-espécie se revela – ponto para a segunda parte deste trabalho.

Por fim, esta primeira parte da tese vem atender a questões postas também por Bourdieu (2004, p.220), quando propõe uma análise sobre o esporte, a saber:

Se a maioria das organizações, seja a Igreja, o Exército, os partidos, as indústrias, etc., dão tanto espaço às disciplinas corporais, é porque, em grande parte, a obediência é a crença, e porque a crença é o que o corpo admite quando o espírito diz não (poderíamos nessa lógica, refletir sobre a noção de disciplina).

Portanto, esta é uma reflexão, seguindo o mesmo autor,

Sobre o que o esporte tem de mais específico, isto é, a manipulação regrada do corpo, sobre o fato de o esporte, como todas as disciplinas em todas as instituições totais ou totalitárias, os conventos, as prisões, os asilo, os partidos, etc., ser uma maneira de obter do corpo uma adesão que o espírito poderia recusar.

## CAPÍTULO III

“Basta existir para ser completo”.  
(Fernando Pessoa)

### **O OLHAR E O SE-MOVIMENTAR: UMA FENOMENOLOGIA DO FUTEBOL, OU DE COMO O CAP ENCONTRA TALENTOS.**

As vias pelas quais se constroem atletas profissionais de futebol, ao menos no que o CAP propõe, são praticamente preenchidas pelo saber científico. O futebol é, como o vejo, a articulação estruturada de um “horizonte de técnicas”. É sob o regime convergente destas técnicas, corporais, pedagógicas, disciplinares, biomédicas, científicas, econômicas etc. que como conjunto de esforços em correlação produz o jogador profissional. Entretanto, para que a organização do treinamento possa intervir na formação é preciso que o “talento” seja descoberto. Há, portanto, um passo anterior, cujos alicerces pretendo discutir neste ponto.

A importância desta questão não é insignificante para esta tese, pois vai evidenciar, talvez como um porta voz que emite um discurso dissonante, os limites do saber tecnocientífico, como proponho, ao demonstrar a primazia do olhar e do se-movimentar fenomenológico, além é claro, das convergências sociais necessárias, na descoberta e incorporação do talento esportivo ao universo do futebol. Não se trata, todavia, de negar o incremento científico que toda a maquinaria do treinamento esportivo incorpora, mas de reconhecer que é a relação corpo-mundo que sustenta o desenvolvimento do vir-a-ser jogador de futebol.

Para realizar o que me proponho, descreverei os modelos utilizados ou planejados pelo Atlético para encontrar jogadores para as suas categorias de base. Os profissionais, é claro, ainda que com princípios semelhantes, estão mais sujeitos às demandas de uma mentalidade que faz circular, dialeticamente articulada a uma filosofia do dinheiro, da qual tratarei no capítulo seguinte. Afirmo, neste capítulo, que a idéia de “talento” no sentido do inato – seja como dom natural, seja como dom divino – como suporte ideal do sujeito

especial que transcende os limites do corpo e do social é limitada, pois há um complexo de fatores que permitem (ou inibem) a formação de um atleta. Para dar conta destas questões, antes de tratar dos modos como os atletas chegam ao CAP, abordarei o problema do sistema etário.

### **3.1. Um Sistema Etário**

O antropólogo Evans-Pritchard (2002), em seu clássico estudo sobre os Nuer, descreve os modos de vida e o sistema político que estrutura a vida deste povo nilota. Um dos aspectos significativos, para além da ordem aldeã, a relação com o gado e o sistema de linhagens, é o das classes etárias. Em síntese, as classes etárias são formas discretas de ordenar os jovens, considerando o período de sua iniciação pubertária, passando à vida adulta, até chegar à velhice. Com ritos de passagem específicos, que consistem em realizar incisões na testa, de orelha a orelha, com uma pequena faca, grupos de jovens são iniciados em conjunto e carregam para sempre o pertencimento ao mesmo grupo etário.

Invocar este texto para lembrar que nós também trabalhamos com grupos etários em diferentes circunstâncias, mais ou menos permeáveis, talvez não fosse necessário. O caso é que Evans-Pritchard nos lembra as implicações recíprocas entre classes etárias e relações sociais, e de como, períodos específicos, convenientemente marcados pelo social e aceitos coletivamente pelos jovens iniciados, regulam modos de estar no mundo, que vão do status na linhagem e no clã aos papéis sociais considerados convenientes a serem realizados ou os limitados às referidas classes.

O CT, a rigor, opera sob uma lógica semelhante. Como integrante do sistema esportivo, é obrigado a organizar seus atletas em classes etárias (chamadas categorias) regulamentadas pela Confederação Brasileira de Futebol. A despeito de, como os homens Nuer, todos os atletas partilharem dos sentidos gerais da estrutura global, as classes de idade são compreendidas em suas particularidades e tratadas de acordo com sua posição no conjunto hierárquico do CAP. Cada classe de idade recebe uma denominação e à medida que os jogadores vão envelhecendo vão mudando de categoria tendo como limite formal a categoria “adulto”.

Quando cheguei ao CT, treinavam lá as categorias infantil (13 e 14 anos), juvenil (15 e 16 anos), juniores (17, 18 e 19 anos) e profissional (20 em diante). Entretanto, as categorias são permeáveis, podendo, desde que apresente as condições necessárias (físicas,

técnicas, táticas, etc.), ou seja uma necessidade circunstancial, um jogador de uma categoria inferior treinar e jogar numa categoria acima. É assim que atletas juvenis podem compor o time de juniores e jogadores de 17 anos são tornados profissionais (neste caso é preciso considerar também as questões econômicas). Por outro lado, jogadores de categorias maiores, ainda que não possam competir, podem treinar com categorias de baixo.

Estas questões, que podem ser por demais conhecidas para quem vive o sistema esportivo, podem ajudar a esclarecer as noções de hierarquia e status que compõem o universo do futebol e que pretendo tratar *a posteriori*. Antes, porém, cabe destacar o papel que o problema etário implica para marcar o início da formação, os pontos críticos e altos da carreira, até o ocaso, que, salvo exceções é, de modo geral, por ela determinada.

A percepção geral de quem trabalha com futebol, explicitamente no CT, é que a formação de um atleta de futebol profissional é longa e difícil. Assim, a busca de “talentos” se dá em idade cada vez menor. É muito difícil, segundo meus informantes, que alguém que não tenha passado por escolinhas ou categorias de base consiga se tornar um profissional: o mito da “várzea”, do malandro bom de bola que com sua ginga e malemolência desenvolvidas na rua torna-se um craque se não desaparece tem seu campo etário reduzido.

O processo de formação de um atleta exige um disciplinamento do corpo que, para ser mais eficiente, ou seja, abrir a possibilidade de dar certo, exige tempo. Para além dos investimentos no corpo feitos pelos próprios formadores do futebol, aspectos sociais importantes parecem auxiliar, ou facilitar, este disciplinamento. Waquant (2002) ao estudar os pugilistas de um bairro negro de Chicago (EUA), não por acaso realizado em estreita relação com Pierre Bourdieu, assinala o fato de que para a formação de um pugilista uma família minimamente estruturada é importante, se não fundamental. A presença da mãe e de outros familiares que estabeleçam limites e alguma disciplina na vida dos agentes, pelo fato de o ginásio estar localizado em um bairro pobre e violento, colabora na incorporação da rigidez dos dispositivos repetitivos e, por que não, violentos do treinamento. Em geral, jovens que viviam na rua ou com a vida familiar comprometida e que procuravam o ginásio permaneciam pouco tempo nos treinamentos, não suportando a disciplina exigida na formação do *boxeur*.

Tal aspecto já foi observado também por Rial (2006) ao pesquisar os jogadores de futebol brasileiros atuantes no exterior. O artigo demonstra a importância das relações familiares e a profunda conexão com o Brasil, seja levando familiares para viver na

Europa, seja na manutenção de hábitos como os alimentares, a escolha das músicas, ou ainda vindo ao país com certa frequência: nas férias, para a recuperação de alguma lesão, etc. Assim, tal como Damo (2005) também ressaltou, o entourage é muito importante na construção e manutenção da carreira do jogador de futebol.

As observações do professor Michel, pedagogo do CT, ainda que, como pude apurar, o mesmo não tenha lido as noções bourdianas de capital cultural, econômico e simbólico, e suas implicações para a apreensão e agência nos diferentes espaços sociais, reafirma as questões apresentadas por Waqüant. Segundo Michel, que trabalha na organização da vida pedagógica e escolar dos atletas das categorias de base, há um certo “tipo ideal” de menino que facilita a adaptação à vida no CT e aos disciplinamentos ligados a esta vida. Estes meninos ideais têm origem em famílias mais ou menos organizadas, geralmente com a presença da mãe, com um vínculo afetivo importante, mas com um nível de conforto material relativamente baixo.

Atletas vindos de “famílias desestruturadas”<sup>88</sup> tornam-se, em geral, “problemáticos”, no sentido em que tendem a não incorporar com facilidade o disciplinamento exigido pelo treinamento e a vida “confinada” no CT. Pude observar, durante o campo, mais de um caso de “jogadores problemas”, em diferentes categorias, cuja história de vida é marcada por relações conflitivas com a comunidade e a escola, desajustes e violências familiares. Outro grupo, cujas características familiares e sociais dificultam o trabalho de formação, é proveniente de famílias bem estruturadas e com conforto material. Estes tendem a abandonar o CT e a vida de atleta devido a saudade dos familiares e dos confortos da casa.

Uma conversa com Luiz Fernando, olheiro do clube e responsável por encontrar jogadores para compor o elenco das categorias de base, reforça este esquema de percepção a partir da vida cotidiana. Este profissional disse-me que prefere buscar jogadores no sul e sudeste do país, principalmente no sul, pois em suas palavras: “aqui os garotos tem pai e mãe, conversa-se com a família, vê-se que há educação. No nordeste a gente não sabe quem é o garoto, ninguém sabe. Vê no campo, traz (para o CT), mas não se sabe como é a vida que ele leva”. Mesmo tendo como registro uma impressão que se pode considerar preconceituosa com relação ao norte e nordeste brasileiro, o que importa ressaltar é o

---

<sup>88</sup> Termo nativo pouco difuso que tende a denotar famílias com poucas condições financeiras, ausência do pai ou da mãe - por morte ou abandono - , pais (em geral) ou outros familiares com problemas de vício, violência, ou mesmo envolvidos com o crime. Pude conhecer jovens jogadores com problemas desta natureza e com dificuldades de se ajustar ao modelo disciplinar do CT.

reconhecimento por parte de um agente importante no espaço do futebol sobre as implicações das relações familiares para a formação do atleta.

Se a vida familiar do jovem atleta é investigada e, na medida do possível, tratada com cuidado pelos profissionais do CAP é não menos problemático as relações dos jovens e adultos com namoradas e esposas. A noção de família estruturada se alarga para além da presença dos pais e irmãos. A vida afetiva e sexual é cuidadosamente observada, principalmente dos solteiros. Se a estabilidade da relação matrimonial dos casados, o bom relacionamento com a esposa e o cuidado dos filhos requer atenção, é sobre a “desordem” da vida de solteiro e os “percalços do coração” que rondam os maiores perigos.

No final de 2006, um evento singular foi tratado como indisciplina e foi severamente repreendido. Sete jogadores do juvenil haviam feito uma festa com algumas meninas no apartamento de um deles. A festa tornou-se de conhecimento de todo o CT e obrigou uma ação de repreensão por parte dos dirigentes. Esta confusão, gerada por uma festa de jovens, apenas reflete o caráter perigoso que a prática do sexo incide para a ordem e a disciplina do treinamento e do rendimento esportivo. Na verdade, este é um assunto comum à beira do gramado durante os treinamentos. Contar as histórias envolvendo festas, *boites*, bebidas e mulheres faz parte do cotidiano. Entretanto, é preciso que os atletas se mantenham sujeitos à hierarquia e ao disciplinamento que o CT impõe. Em verdade, a despeito do rigor com que alguns profissionais tomaram o caso, a maioria deles, mais ligados ao mundo da bola do que ao rigor científico, achou divertida a história e, em resumo, pensou: o problema não é fazer, é deixar que as pessoas saibam.

Em período semelhante, um atleta dos juniores estava namorando uma mulher que, segundo pude apurar e para preocupação e desgosto de alguns dos profissionais ligados ao treinamento, era “mais velha” (quanto, não o sei) e só estava atrapalhando “a cabeça do menino”. De fato a quebra da ordem pela inversão etária no modelo prescrito das relações afetivas entre gênero gerava um incômodo no CT<sup>89</sup> e uma certa desconfiança em relação aos “verdadeiros interesses” da mulher. Mas, para além disso, a perda do foco nas competições e no treinamento, a dissipação da energia, da concentração e do esforço, naquele momento deslocados para outra ordem (ou para uma desordem), eram o principal problema a resolver. Para alguns a questão era simples e direta: devia o jovem terminar a relação e voltar a se preocupar com o futebol.

---

<sup>89</sup> Discutir mais profundamente as concepções de gênero que permeiam o futebol em geral e o CT do Caju em particular não está no escopo deste trabalho. Entretanto, vale salientar que há uma perspectiva bastante machista e normativa sobre a sexualidade e o afeto para jogadores de futebol no CT.

Em resumo, o CAP envida esforços para controlar a vida íntima dos atletas, seja dando suporte às famílias dos jogadores, seja tentando interferir nas relações afetivas. Não parece haver dúvida que o CT, espaço social de disciplinamento, trabalho e vida longe da família, mas também de sonhos, planos e esperança, acaba sendo ocupado principalmente por um grupo de meninos cujas bases afetivas, materiais e educacionais formam um conjunto de disposições, um *habitus*, que facilitam a incorporação dos dispositivos que regulam a vida no CT e que vivem, no presente, dentro das condições de possibilidade que sua vida pregressa e seu capital futebolístico – para usar uma expressão de Damo (2005) – organizam, um projeto, a saber, o de tornarem-se atletas profissionais de futebol. Todavia, uma vez não cumpridos estes requisitos de “capital social”, não se furta o CAP em interferir para que o atleta se adapte.

Por fim, o sistema etário, que divide categorias nas quais os jogadores podem atuar e hierarquizam relações dentro do treinamento, é também um importante regulador da intervenção do CAP na vida íntima dos atletas. Quanto mais jovens, mais suscetíveis de terem seus corpos, desejos e afetos controlados, vigiados e submetidos ao modelo disciplinar do CT. Do mesmo modo, quanto menos regulados pela vida familiar, mais sujeitos aos dispositivos disciplinares que estruturam o treinamento.

### **3.2. A Seleção de Atletas**

Trato, conforme anunciei anteriormente, dos diversos métodos através dos quais o CAP procura(va) e seleciona(va) atletas para jogarem em suas categorias de base, enfatizando a passagem de um modelo mais empírico para a tentativa de implementar um modelo científico através da matematização de variáveis, para por fim refletir sobre a primazia do olhar neste processo.

#### a. As Peneiras<sup>90</sup>: um processo intensivo

Durante os anos de 2002/3 e 4 o CAP usou uma metodologia para a busca de talentos bastante comum no cenário do futebol nacional mas que, pela sua condição de abrigar jovens em sua estrutura de hotelaria, permitiu um processo contínuo de trabalho que se estendia por todo o calendário competitivo. Se as peneiras na maioria dos clubes se

---

<sup>90</sup> As peneiras são formas de recrutar jogadores, comumente nas categorias de base, através da reunião de um grande número deles em um ou dois dias para escolher os possíveis integrantes das equipes. Um exemplo destes processos pode ser assistido no documentário Futebol, de João Moreira Salles, ...

resumem a um ou dois treinos em condições pouco favoráveis – campos ruins, infraestrutura para acolhimento dos atletas inadequada, pouco tempo para que se possa apresentar alguma qualidade esportiva –, no CAP o processo era mais bem organizado, mas não menos complicado.

Segundo Bráulio, que era o responsável por este processo naquele período, durante uma semana, cerca de 30 a 40 jogadores ficavam alojados no clube, em regime de internato, treinando pela manhã e tarde, seguindo um protocolo estabelecido pelos especialistas que consistia dos seguintes componentes: na chegada, sempre uma segunda-feira, exames médicos preliminares pela manhã e treino leve pela tarde; no restante da semana, treinos técnicos e táticos em dois períodos, além de testes que avaliavam capacidades físicas e técnicas.

Durante este processo, os jogadores que iam se destacando a partir da observação do próprio Bráulio passavam a ser observados também pelos treinadores e demais membros das comissões técnicas das categorias pertinentes. Caso aprovados, permaneceriam mais um tempo no clube em treinamento para melhor avaliação e, se fosse o caso, definitiva incorporação no elenco.

Considerando a quantidade de 30 a 40 meninos/jogadores por semana, num período de aproximadamente 10 meses, podia se chegar a um total projetado de 1200 garotos observados num exaustivo ciclo semanal de exames, testes e treinos. Segundo as estatísticas, de 3 a 5 jogadores por ano eram aproveitados neste processo. Reconhecida a ineficiência desta forma de arregimentar jogadores, ao se considerar o esforço despendido, além dos custos, o mesmo foi abandonado.

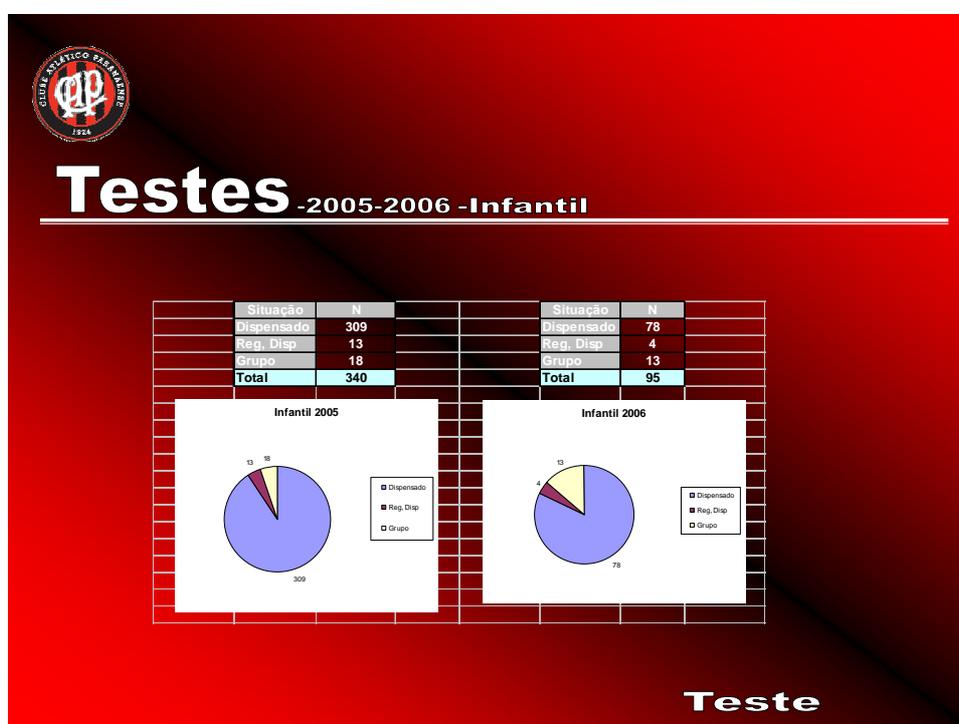
#### b. O Processo de Avaliação Contínua:

Após abandonar o modelo intensivo de busca de talentos, o CAP continuou a receber jovens jogadores para testes. Ao contrário do anterior, que colocava o grupo de aspirantes a treinar em separado, sendo observado por um treinador especialmente designado, durante uma semana, agora os que chegam para testes são incorporados à equipe de sua categoria e treinam com os possíveis companheiros de equipe.

Estes jogadores chegam de diversas formas: provenientes das muitas escolinhas que o CAP está espalhando pelo Brasil; por indicação de um “olheiro” cadastrado ou com algum tipo de relação com o clube; encaminhados por agentes ou empresários; através de algum dirigente, conselheiro ou qualquer outro integrante da diretiva ou associado do

clube; e de várias outras formas, inclusive por iniciativa própria<sup>91</sup>. Quanto à origem, são procurados em (e procuram de) todo o Brasil. Os passos seguintes do projeto de modernização e expansão devem levar o CAP para o exterior, em direção, principalmente, da América do Sul<sup>92</sup> e da África.

Dados referentes ao relatório de atividades dos anos 2005 e 2006 apresentam o aproveitamento de atletas resultante desta forma de recrutamento nas categorias infantil, juvenil e junior, como demonstram os gráficos abaixo:



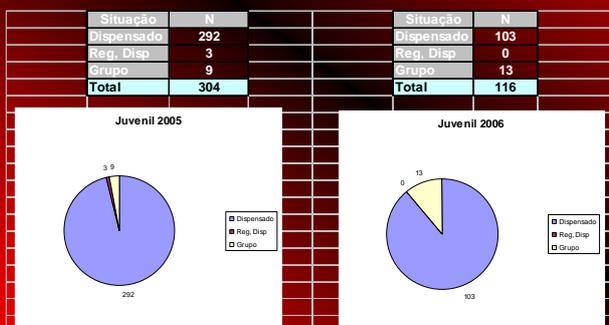
(Gráfico do número de atletas testados, dispensados e aproveitados na categorial infantil nos anos 2005/2006 – Fonte: relatório CAP)

<sup>91</sup> O terceiro modelo, de caráter “científico”, procura mapear e conferir valor numérico aos modos pelos quais os jogadores chegam ao CT.

<sup>92</sup> Vários colombianos jogam ou jogaram no time principal do CAP nos últimos cinco anos. Nas categorias de base pude ver a chegada de um colombiano e um paraguaio. Há, também, uma intensa troca de experiências com a Coréia do Sul, além de um convênio com o Dallas FC, dos EUA.



# Testes -2005-2006 -Juvenil

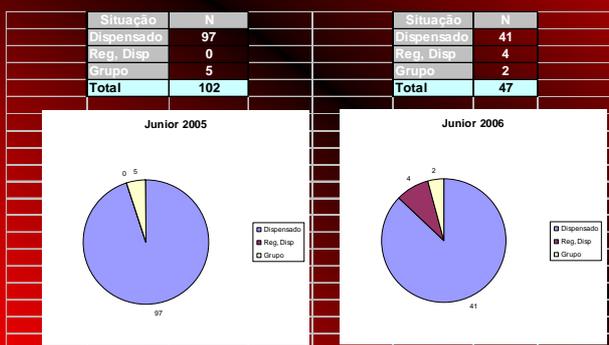


Teste

(Gráfico do número de atletas testados, dispensados e aproveitados na categorial juvenil nos anos 2005/2006 – Fonte: relatório CAP)

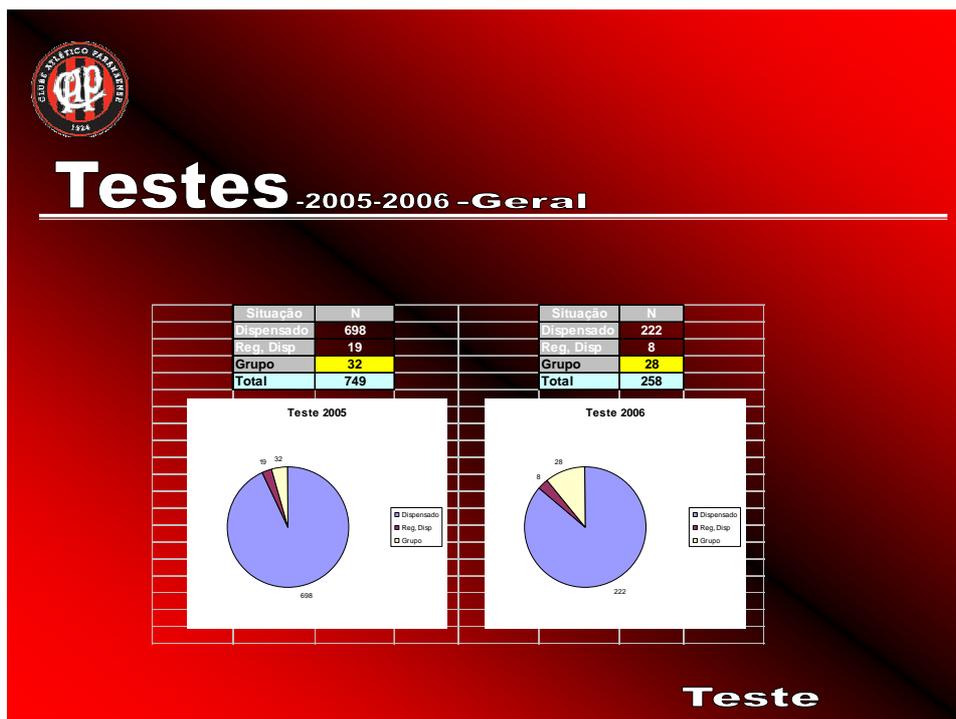


# Testes -2005-2006 -Junior



Teste

(Gráfico do número de atletas testados, dispensados e aproveitados na categorial junior nos anos 2005/2006 – Fonte: relatório CAP)



(Gráfico do número de atletas testados, dispensados e aproveitados em todas as categorias nos anos 2005/2006 – Fonte: relatório CAP)

Como se pode perceber, o número de atletas aproveitados é muito baixo, ao se considerar o número de atletas testados. Evidentemente há um funil muito grande. À medida que se avança na idade, o “gargalo” se estreita, dificultando o acesso de novos jogadores ao clube. Se no infantil, considerando-se os dois anos, 31 atletas foram aproveitados, nos juniores este número se reduziu a 7. Em 2006 o número de jogadores testados também diminuiu, assim como a incorporação de atletas nos elencos.

A diminuição da testagem em 2006 pode ter vários motivos: o aumento do rigor e cuidado na questão das indicações e processo de seleção; o fato de os times estarem formados, com poucos espaços para novos jogadores (cabe ressaltar que o Atlético conta com jogadores das várias categorias de base na seleção brasileira); ou, o que é mais provável, a mudança de política de formação de atletas na base, que, por um lado, aposta num protocolo de modelo científico para diminuir os erros de investimento e, por outro, reduziu o número de “olheiros” responsáveis por encontrar jogadores. Ambos serão tratados a seguir.

c. A Geração de um novo projeto: o modelo científico

A proposta atleticana de ser uma escola de formação de jogadores, segundo os dirigentes, uma das únicas (talvez a única) formas de se manter competitivo e em

condições financeiras de enfrentar as demandas do mercado, tem gerado um projeto para, através de uma metodologia quantitativa, com uma lógica das ciências duras, diminuir as incertezas no processo de busca de novos e jovens jogadores, reduzindo os custos e ampliando o leque de opções de intervenção do clube.

Essa proposta, que se organiza na forma de um protocolo cujo autor pretende validar, consiste num complexo de informações cruzadas e valoradas numericamente que, após computados todos os dados e calculados os valores atribuídos a cada qualidade determinada, resultaria num valor numérico capaz de prognosticar as possibilidades do avaliado ser aproveitado pelo clube. Esse modelo, tomado como científico, recobre áreas distintas como a capacidade técnica dos jogadores, determinadas através de testes quantitativos de performance, avaliação psicológica, nível de maturação e modo de chegada no clube que somados e calculados com pesos relativos específicos traçariam o destino do atleta no CAP.

Este protocolo, volto a destacar, que pretende ser validado como científico, apresenta os seguintes aspectos, conforme o Programa de Promoção e Identificação de Talentos no Futebol do CAP para a Faixa etária 12-14 anos considerando as seguintes “Etapas de Promoção, Identificação e Preparação em Longo Prazo de Jovens Futebolistas”<sup>93</sup>:

I- Preliminar (Promoção)	8-11 anos
II- Especialização Inicial (Identificação)	12-14 anos
III- Especialização Profunda	15-17 anos
IV- Alto Rendimento	18-20 anos
V- Manutenção do Alto Rendimento	21 e mais

(Quadro: “Etapas de Promoção, Identificação e Preparação em Longo Prazo de Jovens Futebolistas”)

Partindo de critérios heterogêneos, nos quais devem ser considerados aspectos inerentes a prática do futebol, que resultam de uma interpretação do que é o humano, mas também do que é ser jogador de futebol, os jovens atletas são submetidos a uma bateria de medidas e testes os quais deverão fornecer informações precisas das variáveis mais importantes na formação e aperfeiçoamento do atleta com perspectivas de evolução no futebol.

---

<sup>93</sup> Os dados a seguir foram retirados do projeto a mim apresentado pelo prof. Antônio Carlos Gomes.

• <i>Forma de Indicação</i>	<i>5%</i>
• <i>Aspectos Psicológicos;</i>	<i>10%</i>
• <i>Maturação Biológica</i>	<i>20%</i>
• <i>Aspectos Físico Motor</i>	<i>15%</i>
• <i>Aspectos da Habilidade Motora (com bola)</i>	<i>20%</i>
• <i>Aspectos Técnico/Tático em Jogo</i>	<i>30%</i>
• <i>TOTAL</i>	<i>100%</i>

Cada uma destas áreas de avaliação recebe um peso relativo, conforme valores indicados percentualmente na tabela acima, para cálculo da pontuação final através de um instrumento de avaliação que investiga 27 parâmetros. Tais parâmetros devem fornecer o perfil psico-morfofuncional do jovem atleta e indicar os mais talentosos nesta faixa etária, 12-14 anos, para a modalidade de futebol.

“Os parâmetros de avaliação” é composto por um conjunto de características diversas, cuja preocupação é espelhar o atleta em seus diferentes modos de ser no mundo, perscrutando desde suas características físicas gerais mais visíveis, até sua maturação biológica, passando por aspectos correspondentes ao seu perfil psicológico além do seu desempenho atlético específico. Nestes termos, tomando como exemplo apenas alguns dos dados pelos quais a avaliação se dará, tem-se: se chegou ao clube por iniciativa própria, se chegou ao clube indicado por um professor de educação física, nível de estresse, nível de agressividade, prognóstico de altura, índice de maturação, velocidade, habilidade motora, conhecimento tático...

Esta avaliação deverá se dar em dez passos e demandará o esforço coletivo de um grupo especializado de profissionais: médico, psicólogo, fisiologista, preparador físico, treinador/técnico que através da matematização de parâmetros, em alguns casos inconciliáveis, gerará um número absoluto e inquestionável, na medida em que tem sua eficácia traduzida pelas leis da ciência e da estatística. O quadro a seguir apresenta os valores relativos a cada aspecto avaliado e seu peso no cálculo geral do valor atlético intrínseco ao garoto avaliado.

<b>Parâmetros a serem avaliados</b>	<b>Peso de cada parâmetro a ser avaliado</b>	<b>Pontuação</b>
<b>1. Como o atleta chega ao clube</b>	<b>P-0,5 x 10</b>	<b>5</b>
<b>2. Aspectos psicológicos</b>	<b>P-0,1 x 100</b>	<b>10</b>
<b>3. Maturação biológica</b>	<b>P-2 x 10</b>	<b>20</b>
<b>4. Velocidade de deslocamentos</b>	<b>P-0,25 x 20</b>	<b>5</b>
<b>5. Avaliação da agilidade</b>	<b>P-0,25 x 20</b>	<b>5</b>
<b>6. Resistência aeróbia</b>	<b>P-0,25 x 10</b>	<b>5</b>
<b>7. Domínio de bola</b>	<b>P-1 x 10</b>	<b>10</b>
<b>8. Precisão de passe</b>	<b>P-1 x 10</b>	<b>10</b>
<b>9. Técnico Tático</b>	<b>P-0,25 x 120</b>	<b>30</b>
<b>TOTAL</b>		<b>100</b>

(Quadro dos parâmetros da avaliação e seus valores para a seleção de atletas – fonte: projeto CAP)

Os dez passos acima citados e as inúmeras características observadas em cada um destes passos transformam o se-movimentar, que é relação dialógica do corpo com o mundo (consigo mesmo, com os outros, com os objetos e com o espaço-tempo) em objetividade científica, concretizando o objetivo de eliminar as incertezas (que é, segundo a racionalidade moderna, característica do humano e não da ciência e da técnica) na procura e seleção dos talentos esportivos.

d. As Escolinhas:

Outra modalidade através da qual o CAP tem procurado formar jogadores que possam compor o elenco das categorias de base é a organização de escolinhas. Tentei acesso ao projeto que, entre 2006 e 2007 estava em andamento e, ao que parece, sofreu modificações constantes. Assim, é segundo o site do próprio clube e através das conversas com vários profissionais que os dados aqui são oferecidos. As escolinhas são feitas sob a forma de parceria através de um contrato de licenciamento. Tal contrato, entre pessoas jurídicas do âmbito público ou privado, prevê direitos e deveres entre as partes, que, em síntese, obedecem aos termos a seguir.

O CAP se obriga a oferecer o treinamento dos professores “dentro dos padrões de qualidade das Escolas de Futebol do CAP”, além de supervisionar os trabalhos nas escolas, visando à manutenção da qualidade de seu desenvolvimento Técnico/ Metodológico,

introduzindo um padrão de qualidade e uma metodologia comuns às escolas conveniadas. O CAP ainda se compromete a prestar assessoria na área de Marketing, objetivando a inserção da escola na comunidade local e a manutenção da comunicação entre ambos. Por fim, fornecerá o material de treinamento necessário, tanto para o trabalho dos treinadores quanto para o dos alunos, que exige um “Kit do Aluno” (calção, camisa e meias), que deve ser vendido aos alunos matriculados. Por fim, a pedra de toque, para os “talentosos”, a garantia da realização de testes, no CT do Caju.

Para os parceiros, além do direito de cobrarem mensalidades, os deveres se dividem em garantir estrutura material mínima, (Campo de grama natural ou sintética, Secretaria, Almojarifado, Vestiário); a contratação dos profissionais (2 Professores de Educação Física, 1 Secretária) e obedecer as determinações constantes no manual das Escolas de Futebol do CAP. Assim, além de custear a participação da escola nos eventos esportivos da qual fará parte – pois várias competições intra e extra escola são comuns – deve também ser o responsável pelo deslocamento e recepção dos supervisores do CAP.

Para o que nos interessa, mais do que a estrutura das escolas – mas não menos que o perfil dos contratos – são, além dos objetivos, a metodologia empregada pelo CAP. Os objetivos são óbvios. Como pano de fundo, o caráter social do desenvolvimento de crianças e adolescente através do caráter educacional e saudável do esporte. Entretanto, o interesse está voltado para dois aspectos centrais: primeiro, o desenvolvimento e expansão da marca Clube Atlético Paranaense, o que está em acordo com a perspectiva atleticana de tornar-se “grande” e moderno, como visto no primeiro capítulo; segundo, a seleção de jovens jogadores para atuarem no CAP<sup>94</sup>.

Do ponto de vista metodológico, destaque-se a preocupação da padronização das práticas, tanto as administrativas quanto as pedagógicas. A proposta é a de “estabelecer uma filosofia de trabalho unificado para todas as unidades”. Portanto, cabe ao atlético repassar o planejamento das atividades e acompanhar a sua execução. Talvez por isso seja necessário “um computador para o controle dos treinamentos, fluxos de competições e crescimento das aptidões física e motora dos alunos”. Assim, além de, através do controle total das atividades, o CAP pretender padronizar as escolas e divulgar sua marca, os

---

<sup>94</sup> Dentro do projeto de pesquisa: Os boleiros no mundo: estudo da emigração de jogadores de futebol brasileiros (2005 – 2010), a profa. Carmen Rial demonstra que os jogadores com sucesso são aqueles que tiveram uma trajetória institucionalizada desde o início. Raros são os casos de jogadores de várzea. E, do mesmo modo, que a África e a América do Sul têm sido “celeiro” de jogadores de futebol dada a ausência de políticas protetoras, que obriguem os clubes a dedicarem grande parte do dia do atleta a sala de aula, provendo um ensino formal.

processos que envolvem o trabalho de formação de professores/treinadores e alunos/atletas apóia-se nos procedimentos científicos que a direção técnica coordena.

. Apoiado em princípios estabelecidos através dos estudos na área de Aprendizagem Motora e de Desenvolvimento Motor<sup>95</sup>, entre outras que compõem os estudos sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente, os processos de ensino/aprendizagem deverão ser organizados. Se a montagem das turmas deve respeitar as categorias oficiais do futebol – Mamadeira Kids - 3 e 4 anos; Fraldinha Kids - 5 e 6 anos; Dente-de-leite - 7, 8 e 9 anos; Mirim - 10 e 11 anos; Pré-infantil - 12 e 13 anos; Infantil - 14 e 15 anos e; Juvenil - 16 e 17 anos – a metodologia de ensino deverá estar relacionada a aspectos como idade cronológica, idade maturacional, nível de desenvolvimento motor (motricidade ampla e fina), características fenotípicas e genotípicas, etc.

Através do controle de variáveis que não estão resumidas apenas à qualidade do futebol praticado, mas de saberes sobre o corpo que as diversas formas de olhar – testes, exames e medidas – os jogadores serão avaliados, separados, selecionados ou descartados. Como exemplo, uma palestra de formação de professores de escolinhas pode ajudar a esclarecer a questão. Segundo o palestrante, diretor técnico do clube e um dos responsáveis pelo desenvolvimento científico do CAP, em um dos últimos campeonatos juvenis, em nível nacional, observou-se que a maioria dos clubes tinha jogadores com o nível maturacional elevado em se considerando a idade. Ou seja, os clubes acabam por procurar os jogadores cuja compleição física propicie um ganho de força e velocidade em relação aos adversários. Assim, jogadores mais desenvolvidos levam vantagem sobre os mais franzinos e menores, que, apesar de terem a mesma idade, estão em desenvolvimento biológico diferentes.

O CAP, em suas escolinhas, deverá realizar o contrário. Estando em comparação dois garotos com mesma idade e com habilidade motora semelhante, deve-se escolher o de menor maturação, pois há, nele, uma possibilidade de desenvolvimento físico e atlético ainda em aberto e, mais importante, um alargamento das possibilidades de aprendizado motor, haja vista a abertura biológica inscrita no próprio corpo em formação. Tal aspecto já revela, talvez de modo metonímico, as imposições do biopoder no escrutínio e na modelagem do corpo, e a exigência do treinamento de se buscar corpos manipuláveis, a disposição das ações disciplinadoras e reguladora dos gestos.

---

<sup>95</sup> Disciplinas tradicionais do campo da Educação Física que se desenvolvem principalmente a partir de pressupostos biológicos.

Com esta síntese, procurei apenas demonstrar mais um dos caminhos pelos quais o Atlético tem procurado desenvolver suas categorias de base através destas escolas que devem funcionar como apêndices, campos avançados através dos quais o CAP fortalece sua marca, aprimora seus métodos de trabalho baseados na tecnociência e, sem dúvida, forma jogadores.

Ainda uma nota, o CAP tem outras formas de parcerias, seja com escolas autônomas, seja com pequenos clubes regionais ou nacionais. É interessante notar que a estrutura hierárquica clubística pode ser percebida através destes convênios e parcerias nos quais pequenos clubes, clubes de empresários e, no caso do CAP, inclusive clubes estrangeiros (nos EUA, na Coréia do Sul, etc.), formam jogadores, oferecendo prioridades aos clubes maiores na avaliação e contratação destes atletas.

## 5. Os Olheiros

Para finalizar, a última modalidade de recrutamento de atletas já carrega em seu próprio nome uma singularidade: o olhar. Na verdade, a rigor, todos os atletas que treinam no CT são frutos de um olhar. Um olhar especializado e especial, de alguém que consegue distinguir entre tantos garotos e tantos gestos, o dono de um movimento diferente, que se destaca por aspectos cuja sutileza nem sempre pode ser traduzida em palavras. O gesto, cuja perícia é uma sincronia de repetição e diferença, é este diálogo do corpo com o mundo, com a bola e com os companheiros e adversários. Espalhados pelo Brasil e exterior, há olhos conectados aos movimentos do/no futebol.

O principal olheiro do CAP, com larga experiência no futebol – tendo prestado serviços inclusive para a CBF – associa trabalho e dom para explicar sua capacidade de encontrar atletas. Sua eficiência, segundo os especialistas, é incontestável, o que o fez tornar-se o olheiro oficial do clube – juntamente com outro que atua na região nordeste do país. Como vimos anteriormente, há um esforço para se reduzir a incerteza e maximizar o aproveitamento das avaliações para encontrar jogadores. Segundo o prof. João Paulo (ex preparador físico dos juniores e hoje gerenciando um dos parceiros do CAP em Fortaleza) de cada três atletas indicados por Luiz Fernando, dois são aproveitados – para o olheiro do nordeste, a proporção é de um para cada dois. Comparado aos modelos analisados anteriormente, é incontestável a capacidade dos mesmos de encontrar jogadores.

É possível que no conjunto de profissionais que trabalha pelo futebol do Atlético ele seja o ponto no qual o olhar da bola se concentra e se liga, depois da devida incorporação dos “garotos” ao elenco de atletas, a ciência. É difícil avaliar os efeitos de sua presença no

CT. Sua visão sobre o futebol é direta, simples, contundente. Não mede palavras. Parece representar o que há de mais tradicional no futebol. Fumando um cigarro após o outro, as vezes calado a observar, por outras, em conversas particulares em tom de confiança, é, primeiro, com gratidão e respeito que a maioria dos atletas o olha e trata, segundo, com o mesmo respeito e cuidado que os profissionais do CAP com ele se relacionam.

O trabalho de Luiz Fernando é exaustivo. A maioria dos atletas que hoje está nas categorias de base no CT foi indicação dele. Alguns atletas que hoje são profissionais também. Descobriu jogadores de seleção brasileira, como Élber, Wagner e Ronaldo “Fenômeno”, a quem levou para o cruzeiro em 1992. Desde que chegou ao CAP tem rodado cerca de 70.000km por ano de carro, fora viagens aéreas. Têm uma rede de informantes com a qual mantém contato permanente e que dão indicações iniciais. Em alguns deles Luiz Fernando confia plenamente, bastando a informação daquele para que o garoto vá para uma avaliação no CT. Entretanto, de modo geral, prefere ele mesmo observar os jogadores em seu local de origem.

Em nossa conversa, perguntei-lhe o que ele observava num garoto. Primeiramente, respondeu ele, a técnica. Depois, suas condições de vida: como ele é, qual a idade, como é a família, o local de onde vêm, etc.. O que importa pouco, pois isso depois o clube resolve, é a parte física. Vale descrever uma de suas descobertas para compreender sua lógica:

Eu tenho um jogador, por exemplo, que é jogador juvenil, que eu tenho quase que certeza que em 2008 ele tem tudo pra ser disputado aqui pro profissional. Eu tenho um garoto, por exemplo, que hoje ele não está aqui, ele está pelo interior, não posso dizer (onde ele está), está em casa. Ele tem 14 anos, 1,68m. Você não sabe se ele é pé esquerdo ou pé direito, com um QI muito avançado. Eu nunca nem sonhei em achar um jogador com uma condição técnica dessas, eu acho que eu nunca tinha visto e nem imaginei que eu fosse ver um dia, mas eu estou vendo. Garoto de família. E inclusive eu estou viajando essa semana pra casa dele. É um jogador excepcional. Se tudo correr bem, for feito um trabalho bem certinho em cima dele, é um jogador pra ser ponta no futebol mundial. Mas isso não é sempre que nasce. Então, esse garoto, quem vê fica entusiasmado, até pessoas que não trabalham com futebol, como tiveram agora 30 meninos americanos... Os treinadores americanos, todos levaram foto dele, todos levaram autógrafos, até os americanos viram que ele tem tudo para ser uma estrela do futebol mundial futuramente. Então o que você precisa fazer agora? Uma cabeça boa não tem, se ele fosse normal seria igual aos outros. Então ele é complicado. É muito complicado! Mas porque ele é diferenciado, o que você precisa fazer agora é trazer de volta, ele viajou agora pra terminar umas provas pra ele poder vir agora no segundo semestre em definitivo.

Ele é tão diferenciado dos outros que o clube já está alugando um apartamento para trazer a família para cá. Então é um jogador, por exemplo, que não é sempre que nasce e o potencial dele é excepcional. Chuta bem com os dois pés, bate com a parte externa do pé, bate com a parte interna, cabeceio quase que perfeito... Pra idade dele! Um garoto que tem um biótipo meio parecido com o biótipo do Kaká, até a fisionomia é meio parecida. Então ele tem tudo, a habilidade dele... eu não sei falar pra você se o Ronaldinho Gaúcho é mais habilidoso que ele, e ele com 14 anos. E eu acho que ele é mais habilidoso que o Ronaldo Gaúcho, pra você ver como incrível esse menino é. Então agora eu vou ver uma seqüência dele, o trabalho que vai ser feito aqui no Atlético para fazer dele uma estrela do futebol mundial.

Assim, sob uma lógica que reconhece na “técnica corporal” (Mauss, 1974) a centralidade da sua busca, sabe, por uma experiência vivida através de sua história no futebol, que esta técnica não é suficiente. Assim como já anunciaram Bourdieu (1983; 1990), Waqüant (2002), e ou Elias (1995), condições sociais bastante complexas estão no fundo – e na superfície – da transformação do garoto que tem técnica (que é reconhecida no campo futebolística como sendo natural – ou um dom divino) em um atleta profissional. Para tanto, o próprio Luiz Fernando e o CAP reconhecem a importância da família e das condições gerais de vida do garoto para sua melhor incorporação ao treinamento.

Uma vez que o olhar descobre o “talento”, este olhar que o próprio olheiro desconhece de onde vem, mas cuja certeza da capacidade é avaliada pelo número de garotos descobertos e que hoje estão no CT (mas também porque erra pouco), é, em contraste com as prescrições mais duras sobre a fonte das incertezas, a saber, o humano, um contraponto, mas também um complemento do sistema tecnocientífico que o Atlético reivindica e adota. Como afirma meu interlocutor, corroborando este duplo vínculo, a saber, entre o olhar que sabe porque é experiência e o olhar científico:

Realmente, eu não sei da onde surgiu isso, a gente tem errado muito pouco em todos esses anos, em 30 anos de futebol eu não lembro até hoje de um jogador que eu dispensei que foi se dar bem em outro clube, não estou lembrado, o talento você segura. Agora, eu não sei sinceramente da onde foi surgir isso, eu sei que comecei a trabalhar em futebol, por acaso no futebol de Londrina e no fim peguei gosto pela coisa e graças a Deus tem dado tudo certo. Hoje eu viajo e vejo o garoto que tem realmente condições e (talvez seja melhor dizer mas) você vê se ele vai ser mesmo um talento depois de seis meses de trabalho no clube. Você vai ver no dia-a-dia a evolução dele. Aquele que não evolui você pode esquecer que não vai dar em nada. Então, você vai ver a evolução do garoto e aquilo que ele está rendendo, que ele esta aperfeiçoando, tanto na parte física quando na parte técnica e na parte tática, isso é importante. Mas eu não sei da onde surgiu isso, eu acho que

mais ou menos eu sei. Aqui no Atlético, na base do Atlético, eu sei realmente, não posso dizer, mas eu sei quem vai ser de primeira linha e quem não vai ser de primeira linha no futebol brasileiro...

Há, deste modo, no conjunto que organiza, prescreve, intervem e aposta através do treinamento esportivo a/na formação de atletas profissionais de futebol, um escrutinar contínuo do corpo e do gesto através do saber biomédico e tecnocientífico – do qual tratarei na segunda parte desta tese – e para além, imiscuído não como silêncio, um saber que nasce da experiência, reside no olhar e se materializa na intuição antecipada que descobre o talento e que, depois, passados pelo filtro dos investimentos do treinamento, ainda reconhece e categoriza o futuro dos meninos aos quais um dia incitou, pela descoberta, a vida de jogador de futebol. O olheiro é esta ponte (ou porta), que liga o mundo vivido do futebol à possibilidade da profissionalização, o que vai depender, destarte, da capacidade de se incorporar os dispositivos pedagógicos do treinamento esportivo.

\* \* \*

Se há algo em comum nas diferentes modalidades pelas quais o CAP investe seus capitais na busca de jogadores é o fato de que, mesmo através de metodologias e saberes distintos, há uma relação sujeito-objeto inscrita no olhar que perscruta um corpo que é movimento. Sobre estas duas dimensões, a do corpo-movente e a do corpo-vidente, traduzíveis em uma só, a saber, no corpo fenomenológico, algumas notas ainda devo pôr em questão.

Já vimos ao final do capítulo anterior que, para Merleau-Ponty (1994) o corpo é carne do mundo. Mas, é preciso agora ir um pouco mais, é preciso mergulhar o corpo no olhar, e o olhar no corpo. Assim, o mesmo autor escreve: “É já a carne das coisas quem nos fala de nossa carne e da carne de outrem – Meu olhar é um desses dados do ‘sensível’, do mundo bruto e primordial”. Mais adiante, numa nota de trabalho um tanto interessante sobre a telepatia, o ser para outrem e a corporeidade, adiciona:

Perceber uma parte de meu corpo é também percebê-la como visível i.e, para outrem. E certamente ela assume este caráter porque efetivamente alguém a olha – Mas também este fato da presença de outrem não seria possível se previamente a parte do corpo em questão não fosse visível, se não houvesse, ao redor de cada parte do corpo, um halo de visibilidade (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 183; 222).

Retomar a primazia do ver no mundo contemporâneo é verificar que a ciência positiva quis fazer desta sensibilidade o caminho para o conhecimento. O renascimento é luz e a saída da caverna se põe no olho que vê a verdade. Bosi (1988, p.78), entretanto, ao discutir uma fenomenologia do olhar, também apoiado em Merleau-Ponty, revela uma outra densidade a este sentido. Olhar não é apenas perceber o “real” fora de nós, mas, em companhia da linguagem, abrir-se para a perspectiva de guardar, cuidar, zelar, posto que o olhar é sensibilidade incorporada.

Esta proposição acaba por implicar o olhar na corporeidade e em nossa condição mundana. Este mundo que é anterior a nós e que nos habita. Antes, porém, de pensar o olhar fenomenológico em sua inteireza, o autor recuperou os autores que suspeitam, que, em suas críticas, vão projetar esferas que põem condicionantes ao saber e sobre as quais é preciso refletir. Marx, Nietzsche, Freud, Weber (tradição que chega a Husserl), Heidegger e Sartre (descendentes de Husserl) formulam uma crise na “ordem das certezas”, trazendo para a contemporaneidade um olhar que não absolutiza o cogito, mas que o põe em nossa vulnerabilidade finita e inquieta.

Ainda Bosi (1988) afirma que, se Marx nos apresenta o olhar alienado e Freud um Ego achatado entre o Id e o Superego, é Sartre (Fenomenólogo, Existencialista e Marxista) quem vai propor para o olhar um caráter coercitivo, na medida em que a presença do outro para o meu olhar impõem-me já a sua liberdade de outrem (sofro a ação de sua liberdade) e que, quando exercida por mim, gera a certeza da minha existência. O olhar fere a liberdade e põe em jogo relações de poder. Assim, esse olhar expressivo “existencial”, olhar linguagem, ao contrário do olhar racionalista, reconhece-se humilde, na medida em que vislumbra as coerções do mundo vivido.

Entretanto, Merleau-Ponty vai tomar este olhar por outro caminho, na perspectiva de pôr em comum o mundo vivido, o ser-no-mundo e este outrem que é, em suma, um outro eu que partilha este mundo comigo. Os estudos de Merleau-Ponty (1994) sobre a percepção, tanto quando trata do corpo próprio, quanto da arte ou da linguagem, parte da premissa husserliana de que vivemos num mundo já dado, pré-categorial (ou antepredicativo). Ao contrário de Sartre, ele nos convida a abrir-nos ao olhar do outro e partilhar este mundo intersubjetivo do qual fazemos parte – sermos carne do mundo é compartilharmos de sua substância – e que é vivido por um ser que é corpo, que está em co-presença e coabita este mundo.

Assim, o pensamento encarnado – conhecer sentindo e sentir conhecendo – é levado pelo olhar fenomenológico de perfil a perfil, dos aspectos coextensivos do olho ao

corpo, do corpo ao mundo vivido. O olhar, deste modo, “envolve, apalpa, esposa as coisas visíveis” revelando nossa corporeidade. Havendo um parêntese entre o olhar e o corpo visto, há uma intercorporalidade que é suporte desta coextensividade, simultaneidade, entrelaçamentos, etc. e que constrói a trama do ser-no-mundo. Um mundo que eu abraço com meu olhar e me prolongo em minha corporeidade e que, em reversibilidade, é alcançado pelo outro e pelo mundo que também em mim habita.

O que pretendo afirmar com estas primeiras notas é que, sendo o olhar da mesma ordem do movimento, pois o olhar abraça o mundo que me abriga corporalmente e que é feito de minha mesma substância, chama a atenção o fato de que é um olhar especializado, encarnado, vivido na experiência do encontro com o outrem com quem partilha o espaço e o tempo que o devir jogador se encontra. Numa passagem importante de *O Olho e o Espírito*, Merleau-Ponty (2004, p. 13) afirma: “A ciência manipula as coisas e renuncia habitá-las. Estabelece modelos internos delas e, operando sobre índices ou variáveis as transformações permitidas por sua definição, só de longe em longe se confronta com o real”.

O que vêem os especialistas quando, encantados pelo jogador que joga, encontram em sua motricidade, num corpo que é dado a olhar, o possível futuro atleta anunciado como talento? Retornando ao próprio olheiro do clube, Luiz Fernando, mas mesmo os demais profissionais que atuam no CAP, é possível encontrar entre eles um saber que, se por um lado procura argumentos para autoexplicar-se, também se confunde nesta certeza quase inefável sobre quem é o talento, quais suas características, quais, por fim, os princípios de seu se-movimentar fenomenológico que o transformam naquilo que os outros nele vêem.

Talvez esta não seja uma questão respondível. Cada um de nós, que aprecia um modo específico de técnica corporal, carrega preferências em termos de performance, no duplo sentido que esta comporta, a do rendimento atlético e o da performance no sentido antropológico. Gosto por jogadores de futebol ou de basquete, bailarinos, músicos entre outras modalidades de se-movimentar nos colocam neste inquietante impasse de reconhecer, entre aqueles que se dão a ver, o “verdadeiro talento”.

Lévi-Strauss (1997, p. 125), pondo-se a tratar da arte e da música – esta, uma de suas paixões – ao discutir questões propostas por Franz Boas sobre a arte ‘primitiva’, descortina uma homologia entre o ritmo decorativo das perneiras de couro dos índios Thompsom, da Colúmbia Britânica, o ritmo dos passos na dança e dos gestos repetitivos de uma atividade técnica. Assim, “regularidade, simetria, ritmo, estariam, portanto, para Boas,

na base de toda atividade estética”. Ao apresentar uma noção recuperada por Benveniste, a de que “rhythmos tem por sentido primitivo ‘arranjo característico das partes num todo’”, o que Platão vai estender aos movimentos do corpo na ginástica e na dança, sugiro que é possível pensar sobre a estética que a repetição e a diferença do gesto esportivo do futebol implicam e faz caracterizar o talento.

Como já mencionei, o gesto esportivo é uma síntese complicada entre repetição (portanto igualdade/semelhança) e diferença. É preciso reconhecer as técnicas corporais específicas que formam o arranjo de conjunto que produz, como significado, o jogo de futebol. Para Lévi-Strauss (1997, p. 125), “temporal ou espacial, a periodicidade desempenha um papel, pois a repetição é essencial para a expressão simbólica, que coincide intuitivamente com seu objeto sem jamais confundir-se com ele”. Ou seja, é na capacidade de reproduzir passes, chutes e cabeceios que a técnica corporal no conjunto da experiência ganha sentido. Esta repetição faz Luiz Fernando caracterizar um de seus recentes pupilos.

Entretanto, se a repetição está na base do significado – ou da expressão simbólica – e o ritmo, como arranjo de partes, organiza um ciclo em sua estética, o que faz o talento é sua capacidade de, nos arranjos repetitivos, ser diferente. O próprio olheiro menciona isto ao tratar da “cabeça” do garoto, que não é muito boa. Deste modo, como o virtuose não é aquele que é capaz de repetir escalas musicais *ad nauseum*, mas o que consegue, com estas notas, produzir um sentido estético (HELLER, 2006), uma melodia que afeta, que recoberta de sensível exprime uma intencionalidade e um modo de ser-no-mundo, também o movimento esportivo parece se caracterizar por esta tensão, a saber, o de uma repetição que torne reconhecível e dê sentido ao gesto e uma corporeidade que difere, pois que é capaz de, no princípio que ordena, implantar a beleza do diferente.

Se o modelo científico proposto pelo Atlético vai render frutos é uma incógnita, pois que baseado numa regularidade que mede, impondo modos de repetição cujos sentidos talvez se escapem. Para observar um jogador há muitos olhos, pois o corpo e o gesto são dados sob muitas faces. Escreve Lévi-Strauss (1997, p.126): “Para que um estilo capaz de durar apareça, é preciso que a inteligência do artista não se apresse em saltar por cima da distância entre o mundo e o modo de representá-lo”. Talvez, no mesmo sentido, para que o talento que o CAP persegue apareça e, portanto, seja investido por um olhar que o adensa no mundo de quem olha, e o reconhece, é preciso que o se-movimentar não esteja aquém deste mundo, nas entranhas do gesto resultante do sistema neuro-fisiológico que o sustém ou numa inteligência desencarnada, mas que esteja amarrado as teias do mundo, no

diálogo constante com os objetos e com as pessoas. O gesto que afeta é a *esthesis* do corpo que é também mundo.

## CAPÍTULO IV

“Futebol hoje é dinheiro, poder e vaidade!”  
(Prof. Cordeiro)

### ESTRUTURA, HIERARQUIA E EQUIVALÊNCIA ABSTRATA DO DINHEIRO

Nos capítulos anteriores tive como objetivo a descrição dos espaços, as formas de sua ocupação, além do modo pelo qual, no caso específico dos atletas, se chega ao CT. Agora objetivo tratar o futebol em seu aspecto mais geral, rompendo os muros do CAP a partir dos fatos observados no próprio clube, procurando articular o mundo vivido ao “espírito do capitalismo tardio”, que é marcado pela circulação de mercadorias, pessoas, informações e objetos. Para tanto, ainda que modelos e análises mais recentes possam ser arrolados, vou buscar em Georg Simmel, autor do final do séc. XIX, início do XX, os aspectos centrais desta análise.

A opção por tal autor justifico através de dois motivos principais, quais sejam: primeiro, Simmel é absolutamente atual, pois suas teses sobre a tragédia da cultura e sua filosofia do dinheiro, que pretendo desenvolver associados aos dados de campo, ajudam a compreender o campo do esporte também como fenômeno econômico; segundo, é preciso lembrar que o autor foi um importante observador e crítico do processo de modernização ao escrever no auge do liberalismo europeu. Deste modo, recorro a um autor que, mesmo não tendo vivido o desenrolar do tempo até a sociedade presente, pôde perceber a estrutura movente deste desenvolvimento histórico, a saber, a moeda, substituto concreto de valor abstrato das coisas e pessoas.

Talvez não fosse necessário, mas destaco aqui o fato de que o período ora vivido não é chamado neoliberal sem motivos. O liberalismo, como princípio econômico, vai atravessar uma séria crise nas primeiras décadas do séc. XX, com ápice nos períodos que envolvem os desdobramentos da Primeira e Segunda Grandes Guerras e o *crack* da bolsa de valores de Nova Iorque, em 1929. Esta crise resultou no que se chama de “Capitalismo

de Estado” e significou a volta do exercício da intervenção e controle, pelos Estados Nacionais, do sistema econômico. O Neoliberalismo, portanto, é a retomada, a partir da década de 70, pelos governos de Ronald Reagan (EUA) e de Margareth Thatcher (a “Dama de Ferro” Inglesa), do projeto liberal de autonomização da economia de mercado com relação aos Estados (e à política), portanto, a recuperação prático-simbólica de um processo que Simmel conheceu bastante bem.

Não menos importante, porém, é encontrar no sistema esportivo um princípio que escape aos modelos funcionalistas de análise, quais sejam, os que vêem em sua organização um conjunto equilibrado de ações com vistas a sua reprodução pela simples formalização do sistema econômico-burocrático que o caracteriza. Pois se é pertinente observar os limites de ação que aos diferentes agentes no campo o próprio campo possibilita, para pensarmos com (LEACH, 1996) numa perspectiva mais estrutural, é preciso ver no campo o funcionamento de uma estrutura em “equilíbrio instável”, na qual, primeiro, como característica de qualquer estrutura, a modificação da posição de um elemento (de um agente, para este caso) gera alterações em todo o conjunto (LÉVI-STRAUSS, 1996) e, segundo, os agentes, ao interpretarem o mundo prático-simbólico em que vivem, agem com vistas a fins e interesses próprios<sup>96</sup>.

Compreendo com o exposto a necessidade de se considerar que dadas as condições de possibilidade estruturalmente colocadas – para o que aqui nos cabe, podem ser expressas pelos diferentes tipos de capital apontados por Bourdieu (1998) – são formulados projetos através dos quais os agentes inscrevem suas participações no mundo. O campo, como espaço estruturado a regular relações, formula o horizonte dentro do qual os projetos são erigidos<sup>97</sup>. Por outro lado, ainda com Leach (1996), para além dos modelos abstratos é preciso pensar as estruturas sociais em situações práticas. Ou seja, conforme Bourdieu (1990, p. 213), como “o produto objetivado das lutas históricas”. O CT é um caso discreto no continuum que compõe o campo esportivo – e, sendo um campo, apresenta uma estrutura –, do qual o futebol é apenas mais um caso singular.

---

<sup>96</sup> Não pretendo reafirmar com isso as teses que vêem o humano como seres agindo racionalmente sobre o mundo com vistas exclusivas a atingir seus objetivos e interesses. O próprio Simmel (2006), ao discutir o problema da relação indivíduo, sociedade e humanidade, procura descaracterizar a idéia de que a ação dos indivíduos pode ser compreendida pelo viés antagônico do par egoísmo – altruísmo. Apoiado em Goethe e Nietzsche, compreende que a relação mencionada se dá em um outro plano, mais complexo e abstrato, a saber, o da igualdade e da liberdade.

<sup>97</sup> O antropólogo Gilberto Velho (1994) também trabalha com estas categorias – condições de possibilidade e projeto – ao estudar as camadas médias cariocas.

#### 4.1 Sobre o “Equilíbrio Instável”

Certa manhã, num dia agradável de inverno/primavera, cheguei ao treino dos profissionais como de costume. O prof. Cordeiro me recebeu muito bem, o que me colocou em boa posição para observação e em singular significado perante os jogadores. Ivan, lateral esquerdo formado na base do CAP (e com quem eu já tinha algum contato) me cumprimentou quando houve a parada para a hidratação. Em seqüência nunca experimentada, vários jogadores se dirigiram a mim, estenderam a mão e também me cumprimentaram. Fiquei intrigado com a questão. Minha presença nunca havia despertado interesse ou reconhecimento explícito, ao contrário, a maioria dos jogadores (e a comissão técnica) não revelavam qualquer preocupação ou desproporcional importância à minha presença. Eu apenas estava ali, olhando.

Há, na estrutura do futebol, um forte sentido de hierarquia que é aprendido desde cedo – e, portanto, também burlado – e, não sem argúcia, uma forma de agenciar posições para obter o melhor com o que se pode oferecer – no caso com o próprio futebol. A chegada do novo treinador (Chicão) provocou um desequilíbrio evidente no sistema organizado e quiçá no hierárquico, revelando uma instabilidade de posições que obriga a ações específicas de reconhecimento, identificação e afirmação ou negação de pertencimento. Cumprimentarem a mim, um desconhecido entre outros novos desconhecidos, foi, sem dúvida, uma cortesia e uma atitude educada, mas foi, também, uma estratégia importante de marcar presença diante de alguém que, em hipótese, devido as circunstâncias, poderia ajudar (ou prejudicar) a auferir os lucros que ocupar um espaço importante na hierarquia futebolística pode propiciar.

É neste sentido que o recém chegado zagueiro Back, um jogador experiente com passagem pela seleção brasileira e que, até aquele momento, só fazia dupla de trabalho com o jogador Paulão, também recém contratado, foi aos poucos ganhando respeito e demonstrando liderança. Neste processo, os jogadores mais jovens, de status inferior, reconhecendo a posição do novo (velho) colega, tentavam (ou tendiam) se aproximar e aproveitar a posição social do recém chegado. Isto parece estar ligado, ainda que não se descarte o fato de realmente haver empatia e amizade, a uma estratégia de aceite e ascensão de status. Novo técnico, novas possibilidades.

Nestes termos, o CT é uma estrutura bem organizada, mas cujo sistema está em, na falta de melhor opção e reconhecendo os limites do caso para o uso do termo, “equilíbrio instável” (LEACH, 1996). Não há, neste sistema, uma posição que esteja garantida: nem entre atletas, nem na comissão técnica ou mesmo na direção do clube. Tampouco, o

próprio modo de existência e organização do sistema é imodificável. Preso a inúmeras variáveis, que estão, é claro, relacionadas, por um lado, ao desempenho esportivo, e por outro, às idiossincrasias (ou ideologias) políticas que compõem a vida de um clube, os agentes ocupam lugares neste espaço marcados pela possibilidade de ascensão e queda na hierarquia, ou mesmo de desaparecimento.

Como princípio geral, os jogadores tendem a ocupar um lugar na hierarquia de acordo com seu rendimento. Porém, também a chegada de um novo treinador pode reorganizar o espaço, tanto colocando-os em bom lugar no elenco de atletas como os preterindo, sem que, com traços evidentes (sempre discutíveis), seu rendimento tenha se alterado. Do mesmo modo, técnicos são pressionados por resultados positivos e estão constantemente em xeque, assim como sua comissão técnica. Porém, a mudança de gerenciamento do clube pode alterar a comissão técnica, ainda que esta tenha bons resultados, apenas por motivos como perfil, adequação aos novos projetos, etc.

Por outro lado, a mudança na direção do clube, que no Brasil, de modo geral, se dá por meio de eleição, pode mudar todo o sistema político, econômico e burocrático, recolocando uns, excluindo outros, gerando, seguramente, um complexo de modificações que podem interferir tanto nas pessoas e suas posições quanto na alteração do próprio sistema. Ademais, os resultados obtidos em campo, a política do clube, o trabalho dos treinadores etc., estão sujeitos a lógicas muito complexas, que para além do contexto estrutural do qual estas relações participam, ligações afetivas, lealdades ou dívidas interferem na manutenção ou na modificação do sistema.

Toda esta “insegurança”, com a qual se aprende a conviver desde muito cedo quando se é atleta e que, de alguma maneira o CAP tem tentado diminuir ao perspectivar um projeto de longo prazo, apenas reafirma velhas máximas do futebol e atualizam complexas análises sobre a dinamicidade dos sistemas. Uma frase, proferida por um ex-treinador do clube ao ser apresentado no CT ao projeto científico, resume o problema da instabilidade: “tudo isso é muito bonito, mas se a redinha não balançar, cai tudo!”

Quando Leach (1996, p. 76) refletiu sobre o par Gumsa/Gumlao estava também tratando das relações rito e mito que, em suas palavras, “são uma só e a mesma coisa”. Não pretendo tomar este caminho, ainda mais que, felizmente ou infelizmente, em meu trabalho de campo não pude perceber – e talvez nem coubesse – um sistema ritual e um mítico, pelo menos não no mesmo sentido, que operasse a coesão ou a disjunção do conjunto. Por outro lado, os sistemas discursivos e suas modalidades, juntamente às práticas corporais, podem revelar um certo arcabouço do que se passa no CAP sob a questão de sua unidade. Ambos,

é claro, são operadores e operam um/num conjunto de símbolos e significados dos quais todos partilham – assim como os ritos e mitos de Leach – e que são interpretados pelos agentes e podem sê-lo pelo antropólogo.

O que temos, então, são práticas e discursos que, em alguns momentos, tendem a recolocar em ordem um sistema em crise, como uma certa antropologia britânica concebeu, em outros, um processo no qual se joga, ou se age, procurando justamente desestabilizar o sistema de ordem e hierarquia, como uma das possibilidades de se auferir lucros no campo prático-simbólico no qual o futebol se desenrola. O sistema de honra que envolve os jogadores pode ser um bom exemplo destes eventos que mexem com a instabilidade da ordem coletiva e a insegurança posicional.

Há um sistema de honra bastante complexo entre os atletas que treinam no CT, que está seguramente relacionado ao sistema geral de honra e hierarquia do futebol. Do mesmo modo que as chuteiras funcionam como marcadores hierárquicos, outras questões entram no sistema de honra<sup>98</sup>.

A formação do “Atleta de Futebol” envolve um complexo cultural, técnico e científico que faz com que estes incorporem sistemas de disposições duráveis – *habitus* – fundamentais para o exercício de sua formação. Dentre os diferentes aspectos cabe neste momento destacar dois deles. O primeiro, uma hipertrofia da masculinidade durante o trabalho através do que se pode denominar um embrutecimento do corpo. O segundo, associado a este, um sistema de honra que se funda no respeito às capacidades atléticas e futebolísticas dos companheiros de profissão. Vejamos:

- a. Certa manhã, após a primeira parte de um treino técnico, os juvenis (atletas de 15 e 16 anos) faziam um trabalho de dois toques cujo objetivo era apenas manter a posse de bola. A certa altura, após uma das equipes envolver a adversária por um tempo

---

<sup>98</sup> Os jogadores, principalmente os mais jovens, têm uma relação especial com as chuteiras, que nem de longe sugere uma ação individual ou uma escolha. Estas são bem cuidadas, tratadas com carinho e usadas com cuidado (cabe notar que a maior parte dos atletas evita usar a chuteira para simples deslocamento, chegando ao campo de treino com outro tipo de calçado). Procuram, além disso, dispor do melhor material possível. Isto, entretanto, está sujeito a um conjunto de normas no qual o rendimento (mas também a performance, no sentido antropológico do termo) – e alguma honra – geram uma pressão do grupo sobre qual a chuteira adequada para se comprar (o clube compra). Jogadores de baixa qualidade devem evitar chuteiras de marca muito famosa ou cores chamativas. Quanto mais bem cotado no mercado futebolístico interno, maior a possibilidade da posse de um bem simbólico distintivo. O capital futebolístico compra a chuteira desejada ou possível numa escala hierárquica que os próprios pares formulam e põem em prática. Há uma certa homologia entre a qualidade do futebol, o status do atleta e o tipo de chuteira que é “permitido” usar. A chuteira é, para além de implemento para o trabalho, um marcador simbólico distintivo na organização coletiva. Não se pode esquecer que fatores de caráter pessoal interferem na escolha da chuteira, mas, sustentado por uma lógica “estruturada” pelos agentes que põe em relevo o campo de possibilidades e o *habitus* na configuração e limitação do gosto e da prática.

já considerado longo (tempo este subjetivo, que apenas é sentido em virtude da experiência coletiva) passou a tocar a bola com facilidade e ligeira displicência. Aos poucos as “entradas” (tentativas de tomar a posse de bola) se tornaram mais duras e violentas, exigindo a interferência do treinador. Em princípio achei que era pelo fato de uma das equipes ter conseguido um domínio, pelo menos naquele instante, que pôs os adversários em irritação por não conseguirem tomar a bola. Mais tarde, conversando com alguns meninos, fiquei sabendo que o problema estava na maneira como o domínio fora exercido. É inadmissível, durante o toque de bola, virar o rosto para um lado e passar para o outro (estilo Ronaldinho Gaúcho) ou usar toques muito sutis e debochados. Comportamentos como estes envolvem o próprio treinamento no sistema no qual a honra é recuperada (lavada) através da violência.

- b. Um caso semelhante, mas que não levou a violência – talvez pela experiência do jogador que levou os dribles, ou porque este ainda não estivesse totalmente integrado ao elenco – foi num treino dos profissionais, quando um atleta, durante um treino no qual as faixas laterais do gramado eram usadas para se aprimorar as ultrapassagens, deu uma seqüência de lençóis em um zagueiro. Ao final da jogada, o executor pediu desculpas pelo ocorrido. O zagueiro em questão, apesar de já não estar na primeira linha dos jogadores de futebol no Brasil, jogou na seleção brasileira, enquanto seu companheiro ainda dá os primeiros passos na carreira profissional.

Estes dois eventos que acabo de narrar são configurações constitutivas da formação do jogador de futebol. Afora a roda de bobinhos e alguns treinos recreativos (o que já denota a possibilidade da atitude jocosa), todo o processo de treinamento exige a seriedade do trabalho e o respeito ao companheiro. É preciso notar que “humilhar” adversários, colegas de trabalho e mesmo de clube é conduta inaceitável, pois os valores do *fair play* para jogadores inclui jogar com seriedade. Penso também que, afora alguns jogadores excepcionais, qualquer jogador poderia executar jogadas que humilhariam um adversário. Não o fazem por vários motivos: pela posição que ocupam no espaço futebolístico, pela posição que ocupam no campo de jogo e porque, fundamentalmente, isto fere o código de ética estabelecido entre pares, pois provoca uma crise no sistema de honra, que encontra a reparação num equivalente legítimo, a violência.

O que os dois eventos realmente evidenciam, entretanto, é que as posições ocupadas em termos de *status* na hierarquia dos grupos tendem a organizar as condutas, na medida em que fica evidente o modo como os dois eventos, ainda que se componham de fatos semelhantes, operam agentes em situações diferentes na regulação coletiva. Por outro lado, se a jocosidade entre pares é controlada, treinar alegre e com leveza ou ao contrário, tenso e preocupado, depende de inúmeros fatores, entre eles, o momento vivido pela equipe na competição, a presença/ausência (desejável ou indesejável) de um companheiro, a mudança do treinador etc.. Longe de estar se falando de questões meramente emocionais – o que de fato nunca é pouco – está-se a observar respostas coletivas a situações que tanto sustentam uma harmonia, quanto podem desencadear modificações no grupo. Vive-se a experiência concreta da instabilidade.

Em 2006, quando da saída da zona crítica no campeonato brasileiro, ou seja, das proximidades da zona de rebaixamento para segunda divisão, além de um tempo de preparação prolongado (inter-temporada), devido a Copa do Mundo, encontrei o grupo de jogadores profissionais em um ótimo estado de ânimo. Há muito não os via brincar e divertir-se realmente. Foi o que marcou, em minha avaliação (mas também de Cordeiro), o treino daquele dia oito de julho. Vamos a ele.

O treino recreativo foi precedido pela tradicional roda de bobinho que, confirmando o estado de espírito do grupo, estava bastante animada – com sorrisos, piadas e brincadeiras das mais variadas. Assim também um jogo em que não se podia deixar a bola cair transcorria no mesmo ritmo. O treino recreativo também não foi diferente. Dois times com aproximadamente 15 jogadores numa superfície referente a dois terços do campo de futebol. Todos estavam muito soltos, brincando e rindo bastante, aproveitando o momento que se vivia na competição.

De fato, em termos de aproveitamento técnico ou tático não houve nada de especial, pois tratava-se de um recreativo. Cabe lembrar que, quando da minha chegada para o trabalho de campo, em abril daquele ano, descobri em mim, e talvez no próprio CT, um universo lúdico ligado à bola, ao campo de futebol e ao jogo, que muito me impressionou. Entretanto, na medida em que o Campeonato Brasileiro prosseguia e a equipe profissional não obtinha resultados, um sistema de pressão se impunha, gerando ansiedade e intranquilidade no trabalho dos atletas e da comissão técnica. Tempos difíceis. O ar, neste período de julho, porém, era outro.

Por outro lado, um descontentamento com o trabalho do treinador, proveniente principalmente da direção técnica e do departamento científico, anunciava uma

interpretação diferente dos mesmos eventos, corroborando a tese de Leach (1996) de que mitos e ritos (em nosso caso, discursos e práticas) são distintamente interpretados, operando relações de consenso ou conflito no interior do grupo, descortinando eventos que podem desestabilizar o sistema.

Pois bem, o fato é que, a saída temporária da zona de rebaixamento, além de um longo período longe da competição, devido a Copa do Mundo daquele ano, colaborou com o trabalho do treinador e do grupo, tornando as posições mais ou menos estáveis neste período. Entretanto, do ponto de vista da tecnociência, havia-se perdido um tempo valioso para a recuperação física dos jogadores, que deveria ser feito com um trabalho planejado a partir do departamento de fisiologia<sup>99</sup>.

O desenrolar desta história foi, em pouco tempo: a queda do treinador e a decorrente contratação de um outro com perfil mais adequado ao clube; a queda de rendimento e o convívio ainda por mais um período com a zona crítica da tabela de classificação; a modificação da posição dos jogadores em termos hierárquicos no elenco; além de novas contratações, etc.. No geral, ficou patente para a comissão técnica a necessidade de, na retomada da competição, realizar o trabalho que a direção técnica imaginava, qual seja, uma inter-temporada com trabalho físico e técnico/tático.

Se estes eventos, que apenas atualizam e/ou instabilizam a ordem estrutural, expõem as alianças e conflitos internos, do mesmo modo, a medida que os resultados positivos nos jogos não aparecem, não só os jogadores ou a comissão técnica são postos a prova, mas também a direção técnica e os investimentos em ciência e tecnologia no CT, o departamento jurídico, que não resolve os problemas pendentes com jogadores importantes, além da presidência e seus conselhos, chamados a responder por incompetência na administração geral do clube.

Mas, se eventos coletivos comportam esta complexidade, histórias individuais também não deixam dúvidas quanto aos efeitos complexos da instabilidade do sistema, evidenciando que, em diferentes níveis, os espaços devem ser constantemente demarcados, sob pena de se perder prestígio, poder e, em caso extremo, ter de deixar o convívio na sociedade que compõe o CT – para o melhor ou para o pior. Os fatos que trago a seguir, ainda que impliquem em apresentar histórias particulares, apontam para o caráter integrado das ações ou eventos.

---

<sup>99</sup> Tratarei com mais detalhes desta questão na segunda metade da tese. Ressalto apenas que havia uma incompatibilidade de métodos entre o treinador mencionado e seu preparador físico e a direção técnica, significativamente no que se tratava na questão de condução do treinamento físico.

O caso do zagueiro esquerdo Plínio é paradigmático para pensarmos, no campo da performance, que une corpo e rendimento, a instabilidade do sistema. Plínio é um jogador alto, canhoto e de boa técnica. Ocupava o lado esquerdo da defesa do time de juniores onde era titular. Este time, como já mencionei, era considerado muito bom, tendo sido campeão de torneios importantes em 2006 como a Taça Belo Horizonte de Futebol Junior (Taça BH) e a Copa Caribe (torneio internacional da mesma categoria realizado na Costa Rica). São dois os momentos limites que a história de Plínio leva ao extremo a instabilidade no sistema hierárquico e de *status* a que tenho tentado me referir.

Não acompanhei a Taça BH. Este dado, inclusive, me foi passado depois de eu comentar com um dos preparadores físicos o ocorrido com o jogador na final da Copa Tribuna, disputada contra o Paraná, quando o CAP perdeu o título por 2x1, jogando na Arena da baixada, ou seja, em casa, com um público de cerca de oito mil torcedores. Vamos aos eventos, por ordem cronológica de acontecimento.

O CAP jogou a final da Taça BH contra o Clube Atlético Mineiro, no estádio do Mineirão, em Belo Horizonte, lotado pela torcida adversária. Segundo os relatos, o CAP jogou bem durante toda competição, vencendo seus adversários sem deixar margem de dúvidas. A final foi um jogo equilibrado, que teve seu lance principal protagonizado por “nosso herói”. Durante um ataque do CAP, Plínio pegou a bola, avançou pelo lado esquerdo, deu um lençol num adversário, chutou em diagonal e fez o gol da vitória na partida e do título da competição<sup>100</sup>. Este foi, sem dúvida, um momento de glória para o atleta e também para o clube.

Os feitos desta equipe naquele ano apontavam (talvez ainda aponte) a perspectiva de uma boa safra de jogadores, que tanto poderia ser aproveitada na equipe profissional como projetava bons negócios. Como já mencionei ao tratar das classes etárias, esta categoria é o momento mais crítico, onde se confirmam as promessas (dos atletas, dos clubes e do próprio futebol) ou se encaminha o ocaso da carreira.

Na contramão do que ali ocorreu, o mesmo jogador é o personagem de um drama que pude acompanhar de perto, durante o jogo final da Copa Tribuna, em Curitiba. O evento se desenrola como uma tragédia anunciada. O CAP jogaria por uma vitória simples contra o Paraná Clube, após empatar em zero no campo do adversário. Confiantes, em virtude das vitórias em diversos confrontos diretos e pelas seqüências de dois títulos

---

<sup>100</sup> Tentei ver as imagens do jogo, infelizmente não tive acesso. Se o gol e o jogo se deram da forma como narro aqui é, em verdade, difícil saber. Neste caso, como na maior parte do tempo, é preciso confiar nas capacidades descritivas das pessoas com quem dialogamos.

importantes, o time chega ao vestiário do estádio para preparar-se para o jogo. Após a troca de roupas o treinador reúne o grupo para a preleção. De imediato lança uma pergunta: “alguém acha que a gente não tem a menor possibilidade de perder este jogo hoje?” (pergunta baseada no retrospecto da equipe, evidentemente e que, se pensarmos bem, serve apenas para confirmar a máxima de que ninguém ganha antes do jogo e levar a reflexão; não para ser respondida). Após algum silêncio, Plínio responde, ‘eu acho que a gente não perde o jogo hoje’. O treinador argumenta que se o time entrar com este espírito vai equilibrar o jogo – pois o CAP é melhor – e pode dar chance ao adversário, portanto é preciso ter garra, determinação, vontade...

Cabe destacar que os jogadores estavam bastante confiantes, o que pude perceber através de uma *héxis* corporal marcada pela exibição dos músculos em modo um tanto arrogante e jocoso; um olhar distanciado, como quem mira um horizonte e não vê impedimentos a sua frente etc. (o que normalmente pode se caracterizar como ‘máscara’ na linguagem comum do futebol). Ao mesmo tempo, o clima era caracterizado por uma certa ansiedade, pois não é comum que as categorias de base joguem na Arena da Baixada, tampouco para um público tão significativo. Seria uma experiência marcante.

Inicia o jogo. O CAP não está bem, parece desconcentrado e está ansioso. Aproximadamente aos 20 minutos do primeiro tempo, numa jogada na entrada da grande área, Plínio derruba um adversário, faz pênalti e é advertido com o cartão amarelo. O Paraná faz 1x0. O time paranista continua melhor e Plínio, jogando mal, faz duas faltas relativamente duras próximas da área, correndo o risco de levar o segundo amarelo e ser expulso. Então, sentindo este perigo, o treinador substitui o zagueiro ainda no primeiro tempo. Este sai enfurecido e se nega a apertar a mão estendida do treinador.

No intervalo o time perde por 2x0. Nos vestiários, Plínio é firmemente advertido<sup>101</sup> pelo treinador pela insolência e indisciplina. Este tenta recuperar a moral do time, apelando para o nós e a coletividade que “se tiver que morrer vai morrer abraçada”. O jogador está cabisbaixo e claramente constrangido. O time retorna ao campo. Sem muita organização, mas correndo muito, o CAP ainda faz um gol. Fim de jogo, CAP 1x2 Paraná.

Para contrastar, seu companheiro de zaga, Rubens, fez o gol do CAP naquela partida. Pouco tempo antes, havia sido chamado para integrar o grupo dos profissionais que disputava o campeonato brasileiro, chegando a jogar contra o Internacional de Porto Alegre – o que Rubens descreveu como uma experiência incrível. Se, deste lado, o

---

<sup>101</sup> Com firmemente advertido quero dizer: xingado com expressões tais como moleque de merda, filho da puta, vai se foder, etc.

caminho parecia se abrir para uma profissionalização segura, do outro, Plínio mergulhava na incerteza.

Durante o segundo semestre de 2007 o zagueiro Plínio foi emprestado ao Rio Branco do Paraná, junto com outros juniores do clube, para a disputa da terceira divisão do campeonato brasileiro. Seu futuro, como o da maioria dos jovens jogadores é incerto, ainda que os investimentos feitos pelo conjunto de agentes do campo obrigue cautela, pois os eventos podem “surprender”. Já Rubens, depois de quase seis meses sem jogar, após descobrir um problema de saúde, a saber, reumatismo – que inclusive poderia tirá-lo do futebol – está de volta à equipe principal do Atlético.

No conjunto, o time sofreu tantas modificações que é praticamente impossível reconhecer em meados de 2007 os juniores que, em 2006, eram a grande promessa de renovação do futebol. Se por um lado o problema etário é evidente, por outro, modificações na comissão técnica, a chegada de novos jogadores, a queda ou melhoria do rendimento de outros, acabou por reorganizar um grupo que, do dia em que cheguei ao campo até este momento, quando escrevo estas palavras, concretizava o que de melhor podia haver na montagem de um planejamento que tem por princípio a formação de jogadores profissionais de futebol.

O caso deste jogador é interessante, ainda que insuficiente, pois será necessário assomar-se outros exemplos, de como os eventos são, a medida que sucedem, como sugere Geertz (1980), uma atualização única de um fenômeno geral, ou ainda, uma realização contingente do padrão cultural. Noto que se Geertz não se utiliza do termo estrutura (talvez para marcar posição), não pode escapar de compreender a cultura como um sistema (de significados), portanto, indicando nesta sistematicidade uma ordem, uma interioridade coerente, ainda que não fechada, e sujeita a modificações, haja vista sua dinamicidade.

Mas é em Sahlins (1990; 2006) que se pode encontrar melhor esta articulação entre o evento, que é sempre um acontecimento cultural – pois o mundo só pode ser compreendido a partir dos padrões existentes na própria ordem cultural – e a estrutura, a saber, “as relações simbólicas de ordem cultural”. Pois é através das ações que a cultura é historicamente realizada. E neste ponto, vale reafirmar, é de um sistema cultural, estruturado na forma de um clube de futebol e suas configurações, que este trabalho trata.

Após o fracasso do jogador durante a Copa Tribuna, especulações sobre seu comportamento extra campo foram ventiladas. Conforme já mencionado, uma namorada, seis anos mais velha, estaria prejudicando o trabalho do atleta, que andava desconcentrado e disperso. Era preciso conversar com os pais. Sua insubordinação durante a final, um mau

sinal de que o jovem estava querendo botar “as manguinhas de fora” e precisava colocar-se novamente em seu lugar. No plano interno, as interpretações tenderam a perceber no jogador um afrouxamento dos seus laços com as imposições do sistema de treinamento e da vida na instituição total.

Um outro caso, bastante mais complexo, foi o do jogador Zé Roberto. Suas nuances não tenho condições de descrever, pois tratou-se de uma longa luta de bastidores e disputa jurídica que culminou com a saída do atleta do clube e sua ida para um grande clube do país – isto a despeito de o CAP ter coberto as propostas salariais do clube, no caso paulista. Tentarei uma síntese que dê conta de expor os problemas que interessam, quais sejam, que existe um complexo hierárquico – uma política, se assim se quiser – que está em equilíbrio instável.

Zé Roberto chegou ao CAP vindo do interior do Paraná, trazido pelo olheiro do clube. Logo despontou como uma promessa, chegando as seleções brasileiras de base. Entretanto, neste percurso, sofreu com duas contusões graves que obrigaram as intervenções cirúrgicas, ambas nos joelhos. O problema toma forma quando, após recuperar-se da segunda lesão, o jogador demonstra vontade de deixar o clube, pois está prestes a encerrar seu contrato.

Diante desta questão, o clube tenta renovar o contrato, atendendo as propostas salariais do jogador e tentando acordos favoráveis a ambas as partes. A ação dos procuradores do atleta é fundamental, pois havendo investido algum capital para convencer o jogador a deixar o clube, esforçavam-se por manter o que estava posto em contrato e, deste modo, pretendiam negociar o jogador em valores favoráveis a ambos, desconsiderando o clube<sup>102</sup>.

Por sua parte, sentindo-se lesado, o CAP entrou com ação na justiça do trabalho para obrigar o jogador a permanecer no clube tempo equivalente ao que o mesmo havia permanecido em tratamento médico e que, portanto, não teria trabalhado. A justiça deu parecer favorável ao clube e a querela se arrastou até abril de 2007, quando o jogador foi, finalmente, negociado com o São Paulo FC<sup>103</sup>. Um longo e desgastante processo para o jogador, para a equipe e para o clube chegara ao fim. Este processo é o que nos interessa.

---

<sup>102</sup> Segundo informações que pude obter com pessoas da comissão técnica e que, infelizmente, não tenho como provar, o jogador haveria recebido adiantamento financeiro em torno de R\$300.000,00, mais um carro importado, além de ter assinado algo como um pré-contrato, o que o deixava, em certa medida, preso aos interesses dos empresários.

<sup>103</sup> O problema era tratado quase como um Tabu, sendo discutido muito “a boca miúda”. As cifras envolvendo o negócio não foram poucas. Um jogo de apostas muito altas, a ponto, segundo consta, de o CAP ter contratado o ex ministro da justiça, Almir Pazzianoto, para advogar no caso.

2006 era um ano no qual o CAP apostava alto nos jogadores formados na base – jovens revelações que prometiam “estourar” no campeonato brasileiro – e nas contratações de jogadores vitoriosos em dois times paulistas: do Guarani e do Paulista (campeão da Copa do Brasil no ano anterior). Contava ainda com a força de alguns jogadores experientes, além, é claro, de uma grande estrela, Zé Roberto. No conjunto as coisas não funcionaram bem. Do fracasso da “prata da casa” e das dificuldades de organizar a equipe, fiquemos com a história de nosso herói.

Em abril/maio, no início de minha pesquisa, Zé Roberto estava voltando a treinar. Sentia algumas dores, mas aos poucos, através dos trabalhos físicos com o prof. Leandro e os treinos leve com bola, o jogador foi se integrando ao elenco. Ao mesmo tempo, sua relação com o clube ia mudando, resultado da (resultando na) querela que já descrevemos acima. Enquanto o ano avançava, o jogador, já em plenas condições de exercer seu trabalho, treinava pouco, sem entusiasmo e sem esconder o descontentamento com a situação. Aos poucos, foi sendo desligado do grupo, passando a fazer parte do time B, que disputava um torneio regional. Também ali o jogador pouco interesse mostrava em atuar. Sem deixar de treinar, mas sem o fazê-lo com a intensidade necessária, jogava raramente, geralmente com pouco interesse, Zé Roberto foi se desligando do clube, da torcida, dos companheiros, até que conseguiu, em 2007, deixar o clube.

Neste ínterim, o jogador foi rebaixado ao time B, reincorporado ao elenco principal, até ser desprezado ao final da temporada. De uma posição de destaque na hierarquia do clube, sua posição despencou para a de um pária. Em conjunto, toda uma série de eventos correlatos e interdependentes se desenrolaram. Enquanto este perdia prestígio, novos jogadores eram alçados ao patamar de ídolos ou heróis, outros tinham de suportar o peso de serem a esperança de substituí-lo e, enfim, o projeto vencedor para 2006 sofreu um grande golpe.

Ao final de 2006 e no início de 2007, Zé Roberto era talvez o único jogador que não tinha companheiro de quarto na residência do CT<sup>104</sup>. A torcida passou a hostilizá-lo: o ídolo era agora traidor e mercenário. Dentre os companheiros, ainda que uma solidariedade profissional possa ser percebida, esfriavam as relações. Com a comissão técnica o efeito era o mesmo. O preparador físico Leandro, que fez todo o trabalho de recuperação física

---

<sup>104</sup> O hotel do CT é composto por apartamentos para duas ou quatro pessoas. Os jogadores profissionais estão nos quartos duplos e, fora o fato de se estar em número ímpar (ou seja, sobrar vaga), devem dividir a habitação com algum companheiro.

do jogador estava desconcertado. Luiz Fernando, que o trouxe para o CAP, não poupava improperios.

A mudança na hierarquia dos jogadores, o fracasso na campanha do campeonato brasileiro de 2006, o descontentamento da torcida, provocaram uma série de deslocamentos no conjunto do futebol profissional, que foram desde a reorientação de projetos até a desconfiança quanto a capacidade administrativa da direção do clube, perpassando dúvidas sobre a competência do departamento técnico e científico, gerando uma instabilidade que durou, pelo menos no caso Zé Roberto, até sua saída do clube.

A despeito do fato de, principalmente no caso dos jogadores, se viver uma instabilidade decorrente da própria organização do sistema, há um cuidado, principalmente com os mais jovens, em mantê-los sempre dentro do sistema, procurando integrá-lo, seja pelos mecanismos de controle e aprendizagem que a “instituição total” preconiza, seja pela substituição das qualidades intrínsecas do ser jogador pela quantidade abstrata de dinheiro, o que está no cerne do caso do jogador Zé Roberto. Neste ponto encontramos Georg Simmel e com ele caminharemos para o fechamento deste capítulo.

#### **4.2. Simmel e o Futebol**

É possível que se Simmel visse o futebol da forma como é praticado hoje o tivesse tomado como um problema. Como tudo que anuncia no vivido a tragédia da cultura, o autor se encantaria com a performance e o drama do jogo, com a vida dos atletas, com os feitos heróicos e os grandes fracassos, com o efeito alegórico da multidão e o descontrole controlado das massas. Arte, técnica e capital compondo um quadro dinâmico dos nossos desejos e medos. Uma arquitetura (uma forma?) *suis generis* de nosso modo de estar no mundo. Uma poesia, mas também uma tragédia.

O futebol do qual falo, pois, atravessou uma mudança significativa nos últimos anos. A dimensão dos fatos agora começa a ser sentida, quando grande parte dos clubes agoniza financeiramente, a qualidade técnica das equipes diminui e os jogadores estão vinculados a empresários para buscar uma melhor posição no mercado dos “pés de obra” (DAMO, 2005) e poder exercer melhor sua profissão. Mais do que uma mudança trabalhista, a nova ordenação do mercado que reconfigura as relações sociais no futebol e atualiza as idéias de Simmel sobre a filosofia do dinheiro e a tragédia da cultura assevera as bases de um “pensamento único”, agitado pelo valor simbólico da liberdade, do

consumo e do capital, a despeito das diatribes nada irônicas formuladas pela noção de “racionalidade instrumental” (HORKHEIMER, 2000).

É preciso, entretanto, não tomar o sistema econômico, que é um suporte material, como o princípio, a causação dissolvida na “mão invisível do mercado”, do modo pelo qual as relações de trabalho estão a provocar transtornos no futebol. A teoria simmeliana, especificamente a que trata da filosofia do dinheiro e da tragédia da cultura, distingui-se das teses marxianas ao valorizar os elementos prático-simbólicos e a *bildung* na interação dialética com a economia para o entendimento das relações sociais. É preciso, como sugere o autor antecipando algumas teorias sobre o social de hoje, perceber que o mundo material está ancorado na idealidade da realidade, na psicologia profunda do indivíduo, ao mesmo tempo em que, refletindo esta dialeticidade o mundo material é pensado – assim propôs também, mais recentemente, Marshal Sahlins (2003).

O objetivo, agora, é discutir, no espaço social organizado em torno do futebol, sobre a impossibilidade de se ressubjetivar a cultura objetivada quando esta toma como medida das coisas, pessoas e relações sociais o valor abstrato do dinheiro. Pretendo refletir como a flexibilização das relações de trabalho, que se realiza ao aprofundarmos o individualismo e a ideologia liberal, tem implicações para o sistema futebolístico, na medida em que a comunidade de afetos que envolvia a relação jogador clube é substituída pela ordem monetária das equivalências. Ainda, refletir sobre os efeitos práticos para a organização da relação corpo-máquina no CT do Caju, atravessada pela circulação intermitente de jogadores.

Alerto, pois não pretendo nenhuma conexão ingênua ou a priori de Simmel com o futebol, que este texto é meu modo de brincar de encaixe com o pensamento e com o mundo. Se é possível ver o futebol em/com Simmel e, na contra face, Simmel pelo futebol, é porque há peças que combinam – outras nem tanto, o que exige, claro, mais do que esforço para conectá-las, uma certa dose de *illusio* – não pelo efeito próprio do futebol, mas em virtude da leitura aguda que Simmel fez da cultura moderna, do dinheiro e do presente<sup>105</sup>.

---

<sup>105</sup> Sobre o presente em Simmel, ponto atemporal do tempo que corre entre passado e futuro ver Ferreira (2000).

#### 4.2.1. Notas Etnográficas 1: Estrutura Jurídica e Econômica

Enquanto acompanhava o cotidiano do Clube Atlético Paranaense, que disputava o Campeonato Brasileiro da série A (e integra o *hall* dos campeões do Brasil), e realizava meu trabalho de campo, os jogadores chegavam e partiam do clube em quantidade expressiva. Nas três categorias que trabalhavam no Centro de Treinamento os jogadores circulavam. A lógica permanece. Na categoria Juvenil os testes para os novos jogadores acontecem durante todo o ano, sendo a efetivação e a partida destes uma constante. Entre os Juniores isto é também verdadeiro. Apesar de ser possível reconhecer uma base mais ou menos fixa, a circulação é a ordem.

Entre os profissionais o princípio é o mesmo. Vários jogadores chegaram para compor o grupo e outros tantos deixaram o elenco para os mais diversos clubes do Brasil e do exterior. Nesta esteira, diversos jogadores chegam para serem observados, sendo avaliadas não apenas sua capacidade atlética e sua técnica, mas a possibilidade de se realizar negócio com os mesmos. Segundo o diretor técnico, havia em torno de cinquenta jogadores com vínculo profissional com o clube e que deveriam retornar em dezembro de 2006 quando encerraria a temporada. Além destes, havia cerca de trinta atletas profissionais trabalhando. Apenas nos meses de agosto e setembro daquele ano chegaram: César, Michel, Paulo Rink, Evandro, Evanilson e deixaram o clube Fabrício, Neto Baiano, entre outros cujo sumiço é tão repentino para quem não faz parte da comissão técnica que é difícil acompanhar<sup>106</sup>. Se não fosse a necessidade de um time B para jogar um campeonato regional é provável que as saídas fossem ainda em maior número<sup>107</sup>.

Evidentemente, o processo que organiza o deslocamento de atletas desde as categorias de base não resulta apenas da lógica do campo futebolístico. Regulações sociais incidem com aguda importância, fazendo com que jovens se iniciem na carreira esportiva – de acordo com o capital cultural, econômico e simbólico familiar procurem atividades distintas, conforme Bourdieu (1979; 1997b) – e invistam num projeto que é, não apenas um sonho individual, mas uma aspiração familiar. Em entrevista realizada com os atletas das diversas categorias, ficou clara a unanimidade do fato de que se joga, não por um clube, mas por seus familiares, e por si, é claro.

---

<sup>106</sup> É importante relatar que a equipe titular que em agosto de 2007 disputa o campeonato brasileiro é significativamente diferente da que, em janeiro/fevereiro do mesmo ano, realizou a pré-temporada.

<sup>107</sup> Para mais informações, ainda que incompletas, ver: <http://esportes.terra.com.br/interna/0,,OI802630-EI1834,00.html?1>.

Um levantamento da origem dos atletas das categorias de base, neste caso do infantil e do juvenil do CAP em 2006, comprova o esforço singular destes para alcançarem seus objetivos esportivos. Dos 60 atletas que tive acesso ao local de nascimento, 1/3 são nascidos no estado do Paraná, sendo 13 deles em Curitiba, cidade sede do CAP. Do restante, 13 são do estado de São Paulo, distribuindo-se os demais pelos Estados do Maranhão, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Ceará, Bahia, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e do Distrito Federal. Vale salientar que o número de jogadores de Curitiba é maior entre os atletas mais jovens, tendendo a diminuir à medida que se aproximam dos juniores e dos profissionais. Nestas categorias, dos 42 atletas registrados, apenas 3 nasceram em Curitiba. O restante segue o padrão de deslocamento comum às anteriores. A maioria dos jogadores vem do interior do Paraná e de São Paulo (principalmente os mais jovens), os demais vêm das várias regiões do Brasil e do exterior<sup>108</sup>.

O professor Michel chamou-me a atenção para o fato de que os garotos, a despeito de estarem no CAP, mantêm dois tipos de ligações distintas com os outros clubes. Por um lado, procuram estar informados sobre os seus times de coração<sup>109</sup>, geralmente do local de origem. Por outro, estão atentos aos jogos dos “grandes clubes do Brasil”, que ainda são percebidos como se concentrando no eixo Rio-São Paulo e são o horizonte de trabalho da maioria dos atletas das categorias de base.

Este modo de ver o esporte por parte dos jogadores implica numa orientação da circulação, para os atletas, no sentido periferia centro. O centro, ainda que um sentido geográfico possa ser percebido, está onde se encontram os clubes com maior capital simbólico e, evidentemente, econômico. Assim, jogar em equipes como São Paulo, Santos, Flamengo ou Vasco – e aqui independe dos problemas financeiros que alguns dos considerados “grandes” passam – são projetos destes jogadores em formação<sup>110</sup>.

Tem-se deste modo, organizado pela história do futebol brasileiro e gravado no imaginário mesmo de quem vive o futebol, uma hierarquia entre os clubes cujo status

---

<sup>108</sup> Vale notar que a maioria dos convênios com escolinhas e clubes menores de futebol do CAP se dá no Estado do Paraná, mas que este processo está em expansão, inclusive para o exterior, como já destaquei no capítulo III.

<sup>109</sup> A relação com o time do local de origem e pelo qual os meninos aprenderam a torcer é de afeto, o que não significa que haja o desejo direto de jogar por aquele clube, salvo o caso de este pertencer ao grupo dos “grandes”.

<sup>110</sup> Para os profissionais parece haver a mesma orientação em termos de projeto de trabalho. Dois exemplos: O jogador Zé Roberto entrou em litígio com o CAP para poder deixar o clube e jogar na Europa ou em um clube “maior” no Brasil; hoje está no São Paulo FC. O jogador Nado Goiano, dispensado pelo CAP por ser pouco produtivo (inclusive preguiçoso nos treinamentos) foi contratado pelo Palmeiras, o que alguns consideraram “um prêmio”.

apresenta alguma correlação com a importância dos Estados<sup>111</sup> no cenário nacional. Esta força centrípeta gera, não paradoxalmente, um deslocamento contíguo rumo a (mas também na) “periferia” do futebol, espaço em que a circulação é mais pronunciada. As equipes que competem na série B do Campeonato Brasileiro – mas também as equipes consideradas menores dos diferentes Estados – montam e desmontam equipes, se não a cada competição, ao menos a cada temporada. Se é possível encontrar nos grandes clubes ao menos uma base de jogadores que se mantém, sendo o elenco renovado aos poucos, nas equipes médias e pequenas é necessário, com frequência, formar um grupo novo.

Para os grandes clubes, os problemas são as investidas do futebol internacional, que também tem seu centro na Europa, e a ação especulativa dos empresários. Assim sendo, a tendência é que estes mantenham seus atletas, desde que os mesmos apresentem rendimento razoável, se desfazendo dos que são pouco aproveitados, tratando de conseguir bons negócios com seus principais jogadores. Por outro lado, muitas equipes são formadas por jogadores jovens – que através destas competições ganham experiência e são testados em seu potencial – pertencentes aos grandes clubes. Estes investem, através dos outros clubes, no aprimoramento de seus jovens, formando um campo especulativo em torno do futuro destes atletas.

Tratando especificamente do CAP é possível perceber três movimentos empreendidos pelo próprio clube. Se já vimos que os atletas tendem a “sonhar” com os grandes clubes do Brasil ou contratos com o exterior, o Atlético objetiva, por um lado, e como se pode notar através do investimento feito na busca de “talentos”, formar jogadores em condições de se tornarem profissionais. Cabe destacar que, segundo as informações prestadas por Bráulio, que já foi treinador dos juvenis e juniores e auxiliava o trabalho nas diferentes categorias, o número de jogadores aproveitados nos profissionais é relativamente baixo, cerca de 3 a 4 por ano de um grupo de quase trinta. Estes profissionais podem tanto servir ao próprio clube como ser uma importante fonte de renda – além, é claro, serem dispensados para fazerem o que quiserem da vida.

Por outro lado, além dos investimentos nas categorias de base, o CAP mantém um grupo grande de jogadores profissionais vinculados ao seu departamento de futebol, objetivando auferir lucros através de empréstimos a outros clubes e negociações de vários tipos. Como já mencionei, no ano de 2006 havia cerca de 50 jogadores espalhados pelo

---

<sup>111</sup> Estes Estados – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul – são, por motivos diversos, os que centralizam o poder econômico, político e cultural e, não por acaso, os maiores vencedores do Campeonato Brasileiro de Futebol. O Paraná, mesmo tendo o vencido duas vezes a competição, assim como Minas Gerais, não consegue o mesmo reconhecimento.

Brasil e no exterior com vínculo federativo ligado ao Atlético. Além de colocar estes atletas em atividade – e em circulação – permanecem com um capital futebolístico diretamente (potencialmente) transformável em capital econômico.

Terceiro aspecto do projeto é a transformação do CAP num grande clube. Todo o investimento em infra-estrutura, o título nacional de 2001, as vitórias sucessivas em competições regionais, nacionais e internacionais nas categorias de base, além do projeto de transformar o Centro de Treinamento numa Universidade do Futebol demonstram a ambição atleticana no cenário futebolístico. Para tanto é preciso capital econômico – já que em termos simbólicos o CAP ainda está distante dos chamados grandes clubes do Brasil – sendo necessário produzir e fazer circular jogadores.

Ora, mas por que é necessária a circulação? Primeiro, porque os jogadores de futebol são mercadorias *suis generis*. Não são consumíveis como objetos, pois são corpos a produzir espetáculo. É como trabalhadores que se consomem seus corpos e gestos. Segundo, que sendo trabalhador-mercadoria, não é o consumo de si que estabelece, por princípio, a relação – mesmo que isto se dê e seja irrevogável – com o campo econômico, mas o consumo de sua arte, o que o coloca na posição também de produtor que recebe por sua tarefa. Assim, aos clubes e empresários cabe investir, apostar e especular sobre o produto do qual só podem ganhar se o próprio produtor/produto ganhar também. Circular é a maneira pela qual o capital volátil no neoliberalismo aufere lucros aos seus donos. Talvez, mais do que produtos ou mercadorias (ou mesmo commodity, pelo seu caráter bruto) os atletas (dos juvenis aos profissionais) são ações, fundos de investimento ou mesmo apostas.

Se os torcedores são, aparentemente, os últimos sobreviventes de uma comunidade de afetos que envolvia os clubes de futebol, vêem os jogadores como “do clube”, tanto empresários como clubes passam a trabalhar com a possibilidade de especular através de um investimento de risco, mas que pode – “num golpe de sorte” – gerar um capital significativo para ambos<sup>112</sup>. Ademais, os próprios jogadores passam a ver, nas imposições dos treinamentos – técnicos e táticos, mas também no físico – modos de investimentos em seus corpos, que combinam, por um lado, a certeza do salário e, por outro, a esperança (aposta) de a curto, médio ou longo prazo, obter os lucros dos investimentos realizados<sup>113</sup>.

---

<sup>112</sup> Os exemplos são muitos: de Ronaldinho Gaúcho a Alexandre Pato. É claro, os “fracassos”, ou investimentos pouco lucrativos, são quase incalculáveis. Como um garimpo, é a grande pepita que “salva as finanças”, as pequenas, apenas mantêm o garimpo em atividade.

<sup>113</sup> O zagueiro Allan de Paula (22 anos, ex-seleção brasileira nas categorias de base), de forma explícita, entre outros, ao tratar dos esforços singulares da pré-temporada (testes exaustivos, treinos físicos idem, uma

Os jogadores, deste modo, já não são mais objetos de posse, entretanto, estão presos a relações contratuais com empresários e clubes, assim como atrelados a direitos federativos regulados pelos organizadores do esporte, a partir de uma complexa trama que envolve as quantidades e qualidades do capital de que o atleta dispõe para compreender e interferir na regulação de suas opções e possibilidades. Como não há mais posse, o que se faz é transformar o que era produto em ações de capital, fazendo-as circular para receber percentis a cada vez que um negócio se realiza. Isto ajuda a entender porque o CAP tem, hoje, tantos jogadores registrados em seus quadros, pois nasce daí uma receita baseada no empréstimo a outros clubes. Já os empresários não medem esforços para colocar seus atletas em grandes clubes ou fazê-los circular, pois recebem tanto sobre as transações quanto sobre os salários. Por outro lado, os jogadores experimentam a possibilidade de encerrar contrato em um clube e partir para outro desde que lhe seja conveniente, pois os impedimentos ou são facilmente superados ou praticamente inexistem<sup>114</sup>.

Pois bem, para que haja esta circulação é necessário que uma base jurídico-econômica seja organizada. O que a estrutura é uma lei trabalhista que flexibilizou a relação empregador-empregado, além de um regulamento de campeonato que permite inscrição de jogadores até quase o seu término. O efeito que se pode sentir quando se acompanha este universo é a diminuição, por parte dos atletas, do sentimento de pertencimento a uma comunidade afetiva e, por parte dos clubes, a diminuição da tolerância quanto ao baixo rendimento dos atletas, pois estes são facilmente substituíveis.

O Clube dos Treze, a Lei Zico e, finalmente, a Lei Pelé formam a estrutura político-jurídica de um modo de pensar as relações de trabalho na sociedade liberal que acabam por se consolidar também no futebol. Não pretendo tratar do processo, apenas apontar o que significa a Lei Pelé, último passo rumo à “modernização do futebol”. Em linhas gerais, entre outras determinações, a Lei no. 9.615/03/1998 revogou a lei 6.354/76 e extinguiu o passe. Regulamentado nesta última, o passe era a forma pela qual os jogadores de futebol estavam atrelados aos clubes como sua propriedade<sup>115</sup>. A nova Lei institui a “flexibilização” da relação do jogador, que passa a ser um trabalhador com direito ao

---

espécie de quarentena, etc.) tratou a questão como um investimento para a carreira, para o futuro (como aprendeu com um destes psicólogos motivacionais importantes hoje no futebol). Na prática, passou duas semanas no DM com “canelite” e virou reserva, após a mudança de treinador.

<sup>114</sup> Em entrevista ao programa “Tá na Área” do canal a cabo SporTV, exibida em 13/08/07, o vice-diretor de futebol do Clube de Regatas Flamengo, Kleber Leite, afirmou que, hoje, quem decide onde jogar é o jogador.

<sup>115</sup> No que se pode considerar o período romântico do futebol, o jogador estava ligado ao clube por um duplo vínculo, a saber, um afetivo, pois era formado nas categorias de base do clube e com ele desenvolvera uma ligação emocional e, um econômico, pois estava preso ao clube como mercadoria/força de trabalho.

controle de sua força de trabalho – direito de escolher onde quer jogar, controle sobre a transferência de um clube para outro e etc. –, com o clube<sup>116</sup>.

É importante a denúncia de que a flexibilização da relação jogador-clube colocou ambos nas mãos dos empresários. Isto é fato, por exemplo, quando Ronaldo, com 15 anos, me diz que assinou um contrato com procurador e nem mesmo sabe o que assinou. Por outro lado, é possível perceber também que ao tempo em que os jogadores amadurecem na profissão, vão se tornando mais autônomos e responsáveis pelos contratos que assinam. Back, ex-zagueiro da seleção e à época “já” com 32 anos, me falava tranqüilamente de seus planos, dos passos que ainda daria na carreira, de suas perspectivas, limitações e de quando imaginava parar de jogar. Quanto aos clubes, investem cada vez mais em procedimentos jurídicos para garantirem o que chamam de seus patrimônios, no fundo, investimentos. No geral, estão todos sujeitos ao modelo especulativo de relação social, onde o capital tem fim em si mesmo, como tratarei mais adiante.

Mas para além da lei, é preciso que a entidade que organiza e regulamenta o futebol faça a parte dela. Não basta que a Lei garanta a circulação, é preciso que as competições as prevejam. É assim que o Regulamento do Brasileirão<sup>117</sup> vai permitir inscrições de atletas até quase o seu final, ao mesmo tempo em que as copas continentais (Taça Libertadores da América e Copa Sul Americana) as prevêm para cada nova fase de disputa – além, é claro, do mercado mundial, cujas “janelas” de contratações e negócios se abrem em vários continentes, especialmente Europa e Ásia, em períodos que interferem profundamente na temporada dos campeonatos no Brasil<sup>118</sup>. Portanto, se os jogadores podem procurar o melhor lugar para jogar no mercado de trabalho do futebol, bastando para isso pagar a multa rescisória do contrato, se os clubes podem contratar e negociar jogadores de acordo com suas necessidades/possibilidades, a entidade que controla os direitos federativos, regula as inscrições de atletas e organiza as competições completa o quadro que possibilita a circulação dos atletas, ou melhor, dos jogadores profissionais de futebol.

---

<sup>116</sup> Do trabalhador “mercadoria” ao trabalhador empreendedor, o processo é semelhante ao encontrado em diferentes setores da sociedade. Levando ao extremo a “mão invisível do mercado”, os trabalhadores passam a ser responsabilizados por sua posição no mercado de trabalho. Durante o governo Fernando Henrique, inclusive a educação foi vítima desta perspectiva das relações de trabalho: salário vinculado à produtividade, o professor “empreendedor” deve garimpar recursos para os projetos institucionais, etc.

<sup>117</sup> Campeonato Brasileiro de Futebol, organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

<sup>118</sup> Tanto o Brasil quanto a Europa e a Ásia iniciam seus campeonatos entre o verão e a primavera, atravessando o inverno e outono, encerrando a temporada mais ou menos no verão. O problema é que as estações estão invertidas devido a relação sul-norte fazendo com que as temporadas não coincidam.

#### 4.2.2. Notas Etnográficas 2: Individualismo e Liberalismo

Para ser coerente com a perspectiva simmeliana, não se pode conferir a estrutura econômico-jurídica, que organiza a base material para a circulação, o princípio gerador desta. É numa certa mentalidade, a mesma que sustenta o liberalismo econômico e o individualismo, onde encontramos a base ideal do que podemos chamar de “princípio da circulação”. Para sustentar esse argumento apresento algumas notas que tomei sobre como se pensa o futebol hoje entre jogadores, treinadores e administradores.

Em recente partida entre a equipe de Juniores do CAP e um adversário de “pouca expressão no cenário futebolístico” (eufemismo para time fraco) em um torneio que se iniciava, tive a oportunidade de etnografar, de dentro do vestiário, a preparação para o jogo, que inclui como momentos coletivos principais: a preleção, o aquecimento e a reunião exclusiva dos atletas. Cada uma destas etapas, cuja duração pode variar de acordo com as circunstâncias, como a importância do jogo ou a infra-estrutura do local, é seguida como os passos de um ritual. Destas, a primeira e a terceira são significativas.

O jogo do qual trato era considerado sem importância e o time que entraria em campo era um misto de jogadores em experiência<sup>119</sup>, jogadores reservas da equipe principal e juvenis<sup>120</sup>. A preleção, palestra proferida pelo técnico para preparar a equipe para o jogo, foi marcada por considerações sobre as possibilidades, naquele jogo, para que cada um pudesse provar que tinha condições de compor o elenco do CAP. Desconsiderada a questão de haver um clube ou uma comunidade de pertencimento, o efeito retórico remontava sobre as carreiras individuais: sobre a grande chance.

O mesmo mote foi tomado pelo jogador capitão da equipe. Cada um devia fazer o seu melhor, pois o “cavalo encilhado só passa uma vez”. Aquela era a hora de se provar algo, o valor individual do futebol jogado. Mais do que o time, o que estava em jogo era a chance de cada um na carreira de jogador de futebol. Treinador e jogadores entoavam o mesmo discurso, o do indivíduo (individualismo?) a perseguir seus objetivos<sup>121</sup>.

Meu segundo exemplo sai também de um jogo dos juniores e o espaço etnografado é o mesmo, entretanto, as circunstâncias são bastante diferentes. Tratava-se da disputa final

---

<sup>119</sup> Jogadores que chegam ao clube e ficam sendo testados para que se decida sobre seu aproveitamento ou não no elenco.

<sup>120</sup> O time junior do CAP foi, neste ano, campeão da Copa Caribe e da Copa Belo Horizonte, sendo considerado um time de ótima qualidade. Formam a base do time profissional B, que disputava ao final de 2006 um torneio regional.

<sup>121</sup> Ainda antes do jogo, após a preleção, o treinador me confidenciou que a maioria dos atletas não tinham condições de permanecer no clube e que deveriam ser dispensados; o que de fato ocorreu.

da Copa Tribuna, em Curitiba, e o adversário era um dos principais rivais: um clássico contra o Paraná Clube. O jogo, ao contrário do primeiro, que aconteceu no campo quatro do CT, foi realizado na Kyocera Arena, estádio no qual acontecem os jogos do time principal, com portões abertos (sem cobrança de ingressos). Nas arquibancadas, cerca de oito mil torcedores. Um evento em alta tensão.

Como já descrevi anteriormente, mas cabe retomar, devido ao retrospecto entre os adversários, a vitória em duas copas durante o ano e o fato de jogar em casa, o CAP era considerado favorito. A preleção tratou da “economia das emoções”: entrar em campo pensando que não teria como perder o jogo era equilibrar a partida, já que, o próprio treinador reconhecia, o CAP era melhor. O que importa aqui deste jogo aconteceu ao final, quando o CAP foi derrotado por 2x1, perdendo o jogo, diante de seus torcedores, de forma inesperada (inclusive pelo próprio adversário)<sup>122</sup>.

Após a partida, o presidente do clube foi aos vestiários levar a palavra da direção. Para minha surpresa, ao contrário de levar uma palavra de conforto e defender a grandeza do clube, o discurso correu em outra direção. Fazendo referência ao clube como “a melhor escola de futebol do país” – o que anunciava uma fala sobre o coletivo – afirmou que aquele tinha sido um dia importante para a carreira de cada um dos jogadores – o que, afinal, é o que importa – um momento de aprendizagem, talvez maior do que o de uma vitória. Sob uma perspectiva legitimada coletivamente pelos presentes, tratou de valorizar seus atletas, suas carreiras e seu futuro, independente do clube, que, em minha interpretação, aparecia como um lugar somente de passagem (pois, numa escola, apenas os professores e administradores permanecem, desde que não tenham proposta de trabalho melhor, enquanto os alunos passam).

Um último exemplo, dos muitos que poderiam ser arrolados, teve vez no departamento médico (DM) do clube. O time profissional iria disputar uma partida internacional naquela noite. No DM três atletas faziam tratamento. Não tenho lembrança de como a conversa começou, mas teve este desenrolar. Um dos jogadores, estrangeiro praticamente recém chegado ao clube, perguntou: vocês vão assistir ao jogo hoje (no estádio)? Em tom de ironia um deles diz: não, não vai dar. Uma segunda pergunta: vão ver pela TV, então? Não, a luz está muito cara e não posso ligar a TV. Risos irônicos (talvez sarcásticos), fim de conversa.

---

<sup>122</sup> Tratei deste mesmo jogo ao tomar como eventos as participações do zagueiro Plínio em duas finais de torneios.

O que esta nota revela é o fato de que, uma vez que se esteja fora da equipe escalada para a partida – titulares e reservas – e dependendo da posição ocupada pelo atleta no elenco, seja devido a sua condição física ou técnica, seja por opção explícita do treinador, há uma tendência, em muitos destes, inclusive nas categorias de base (pois várias vezes pude perceber garotos não escalados para um jogo tentando escapar para não ter de acompanhar a equipe) de individualizar-se, abandonando os “companheiros de trabalho”. É claro que o fato de ser preterido e o sentimento de exclusão pesam profundamente sobre esta decisão. Porém, os contratos de trabalho ou o pertencimento a uma equipe não garantem o efetivo aproveitamento do mesmo nos jogos. A lógica do clube é a de que uma vez pertencendo a um grupo é com ele que se deve solidarizar-se. Para os atletas, a lógica se inverte.

Estes exemplos que arrolei (que repercute através da enfática afirmação de um jogador jovem, dos Juniores<sup>123</sup>: “por isso que eu tenho empresário, não vou ficar preso ao clube”) denotam, partindo de diferentes direções – treinador, “cartola”, jogadores – uma perspectiva comum sobre as relações de trabalho no futebol e o sentido do jogar. Numa frase, não se joga mais por um clube, mas por si e pela família, por sua carreira, pela fama e, claro, pelo dinheiro.

### 4.3. Dinheiro

Os elementos que se assomam na interpretação do que é o futebol – e o ser jogador de futebol – a saber, as leis gerais que regem o trabalho, a legislação que regula as competições esportivas e o modo como se constrói a “carreira” de jogador compõe um conjunto cuja forma é regulada pela máxima da circulação<sup>124</sup>. E fazer circular está na essência do dinheiro. Neste ponto reencontramos Simmel (1977): quando a “sociedade do dinheiro” dá forma ao modelo de relações sociais a seguir em um determinado campo de atuação.

Se Simmel é o observador das sutilezas e dos micro-eventos do mundo vivido, capaz de falar do amor e do conflito, da ponte e da porta, do segredo e da mentira, da

---

<sup>123</sup> Note-se que este jogador, agora com aproximadamente 19 anos, foi todo formado nas categorias de base do clube.

<sup>124</sup> Preciso fazer um esclarecimento: é verdade que jogadores de futebol sempre circularam. Na década de 1940, por exemplo, Saulzinho, jogador do Avaí Futebol Clube, transferiu-se para o Grêmio de Porto Alegre e mais tarde jogou no grande rival do Avaí, o Figueirense Futebol Clube. Também mais tarde, nos anos 1980, jogadores circulavam, já com mais intensidade do que naqueles anos. Entretanto, ainda que houvesse grande movimentação, não era esta a lógica, tampouco o fundamento da relação dos jogadores com os clubes e o futebol em geral. É com a “modernização” do futebol e a implantação do regime liberal (ou o liberalismo) como regulador da profissão que impõe a circulação como modelo ordenador das relações no futebol.

coqueteria e da prostituição, é também um dos fundadores, junto com Max Weber, da sociologia alemã, formulando o que vai ficar conhecido como Sociologia Formal. É, neste sentido, um teórico fundamental para se compreender a modernidade e as transformações que marcaram os sécs. XVIII, XIX e XX.

Na arquitetura de seu pensamento, além da agudeza ensaística de seus inúmeros textos, um pensamento sistemático vai percorrer o tempo-espaço que se entrelaça do medievo ao moderno através da análise do dinheiro e da cultura, procurando as implicações destes para o seu presente e para o nosso. Tentarei expor alguns aspectos importantes deste percurso, no sentido de articular, como já anunciei, Simmel e as direções que o campo futebolístico toma nestes tempos neoliberais.

Primeiramente, Simmel, segundo Waizbort (2000), vai perceber na racionalidade econômica, naquilo que o dinheiro impõe a tudo que se deixa tocar por ele, a mesma lógica que exige um domínio detalhado e organizado do tempo. Foucault (1987), mais tarde, ao realizar uma certa arqueologia dos saberes e uma genealogia da modernidade, vai perceber os efeitos homólogos, em diferentes campos, de uma mentalidade que, a exaustão, esquadrinha o tempo e o espaço como modelo racional de ordenamento jurídico-econômico do social.

Há, para Simmel (1977; 2006), uma mudança antropológica significativa, qual seja, a própria sensibilidade humana é afetada por estas transformações oriundas da homogeneização do qualitativamente distinto. Estas questões aparecem nas discussões sobre o indivíduo e a sociedade, na qual os problemas do individualismo, da igualdade e da liberdade são tratados na relação da divisão social do trabalho e da livre concorrência, princípios liberais que correspondem à incorporação do dinheiro ao mundo da vida. Tal homogeneização resulta da substituição da qualidade por um valor referencial quantitativo, porém abstrato: o valor do dinheiro.

Para chegar ao problema do dinheiro, pois não é o capital que regula estas relações através da mão invisível do mercado, mas sim procedimentos econômicos de caráter político ligados a disposições incorporadas por modos de viver a vida como liberdade regulada pela capacidade de consumo, Simmel (2006) vai estudar os sécs XVIII e XIX para apontar a metafísica presente no desenvolvimento do individualismo liberal que caracterizou aquele momento do capitalismo – e ainda marca nossos dias.

O séc. XVIII é o momento no qual as ciências naturais dominam o interesse teórico. Desconsiderando os elementos históricos e sociais, é instituído o conceito de “lei natural como o mais elevado ideal de conhecimento”. O homem passa a ser estudado em sua

generalidade, uma busca pela essência. O homem universal, oriundo desta lei da natureza humana, se realiza ao libertar-se dos desvios e influências do social, da cultura e da história e “em função dessa humanidade o ‘direito natural’ se baseia na ficção de indivíduos isolados e iguais, sendo a generalidade da natureza humana o que torna suportável o isolamento dos indivíduos. A antinomia exposta por Goethe (SIMMEL, 2006, p. 95), a saber, a de que “a igualdade exige subordinação a uma norma universal, e a liberdade ‘anseia pelo incondicionado’” termina num paradoxo moral, qual seja, a dinâmica interna do ser autêntico, ou seja, a busca da liberdade é a renúncia de si mesmo.

O idealismo kantiano (e o sujeito solipsista) vai ser reconhecido por Simmel (2006, p. 102) como o momento de realização abstrata perfeita do conceito de individualidade. Através do imperativo categórico “aja de tal modo como se o princípio que guia sua vontade pudesse, ao mesmo tempo, ser válido como o princípio de uma lei geral”, recoloca a idéia de que somente o homem livre é moral e somente o homem moral é livre, pois só existe liberdade em relação, reconstruindo a possibilidade de uma liberdade que inclua a igualdade.

O séc. XIX vai ver posto em questão o problema da igualdade através das teses socialistas. A democratização dos meios de produção seria um princípio fundamental para a promoção da igualdade social. Mesmo que Simmel (2006) reconheça esse princípio como um ponto importante do processo – a tese socialista de que há uma certa homologia entre status econômico e status cultural, resultando na proposta de democratização do primeiro para atingir o segundo – o autor percebe dificuldades oriundas do fato de que se as pessoas reúnem-se em torno de histórias e projetos distintos, não há garantias de que intervenções deste gênero alcançariam o objetivo esboçado.

Sua crítica se situa no plano sobre o qual o socialismo desliza conceitualmente, ao encontrar-se ainda no esquema individualismo e liberdade formulados no séc XVIII. Ou seja, diante da dificuldade de conciliar igualdade e liberdade, restaria ao socialismo aderir e propor a adaptação à igualdade. Esta, entendida como satisfação geral, reduziria os desejos de liberdade. Entretanto, e aqui surge um Simmel antropólogo (e psicólogo), visto que nossa visão de mundo é construída a partir de contextos e histórias culturais, além das particularidades menos reconhecíveis (ainda estamos a pensar como e a partir de que pensamos), logo estaríamos envolvidos em situações de diferenças forjadas por paixões e desejos, razões e conhecimentos, que mesmo o estado socializante não poderia atenuar.

Em síntese, argumenta Simmel (206, p. 110), para quem a sociedade se realiza num fluxo incessante, na qual os indivíduos estão ligados entre si por influências e determinações mutuas que exercem entre si, que:

Se a liberdade, no sentido social, se refere à expressão adequada de qualquer medida individual de força e importância na configuração de líderes e seguidores no âmbito de um grupo, então ela está excluída de antemão. O conflito entre a totalidade individual do ser humano e sua natureza como elemento de grupo torna impossível a proporção harmoniosa entre qualificação pessoal e social. Também impossibilita a síntese entre liberdade e igualdade. Esse conflito também não pode ser eliminado numa ordem socialista, mesmo porque não faz parte dos pressupostos lógicos da sociedade.

Bem, se o séc. XVIII viu, na realização da natureza humana, nascer a ambigüidade entre liberdade e igualdade e Kant exprimir o imperativo categórico que postulava, de maneira sincrética, a liberdade como relação, o séc. XIX vai ver no socialismo a igualdade como princípio de regulação do social. Neste percurso, no entanto, um novo princípio se articula e vai se estender até os dias atuais, o individualismo como ideologia<sup>125</sup>.

Afirma Simmel (2006, p. 111) “que o indivíduo que se tornou autônomo também quer se diferenciar dos outros: não se trata mais de ser um indivíduo livre, e sim que esse indivíduo seja específico e insubstituível”. Pois que, naquele momento, já atravessado o romantismo e a busca de si (em contato mas em processo de diferenciação qualitativa com os outros e o mundo) trata-se agora de uma busca de si como se não se possuísse a si, ao mesmo tempo de que se está seguro de quem se é. Assim, as relações com os outros são apenas suportes para um encontro consigo mesmo. Na perspectiva teleológica, os outros passam a meios para cujo fim o sujeito em sua egoidade deve se encontrar.

A discussão e a experiência da liberdade e da igualdade desembocam no individualismo, ou seja, de uma individualidade fundada na *persona* livre e responsável por si para uma individualidade incomparável, que deve cumprir seu papel social por e para ela mesma. Segundo nosso autor, Schleiermcher é o filósofo que bem formula esta nova individualidade, pois não se trata mais de o indivíduo realizar-se como universal, mas cada um representar a humanidade de uma maneira específica.

---

<sup>125</sup> Dumont (1993, p 240) discutiu o problema do individualismo e do valor (ou do dinheiro) sob uma perspectiva antropológica. Escreveu ele: “A cena moderna é familiar. Em primeiro lugar, a consciência moderna liga o valor, de maneira predominante, ao indivíduo, e a filosofia trata, em todo caso e principalmente, de valores individuais, ao passo que a antropologia considera os valores essencialmente sociais. Em seguida, na linguagem corrente, a palavra que significa em latim, vigor saudável, força eficaz, e designava na Idade Média a bravura do guerreiro, simboliza hoje, a maior parte das vezes, o poder do dinheiro para medir todas as coisas”.

Por fim, após apresentar os passos desta mudança antropológica, Simmel (2006, p. 117) conclui afirmando que o “liberalismo do séc. XIX põe o indivíduo sobre seus próprios pés, e ele deve progredir à medida que se sustenta”. Sendo a doutrina da liberdade e da igualdade o fundamento “histórico-espiritual” da livre concorrência e a doutrina das diferentes personalidades, ou seja, dos indivíduos singulares e incomparáveis, da divisão do trabalho, conclui o autor que estes dois grandes princípios que atuam na economia daquele século – e se expressam ainda hoje de maneira ainda mais aguda –

(...) surgem então como projeções de aspectos filosóficos do indivíduo social; ou ao contrário, como sublimação daquelas formas reais de produção econômica; ou talvez seja melhor (...) elas surgem conjuntamente de uma dessas profundas mudanças da história que não podemos conhecer a partir de sua essência ou de seus motivos próprios, mas somente a partir de seus fenômenos – que, por sua vez, se dão na mistura com as províncias singulares da vida, determinadas por seus conteúdos.

Para o autor, a modernização da cultura se dá pela racionalização do processo teleológico, ou seja, o aprimoramento dos meios e processos para se chegar a um fim. Provavelmente influenciado pelo evolucionismo, Simmel, segundo Waizbort (2000) via o progresso da cultura através da complexificação das formas pelas quais os indivíduos e a sociedade alocavam esforços e recursos para atingir seus objetivos. Assim, o desenvolvimento da técnica e da ciência, como da cultura (a *bildung*), são alguns suportes analíticos da passagem progressiva do medieval ao moderno.

Entretanto, Simmel vai reconhecer a armadilha que nos envolve no que ele denominou de “tragédia da cultura”, o fato de que o dinheiro deixa progressivamente de ser um meio para se obter algum bem e passa a ser um fim em si mesmo (assim como os *outros* passam a ser meios para o encontro do indivíduo consigo mesmo). Para que se possa compreender este processo é preciso retornar à filosofia da cultura simmeliana. Simmel entende a cultura como o ponto de cruzamento entre o sujeito e um objeto, ou seja, o estabelecimento sincrônico da fusão da subjetivação do que é objetivo e a objetivação da subjetividade<sup>126</sup>. Isto se dá em processo, aspecto que associado à idéia de formação deveria realizar a *bildung*: a educação dos indivíduos, ou a formação, e a elevação da cultura.

---

<sup>126</sup> Não deixa de ser singular o fato de que, mais tarde, Bourdieu (1998) vá dar atenção à interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade no desenvolvimento de suas noções de poder simbólico e de *habitus*. Também Adorno, leitor de Simmel, vai dar um sentido correlato à “tragédia da cultura” com a teoria da “semi-cultura” e as teses sobre a “vida danificada”.

O momento em que as condições objetivas parecem convergir para a realização do sujeito cultivado (da autonomia esclarecida kantiana), entretanto, desemboca num paradoxo, como também vão descrever mais tarde Adorno e Horkheimer (1985), o fato de o esclarecimento se converter novamente em mito. Antecipando alguns aspectos da “dialética do esclarecimento”, Simmel recorre a idéia de tragédia, numa rigorosa descrição do momento em que o desenvolvimento cultural (a *bildung*) não acompanha o desenvolvimento tecnocientífico e econômico, ao contrário, parece se direcionar para a barbárie. Mais tarde, Adorno nos lembrará que há algo errado com um mundo tecnicamente capaz de resolver o problema da fome e não o faz.

É neste instante que a Filosofia do Dinheiro (SIMMEL, 1977) vai fundamentar o complexo da modernidade como o tempo em que se realiza a passagem já anunciada neste texto, qual seja, o da substituição das qualidades pela quantidade; e que o desenvolvimento do projeto teleológico que a cultura exige, o da relação meios fins, vai ganhar novos contornos. Pois, repito, o momento histórico do moderno é aquele no qual os meios se autonomizam em relação aos fins, tornando-se fins em si mesmo. Daí o fato de Simmel tratar não apenas das modificações da vida efetuadas pelo dinheiro, mas perceber na técnica e na especialização aspectos do mesmo problema, a inversão meio/fins.

Mas é o dinheiro, segundo Waizbort (2000), o caso mais significativo desta modificação, pois é com o dinheiro que a transformação dos meios em fins se deu de forma mais completa. No cerne do problema está a idéia de esquecimento, que transforma em segunda natureza o que é produto das relações sociais e é a força da própria cultura. Se a cultura está ligada à série teleológica que transforma meios em fins, há no processo do moderno, com a complexificação desta série teleológica, o obnubilamento da consciência com vistas aos fins últimos, tornando-os, pelo que foi chamado de “princípio da economia de forças”, distante, perdendo-se para a consciência.

Talvez antecipando Mauss (1974) e mesmo Lévi-Strauss (1974), Simmel trata os sistemas de troca como sistemas pelos quais se abria a obrigação, a reciprocidade e, no limite, um sistema de comunicação. Mas estas eram marcadas pelas qualidades das pessoas e dos objetos. A adoção do dinheiro substituirá a qualidade do trocado pelo sem qualidade. Como substituto genérico que se interpõe aos diversos fins, o dinheiro torna-se eminentemente abstrato. Tudo que o dinheiro toca torna-se anônimo, impessoal; torna-se quantidade. Por isso que o que tem caráter pessoal não vai poder ser trocado por dinheiro: amor, honra, gratidão, etc.

Ao retirar a qualidade das coisas, o dinheiro equaliza o que é distinto – como as casas de R\$1,99 de hoje, que vendem tudo pelo mesmo preço e que já existiam no tempo de Simmel. Mas não apenas isso, visto que os processos se aceleram, que a modernidade trás em seu núcleo o movimento, a fluidez – ao contrário do estático e da fixidez do medievo – o dinheiro vai encontrar nela, precisamente no urbano, o espaço social de seu máximo desenvolvimento. Este é o período, segundo Simmel (1977), em que tudo flui, inclusive o dinheiro. Mas ao mesmo tempo em que circula, o dinheiro é o ponto fixo sobre o qual tudo gira. Portanto, onde tudo é fluxo, apenas o dinheiro é fixo, pois se é, por um lado, o meio pelo qual todas as coisas são trocadas, é, em última instância, um fim em si mesmo.

Sintetizando, o que Simmel viveu e via na vida alemã é o fato de que o aparecimento do dinheiro rompeu os laços tradicionais que ligavam as pessoas às coisas, pois tornou esta relação mediada e, como visto, obnubilou aquilo que possibilitava a *bildung*, que concretizava o ressubjetivar do mundo objetivado. Mas se o dinheiro é um mediador, ele separa e une, o que caracteriza sua ambigüidade. Ele é ambíguo porque, por um lado, opera a separação acima exposta e por outro porque promove a ligação entre os membros de um mesmo círculo econômico. Ou seja, a função unificadora e separadora de interesses é uma das marcas do dinheiro, reguladora de relações sociais. Ao socializar os homens como estranhos, o dinheiro cria distâncias, ao mesmo tempo em que aproxima coisas antes distanciadas. “Com sua circulação e linguagem universais, ele reduz drasticamente as distâncias do mundo” (WAIZBORT, 2000, p. 199).

Ainda este ponto merece consideração, pois o problema tempo-espaço a que o dinheiro remete implica em considerar a ambigüidade do tempo, que não é o mesmo para as diferentes sociedades, mas que se acelera na modernidade, principalmente no tecido urbano. Hoje, vivemos um tempo mundial, que a circulação econômica, das informações e das pessoas que a tecnologia possibilitou, torna evidente a complexidade da relação entre o tempo global – que as bolsas de valores não cansam de anunciar – e o tempo local. Assim o tempo que se vive sempre em relação ao espaço, é o tempo da mobilidade, mobilidade ancorada no dinheiro, que é, em essência, sem essência. A ausência de essência do dinheiro, sua falta de qualidade, não pode, para Simmel (1977), ser o suporte do social, o que, em conjunto com a individualização (ou o individualismo), vai dar forma a uma vida sem sentido, ao indivíduo que procura, que não pode parar, pois que a ausência de sentido é angústia.

Se, retomando a discussão liberdade e igualdade, o dinheiro, para Simmel (1977), gerou um incremento de liberdade, também é seu efeito o aumento da dependência. Através do anonimato e da indiferença, além do nivelamento que o papel objetivo do dinheiro opera, pôde-se se distanciar das relações restritas de troca. Sem embargo, como seu corolário, ficou-se dependente de uma série ainda maior de agentes com os quais as relações se dão no plano da quantidade. É neste processo de desqualificação das relações sociais, no anonimato, que o indivíduo se volta para si, o que vai possibilitar a indiferença, o caráter *blasé* do burguês, o cinismo, etc.

Como a análise simmeliana do dinheiro e do moderno não se dão em torno da produção, como em Marx, mas no da circulação e do consumo, o indivíduo, apoiado unicamente sobre seus pés, procura incessantemente a satisfação. Entretanto, esta busca interminável se dá quando o imediato, ou seja, as relações sujeito/objeto que caracterizavam a cultura, foi rompido. Ao indivíduo, além do enfraquecimento ou dissolução dos laços afetivos, das relações sensíveis, sobra a angústia de encontrar no sempre novo a satisfação que a tragédia da cultura reafirma, o que gera conseqüências, no que nos interessa, para o futebol e para os torcedores de clubes de futebol – dos quais tratarei a seguir.

Mas ainda um último ponto, pois que não se pode desconsiderar a relação formulada por nosso autor entre a racionalidade e a quantidade. O dinheiro, abstrato, ambíguo e sem essência, substituto universal da qualidade dos objetos pelas quantidades, obriga ao cálculo, a racionalização dos meios e dos fins, de procedimentos projetivos que ancorem o sentido da busca que não está mais nas coisas – sempre substituíveis. Simmel antecipa assim o sentido frankfurtiano de Razão Instrumental, esta que se subsume ao cálculo e ao interesse, que substitui os fins pelos meios, que transforma o pensamento e a razão, a ciência e a técnica, não em meios cujos fins últimos são o humano, mas sim, a reprodução do capital, ou seja, do dinheiro.

#### **4.4. Da Comunidade de Afeto a Equivalência Abstrata do Dinheiro: A Comunidade Imaginada e o Conflito**

Por fim, sem tentar ser exaustivo, pois esta tese não trata da questão que envolve os torcedores, é preciso incluí-los na discussão sobre a lógica que preside as relações no interior do futebol profissional. Enquanto os jogadores circulam atrás do capital econômico

– mas também de reconhecimento e fama – há, por parte do CAP, uma grande preocupação em fazer retornar o investimento feito, em recuperar investimentos perdidos, preservar o valor dos “passes” em níveis compatíveis com o investimento e o mercado do futebol, através da especulação em torno das qualidades do jogador, permutáveis em quantidade. Além disso, procura-se controlar posições no mercado do futebol para – seja no campo simbólico, seja no campo econômico – realizar melhores negócios e auferir lucros nos diferentes tipos de capital.

A primeira vista, o torcedor é o único que não racionaliza suas ações em termos econômicos (monetários), pois é como comunidade afetiva que ele estabelece sua relação com o futebol e com seu clube. Todavia, como vimos ao início da tese, torcedores negociam o valor do ingresso através do reconhecimento do “capital futebolístico” posto em disputa. Cabe ressaltar, também, que se a lógica da circulação e do interesse econômico é, hoje, hegemônica, não significa que jogadores, dirigentes ou comissões técnicas não estabeleçam vínculos afetivos com o clube; estabelecem, evidentemente, apenas não podem operar sob esta lógica. Os resultados deste (des)encontro são de vários níveis, um deles pode ser pensado através da análise simmeliana do conflito.

O conflito, ao contrário do que se afigura por princípio, não provoca a dissolução das relações sociais. É, isto sim, mais uma forma de sociação. A sociedade, como processo permanente de sociação, encontra no conflito uma das formas pelas quais ela se organiza, atualiza e desfaz e cria relações. Se Mauss (1974) vai ver na reciprocidade “uma das rochas da sociedade”, Simmel vai levar este tema ao extremo, ao ver no conflito também uma forma de reciprocidade, portanto, de sociação. Há, no conflito, o reconhecimento de um outro contra o qual nos enfrentamos. É, ao contrário, a indiferença, que nega o outro em sua existência em igualdade humana, e não o conflito, o que provoca a ruptura das relações.

DaMatta sugeriu em recente entrevista que, no momento em que a violência dentro de campo diminuiu, ela começou a tomar forma nas arquibancadas. Segundo o autor, talvez seguindo Elias, a violência acaba por encontrar caminhos alternativos, à medida que o processo civilizador avança em alguma frente. Se os motivos são estes, a saber, que os controles sobre a violência em um determinado espaço fazem com que ela apareça em outro, não tenho como avaliar. De todo modo, parece ter havido uma transição dos espaços de violência, quais sejam: do campo (entre jogadores) para as arquibancadas (entre torcedores) e, agora, das arquibancadas para o campo (dos torcedores em direção aos jogadores).

A história da violência em campo é por demais conhecida. A despeito dos imperativos éticos “civilizadores”, muitas delas acabam por se tornar verdadeiras epopéias, senão comédias. As histórias narradas por meu pai sobre o futebol nos anos 50 e 60 em Florianópolis apontam o fato de que o futebol era vivido numa relação espacial, devendo o time de determinado bairro ou região defender a honra da comunidade. Não sem frequência as partidas acabavam em tumulto e briga, geralmente quando o visitante estava a vencer o jogo, cabendo a estes fugir do local em disparada<sup>127</sup>.

Ainda recentemente pudemos ver vários enfrentamentos entre jogadores. Geralmente isto acontece quando a partida encerra uma certa tensão e atos de violência física (faltas violentas e agressões) e/ou moral (xingamentos, atentados a honra) recobrem o ambiente do jogo. O caso mais recente envolve os jogadores Zidane (da França) e Materazzi (da Itália) na final da Copa do Mundo de 2006<sup>128</sup>. Casos de briga generalizada – envolvendo um grande número de jogadores – tem diminuído, principalmente devido às sanções legais impostas pelas federações, ainda que tenhamos exemplos na final do campeonato paulista entre Corinthians e Palmeiras e em jogos da Copa América e Sul Americana.

Enquanto a violência entre jogadores diminuiu – joguei bastante tempo os festivais varzeanos na região da Grande Florianópolis, e nem de longe eles se parecem com os causos contados por meu pai – vimos a “guerra entre torcidas” ganhar dimensões impressionantes. Diferente das representações de espaço e honra, esta comunidade imaginada ganha contornos mais difusos, mas que ainda trata de realizar o confronto do eu, pertencente, ao outro, estrangeiro. Não se trata de eliminar o localismo, haja vista que a violência marca o encontro de torcedores de diferentes cidades, estados e países, mas de

---

<sup>127</sup> Naquela época meu avô tinha um caminhão que levava os jogadores de sua equipe, incluindo meu pai, aos jogos. Por muitas vezes tiveram que subir na caçamba as pressas sob socos e pedradas e partir do local rapidamente. Isto, porém, não impedia que novos confrontos (jogos) fossem marcados. Em muitos locais, os jogos eram mais tranquilos, porque alguém da comunidade era amigo ou parente dos visitantes. De todo modo, no futebol de várzea ainda se pode sentir esta tensão e no profissional não é sem motivos que é preciso vencer em “casa”.

<sup>128</sup> É importante ressaltar o fato de que, nas competições esportivas, participamos de um jogo de identidades. Uma brincadeira interpretativa pode ajudar a ver o caso em que Zidane, um francês-argelino-cabila, deu uma cabeçada no italiano Materazzi. O italiano fez uma falta comum ao jogo de futebol, uma atitude anti-desportiva, puxou a camisa do francês. Este, devolveu com uma atitude anti-ética para o futebol: ofereceu a camisa a Materazzi. Como bom italiano, e jogador de futebol ofendido pela soberba francesa, Materazzi botou a família em campo. Para um nascido na Cabila, a família é sagrada. Zidane desferiu, então, uma cabeçada. Um golpe comum, praticado desde a juventude por argelinos, marroquinos e outros moradores da periferia parisiense quando em conflito. Moral da história: os italianos são indecentes, mas os franceses da nação civilizada são uns bárbaros – já os Cabila, lutaram em legítima defesa da honra.

reconhecer que o local não é o marcador único (último) do sentimento de pertença. As torcidas circulam.

Mas se a violência entre jogadores tem sido eticamente reprimida e a entre as torcidas um problema de polícia, uma nova modalidade de violência tem tomado de assalto o universo do futebol: é a violência de torcedores contra jogadores do “time do coração”. Damo (2005) chamou a atenção para o fato de as torcidas – comunidade imaginada de afetos – construírem sua relação emocional com o clube, uma instituição, e não com os jogadores ou dirigentes do clube. É neste ponto, quando os torcedores descontentes quebram os vidros da sede do clube, ou atacam jogadores na porta do estádio, que, mais uma vez, recorro a Simmel para ajudar a entender o fenômeno.

Primeiramente cabe destacar que a relação do torcedor com o clube não é puramente afetiva ou emocional. Uma ligação econômica se estabelece quando, para viver as emoções do estádio, os torcedores precisam pagar. O dinheiro aparece como substituto equivalente do sensível vivido na interação torcedor-clube durante um jogo ou toda uma temporada. O código de defesa do consumidor e o estatuto do torcedor reforçam os princípios que regulam a transação de compra e venda, protegendo com direitos os torcedores/consumidores e imputando responsabilidades aos promotores do evento.

Por outro lado, o jogador, a despeito de, como visto anteriormente, não se resumir ao estatuto de coisa, pois não é uma posse, ainda assim é através do dinheiro que estabelece sua relação com o clube, do qual a implicação mais evidente é o fato de ter que render<sup>129</sup> (ou jogar bem) pelo salário recebido. Entretanto, lembrando aquilo que caracteriza o moderno em Simmel, a saber, o individualismo e a indiferença, além da circulação e da transformação dos meios em fins, tanto os clubes quanto os jogadores acabam, em reciprocidade, numa associação efêmera, onde qualquer uma das partes pode romper com os compromissos firmados.

No ano de 2006 vários casos de conflito entre torcedores e jogadores puderam ser constatados: a agressão ao atacante Carlos Tevez, do Corinthians; a agressão aos jogadores do Bahia, quando o time não ascendeu da terceira para a segunda divisão; e o confronto entre torcedores e jogadores do Coritiba, quando do desembarque da equipe no aeroporto da capital paranaense<sup>130</sup>. É interessante que, quando os jogadores eram patrimônio do clube

---

<sup>129</sup> O que mais se espera do dinheiro investido, senão que ele renda.

<sup>130</sup> No momento em que estou a finalizar esta tese, a torcida do Fluminense Futebol Clube, do Rio de Janeiro, após a derrota de sua equipe por 4 x 1 para o Santos (de São Paulo), invadiu o treinamento (dia 25/05/2009) e agrediu vários jogadores. Uma das imagens publicadas mostra Diguinho (talvez não por acaso, ex-jogador do Botafogo de Futebol e Regatas, rival do Fluminense no Rio), levando um soco de um dos torcedores.

através do passe, as agressões aos jogadores eram raras, pois o mesmo, como patrimônio (objeto), era remetido ao complexo clubístico, este, inviolável. No momento em que as relações se afrouxam, o papel nivelador do dinheiro expõe o fato de, como dito, equivalente que a tudo substitui, iguala as diferentes emoções, possibilitando sua manifestação quando desejável.

Waizbort (2000) lembra que para Simmel, como o dinheiro não tem qualidade, a ética é subsumida ao problema da quantidade, tornando indiferente se uma ação é boa ou má, na medida em que o que as distingue, a saber, sua qualidade, é substituída por um equivalente abstrato sem qualidade. O patrimônio mais frágil do clube, vidros, portas e alambrados, era o alvo principal dos torcedores para demonstrar seu descontentamento. Hoje, os jogadores, em sua mobilidade *blasé* decorrente do modo individualista e especulativo do futebol, tornam-se o alvo possível dos conflitos e violências dos torcedores.

Ademais, como consumidores, torcedores reforçam a lógica da circulação ao exigirem o sempre novo; a busca perpétua do indivíduo insatisfeito, que orienta a felicidade através do consumo. Mais uma vez a ambigüidade do dinheiro se manifesta, pois se por um lado, o jogador mercadoria (coisa) deve ser consumido até seu esgotamento – ou que se esgote o desejo de seu consumo – o conflito restitui a parte singular de sua humanidade, através do reconhecimento de um outro com qual os torcedores se põem em relação. Se, como nos formula Waizbort (2000, p. 147) “a personalidade torna-se autônoma, rompendo com os antigos círculos com os quais estava amalgamada”, o que os dias de hoje parecem anunciar sobre o tempo romântico do futebol idealizado, o nivelamento a que pessoas e coisas estão sujeitos pelo caráter inessencial do dinheiro, as posições no campo esportivo estão, todas, sob a tênue pressão de intercambiável substituição. Em outras palavras, não há lugar seguro e fixo no mundo do futebol, pois ainda que não se deixe de torcer por um clube, ainda é possível consumi-lo até seu esgotamento, inclusive através das urdiduras do conflito.

\* \* \*

Nesta primeira parte da tese procurei, primeiro, demonstrar que há uma complexa inter-relação entre o projeto de modernidade do CAP, através dos procedimentos burocráticos, e os investimentos de capital na estruturação de um estádio e um centro de

treinamento compatíveis com os dos melhores clubes do mundo. Este projeto de modernização implica também no investimento em ciência e tecnologia, o que pretendo discutir na segunda parte da tese.

Importante frisar que, ao observar o modo como o CAP tem organizado o espaço-tempo de seu centro de treinamento, aquilo que Foucault (1997) chamou de anatomopolítica do detalhe salta como um fato fundamental do conjunto de práticas que organizam os atletas no tempo-espaço e dividem, separam, hierarquizam e esquadriham as relações no CT.

Por fim, o diagnóstico realizado por Simmel, a saber, do esgotamento das relações baseadas em princípios coletivos, substituída pela autonomia das personalidades e o individualismo, reafirma a ruptura daquela unidade anterior à introdução do dinheiro como mediador entre pessoas e coisas, abre o caminho para os argumentos da segunda parte da tese. Afirma Simmel:

Esta unidade foi destruída pelos tempos mais recentes. Por um lado, eles afirmaram a personalidade e deram-lhe uma liberdade de movimento interna e externa incomparável; por outro, eles conferiram aos conteúdos objetivos da vida uma objetividade também incomparável: as leis próprias das coisas passaram a dominar cada vez mais a técnica, nas organizações de toda a espécie, nas empresas e profissões, e as liberaram por impregnação por personalidades individuais. (SIMMEL, *apud* WAIZBORT, 2000; p. 147)

Pois bem, esta é a deixa. Nela vamos encontrar um anúncio das análises de Michel Foucault sobre o biopoder. Reafirmando que anamopolítica e biopolítica estão em relação indissolúvel, sendo ambas as partes do mesmo modelo racional de controle dos corpos individualmente e das populações, o autor vai encontrar os princípios de tal modalidade de governança na evolução do liberalismo a partir de princípios muito semelhantes aos discutidos por Simmel. Quando Foucault (2008) discute o nascimento da biopolítica no curso de 1978-1979, vai dedicar uma grande parte dos encontros a tratar do liberalismo alemão, este mesmo que Simmel discute em seus textos.

Para Foucault (2005, p. 302) é a “norma” (sobre a qual trataremos a seguir, com Canguilhem) que vai circular entre a “ordem disciplinar do corpo” e os “acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica”. Tal ordem aleatória da multiplicidade biológica torna-se o ponto de intervenção da biopolítica. Ou seja, a vida natural do homem, (a vida nua, como quer Agamben (2007)) entra nos mecanismos e nos cálculos do poder. Tal desenrolar da história se dá na transição do poder soberano para o poder do Estado. O

liberalismo alemão é o exemplo estudado por Foucault (2008) desta transição, quando o Estado totalitário investe suas forças sobre a vida nua através dos campos de concentração.

Bem, para o que aqui nos cabe basta anunciar que, na próxima parte da tese, tratar-se-á de discutir as implicações da tecnociência e da biomedicina no treinamento esportivo levado a efeito no futebol do Clube Atlético Paranaense. Sem esquecer, por certo, como afirmam Dreyfus & Rabinow (1995, p. XXII) que Foucault desenvolveu

(...) um diagnóstico geral de nossa situação cultural. Ele isola e identifica a difusa organização de nossa sociedade como 'poder biotécnico'. Biopoder é o crescente ordenamento em todas as esferas sob o pretexto de desenvolver o bem-estar dos indivíduos e das populações (...) esta ordem se revela como sendo uma estratégia, sem ninguém a dirigi-la, e todos cada vez mais emaranhados nela, que tem como única finalidade o aumento da ordem e do próprio poder.

## **SEGUNDA PARTE**

## CAPÍTULO V

“Minha alma é uma orquestra oculta; não sei que instrumentos  
tangem e rangem, cordas e harpas, timbales e tambores,  
dentro de mim. Só me conheço como sinfonia.”

Fernando Pessoa

### O CIBORGUE

Após ter discorrido sobre o processo de modernização que atravessa o CAP, necessidade reivindicada pelo próprio campo através da percepção de que o mesmo sofreu transformações bastante importantes – acompanhando o próprio processo de “profissionalização” do futebol – em sua estrutura organizacional, na sua articulação econômica com o campo esportivo e no trato com os atletas, fatos que se espelham na arquitetura dos novos espaços de trabalho – estádio e centro de treinamento – nos modelos de controle e disciplinamento dos atletas e num sistema prático simbólico sustentado por procedimentos ditos científicos e, portanto, suportes incondicionais do trabalho técnico-científico hoje por lá realizado, é preciso agora seguir as questões centrais que orientaram, desde seu projeto, esta tese.

Em poucas palavras, uma vez que os objetivos já foram expostos, trata-se agora de compreender o modo como corpo e máquina tramam seus encontros no treinamento esportivo no futebol. Tendo em mente o fato de que a máquina é corolário de um longo processo que envolve a técnica como ambiente e a ciência como seu possível, é sobre estas relações convergentes, mas também dispersas, fluidas, diversas ou divergentes que passo ao mundo vivido pelos agentes, ao interior das práticas e seus significados no CT do Caju. Para tanto, inicio a discussão refletindo sobre o ciborgue: o que é? Quem é? Quiçá, por que é?

Seria o esporte o lugar do ciborgue? Ou ainda, seria o ciborgue o super-homem de Nietzsche? Temerário responder a tais questões. Entretanto, tais questões são não apenas o pano de fundo irrecusável, posto que pensar o humano, a técnica e sua maquinaria perturbam o já inquieto ambiente da modernidade, mas são também horizontes. São, talvez, o mesmo lugar (uma dobra?) em que o passado e o futuro se aplainam num presente que alude dois paradoxos: 1) que o esporte, ainda que se apóie profundamente na técnica ,

na ciência e na tecnologia, também os regula, controla e proíbe: trama em seu interior o possível e seu contrário; 2) a humanidade só se ultrapassa humanamente.

Por que estas questões? Porque, se se irá tratar aqui do ciborgue, e por força e razão, do biopoder, é preciso colocar de partida o anúncio da morte de Deus, depois o anúncio foucaltiano da morte do homem – anúncios estes que a antropologia não cansa de desmentir (e com razão). É Deleuze (2005, p.141-2) quem esclarece, pois que o super-homem decorre de uma nova relação de forças. Não mais as do infinito, como no pensamento clássico, tampouco o da finitude, que põe o homem frente a si, mas uma força nova e diferente, a saber, o finito-ilimitado (a técnica? Ver-se-á). Assim,

O super-homem é (...) o homem carregado dos próprios animais (um código que pode capturar fragmentos de outros códigos, como nos novos esquemas de evolução lateral ou retrógrada). É o homem carregado das próprias rochas, ou do inorgânico (lá onde reina o silício). É o homem carregado do ser da linguagem (dessa “região informe, muda, não significante, onde a linguagem pode liberar-se”, até mesmo daquilo que ela tem a dizer). Como diria Foucault, o super-homem é muito menos que o desaparecimento dos homens existentes e muito mais que a mudança de um conceito: é o surgimento de uma nova forma, nem Deus, nem o homem, a qual, esperamos, não será pior que as duas precedentes.

Pois bem, o ciborgue existe não apenas porque há tecnologia, mas também porque há natureza. Não é apenas a infinidade de técnicas (ou seu finito-ilimitado), tampouco sua finalidade sem fim, mas a finitude do corpo, os limites que nossa natureza coloca que realizam o que Bruno Latour (1994) em algum momento passa a chamar de híbridos. Mas, se o ciborgue de Haraway (2000) inaugura – ou pelo menos ajuda a instaurar – o período em que se discute o fim das fronteiras entre o orgânico e o inorgânico, o pensamento e a informática, ou a natureza e a cultura, meu campo ainda aponta para as cisões que a modernidade construiu e das quais, ainda que os esforços baseados na técnica se acelerem, não pôde superar.<sup>131</sup>

Deste fato decorre que, se as teorias do pós-orgânico (ou o pós-humanismo) anunciam o apagamento das fronteiras – ou ao menos sua confusão – ontológicas, mas também epistemológicas e metodológicas, entre o humano, o animal e o inorgânico, a

---

<sup>131</sup> Entendo os esforços de Bruno Latour para apresentar sua Antropologia Simétrica e colocar os híbridos na ordem dos objetos do campo antropológico, tanto quanto seus argumentos que sugerem, nesta simetria, resolver o problema da cisão sujeito/objeto que as críticas ao idealismo e ao positivismo invocam. Entretanto, ainda que tenha alguma inspiração deste autor nesta tese, não é com suas premissas que pretendo tratar meu tema. Por outro lado, a Antropologia tem apresentado novas discussões sobre a natureza e sua ontologia, como os estudos organizados por Philippe Descola, Tim Ingold ou os perspectivistas brasileiros. Não obstante, recupero a idéia de que em meu campo há um processo de modernização, e portanto de racionalização, que toma a natureza como um exterior a ser desocultado, explorado e dominado.

natureza do corpo próprio, portador da *bios*, continua – no ser aí? – a ser o suporte, ao mesmo tempo que o limite, conforme Haraway (2000): portanto, o ponto fixo e a fronteira sobre os quais o pós-orgânico se agita; e da constituição do mundo ciborgue que ora vivemos.

Com estas afirmações abro a segunda parte desta tese, que, deste ponto, deve tratar do corpo (e do movimento) em suas relações com a técnica, a ciência e sua maquinaria correlata. O percurso que farei, quando tratar da questão do ponto de vista etnográfico, é correspondente aos passos que os jogadores de futebol que chegam ao CT também são obrigados a dar. Do departamento médico até o campo de futebol há todo um complexo de saberes que estabelecem procedimentos, delimitam espaços, olham e invadem corpos, investem no controle dos gestos, registram, especulam, projetam...

Uma discussão preliminar sobre técnica e ciência deve incorporar as descrições efetuadas nos três primeiros capítulos e fundamentar a seqüência do trabalho - pois que uma racionalidade técnica já impregnasse o modo de organizar o espaço, dispor e localizar os indivíduos, hierarquizá-los através de sistemas econômicos, etários, técnicos, etc. é evidente. Passarei a me concentrar neste problema agora por, ao ter descrito o espaço social, penso ter achado algumas condições necessárias para refletir sobre os procedimentos que ligam corpo, técnica, ciência e máquina. Registro que, se na primeira parte desta tese tive em mente os dispositivos de disciplinamento que Foucault (1987) refletiu, a esfera agora se desloca para a questão do biopoder (tema com o qual encerrei a primeira parte deste trabalho, também desenvolvido por este autor).

## **5.1. Ciência e Futebol: (des)compassos**

Não há dúvida alguma sobre o fato de o esporte, notadamente a partir de meados do século XX, ser o resultado de aplicações tecnocientíficas sobre os corpos, os objetos e o ambiente no qual é realizado. Tais aspectos podem ser notados em diferentes níveis de intervenção: nas técnicas corporais (o aparecimento do arremesso tipo *jump* no basquete, ou o salto *Fosbury Flop* no salto em altura<sup>132</sup>); nos objetos (melhoria dos materiais e estudos ergonômicos nas bicicletas de corrida e, na natação, o desenvolvimento de maiôs

---

<sup>132</sup> Técnicas desenvolvidas com o tempo e que modificaram em muito as duas modalidades. Ambas são os modelos de movimento dominantes: O *jump* (arremesso com salto) permitiu a realização do arremesso a cesta por sobre o adversário, ao alcançar maior altura em virtude do salto. Já o salto *Fosbury Flop*, que ganha este nome em virtude de seu inventor, é realizado de costas para a barra através da formação de um arco com o corpo.

que diminuem o atrito com a água) e; no ambiente (ginásios climatizados e com piso antiderrapante, piscinas que diminuem as marolas, etc.).

Para Genzling (1992, p. 15-16), as ciências aplicadas e fundamentais são organizadas em quatro grandes categorias de aplicação no esporte. Sigamos o autor:

- Les sciences physiques et écaniques, souvent qualifiées de «dures», qui permettent d’imaginer, d’élaborer, de mettre en ouvre et de perfectioner les savoir-faire concernant les matériaux, les objets techniques et les machines sans lesquels un grand nombre de disciplines sportives n’existeraient même pas (...);
- Les sciences de l’ergonomie, au sens se large, qui donnent à l’athlète la maîtrise parfaite de ses outils, lui aprennent à fusionner littéralement avec machine de ses exploits, jusqu’à en faire le prolongement de son propre corps (...);
- Les sciences biologiques et médicales, à l’évidence convoquées par la préparatioin du corps sportif à la haute performance, par la mise au point de programmes d’entraînement scientifiques, et par l’expérimentation sur l’être humain, tous ces domaines incluant le dopage (...);
- Les disciplines qui relèvent de sciences humaines, enfin, soit qu’elles contibuent, comme les précédents, à placer les athlètes dans les conditions mentales les plus adaptées à la réussite, soit qu’elles s’attachent le phénomène sportif à travers l’histoire et dans les sociétés contemporaines.

A despeito destas observações, a percepção generalizada (ou generalizante) sobre o futebol e corroborada pelos cientistas especialistas do Atlético – e que recorrentemente era dito com convicção – indica que o mesmo é um esporte no qual a ciência tem maiores dificuldades de se instalar e estabelecer as bases do planejamento, organização e funcionamento do treinamento e preparação dos atletas, se comparado aos outros esportes, sejam os individuais, sejam os coletivos. O que, por certo, não caracteriza uma ausência, apenas registra o fato de o futebol estar entrelaçado numa trama complexa de saberes oriundos dos campos consagrados pela filosofia como os modos pelos quais os agentes acedem ao conhecimento do real, quais sejam: o senso comum, a religião e a ciência (e a filosofia).<sup>133</sup>

A preocupação e o entendimento sobre a cientificidade extrapolam os efeitos da ciência do treinamento em seus aspectos mais biológicos, emergindo em problemas concernentes ao campo da psicologia e da sociologia, por exemplo, quando se trata da

---

<sup>133</sup> Apenas muito tardiamente, em artigo recente, o prof. Antônio Jorge Soares, com outros pesquisadores, fez uma recuperação histórica da preparação física da seleção brasileira de futebol para a Copa de 70, realizada no México. Consagrada como a “melhor seleção brasileira de todos os tempos”, firmou no imaginário mundial a idéia de futebol arte. Em sua mística há contornos singulares, como o fato de o talento dos jogadores estar acima da preparação técnica, tática e física realizadas. O referido artigo revela os aspectos científicos do treinamento proposto, à época, por Lamartine Pereira da Costa, que envolvia “o que de mais moderno se conhecia sobre ciência do treinamento” (ver: SOARES in: GASTALDO & GUEDES, 2006).

compreensão, por parte dos jogadores, de sua própria profissão de atleta. Para ilustrar, o fisiologista atleticano, tratando da preparação mental para o jogo – conhecida como concentração – sugere: “quando se trata da concentração no futebol há uma resistência por parte dos jogadores que dificulta a própria concentração, ou melhor, a preparação psicológica para o jogo. Vejam-se os exemplos dos lutadores e jogadores de voleibol”. Em oposição a relutância no futebol de resguardar-se para mentalizar o jogo, poupar as energias físicas, traçar estratégias conjuntas e chegar no jogo em condições de vencer, contrapõem-se as experiências consagradas por lutadores, corredores e jogadores de voleibol (será?) de uma disciplina mental (corporal) capaz de sublimar os desejos e as excitações externas com vistas a um único objetivo, a competição – e a vitória<sup>134</sup>.

Da mesma forma, o vôlei, provavelmente devido aos resultados obtidos nos últimos anos, é tomado hoje como o grande exemplo dos esportes coletivos. O ex-diretor das categorias de base, Guilherme, discutindo a mesma questão, a que leva em conta os princípios científicos para o esporte, argumenta: “no futebol, a ciência vai devagar: os caras dizem, ‘futebol é assim mesmo’”, referindo-se a uma certa resistência na incorporação destes saberes. Em tal comparação, exemplificou as tecnologias desenvolvidas e que estariam à disposição do treinador da seleção brasileira de voleibol: “máquina de realizar saque, mão mecânica para o bloqueio, etc..”<sup>135</sup>

Uma passagem bastante curiosa, reveladora dos modos de se pensar o futebol, registra a conversa de dois integrantes da comissão técnica da equipe profissional do Atlético. Cada qual representando uma das modalidades discursivas que apreendem o sentido do futebol através de experiências práticas e conhecimentos incorporados, a saber, o conhecimento prático-vivido do auxiliar de treinamento e observador<sup>136</sup> da equipe e o conhecimento científico do preparador físico<sup>137</sup>.

Enquanto os atletas realizavam alguma atividade dirigida pelo técnico, começou uma discussão sobre a qualidade do futebol jogado em tempos passados em comparação com o praticado hoje. Neilor, auxiliar de treinamento, argumentou em tom jocoso e

---

<sup>134</sup> O que é possível perceber, ao que parece, se a concentração tornou-se sinônimo de prisão – pois na prática gera o confinamento dos atletas em hotéis ou alojamentos e restrições objetivas sobre suas corporalidades – acaba por não efetivar-se como o tempo-espaço de se mentalizar a disputa.

<sup>135</sup> O prof. Antônio Carlos Gomes, diretor técnico do CAP, desenvolveu recentemente uma máquina para o treinamento de goleiros e zagueiros de futebol batizada de RoboGol.

<sup>136</sup> O observador é responsável por acompanhar os jogos dos futuros adversários do CAP e passar informações técnico-táticas ao treinador e ao restante da comissão técnica.

<sup>137</sup> Note-se que ambos, tanto o auxiliar de treinamento e o preparador físico são ex-jogadores de futebol, o que os torna ao menos equivalentes quanto aos princípios gerais do esporte a partir da experiência adquirida pela vivência.

acusatório que “quem estragou o futebol foram vocês (os preparadores físicos). Hoje é só correria, força, ninguém sabe mais jogar”. Arison, o preparador físico, imitando Gerson na Copa de 70, caminha lentamente, finge que vai executar um passe, olha em torno, demora, repete o gesto e ri dizendo: “o Gerson tinha a vida toda pra dar um passe, hoje não dá mais”. Se alguém sai vitorioso deste embate não há como saber, apenas vale como ilustração dos debates recorrentes no interior do futebol<sup>138</sup>.

Pois bem, ainda que alguma idealização quanto aos procedimentos científicos em outras modalidades seja observada, o fato é que, em se comparando com outros esportes, principalmente os Olímpicos e os que levam em conta, apesar dos componentes técnicos e táticos, uma dependência mais aguda das capacidades atléticas inscritas no corpo – força, velocidade, resistência –, tais como nas provas do atletismo ou da natação, o futebol, na concepção geral dos profissionais que trabalham no CAP, ainda precisa avançar muito.

Uma observação feita por Leandro (preparador físico auxiliar da equipe profissional) em conversa realizada a beira do gramado, ajuda a esclarecer um pouco das convicções sobre a questão. A ciência (e a ciência do treinamento) tenta dar alguma ordem ao futebol, profundamente marcado pela empiria e pelo senso comum. O trabalho realizado no Atlético é uma conjunção de esforços que visam basear toda a lógica do treinamento nos conhecimentos científicos atuais. Estes esforços estão articulados, no plano ideal, ao projeto de modernização do clube, tema que tratei na primeira parte desta tese.

Do mesmo modo, durante o trabalho de campo, como é de se esperar, desde que a presença do antropólogo provoque algum deslocamento nas relações sociais e até que, por arbítrio ou hábito de convivência, desapareçamos, ou melhor, nos dissolvamos na coletividade, entabulei conversas originadas na interrogação do “outro” sobre mim; inquietude salutar que gera encontro. Quem eu era, o que fazia no CT, porque, até quando ficaria repertoriavam minha introdução a cada novo interlocutor.

Muitas destas conversas rendem pouco diálogo e se encerram com a curiosidade alheia. Algumas geram frutos, produzindo uma troca constante de informações e aprendizado. Outras findam repentinamente com uma “tirada” (e conseqüente retirada) do interlocutor que, calando em silêncio oportuno após uma frase de efeito – um aforismo – resiste à memória ao esquecimento. Assim que numa conversa com Júlio, preparador físico

---

<sup>138</sup> Segundo informações de um dos preparadores físicos, durante a Copa de 70, o jogador que mais se deslocou fez um percurso de 3km, enquanto na Copa de 2002 quem mais correu atingiu a marca de 14km em uma partida. Pude observar, durante a final da Copa dos Campeões da UEFA, vencida pelo Milan da Itália, que o jogador Gerard, do Liverpool da Inglaterra, até os 30min do segundo tempo já havia percorrido 9,5km, conforme informações fornecidas no vídeo pela própria transmissora de TV da partida.

que havia, àquela época, recém chegado ao CT, disse-lhe que estava lá para estudar a relação do corpo com a máquina no treinamento esportivo em suas conexões práticas e simbólicas – não necessariamente nestes termos. Sem espanto, suas palavras sobre os jogadores de futebol causaram o meu: “conectar-se a máquina é fácil, difícil é conectar-se com a realidade”.

Esta assertiva, apesar de imprudente e preconceituosa, apenas reforça o pensamento generalizado sobre jogadores de futebol, a saber, que os mesmos precisam ser cuidados, vigiados ou controlados, pois ainda que realizem bem sua tarefa de jogar, estão sempre sob a suspeita de uma atitude inconveniente para a sua carreira, para a equipe, para o próximo jogo, etc.. A “realidade” é um espaço-tempo do qual o atleta é, por um lado, alijado e, por sua própria culpa, alienado. Paradoxalmente, realidade esta que se espera que ele viva e compreenda. Na primeira parte da tese escrevi sobre este cuidado quase obsessivo com que os atletas são guardados – o que em Foucault encontramos sob o nome de disciplinamento – e espero ter mostrado alguma coisa da realidade em que vivem, que parece ser diferente da “realidade” que meu interlocutor sugere. Mas se alguma coisa pode ser dita sobre onde se vive, é que estamos todos, e os jogadores muito profundamente, mergulhados no mundo da técnica.

Viver no Centro de Treinamento é participar ordinariamente das aplicações por parte dos especialistas de procedimentos técnicos e científicos, e de conviver com dispositivos maquínicos que estruturam o treinamento, se estabelecem como suporte e fonte dos dados, diagnósticos e prognósticos a seguir e são incorporados nas inúmeras tarefas a que estão obrigados os profissionais dos diversos setores tecnocientíficos.

A seguir, se passo para a questão da técnica sem ter encerrado a discussão anunciada sobre a ciência é porque, como procurarei demonstrar, a técnica precede à ciência. É, como sugere Galimberti (2006), a técnica, a essência da ciência. Portanto, por motivos lógicos e como forma de melhor organizar meus argumentos, tentarei formular as bases do que para este trabalho penso sobre a questão da técnica, para em seguida mergulhar na ciência e seus procedimentos, mais especificamente as ligadas à biologia e à fisiologia – medicina, nutrição, ciência do treinamento esportivo – que compõem, no cenário descrito por Foucault (2005), modos pelos quais o biopoder se exerce, em nosso caso particular, no futebol.

## **5.2. A Questão da Técnica: ou a técnica como ambiente**

Ao tomarmos o problema da técnica de um ponto de vista antropológico – e arqueológico – vamos perceber reflexões que a inscrevem na própria corporeidade humana. Ainda, no próprio percurso do tornar-se humano estaria imiscuído um componente que se queira técnico cuja operacionalização teria colaborado na transformação do macaco em homem<sup>139</sup>. Não precisamos recuar muito no tempo para encontrarmos a conjunção hominídeo-técnica no desenvolvimento do humano nas teorias antropológicas. Geertz (1989) discute esta questão quando trata da evolução do cérebro humano. Em sua perspectiva, nosso cérebro é não apenas um resultado de modificações biológicas *de per se*, mas o desenvolvimento concreto de modificações anatômico-funcionais (mudança na posição da pélvis e o andar ereto, a reorganização da mão com o polegar em posição opositora aos demais dedos, por exemplo), que teriam gerado modos distintamente singulares de estar no mundo e de se estabelecer relações com as coisas e com os outros. Em sua tese, temos um cérebro cultural, desenvolvido em cooperação com as novas técnicas corporais.

Não pretendo avançar nestas hipóteses, não estão no cerne do problema a origem corporal ou não da técnica, pelo menos aqui, mas pode-se observar discussão análoga em Leroi-Guهران (1990). Antes de Geertz colocar estas hipóteses evolutivas sobre o cérebro cultural, resultante, deste modo, de técnicas corporais, Marcel Mauss (1974) escreveu um ensaio envolvente no qual procura incitar a antropologia ao estudo das “técnicas corporais”, que seriam os modos como em diferentes sociedades os humanos fazem uso de seus corpos para suas atividades diárias. Argumentando que estas técnicas são aprendidas através da imitação prestigiosa, num aprendizado mudo com os outros e com o mundo, Mauss nos revela um corpo que é, em seu modo de agir no mundo, o primeiro instrumento técnico humano.

O texto de Mauss apresenta um conjunto de saberes/fazeres cuja técnica poderia ser estudada. Mais importante do que apontar modalidades variegadas de procedimentos técnico-corporais, vale registrar a sensibilidade inferida de que estas aprendizagens se dão em caráter mimético, num diálogo entre corpos. Esta aprendizagem muda, como já afirmei acima, vai ser retomada – voluntariamente ou não – por Bourdieu (2001) através da noção

---

<sup>139</sup> Apenas para não nos esquecermos, Engels, cujos trabalhos parecem, em vários casos, ligados aos conhecimentos antropológicos de seu tempo, como sua referência explícita às etapas evolutivas propostas por Morgan, vê no trabalho o motor da evolução humana.

de *habitus*, que é uma incorporação<sup>140</sup> de disposições mais ou menos duráveis, através da interiorização da exterioridade. É um aprendizado do corpo, pelo corpo. Disto resulta sua preocupação com a *hexis* corporal em sua teoria do social.

Ainda inscrevendo a técnica no corpo e já discutindo no interior do gesto esportivo, Kunz (1994; 2000/1), ao tomar o problema do ponto de vista da fenomenologia, pensa o corpo a partir do se-movimentar e vai considerar o gesto esportivo como uma “interpretação técnica do movimento”. Esta técnica, que está no corpo porque é movimento, pois do ponto de vista fenomenológico (talvez mesmo lógico) não há movimento sem um corpo que o realize, é uma especialização construída a partir de elementos da cultura de movimento, mas também através de procedimentos disciplinares que visam o desenvolvimento destes gestos até o máximo de sua perfeição. Mas, ainda que isto seja um ponto a se considerar, o mais importante é que o se-movimentar é, acima de tudo, um diálogo do corpo com o mundo – com um mundo que é, como tratarei novamente mais tarde, ante-predicativo e com o qual travo uma relação “selvagem”.

Se a técnica está na origem do homo-sapiens, como discute Geertz – mas também Gehlen (GALIMBERTI, 2006), para quem as mesmas resultam não de um acréscimo em nossa biogenicidade, mas são frutos das nossas carências, quais sejam, as especializações específicas de cada espécie que as possibilita manterem-se vivas e reproduzirem – não importa resolver. Importa que, para além da incorporação das técnicas, é preciso apreender no que a mesma consiste, quais problemas nos coloca e sob que ponto de vista se a tratará nesta tese. Cabe um adendo, porém: se a filosofia tem nos dado os rumos para pensar a técnica como fundamento da relação corpo-máquina, é a antropologia, ou ainda, é na etnografia que esta relação se porá em destaque, impondo-se através do mundo vivido de um corpo que já é, ele mesmo, técnico.

Quando Heidegger (2006, p. 11) vai abordar a questão da técnica registra, de início, um problema, a saber, o de que o fato de se estar em contato e conviver com objetos e procedimentos técnicos não significa que estejamos diante da essência da técnica. Em suas palavras: “a essência da técnica não é, de forma alguma, nada de técnico”. Ainda segundo nosso autor, o conceito de técnica tem dois sentidos correntes: por um lado é um meio para se atingir um fim, por outro, uma atividade humana. Entretanto, sem desconsiderar estas assertivas como válidas, ou melhor, corretas, procura o autor ir além daquilo que se mostra, para encontrar o que está encoberto.

---

<sup>140</sup> Grifo meu.

Ao tomarmos como parâmetro os pressupostos dos autores anteriormente citados, que tratam da relação corpo/técnica, pode-se notar que as assertivas se inscrevem nos dois conceitos que Heidegger considera corretos – o de meio para um fim e o de atividade humana – mas que não se apresentam necessariamente como verdadeiros. É sobre a verdade, e do ser que se desvela e se oculta, que o pensamento do filósofo alemão vai deslizar para encontrar a essência da técnica.

Retomo Simmel num parágrafo – cuja filosofia do dinheiro foi tratada no quarto capítulo – tão somente para enfatizar um ponto importante do pensamento alemão sobre a modernidade, qual seja, uma construção teórica que põe de pernas para o ar o princípio sobre o qual a série teleológica que instaura a cultura se apóia, a saber, a inversão dos meios com relação aos fins. Heidegger vai apontar na mesma direção o problema da técnica. O cerne de sua discussão se encontra em seu texto denominado “A Questão da Técnica”, escrito no momento em que as experiências do nazismo e da guerra formam o pano de fundo do pensamento ocidental. A técnica, a ciência e a tecnologia são postas em xeque, dado que além de não cumprirem as “promessas de felicidade”, erigiram um grande poder de destruição e de morte.

Galimberti (2006) introduz a discussão sobre a técnica com esta epígrafe retirada do *Cratilo* de Platão, fonte na qual o mesmo Heidegger vai beber: “*Téchne* deriva de *héxis noû*, que significa: ser patrão e dispor da própria mente”. Seguindo primeiramente este autor, que discute como a técnica, meio através do qual a humanidade acede ao mundo para o qual é abertura, aparece para os Gregos, tem-se que Prometeu, ao roubar o fogo aos Deuses e entregar aos homens, concedeu-nos o meio técnico para nos libertarmos destes Deuses e da natureza<sup>141</sup>. O mesmo Prometeu, que é o “pensar antes”, é veículo da transformação do tempo cíclico em tempo que envelhece, que é projeto, e que, portanto, é o tempo no qual a humanidade se lança ao futuro. A técnica, cujo sentido nasce da antecipação, torna-se a ação do homem no mundo, um meio para se atingir fins e, por fim, aquilo que gera a transformação do homem em senhor de si e de seu mundo.

A “emancipação” do homem em relação aos deuses não se dá, todavia, porque através da técnica o homem consegue aquilo que antes devia pedir àqueles, mas porque com a técnica o homem produz e instaura a diferença. Os deuses vivem no indiferenciado.

---

<sup>141</sup> Há uma semelhança de princípio entre a antropologia de Ghelen e o Mito de Prometeu, qual seja, que tanto a técnica para um quanto o fogo, para o outro, resultam não de uma capacidade inscrita no próprio homem como superioridade, mas pelo fato de, carentes das possibilidades de sobrevivermos através de nossas próprias forças – instintos, garras, olfato, etc. – é-nos concedido um algo “externo”, um além que suprime uma ausência essencial.

Através da *téchne*, ao tornar-se senhor da própria mente, ou seja, portador da razão, o homem estabelece a diferença ao decidir que uma coisa não é o seu contrário. Este princípio de identidade, como gesto violento da razão que decide é a ruptura com os deuses, mas também com a natureza, e princípio sobre o qual se estabelece o des-ocultamento, que Heidegger vai desenvolver.

Ao romper com o “tempo cíclico” – que é o tempo da natureza – o homem passa a habitar este “tempo que envelhece”. O “tempo cíclico” é o tempo no qual fim e finalidade se encontram, têm identidade. Pois uma vez alcançado um objetivo, tem fim a finalidade, ou seja, aquele se extingue. Assim também a morte, ao levar todos os seres ao seu fim, reencontra o seu início no ciclo perpétuo. Nas palavras de Galimberti (2006, p. 38):

No ciclo não há remorso nem expectativa. O télos que o percorre não tem expectativas nem arrependimentos, a temporalidade que expressa é a pura e simples regularidade do ciclo, em que nada pode acontecer que já não tenha acontecido e nada pode ocorrer a não ser a mera retomada do passado, que é reforçado pelo presente. Não há nada a esperar se não aquilo que deve retornar. No seio dessa temporalidade não há projeto técnico que possa se impor, porque não há um futuro a inventar, um novo caminho a ser percorrido, nenhum horizonte para além do horizonte.

A entrada no “tempo que envelhece” é o ocaso do ciclo como certeza. Destarte não é mais possível olhar o passado, como outrora, para que se possa agir racionalmente. O “tempo que envelhece” coloca no horizonte algo além do horizonte e, à vista do homem, nossa condição “mortal”, esta morte da qual em vão Prometeu tentou nos proteger. Este é o tempo da técnica. A técnica antiga tinha a natureza por inviolável e caminhava a seu lado. A técnica moderna reside em outra esfera, ela é a antítese da técnica antiga, pois o que muda, de fato, não é aquilo que se olha ou é mensurado, mas a própria forma de olhar e a medida.

O ensaio heidiggerano, mais especificamente, após mergulhar no abismo das palavras para capturar seu sentido lá onde os gregos inicialmente formularam, vai chegar à noção de “*com-posição*”<sup>142</sup> (*Ge-stell*), que é “o apelo de exploração que reúne o homem a dis-por do que se des-encobre<sup>143</sup> como dis-ponibilidade<sup>144</sup>”, a saber, a natureza. “Com-

---

<sup>142</sup> Rüdiger (2006) tradus Gestell como “armação”.

<sup>143</sup> Há para a tradução do alemão da palavra que origina o termo des-encobrir (e suas derivadas) uma outra acepção de sentido semelhante: des-ocultamento. Uso o des-sencobrir por ser esta a utilizada pelo tradutor do texto sobre a técnica em questão.

posição, *Gestell*, significa a força de reunião daquele pôr que põe, ou seja, que desafia o homem a des-encobrir o real no modo a dis-posição, como dis-ponibilidade”. A questão é que, para além de sua condição instrumental e antropológica, a técnica é aquilo que desafia o homem a comprometer-se com o des-encobrimento (ou desocultamento). É, finalmente, “o modo em que o real se des-encobre como dis-ponibilidade” (HEIDEGGER, 2006, p. 23, 24 e 26).

Este des-encobrir não se dá fora da ação humana, mas não se dá, também, exclusivamente *no e pelo* homem, pois a essência da técnica, a moderna – que é sobre a qual nosso autor se debruça –, põe o homem a caminho do des-encobrimento. Este caminho se dá como um destino, não como fatalidade de uma coação, pois que se ancora também numa abertura, numa possibilidade que não recusa a liberdade. O homem não é escravo do destino, pois “a liberdade é o reino do destino que põe o desencobrimento em seu próprio caminho”. Portanto, a técnica não é neutra, mas ambígua<sup>145</sup>. Sua ambigüidade reside num perigo e numa possibilidade. Para Heidegger (2006, os 28-9) *o perigo* se dá “quando o des-coberto já não atinge mais o homem, como objeto, mas exclusivamente, como disponibilidade, quando, no domínio do não-objeto, o homem se reduz apenas a dispor da dis-ponibilidade – então chegou à última beira do precipício, lá onde ele mesmo só se toma por dis-ponibilidade”. A técnica é, deste modo, o horizonte onde a natureza e o próprio homem são dispostos, ou seja:

Se o homem provoca a natureza, enquanto é provocado pela técnica a provoca-la, segundo as possibilidades disponíveis pela própria técnica, então o homem não é o sujeito provocante, mas momento dessa estrutura provocatória que Heidegger chama de *Gestell*, na qual se expressa a essência da técnica e o seu senhorio na disposição (*Bestellung*) do mundo e do homem no mundo (Galimberti, 2006, p. 390)

Este homem provocado, mas também desconstruído, é o homem que corre o risco de ver o verdadeiro se retirar do correto. Pois esse é o homem que já não encontra sua essência, o ser do ente. Afirma Heidegger (2006, p. 30): “O homem está tão decididamente empenhado na busca do que a com-posição pro-voca e ex-plora, que já não toma, como um apelo, e nem se sente atingido pela ex-ploração. Com isto não escuta nada que faça sua essência ex-sistir no espaço de um apelo e por isso *nunca pode* encontrar-se, apenas,

---

<sup>144</sup> As palavras estão assim separadas por hífen na tradução para o português. Não há nota explicativa do tradutor. Mas chama a atenção o fato de as idéias de pôr e posição, estarem em destaque, assim como os prefixos *dis*, *des*, *com*, talvez assinalando a intensidade do que separa, encontra e complementa.

<sup>145</sup> Talvez seja desta ambigüidade que Haraway parte para discutir as possibilidades políticas do ciborgue.

consigo mesmo”. A com-posição não encobre apenas a produção, modo anterior de desencobrimento, mas o próprio desencobrimento, isto é, a verdade.

Mas se a técnica é ambígua e sua essência é a com-posição, não é apenas este perigo que ela reivindica, mas também o seu contrário, o que o autor chama de salvação. Pois a força da salvação reside também onde o perigo se ergue e mora. Conforme o filósofo, a com-posição, como essência da técnica, não é idêntica a essência de árvore, que se encontra na “arboreidade” distribuída em todos os tipos de árvore, exemplos singulares de uma generalidade, mas por ser destino de um desencobrimento. E como visto, o destino não nos aprisiona, pois que é caminho, percurso. Para Heidegger destino significa história.

Antes de chegar a uma questão final, que põe a arte no horizonte da técnica, Heidegger (2006, p. 35) chama atenção daquela ambigüidade, que remete ao mistério da verdade:

De um lado, a com-posição impele à fúria do dis-por que destrói toda visão do que o desencobrimento faz acontecer de próprio e, assim, em princípio, põe em perigo qualquer relacionamento com a essência da verdade. De outro lado, a com-posição se dá, por sua vez, em sua propriedade na concessão que deixa o homem continuar a ser – até agora sem experiência nenhuma, mas talvez no porvir da experiência – o encarecido pela verificação da essência da verdade. Nestas condições é que surge e aparece a aurora do que salva.

Finalmente, é na arte que Heidegger (2006, p. 37) vai encontrar o lugar de discussão com a técnica. Se a essência da técnica não é nada de técnico, é num espaço que “de um lado lhe seja consangüíneo” – para isso o autor vai novamente recuperar os gregos, especificamente o Platão em *Fedro*, onde “o poético leva ao esplendor superlativo da verdade” – e de outro “fundamentalmente estranho”, que uma discussão sobre a técnica há de ser frutífera. Como discorre Rüdiger (2006, p. 134-5) ao analisar a obra do filósofo alemão, para os gregos “a técnica tem a ver, então, com os processos através dos quais algo surge do nada. Os processos a que se refere a técnica são da ordem poética (criação) e seu desenrolar ocorre como momento da revelação do ser (definido classicamente como *physis*)”.

Pois bem, se a técnica para os gregos era uma forma pela qual se revelava a verdade, a técnica moderna toma a natureza como um depositário de recursos e energia à disposição. É, por fim, a essência da técnica uma visão do mundo e um modo de dispor que decide a natureza da coisa e o modo e a qualidade do olhar sobre. É através da direção indicada pela técnica, afirma Galimberti (2006), nessa forma de disponibilidade que é o

mundo, que o homem encontra o próprio mundo, a natureza e pode acabar por encontrar-se a si mesmo.

Mas o desafio, para Csordas (2008, p. 196), uma vez que Heidegger já nos alertou sobre o fato de não controlarmos “espiritualmente” a técnica é

(...) que estejamos conscientes de que o tipo de revelação da realidade e do ser que alcançamos através da tecnologia {técnica} não é o tipo que é baseado na poiesis que traz a frente algo, mas é baseada em um enquadramento {composição} que, na sua expressão um tanto curiosa (pelo menos em tradução), desafia a frente. Esse enquadramento {composição} transforma coisas e objetos [e corpos] em um tipo de reserva permanente para a aplicação técnica<sup>146</sup>.

Heidegger nos leva a um impasse. Discutir a técnica com ela, mas por fora, num tangenciamento que nos faça sempre retornar a ela – e por isso a arte –, ou arriscar uma perspectiva mais direta, que dê conta de sustentar a discussão do ciborgue que somos e dos jogadores profissionais de futebol, que também o são. Penso que ambas são necessárias: a primeira como possibilidade (e promessa) de encontrar no corpo (e no movimento) o isto passível de liberdade; segundo porque é preciso enfrentá-la em sua materialidade, prática e sentidos, para reconhecer, no contexto deste trabalho, o vivido na ciência do treinamento.

Mas a técnica acaba por ser também ação sobre si mesma com vistas a um futuro, passando de meio que objetiva a um fim humano para fim último. Na medida em que a técnica é reprodução de si e base de seu próprio desenvolvimento é também o suporte da ciência. Esta ciência, que desenvolveu-se dependente da técnica (e cada vez mais da tecnologia), deixa sempre um porvir no qual se insere o devir do conhecimento. Este instala as novas tecnologias sob as quais os novos saberes se escavarão. Assim, a ciência, e a ciência do treinamento esportivo, é sempre (ou quase sempre) um ser para si, pois o conhecimento obsoleto, ainda que tenha sido o melhor possível, foi fruto de um corpo disponível, da maquinaria existente e das práticas e saberes situados no tempo da técnica.

A técnica tornou-se nosso ambiente, até mergulhar profundamente em nossa corporalidade (ou mesmo erigiu-se dela), sendo aquilo que torna disponível a natureza para seu descobrimento. Esta natureza a que me refiro, nas tramas deste trabalho, é o corpo humano biológico, disponibilizado como natureza que se dá a conhecer (des-encobrir). É da incorporação da técnica – e da tecnologia – em sua relação com o corpo natureza disponível que nasce o ciborgue.

---

<sup>146</sup> As expressões em colchete são minhas, para corrigir a diferença de tradução.

Segundo Haraway (2000, p. 40),

um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção científica. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo.

Para a autora, o ciborgue provoca uma confusão de fronteiras, pois pensá-lo implica pôr em questão a diluição dos limites tradicionais da ontologia ocidental, quais sejam, entre humanos e animais, entre animais-humanos (organismo) e máquina e, por fim, entre o físico e o não físico. Estas três fronteiras tornaram-se imprecisas nos tempos atuais, pois, como a própria autora aponta, “nossas máquinas são perturbadoramente vivas e nós mesmos assustadoramente inertes”. O problema do ciborgue está posto no horizonte da política como um suporte possível da transformação social, naquele manifesto irônico do feminismo-socialista (para não escaparmos ao contexto).

A inteligibilidade do ciborgue só pode ser alcançada se levarmos em conta seu caráter etéreo, sua ubiquidade e fluidez; capacidade de montagem e desmontagem que o torna o sustentáculo e o veículo da afinidade entre corpo (animal-humano) e máquina, produzindo novas complexidades nas realidades sociais e corporais vividas. Entretanto, as pessoas não são “assim tão fluídas, pois elas são ao mesmo tempo materiais e opacas”. A fluidez do ciborgue é resultante da extrapolação de seu caráter tradicionalmente eletromecânico para sistemas mais complexos tais como Silva (2000, p. 14) anuncia:

Implantes, transplantes, enxertos, próteses. Seres portadores de órgãos “artificiais”. Anabolizantes, vacinas, psicofármacos. Estados “artificialmente” induzidos. Sentidos farmacologicamente intensificados: a percepção, a imaginação, a tensão. Superatletas. Supermodelos. Superguerreiros. Clones. Seres “artificiais” que superam, localizada e parcialmente (por enquanto), as limitadas qualidades e as evidentes fragilidades dos humanos. Máquinas de visão melhorada, de reações mais ágeis, de coordenação mais precisa. Máquinas de guerra melhoradas de um lado e outro da fronteira: soldados e astronautas quase “artificiais”; seres “artificiais” quase humanos. Biotecnologias. Realidades virtuais. Clonagens que embaralham as distinções entre reprodução natural e reprodução artificial. Bits e bytes que circulam, indistintamente, entre corpos humanos e corpos elétricos, tornando-os igualmente indistintos: corpos humanos-elétricos.

O mesmo autor afirma que a característica contemporânea (para o autor, pós-moderna) mais notável é “a indecente interpenetração, o promíscuo acoplamento, a desavergonhada conjunção entre humano e máquina”. Citando Gray, Mentor e Figueroa-

Sarriera, Silva (1995, p. 3), aponta quais funções podem ser cumpridas pelas tecnologias ciborguianas:

1. restauradoras: permitem restaurar funções e substituir órgãos e membros perdidos;
2. normalizadoras: retornam as criaturas a uma indiferente normalidade;
3. reconfiguradoras: criam criaturas pós-humanas que são iguais aos seres humanos e, ao mesmo tempo, diferentes deles;
4. melhoradoras: criam criaturas melhoradas, relativamente ao ser humano.

São, estas características ciborgueanas e suas funções, possibilidades desenvolvidas no interior da ciência do treinamento através da biomedicina, resultado da aposta no esporte como um dos modelos importantes de “evolução bio-social”. Na confluência destas possibilidades abertas pela técnica e pelas ciências é que o biopoder se instala como modo de dispor do corpo, pois o ciborgue é o humano calculado. Mas para dispor do corpo, a técnica tem sua tecnologia, suas máquinas, seu sistema de objetos. Vamos a eles.

### **5.3. O Sistema dos Objetos**

Para que o treinamento esportivo alcance seus objetivos e conseqüentemente se forme uma equipe de futebol profissional com capacidade de competir no nível em que o CAP se encontra, além de competências tecnocientíficas específicas a cada membro da comissão técnica e do conjunto geral dos especialistas que trabalham com este fim, um sistema de objetos – uma maquinaria – é posto em ação. Esta maquinaria, da qual tratarei no andamento da discussão dos procedimentos empregados por cada profissional especialista no cumprimento de suas tarefas, apresenta funções específicas, entre elas, a de controle sobre os corpos em termos de saúde e aprimoramento do rendimento atlético.

Trato a diversidade de objetos como um sistema, porque a maquinaria concernente ao esporte de rendimento que se encontra no CAP resulta daquela intenção modernizadora, cujas bases já descrevi e que, retomando sinteticamente, estão sob lógicas, em vários sentidos, homólogas: no campo político-administrativo a implementação de um discurso de profissionalização, com decorrente especialização de papéis e burocratização e; no campo tecnocientífico, a implementação da ciência como verdade do treinamento e do controle dos corpos e do conhecimento biomédico como suporte regulador destas relações. É assim que os objetos estão dispostos num modo de organização que suscitam um sentido, este,

talvez se possa dizer, o sentido da técnica, ou seja, o de desocultar e dispor daquilo que se põe a disposição: o corpo dos atletas.

Especificando a questão, visto que o rendimento resulta de diferentes variáveis, pode-se dizer que o sistema dos objetos agenciados serve para a avaliação clínica e atlética dos jogadores, para o incremento do rendimento físico, para o processo de recuperação dos esforços e por fim, para a prevenção e cura de lesões e das dores. Apoiado em Latour (1997), mas operando um leve deslocamento na denominação e nos conceitos propostos pelo autor, pois que é necessário que os mesmos se ajustem ao problema do qual trato, dois tipos de objetos/máquinas são agenciados: as Máquinas Escritoras e as Máquinas Inscritoras<sup>147</sup>. Deste modo temos:

- *Máquinas Escritoras*: registram em papel (ou mesmo na tela de um computador), através de relatórios, símbolos e/ou gráficos, os dados obtidos pelas formulações e perscrutações da ciência sobre os corpos atléticos. Estas máquinas conectam-se ao corpo através de diferentes dispositivos – seja através de procedimentos invasivos, seja tangenciando através do contato com a pele. São, estas máquinas, as que registram uma verdade objetiva sobre a qual cabe intervir, ou como afirma Latour (1997, p 45), “estabelece(m) uma relação direta com a ‘substância original’”.
- *Máquinas Inscritoras*: inscrevem no corpo uma modalidade de saber/poder e uma forma de ser-no-mundo. Ao acoplar-se ao corpo (ou ao contrário, o corpo acoplar-se a ela) regula e controla movimentos, prescreve gestos, medidas, disposições, conformando o corpo a medida que impõe sua mecanicidade numa pedagogia ergonomicamente pensada, ou seja, sob o signo da eficiência e da segurança.

A diferença entre ambas as máquinas se encontra no modo de operação, menos do que no sentido e na função. Ambas são dispositivos de imposição do saber biomédico e da ciência do treinamento sobre o corpo atlético. Em todo o caso, ainda que operações distintas sejam postas em prática, conhecer o corpo e traduzi-lo para a linguagem dos especialistas com vistas às possíveis intervenções estão no fundo da aplicação destas máquinas.

Recorrendo ao mundo vivido dos atletas por mim etnografado, fato que mais tarde deixarei mais claro, sugiro que há uma incorporação dos procedimentos disciplinares,

---

<sup>147</sup> Latour (1997) chama de inscritora a aparelhagem que escreve em papel os dados obtidos das pesquisas por ele estudadas. Para minha tese, os aparelhos que escrevem em folhas (relatórios, gráficos, colunas...) são mesmo **escritores**. Chamo de **inscritores** aqueles que, uma vez incorporados (seja pelos atletas, seja pelos dispositivos pedagógicos) produzem uma transformação no próprio corpo, ou melhor, **inscrevem** no e pelo corpo um modo de ser no mundo.

pedagógicos e tecnocientíficos do treinamento esportivo, o que significa dizer que se adquire um *habitus*, uma espécie de aprendizado mudo através do corpo e do movimento, gerando uma conseqüente “naturalização” das relações com e dos usos destes dispositivos tecnocientíficos.

A incorporação na forma de um *habitus* se dá através da relação, que se pode considerar íntima e diária, com o referido sistema de objetos durante os exames médicos, os exames e testes físicos, os tratamentos fisioterápicos, os treinos, as sessões de musculação e na convivência com os profissionais que através de seu saber especializado cumprem sua função na estrutura do futebol e são portadores de um poder decorrente da posição ocupada nesta estrutura.

Importante frisar que a incorporação da maquinaria não se dá apenas pelos atletas, cuja função pode-se considerar passiva/ativa, pois que são ao mesmo tempo sujeitados ao sistema e sujeitos da incorporação e, seguramente, também agentes do processo. Mas médicos, fisioterapeutas, técnicos, treinadores de goleiro, preparadores físicos, fisiologista, massagistas, nutricionistas, psicólogos também incorporam os conhecimentos materializados na forma de objetos e, na medida em que são os agenciadores das práticas, são envolvidos pelo campo de saber de onde estes objetos e suas funções ganham sentido.

Ainda sobre esta maquinaria, como se está tratando do ciborgue no sentido proposto por Donna Haraway (2000) em seu manifesto, relembro que não são apenas os aparelhos eletro-mecânicos, mas também agentes químicos e fisiológicos que uma vez associados ao corpo contribuem para a realização dos fins aos quais todo o CT se empenha. Deste modo, aparelhos de musculação, aparelhos para eletrocardiograma, analgésicos, fluidos crioterápicos, freqüencímetros, medidores de ácido lático, etc. formam este sistema de objetos cujo significado se liga ao sentido da técnica e no qual o saber biomédico do treinamento alicerça sua prática.

Em síntese, reivindicando novamente a tese de que a essência da técnica não é nada de técnico, tem-se que o sistema de objetos empregado no trabalho com/pelos profissionais do futebol é tanto uma ação humana quanto um meio para se atingir fins – o que Heidegger chamou de correto – mas, é ainda outra coisa, é o pano de fundo sob o qual estes dispositivos dispõem daquilo que é posto, a saber, a natureza corporal como fonte de energia e recursos (este registro, cabe destacar, se dá na esfera do biopoder, pois que depende de uma normalização do humano como espécie). O esforço posto em prática no sistema esportivo é encontrar estas energias, potencializa-las, torna-las úteis aos fins propostos pelo sistema, entretanto, ainda mais do que esta funcionalização, está o retorno

da técnica sobre si, neste desdobrar-se que a obriga seguir adiante, reflexividade que busca na própria técnica os sentidos da técnica: uma finalidade sem fim, ou um fim em si mesmo. A ciência do treinamento e a biomedicina, ao serem agenciadas, funcionam como a base do seu próprio desenvolvimento.

## CAPÍTULO VI

“Dotô, jogava o Flamengo, eu queria escutar”  
(João Bosco)

### UMA ESTRUTURA BIOMÉDICA

Segundo informações disponibilizadas no *site* do Atlético<sup>148</sup>, em sua estrutura organizacional o departamento médico do clube é composto por quatro médicos, quatro acadêmicos de medicina estagiários, três fisioterapeutas, uma nutricionista, dois massagistas e um auxiliar administrativo. O trabalho de campo ainda me fez registrar, além de uma segunda nutricionista, a chegada de duas psicólogas ao CT. Este departamento está organicamente ligado à direção técnica, que apresenta os seguintes profissionais: Diretor Técnico, Coordenador Técnico de Futebol, Assessor Científico, Assessor Executivo, Coordenador de Futebol Profissional, Administrativo do Laboratório Científico, Administrativo e Auxiliar administrativo.

Deste departamento, retirados os profissionais que se restringem ao trabalho burocrático e de administração, cabem destacar os demais envolvidos no desenvolvimento científico do treinamento esportivo, cujas funções estão ligadas às ciências do treinamento – fisiologia do exercício, métodos e técnicas, etc. São eles o próprio Diretor Técnico e o Assessor Científico (que em várias ocasiões é tratado como Diretor Científico, ou do Laboratório Científico)<sup>149</sup>.

Devido à complexidade e contigüidade dos esforços empreendidos pelos profissionais em suas áreas específicas, toda esta estrutura pretende dar o suporte para que o atleta chegue a campo – ou melhor, entre em campo – em condições de exercer suas atividades, tanto no treinamento quanto no jogo. Como vimos anteriormente, se a própria arquitetura acaba por aproximar estas áreas, ainda que a cada um caiba seu espaço individualizado e “protegido”, os procedimentos adotados pela rotina geral do clube acabam por colocá-los em inter-relação constante, gerando um fluxo de trabalho e

---

<sup>148</sup> [www.caparanaense.com](http://www.caparanaense.com) – acessado em 31/08/07.

<sup>149</sup> O organograma apresentado no primeiro capítulo ajuda a compreender a estrutura agora descrita. Ambos, diretor técnico e diretor científico já foram devidamente identificados em suas formações acadêmicas, a saber, ambos doutores em treinamento esportivo e fisiologia, respectivamente.

informações que se orienta desde o planejamento geral para a temporada até os procedimentos mais específicos de cada componente envolvido.

Deste modo, tentarei, nos passos a seguir, apresentar e discutir cada um dos grupos de trabalho, registrando seu funcionamento, suas impressões gerais sobre o futebol e sobre os jogadores, enquanto, ao mesmo tempo, incluo os modos de interação pelos quais estes últimos vivem o cotidiano com aquele conjunto de saberes, hierarquizado ao se considerar as relações sociais mais amplas – mas também o espaço do CT – e seus profissionais. Uma constatação importante: a despeito das nuances que devo apresentar a seguir, todos os atletas, das categorias menores aos profissionais, são assistidos pelo mesmo conjunto de profissionais que compõem as diferentes funções na estrutura do clube. Assim, do cuidado das camareiras com os quartos, passando pela alimentação, chegando aos atendimentos médicos ou jurídicos, todos os atletas estão integrados ao sistema e “amparados”.

## **6.2. O DM – A Medicina**

Antes de qualquer investida na questão, é preciso especificar uma concepção deste trabalho: há diferenças entre a medicina como instituição e o médico como agente (ser-no-mundo). Assim, estou descrevendo a instituição e seus mecanismos de ação. Estou tomando, aqui, a noção de estrutura no sentido dado por Bourdieu (1983; 1998) quando trata dos campos, ou seja, como espaço social de disputas prático-simbólicas que tendem a orientar estas práticas através de seus saberes constituídos e de sua distribuição, neste caso, no interior do futebol e no campo das profissões. Não há medicina sem médico, é verdade. Mas a verdade do médico não se encerra na medicina. O CT é, para além de uma instituição com uma normatividade, um espaço social de relação entre pessoas (com todas as implicações que o conceito carrega), o que me faz advogar um além (ou aquém) do sistema saber-poder estabelecido nas relações institucionais.

Dito isso, tem-se que a circulação e a convivência – ainda que se saiba quem é jogador, quem é médico, quem administra e/ou dirige e quem é o técnico (treinador), e que um dos médicos tenha afirmado que “não se trata de travar relações de amizade ou pessoais, mas de médico e paciente” – possibilitam interações interpessoais, duais ou coletivas, que transcendem o formal institucionalizado e imiscuem no sistema um algo mais, que o mundo vivido como relações afetivas de amizade, companheirismo, confiança e um universo menos maquínico resulta de manifestações festivas, jocosas, alegres, etc.

Todavia, é preciso afirmar: a biomedicina é que decide sobre quem está apto a jogar. Transformar-se em jogador profissional de futebol é permitir uma invasão completa na sua corporalidade, singularmente transformada em objeto de investigação, conhecimento, intervenção e investimento. Se, como tentei demonstrar, o menino que joga bola em sua vida ordinária, em seu mundo vivido, é capturado por um olhar que o convida a um novo modo de viver, é apenas com o consentimento biomédico – e sob os auspícios da técnica – que ele realmente inicia uma carreira de jogador de futebol, ao menos no caso do CAP (e cada vez mais no futebol em geral).

Ser médico em um clube de futebol é viver um paradoxo, qual seja, o de realizar todos os esforços para que os atletas estejam saudáveis (seja lá o que isso signifique) em um campo de trabalho – o esporte de alto rendimento – no qual já se reconhece há algum tempo, inclusive no próprio CT, que não se pode considerar saudável<sup>150</sup>. As imposições sobre o corpo, decorrentes dos esforços exigidos pelo sistema esportivo, levam, com frequência, os atletas à fadiga, à dor, às lesões e doenças, além de poderem acarretar desgastes excessivos principalmente no sistema músculo-esquelético, causando danos irreversíveis à saúde.

Talvez por isso haja uma ambigüidade nas concepções médicas sobre a corporalidade dos atletas que, se por um lado ajudam a “anular” tal paradoxo, expõe as dificuldades de se atuar como médico em um sistema cujo funcionamento revela uma fratura com o corpo são. Esta ambigüidade está na esteira das mudanças anunciadas por Foucault (2005) por ocasião da passagem do disciplinamento ao biopoder e, por extensão, numa tripla interpretação do corpo atlético: a) como indivíduo; b) como natureza e; c) como máquina. Tratem-se de cada um destes aspectos.

Segundo Foucault (2005, p. 297) ao discutir o percurso que leva do disciplinamento ao biopoder, sem que haja uma superação de um sobre o outro, senão que ambos atuam hoje em conjunto, tem-se que,

desde o século XVIII (ou em todo o caso, desde o fim do século XVIII), duas tecnologias de poder que são introduzidas com certa defasagem cronológica e que são sobrepostas. Uma técnica que é, pois, disciplinar; é centrada no corpo, produz efeitos individualizantes, manipula o corpo como foco de forças que é preciso tornar úteis e dóceis ao mesmo tempo.

---

<sup>150</sup> Certa feita, durante minha observação do trabalho fisioterápico, encontrei um dos preparadores físicos em tratamento. Ele havia sofrido uma lesão muscular ao participar de uma “pelada” e estava em tratamento. Enquanto realizava alguns dos procedimentos fisioterápicos (dos quais tratarei mais adiante), revelando o desconforto e a dor disse-me: “o corpo não foi feito pra agüentar isso não” (o esforço atlético exigido pelo esporte). Ao seu lado, um jogador profissional que participava da conversa e também estava em tratamento anuiu com a cabeça, perdendo-se em um olhar distante.

E, de outro lado, temos uma tecnologia que, por sua vez, é centrada não no corpo, mas na vida; uma tecnologia que agrupa os efeitos de massa próprios de uma população, que procura controlar a série de eventos fortuitos que podem ocorrer numa massa viva; uma tecnologia que procura controlar (eventualmente modificar) a probabilidade desses eventos, em todo caso, compensar seus efeitos. É uma tecnologia que visa portanto não ao treinamento individual, mas pelo equilíbrio global, algo como uma homeostase: a segurança do conjunto em relação aos seus perigos internos. Logo, uma tecnologia de treinamento oposta a, distinta de, uma tecnologia de previdência; uma tecnologia disciplinar que se distingue de uma tecnologia previdenciária ou regulamentadora; uma tecnologia que é mesmo, em ambos os casos, tecnologia do corpo mas, num caso, trata-se de uma tecnologia em que o corpo é individualizado como organismo dotado de capacidades e, no outro, de uma tecnologia em que os corpos são recolocados nos processos biológicos de conjunto.

Pois bem, o comentário de Maia (2003), ajuda a elucidar melhor a questão. O que se denomina de biopoder como atuação do poder sobre os corpos é, por um lado, a implementação de dispositivos e técnicas “ortopédicas” (mas talvez também protéticas) que visam treinar e disciplinar o corpo. Por outro, o corpo está incluído no conjunto da espécie, de onde se consideram suas regularidades e normatizações. Para ambos os níveis, procedimentos distintos de intervenção são agenciados. No disciplinamento, o inquérito. No biopoder, o exame. Assim, numa perspectiva lévistraussiana: o Inquérito está para o Disciplinamento assim como o Exame está para Biopoder. Numa fórmula:

Inquérito : Disciplinamento :: Exame : Biopoder

Ambos controlam, em sua ação conjunta, com mais eficiência e eficácia os corpos e a vida.

No CT, ambos os aspectos se evidenciam tanto na esfera do esquadramento e controle do espaço-tempo e dos dispositivos de controles dos corpos e dos gestos, quanto no processo de normalização que a noção de espécie – e população – exige a aplicação do biopoder. Do ponto de vista do funcionamento da medicina, as representações sobre o corpo e a decorrente aplicação de métodos diagnósticos e terapêuticos corroboram os sentidos tomados pelos dois dispositivos de poder. É preciso, então, tomar, em caráter geral, os procedimentos médicos cotidianos em associação com as representações sobre o corpo anteriormente citadas.

Penso ser possível separar dois procedimentos médicos distintos decorrentes tanto do próprio modelo de medicina quanto das circunstâncias específicas de ocorrência. Retomando as concepções de corpo que anunciei acima, um corpo individual (em várias circunstâncias, das quais tratarei em outro ponto da tese, corpo “pessoal”) é erigido quando os jogadores procuram o médico para se queixarem de alguma dor ou problema genérico,

ou ainda quando se lesionam durante os treinos ou jogos, quando os próprios médicos estão presentes. Nestes casos, uma relação de inquérito, no sentido de tentar se descobrir a verdade da dor ou doença, nasce do questionamento do médico ao atleta sobre suas condições.

Lembrando os modelos inquisitoriais e confessionais do sistema religioso, cabe ao próprio atleta dizer, através de uma auto-análise estimulada pelo saber médico (tomando-se como exemplo uma dor na perna): suas impressões sobre como foi e qual foi a causa do trauma; como é e onde se dá a dor; se consegue pisar no chão ou andar, correr e/ou chutar; se já sentiu isso antes em acidente parecido ou se já o vem sentindo há algum tempo; qual a intensidade da dor; etc.. Este discurso sobre si, sobre o acontecimento e seus resultados e conseqüências são necessários para se individualizar o diagnóstico, demarcar os procedimentos, prescrever tratamentos específicos.

Uma vez que o plantel de jogadores é devidamente regulado pelo sistema disciplinar que ordena a vida na CT, e que implanta os jogadores em seus lugares – inclusive em seus próprios corpos e gestos – e seus tempos, o procedimento de individualização acaba por permitir a restrição das hipóteses sobre o caso, facilitando o controle e a prescrição do tratamento. Este modelo de inquérito é também, como o conjunto disciplina/biopoder, uma economia.

Implantada a individualização é preciso que se reenvie o corpo e o atleta a esfera da espécie. Assim, o corpo genérico que o exame reivindica é a técnica a dispor da natureza como objeto de investigação e conhecimento. Os exames, este encontro objetivo e objetivante da anatomo-fisiologia natural do corpo genérico com a maquinaria biomédica, cujos alicerces se encontram na normalização – e cujo sentido tratarei logo a seguir – ou seja, na entrada do corpo espécie no conhecimento, através de procedimentos matematizáveis e estatísticos decorrentes das ciências normais registram no mínimo três aspectos: a) a representação do corpo espécie como natural, portanto, conforme discutido anteriormente, disponível; b) a entrada em cena da maquinaria biomédica como dispositivo invasivo a transluzir a verdade do corpo e; c) a constituição dos dispositivos do biopoder como prática regulatória das relações dos atletas com a medicina, os demais componentes da comissão técnica e com seu próprio corpo.

O terceiro termo de nossa série é, creio eu, o mais complexo, mas não menos passível de entendimento. É recorrente, no campo esportivo, a analogia do corpo com a máquina: modelo estabelecido pelos positivistas pelo menos desde Descartes. Entretanto, Canguilhem (2005, p. 40-1), em seus “Escritos Sobre a Medicina”, faz-nos reconhecer que

a noção de corpo como um mecanismo não deve ser levada muito a sério, já que “não há saúde de um mecanismo” à se regular, pois o fato de “não haver doença da máquina coaduna-se perfeitamente com o fato de que não há morte da máquina”<sup>151</sup>.

A estada cotidiana dos médicos no CT gerou a possibilidade de estarmos constantemente em contato. Obviamente, por motivos ligados à profissão médica, só tive acesso ao trabalho realizado quando estes eram eventos públicos, como os atendimentos em campo, ou através das conversas e entrevistas. Estas conversas apontaram, mesmo que o tema tenha sido tratado mais com evasivas do que com afirmações, que estes médicos não tomam os atletas, ao menos conscientemente, como máquinas. Por outro lado, reconhecem a analogia e seu uso corrente no interior do futebol. Não se pode esquecer que a metáfora do relógio tem no centro a funcionalidade orgânica des-encoberta pela medicina, assim como o corpo morto foi a referência anatômica.

Assim, retornando ao caráter ambíguo de se trabalhar em um ambiente cujo esforço médico de deixar os atletas saudáveis tem como corolário a permanência na insalubridade, quais desvios possíveis no sistema de representações para que esta quase antinomia, pois que insolúvel para a lógica médica se enfrentada diretamente, se realizam? Penso em dois. O primeiro é invocar a idéia de que os atletas são indivíduos livres e que, nesta condição, optaram por enfrentar as agruras da profissão de atleta<sup>152</sup>. O segundo, menos claro, é deduzir que, na medida em que os mesmos são eles mesmos maquinicos, e que máquinas não ficam doentes ou sentem dor, esvaziar a razão médica de responsabilidade, invocando o atleta/paciente apenas quando o mesmo se apresenta; nunca como o possível de um corpo que é máquina e que, portanto, não sofre lesões ou adocece.

Visto deste ângulo, o da interpretação que ora formulo – que resulta de se afirmar que nem todas as modalidades de reconhecimento do outro são explícitas ou explicitadas –, o corpo-máquina é não apenas uma possibilidade reconhecível no discurso de jogadores e comissão técnica, mas um elemento no qual a prática do treinamento esportivo e a ordem médica acabam por se escorar para, entre outras coisas, justificar seu trabalho neste olho de furacão: que é o do sofrimento corporal numa prática, o esporte, que baseia-se no discurso da saúde como uma de suas justificativas de existência.

---

<sup>151</sup> Ou como bem o expressa Raymond Ruyer, citado por Canguilhem (2005, p. 41): “a máquina à regulação é sempre vicariante de uma regulação ou de uma seleção orgânica consciente [...] uma regulação natural só pode ser, por definição [...] uma auto-regulação sem máquina.”

<sup>152</sup> Esta é uma afirmação bastante complexa, na medida em que tomar os jovens atletas como indivíduos livres em cuja autonomia se dá a escolha pela profissão de atleta pode incorrer-se numa leitura um tanto enviesada da liberdade, da autonomia e das condições de possibilidade que geram o atleta. Vimos tal aspecto na primeira parte da tese.

Como visto com Foucault (1987) quando discorri sobre a disciplina, Canguilhem (2006) observa que toda a reforma ocorrida nos sistemas hospitalares e também no pedagógico – que encontra algo de comum com o que aconteceu com a economia e a política – sob a interferência da maquinaria industrial, resultou numa racionalização dos processos ou, no que o autor chama de normalização. Esta mesma normalização se encontra no CT e é o que torna possível a implementação de seus dispositivos, pois que o mesmo é, a todo o tempo, medicalização e pedagogia. Sob a ordem médica (não do médico) os investimentos sobre o corpo são instaurados e, através da pedagogia – do exercício – o gesto é treinado, controlado, coordenado.

Mas o que significa esta normalização? Quais suas implicações? É preciso passar pela norma para chegar à normalização. Uma norma, segundo Canguilhem (2006, p.201) “é aquilo que serve para retificar, pôr de pé, endireitar”. Seus sentido, função e valor são retirados do fato de existir algo que não se enquadra à exigência que a mesma obedece. Assim, “normalizar é impor uma exigência a uma existência, a um dado cuja variedade e disparidade se apresentam, em relação à exigência, como um indeterminado hostil, mais ainda que estranho”.

A despeito de, ao contrário de uma lei natural, a norma não implicar necessariamente em seu efeito e aplicação, o que advém desta convencionalidade imposta é, expressa o autor, que

(...) sob qualquer forma implícita ou explícita que seja, as normas comparam o real a valores, exprimem discriminações de qualidades de acordo com a oposição de um positivo e um negativo. Essa polaridade da experiência de normalização, experiência cientificamente antropológica ou cultural – se é verdade que por natureza se deve entender apenas um ideal de normalidade sem normalização –, baseia a prioridade normal da infração na relação da norma com seu campo de aplicação (CANGUILHEM, 2006, p. 203-4).

Pensada a partir de uma perspectiva antropológica, a norma, para ser norma, precisa convencionar-se norma. É um processo de construção de normalidades através de relações culturais e históricas – que em Foucault poderíamos estabelecer como relações de saber-poder – que produz o regramento e a norma e impõe, nos princípios políticos daquela relação saber-poder, a normalização. A normalização é, ainda, uma técnica e uma economia. A norma, ainda naquela perspectiva, a antropológica, caminha ao lado da técnica, ora como um corolário, ora, após estabelecida, como a mesma. Por fim, visto que o caos resulta num problema, pois toda a ciência moderna é um esforço para se chegar à

ordem das coisas, portanto sua normatividade, “a normalização é considerada como uma solução para evitar a confusão de esforços, a singularidade das proporções, a dificuldade e a demora da substituição de peças, a despesa inútil” (CANGUILHEM, 2006, p. 207).

Alerta ainda o autor – também neste ponto seguido de perto por Foucault – que as normas estão dispostas, ao menos no conjunto de suas possibilidades, como um sistema. Do mesmo modo, suas correlações em um sistema social – técnicas, econômicas, jurídicas e por que não biomédicas e científicas – tendem a dar-lhe uma organicidade, uma unidade virtual, com um sentido conjunto em que a unidade se apresenta potencialmente como em si, para si e por si. Esta sistematicidade, cabe destacar, tenho tentado apresentar ao longo da tese, através da idéia da existência de um projeto de modernização, da ciência como unificador potencial deste processo e da técnica como pano de fundo dos dispositivos aplicados, tanto no disciplinamento quanto pelo biopoder.

Pois bem, visto que o disciplinamento marca, como dispositivo ordenador, os espaços e os tempos, os gestos e os corpos e os diferentes regimes a regular a vida interna no CT, temos que os procedimentos médicos estão em complementaridade em relação a estes dispositivos, ou melhor, são também dispositivos – no sentido da técnica: de dispor e ordenar – que normatizam e normalizam, produzindo e aplicando as micro-políticas baseadas no saber-poder. Esta normalização imposta pela via biomédica implica na possibilidade de, no interior do sistema de treinamento, expor os atletas, seus corpos e suas vidas aos cálculos e controles que fazem deste saber um poder e produz o que Foucault (1988; 2005) chama de biopoder.

Deste modo, a chegada de qualquer atleta ao CT é marcada por um procedimento protocolar cujo percurso inicia no encontro com a medicina. Os esforços são rigorosos para que, com cada vez maior cuidado e controle, os exames clínicos preliminares, do ponto de vista médico, sejam realizados para que a segurança dos atletas seja garantida – segurança estabelecida no estatuto do normal. Já, do ponto de vista do clube, a preocupação é com o risco que o investimento em um atleta “sem condições de saúde” pode trazer em termos financeiros. Isto é resultado de um processo paradoxal, mas cujo princípio é facilmente percebido. À medida que a ciência do treinamento avança em seus conhecimentos, a intensidade dos jogos e treinos aumenta, forçando os limites do corpo na direção de sua transcendência. Esta mesma ciência, em contrapartida, é obrigada a desenvolver modos de investigação, controle e tratamento que sustentem os esforços e recuperem os atletas para as etapas ordinárias de treinos e jogos.

As mortes súbitas de diversos jogadores profissionais de futebol, no Brasil e no exterior, têm provocado o questionamento sobre os métodos de treinamento, a intensidade dos jogos e o poder da ciência para o desenvolvimento seguro da prática esportiva. As preocupações não deixam de ser as mesmas no CAP. Assim o procedimento protocolar para o recebimento de novos atletas e a rotina mesmo para os atletas do clube envolvem exames clínicos gerais, exames ortopédicos específicos e, fundamentalmente, exames cardiológicos constantes, segundo as informações prestadas pelo Dr. Batista Moraes.



(Foto 5: Exame cardiológico, realizado no próprio clube – foto cedida pela comissão técnica)

Os procedimentos médicos ligados aos exames clínicos, não se deve esquecer, tem uma função importante no controle do mercado de trabalho e no interesse dos clubes. Esta função é, como foi mencionado anteriormente, a de decidir quem pode jogar – no sentido de ser profissional – ou não. Com alguma frequência atletas são dispensados porque não apresentam um quadro clínico condizente com as necessidades exigidas para o futebol. Se as doenças cardiovasculares são as mais divulgadas na imprensa, junto com as de ordem ortopédica – lesões ligamentares no joelho e tornozelo, por exemplo – doenças como reumatismo, pressão alta e etc. aparecem como o nome daquilo que ajuda a classificar, separar, nominar e hierarquizar, no interior do futebol, quem se profissionaliza e permanece na profissão e quem sofre o estigma que a palavra “incapaz” minimamente traduz.

Para que esta função preliminar se realize, qual seja, a de separar os “de fora” dos “de dentro”, um sistema de objetos tecnológicos estão postos a disposição e são agenciados de acordo com as necessidades. É neste contexto que o saber médico como conhecimento técnico, mas também fruto da experiência incorporada através da vivência com o campo esportivo, mais especificamente do futebol, vai operar os agenciamentos necessários e aplicar os métodos e técnicas disponíveis para o diagnóstico, prevenção e cura das doenças e lesões recorrentes na vida de atleta. Neste ponto, é possível perceber três princípios gerais pelos quais a maquinaria médica é posta em ação: o princípio estrutural; o idiosincrático e; o político-institucional.

O primeiro e o segundo aparecem em conjunto na fala que transcrevo a seguir. Para o terceiro, tratarei de um caso específico que pude acompanhar entre o início e o meio de 2007. Numa conversa bastante interessante com o Dr. Moraes, chegamos a discussão dos usos da tecnologia pelo departamento médico e os cuidados e indicações. Transcrevo uma parte gravada de nossa conversa:

O que acontece muito é o seguinte: a tecnologia está aí e não podemos ter medo dela, mas também não se tem que achar que ela vai resolver tudo. Esse é o nosso papel enquanto médico desse atleta. Então, a tecnologia hoje é muito massificada no esporte, porque o clube dá condições para ele (o atleta) fazer o exame que ele precisar, exame caro ou barato e quantas vezes for necessário. Quem modula isso é o departamento médico. Quem vai estar solicitando, quem vai estar indicando o exame é o médico. O que acontece muitas vezes, por exemplo, é: um exame que está muito massificado, que ajuda bastante, mas que tem que se cuidar bastante com a indicação é a ressonância magnética. No clube a ressonância é um exame muito bom. Só que ela é boa e tem que ser bem indicada. Não adianta você ficar solicitando ressonância para tudo que não vai resolver sua vida. Então, às vezes alguns atletas acham que a ressonância ou o exame é que vai resolver tudo.

Ele tem uma lesão muscular. Fez uma ressonância? Fez. Estava bem indicado? Estava. Ele acha que tem que fazer o controle toda a vez com aquela ressonância. Isso não adianta. Aquela primeira imagem não vai sumir, só muito tempo depois. O atleta vai estar bom, mas a ressonância ainda vai estar mostrando aquela lesão. Então é um cuidado que você tem que ter. Está muito massificado (o uso da tecnologia). O atleta incorpora muito isso, a tecnologia. Mas o nosso papel enquanto médico é estar modulando isso e sabendo indicar qual é o melhor exame para cada atleta.

Deste discurso destaco dois aspectos. Primeiramente, tanto as possibilidades técnicas da medicina de modo geral quanto as oferecidas pelo Atlético em particular, organizam e põe a disposição a estrutura material atualmente existente (ou o que há de

mais moderno) para que exames e diagnósticos sejam realizados a contento. Há, deste modo, um princípio imposto pela própria disposição da materialidade que estrutura o saber médico e que, ao mesmo tempo, o obriga a colocá-la em ação. Em linhas gerais, aquilo que é o princípio gerador do saber médico – a técnica e a ciência – é também, por seu corolário, uma obrigação.

Sem embargo, atravessando esta imposição que chamei de estrutural, a medicina também reflete o conhecimento acumulado não apenas através do saber tecnocientífico, mas através da experiência própria do campo em lidar, não apenas com os problemas médicos específicos, mas com as pessoas em geral. Assim, o que chamo de princípio idiossincrático envolve a capacidade (e portanto a possibilidade) médica de reconhecer e avaliar a necessidade do uso ou não da tecnologia e da maquinaria específica. A dor e as características gerais de uma lesão são muito particulares – a intensidade da dor e os efeitos primários de uma lesão, como inchaço, vermelhidão, etc. variam, mesmo que se considerem lesões de mesmo grau e intensidade – o que deveria implicar na necessidade de uso da tecnologia que invade o corpo e escreve sua verdade com muita frequência. Entretanto, os modos de diagnose variam e incorporam uma dose significativa de conhecimento da prática esportiva, das condições do acidente e das características dos atletas. Um outro saber se põe a perceber.

Registro uma terceira questão, o fato de que: “O atleta incorpora muito isso, a tecnologia”. Há o reconhecimento por parte do departamento médico de que os atletas se habituariam ao contato com os aparelhos que examinam, incorporando o dispositivo técnico fundamental à estrutura esportiva e ao controle dos corpos dos próprios atletas. A incorporação reflete, por um lado, um uso sistemático desta maquinaria – pois que o volume de capital financeiro, além dos conhecimentos técnicos, o permitem – e, por outro, na implantação deste regime de investigação e tratamento, difusa posição de um corpo que incorpora (portanto age) e sincronicamente se sujeita a um saber que não lhe pertence, a não ser pelo fato de tratar de si.

Por fim, ainda que não esgote a questão, princípios político-institucionais reivindicam sua presença, numa dimensão que escapa ao saber-poder médico *de per se*, mas o inclui para o uso do poder institucional. Tentarei resgatar estes acontecimentos, a fim de esclarecer o que já anunciei em algum momento: o saber médico transcende os

efeitos do seu campo de intervenção e pode ser agenciado em diversas circunstâncias, como as que se originam do conflito de interesses entre jogadores e clubes<sup>153</sup>.

Discorri, no quarto capítulo, sobre o sistema hierárquico que se estabelece entre jogadores e algumas implicações para as relações jogador-jogador e jogador-clube. Um evento marcante do processo de flexibilização das relações de trabalho, que acabou em litígio, houve por envolver o departamento médico, obrigando-o a cuidados que, por sua característica singular, chamou-me a atenção. Antes de relatar os fatos é preciso discorrer um pouco sobre as pressões que o departamento médico pode sofrer e que, em diversos casos, se estende também aos jogadores machucados, entre outros possíveis envolvidos.

Uma conversa particular com um dos estagiários médicos, logo no início do trabalho de campo, alertou-me para um aspecto problemático do trabalho médico, a saber, a pressão exercida por atletas e/ou dirigentes quanto a recuperação e, portanto, o retorno aos treinos e aos jogos, principalmente de atletas importantes. Registrei em meu caderno de notas a seguinte fala: “acho que é melhor trabalhar na emergência do hospital do que com o futebol, a pressão é menor”. Observações sucessivas me apontariam em que aspectos isto se dá, apesar de, em minhas entrevistas com dois médicos do clube, ambos negarem ou minimizarem a questão.

Quem assistiu ao filme “Boleiros: era uma vez o futebol” de Ugo Cesar Giorgetti pode ter facilitada uma imagem do problema. Num dos esquetes, que tratava da recuperação de um jogador importante do Corinthians, torcedores preocupados foram ao DM conversar com o médico sobre a situação de sua principal estrela. O “dotô”, utilizando uma linguagem técnica, lhes explicou o problema do atleta. Desconcertados, tanto com a demora da melhora do jogador, como com a incapacidade de compreender a linguagem médica, saíram das dependências do estádio e resolveram a questão por outras vias: levaram o jogador a Pai Vavá, que entre rezas e receitas resolveu o problema de lesão, terminando com as dores no joelho que impediam o craque de jogar<sup>154</sup>.

---

<sup>153</sup> Não estou sugerindo que resultados de exames, diagnósticos e tratamentos realizados pelos médicos do CAP sofram a interferência negativa – no sentido de que a medicina (ou os médicos) não realize seu trabalho com os pressupostos éticos e todos os conhecimentos disponíveis – mas que, por um procedimento inverso, um excesso de zelo e cuidados seja posto em prática para que o clube tenha garantias quanto a questões litigiosas ligadas a questões trabalhistas, como é o caso que destaco.

<sup>154</sup> Seguindo observação da profa. Carmen Rial, o exemplo de “Boleiros” mostra também uma disjunção entre o discurso médico e o senso comum, e como as vezes isso aparece como um problema, pois a ciência não consegue ser ‘ouvida’ pelo atleta, uma vez que sua linguagem é um tanto hermética, apesar dos esforços dos profissionais médicos e fisioterapeutas por se fazer entender. Daí o recurso à magia, que no caso era um discurso compreensível e por isso eficaz.

Já se sabe que ao CT do Caju não se tem acesso com facilidade. Torcedores, jornalistas e mesmos dirigentes têm poucas ou nenhuma possibilidade de acessar aquele espaço. Portanto, ainda que “Boleiros” nos forneça uma imagem importante, a de que há, em vários pontos do sistema futebolístico – na comissão técnica e na direção do clube, entre torcedores e eventuais patrocinadores e, também, entre os próprios jogadores – uma pressão para que se esteja em condições físicas e técnicas para competir, principalmente quando se trata de jogadores importantes, repito, os mecanismos internos de regulação destas relações de pressão são menos fantasiosos e mais pragmáticos.

Como primeiro aspecto, saliento o fato de que as pressões concorrem de/em todas as direções. Segundo, ao que parece, há um descompasso entre a medicina, a comissão técnica e os jogadores. Os ritmos são diferentes, o que causa uma certa tensão. Para o trabalho médico e fisioterápico, é preciso parcimônia e absoluto controle do tempo e dos processos, pois a função de cura é, deste lugar de saber-poder, anterior e externa ao campo futebolístico. Sem dúvida, é o ponto sobre qual todo o sistema em disputa se equilibra, pois que se ancora na hierarquia das profissões e no caráter científico dos saberes. De modo geral, os médicos procuram atingir seus objetivos com o máximo de segurança no menor tempo possível que, entretanto, não carrega o mesmo ritmo dos demais envolvidos.

Para a comissão técnica, assim como para os jogadores, a pressa ou a paciência são relativas menos às questões médicas e mais a aspectos ligados diretamente ao rendimento da equipe e ao controle do elenco de jogadores, no caso dos primeiros e aos interesses específicos dos próprios atletas: de acordo com as competições e os tipos de lesões sofridas, por exemplo. Contrabalançando o poder médico, a dor – sobre a qual refletirei em outro momento – surge como o inefável, elemento da subjetividade que colabora na organização das relações entre os diversos agentes do sistema.

Retomando: para o departamento médico, dependendo do tipo e do grau da lesão, protocolos de tratamento e recuperação são postos em prática e devem ser seguidos através de um processo de avaliação contínua do quadro clínico, até que o jogador possa ser reintegrado ao elenco com suas capacidades atléticas necessárias. Em algumas circunstâncias, é permitido ao atleta, desde que informada à comissão técnica as limitações de movimento e de esforços possíveis, o retorno aos trabalhos, a fim de que o lesionado continue a participar dos treinamentos sem, entretanto, comprometer sua recuperação. Portanto, como já mencionei, é o saber médico, estabelecido aquém do universo do futebol, que regula as possibilidades de participação de um sujeito na prática esportiva profissional.

Por outro lado, há, de modo geral, por parte da comissão técnica, uma necessidade de contar com seus atletas para compor a equipe para as competições em disputa. Entretanto, esta necessidade deve ser relativizada, pois, menos do que contar com todos os jogadores em condições de jogo é preciso contar com os jogadores certos que as circunstâncias exigem. Assim, há diferença de prioridade e, portanto, de pressão sobre o departamento médico, de acordo com o status do atleta na hierarquia das competências técnicas que se estabelece no interior do futebol. Deste modo, jogadores importantes para o elenco, uma vez lesionados, tendem a aumentar o tensionamento entre DM e comissão técnica – mas também diretoria e torcida – para o seu mais breve retorno aos trabalhos. Este tensionamento se estende também ao atleta, do qual se espera todos os esforços necessários para sua pronta recuperação.

O caso do jogador Zé Roberto, mais uma vez, é fundamental para se compreender o problema. Após sua última lesão grave, nos ligamentos do joelho – já havia operado o menisco –, o atleta passou por um longo período de diagnóstico, tratamento – com realização de cirurgia – e recuperação. Por parte de todo conjunto envolvido com o futebol do CAP havia uma expectativa do mais breve retorno possível do jogador. Quando de minha chegada ao campo, o mesmo estava iniciando os trabalhos físicos com o preparador e ainda sentia muitas dores. O trabalho, entretanto, devia ser realizado. O sintoma da pressão se pôde perceber através de uma frase solta, dita durante os treinos por um dos preparadores físicos: “ele (Zé Roberto) tem que trabalhar no limite da dor” pois “a dor é coisa de sua cabeça, quando quer treinar ele treina”. Tal aspecto denota as exigências sobre o atleta para que ele se recupere o mais breve possível, além da responsabilização do mesmo pelo processo.

Sobre o DM, conversas reservadas, observações à beira do gramado além de cobranças na mídia sugeriam a necessidade do breve retorno. Uma conversa entre um jogador também machucado e um dos médicos sobre o caso Zé Roberto reforça a questão: Nimar tentava defender o colega, procurando apoio no médico, tentando aliviar o peso das cobranças sobre o companheiro. Na verdade, por todos os lados havia conversas reservadas, que tendiam a compor o sistema de alianças, que por motivos diversos é móvel, às vezes disperso. Por outro lado, pude perceber que Nimar estava com os mesmos problemas de Zé Roberto, ainda que não gozasse do mesmo prestígio e, ao que me parece, tentava, através do companheiro, diminuir as pressões que também o atingiam.

Outros casos de tensionamento e pressão podem ser arrolados, tanto sobre o DM, quando um dos médicos foi chamado a dar explicações ao treinador de uma das categorias

de base sobre o caso de um atleta e de porque o mesmo tinha treinado e voltado a sentir uma lesão, quanto sobre os atletas: uma jovem promessa, após várias lesões seguidas, tem sua condição colocada em xeque por uma importante figura na estrutura do clube, quando da realização de uma partida em que o mesmo reaparecera no elenco: “e esse cara, vai ou não vai! Não define pô! Os caras sentam a bunda no DM e não dão mais nada!” E por fim: “o que é que tem esse menino?”

Pensando especificamente nos jogadores, os mesmos tendem a querer retornar o mais rápido possível aos treinamentos e à equipe. Em minhas conversas, percebi uma unanimidade sobre o fato de que é possível que um jogador queira permanecer no DM ou “arrume” uma contusão para evitar treinar ou viajar para um jogo. Um dos médicos chegou a afirmar: “eles já sabem, quando começa a temporada, as competições que eles vão querer jogar e as que não”. Entretanto, a outra unanimidade é a de que, no CAP, estas coisas não acontecem ou são raras. O comum é o esforço conjunto para que a recuperação das contusões se dê o mais breve possível, o que leva os atletas a pressionarem médicos e fisioterapeutas a acelerarem o trabalho – o que, do ponto de vista terapêutico é pouco provável que se realize.

Nestas circunstâncias, assim como vi jogadores pedindo a interferência médica para reduzir a pressão quanto a sua recuperação, vi jogadores pressionando médicos para retornarem logo a equipe, serem liberados para jogar. Mas como isto se dá também num campo estratégico, estas pressões dependem da posição do jogador no elenco, ou seja, se na hierarquia do grupo está em boa ou má posição e dependem também do jogo ou da competição em questão. Quanto mais importante a competição – e o jogo – maior a pressão dos jogadores para retornarem ao elenco, sendo o contrário também verificável. Do mesmo modo, jogadores de status elevado, assim como os pouco importantes, constroem um tempo diferente de recuperação em se comparado aos que estão nos estratos intermediários na hierarquia.

A questão ainda não está encerrada. Também a comissão técnica tem seus interesses e modos de intervenção. Saliento primeiramente que, do ponto de vista humano, não há ninguém no conjunto do CT que não queira a recuperação clínica dos atletas. Mas, do ponto de vista das articulações que se pode considerar de organização do elenco de jogadores e interesses do clube, tensionamentos maiores ou menores são feitos para que o atleta retorne ou não ao elenco. Assim, na mesma hierarquia mencionada, os jogadores importantes para uma comissão técnica aprofundam a exigência de que se acelere os procedimentos clínicos e o tratamento. Para jogadores preteridos o mesmo não se aplica,

revelando um descompasso entre o procedimento clínico ideal – que deveria ser cumprido por todos e a todos, e que é o que o DM procura aplicar – e as exigências do complexo de forças que compõem o interior de um clube de futebol.

O último ponto desta questão sugere uma inversão nos procedimentos, fato necessário para que o clube se resguarde em seus interesses quando há litígio entre clube e jogador. Isto se dá quando, ao contrário dos procedimentos comuns, que como mencionei se assentam tanto no saber-poder do ofício médico quanto na experiência adquirida na vivência com o universo do futebol, tenderem a se acelerar insistem numa parcimônia. Explico: o normal é que, de acordo com os tipos de dor, contusão e do que ela é resultante, se faça uma primeira avaliação clínica no ambulatório e apenas os casos em que a experiência médica indique, exames mais apurados sejam pedidos. Diariamente atletas chegam ao DM com alguma dor, são observados, enviados a fisioterapia para um tratamento adequado e reencaminhados ao treinamento. Em geral são lesões leves que não exigem nem mesmo o afastamento dos treinamentos.

Pois bem, no caso em questão – que denominei político-institucional – a necessidade de uma salvaguarda dos direitos do clube, a preocupação de que não se abrisse qualquer brecha para complicações jurídicas futuras obrigou a um procedimento protocolar diferenciado. O normal é que, quando o jogador diz que teve uma leve dor, o médico, após o devido exame reencaminhar ao treinamento com a ressalva: “se voltar a sentir, pára e retorna pra gente investigar melhor”<sup>155</sup>. Neste caso, o próprio jogador acusava uma lesão leve e, acostumado ao procedimento, dizia que iria treinar e, caso sentisse novamente, retornaria para os exames necessários. Entretanto, por orientação da direção do clube, apoiada no poder médico, o mesmo foi obrigado a ir realizar os exames imediatamente. Menos do que um procedimento médico, foi posto em cena uma estratégia de poder.

Assim, as nuances que envolvem o DM, médicos e fisioterapeutas, particularmente, nos fazem reconhecer um sistema de pressão bastante complexo, pois que a profissão de jogador de futebol – como qualquer atividade atlética de alto rendimento – se assenta nos princípios estabelecidos pelo saber tecnocientíficos estabelecidos pelas ciências biomédicas e correlatas, reafirmando e intensificando neste campo profissional o que

---

<sup>155</sup> Esta fala do Dr. Moraes elucida um pouco melhor o procedimento: “Se ele está com entorse no tornozelo e consegue realizar o treinamento com uma dor suportável ou que possa acontecer do atleta não estar disposto a fazer, então ele não está disposto. Isso a gente se permite a fazer, desde que não vá causar nenhuma gravidade maior para o atleta. Então, hoje, se existe a situação em que o atleta não vai ficar em risco e a gente consegue encurtar o tempo dele de recuperação, esse é o nosso objetivo. Sempre zelando pelo atleta.”

Foucault (2004) já demonstrou em suas teses sobre o biopoder. O esporte é uma realização bem acabada do processo que coloca a vida nos cálculos implícitos no saber-poder.

## **6.2. Maquinaria Biomédica**

Ainda é preciso tratar um pouco melhor das máquinas agenciadas pelo DM. Não pretendo uma descrição exaustiva, pois que a sua maioria se encontra em hospitais e laboratórios clínicos e de análise, portanto, não se encontravam nas instalações do Centro de Treinamento, embora um tipo específico de “máquina”, as químicas, estejam a disposição quase imediata. Gostaria, mais do que descrevê-las, procurar seus sentidos, tanto quando encontram a carne do atleta quanto no seu arranjo de conjunto. Início pelo seu arranjo como sistema, para tratar em seguida do seu modo de escrever e inscrever.



(Foto 6: Aparelhagem para exame cardiológico e testes fisiológicos – foto do autor)

Como já me referi ao tratar do sistema dos objetos, as máquinas dispostas no trabalho médico estão organizadas em um sentido comum, qual seja, o de investigar a verdade eventual do corpo para restabelecer sua verdade normalizada. Para tanto, é necessário que o corpo como materialidade objetivada se imponha como presença e que sua decomponibilidade se acentue como ordem da presença de si. A relação da maquinaria médica com os atletas é de uma modalidade específica: para cada máquina um corpo parcial.

Desnecessário mencionar que a maquinaria médica desenvolve-se em quantidade cada vez maior, talvez menos pelas necessidades do corpo do que pela própria lógica auto-reprodutiva da técnica. Portanto, menos do que tentar fazer uma lista de máquinas disponíveis, traçarei quatro modos de sua operacionalização em suas funções escritora e inscritora – porque não dizer, perscrutadora: as máquinas de ver; as máquinas de ouvir; as máquinas de tocar e; as máquinas de ler. Como não penso o corpo como uma máquina, apenas registro que, com exceção do ler, todas as outras modalidades de funcionamento das máquinas são, primeiramente, práticas realizadas pelo médico através do exame clínico geral.

Das *máquinas escritoras*, as máquinas de olhar foram as que mais evoluíram nos últimos anos. Do raio X a ressonância magnética, a tecnologia de atravessar a pele e os órgãos, chegando até a profundidade densa dos ossos sem ter que invadir o corpo com peças mecânicas, é bastante utilizada no trato diário de atletas pelo departamento médico. São máquinas que produzem raios, impulsos e ondas e “fotografam” ou filmam o interior corporal. Esta fotografia/filme revela, da vida dos tecidos, um momento de sua existência, transformando a imagem capturada num diagnóstico que se escreve.

O olhar da máquina revela aquilo que objetivamente será enunciado, ainda que um hiato de interpretabilidade caiba na ação médica. Este interpretar é fruto da experiência e do conhecimento baseado em dados empíricos que o acúmulo de imagens gera. Do conjunto de imagens pouco inteligível, senão ao olhar treinado, manchas, borrões, hiatos, dobras, o fluir ou pulsar compõem o desenho (animado) da anatomo/fisiologia fotografada/filmada. Desta, por fim, nasce um discurso que escreve sobre o corpo, revela sua condição e anuncia as providências. Escrita e prescrição: saber e poder<sup>156</sup>.

As máquinas de ouvir registram na opacidade do corpo uma ordem que é ao mesmo tempo funcional e estrutural. O estetoscópio des-oculta os ritmos do coração e a melodia que os pulmões, ao ventilarem, ecoam na respiração. Auscultar é um modo intermediário de conhecer o corpo, pois na sociedade que valoriza o que vê, o mesmo só pode ser o princípio de uma suspeita ou uma denúncia. Ainda que ao ouvido do médico experiente nada haja o que estranhar, só as máquinas que invadem podem garantir a certeza objetiva de que tudo vai bem. Portanto, o início de uma temporada – seja para o clube como um

---

<sup>156</sup> Recentemente a mídia esportiva noticiou, por parte dos preparadores físicos e fisiologistas dos grandes clubes, a utilização de uma nova máquina. O aparelho é capaz de medir o estresse muscular. É possível encontrar a reportagem em <http://video.globo.com/Videos/Player/Espportes/0,,GIM1041729-7824-APARELHO+QUE+MEDE+O+STRESS+MUSCULAR+E+A+NOVA+MODA+NOS+CLUBES+BRASIL+EIROS,00.html>

todo, seja para um novo jogador que chega – é o tempo de auscultar o corpo, ainda que seja para enviá-lo ao olhar.

Através de circuitos mais complexos, o auscultar é ampliado em sua potência. É tarefa dos eletrocardiogramas (por exemplo), no contato íntimo da pele com os eletrodos, do corpo que anda, corre e se esforça, e por meio de um complexo de fios condutores, computadores, esteiras rolantes, relógios, medidores de pressão avaliar o coração do atleta e as condições de sua fisiologia geral. Sístole e diástole, pressão arterial, gráficos em telas de computador e escorrendo em papel na impressora. Enquanto o atleta corre capturado pelo ritmo da máquina, que determina a intensidade do esforço, médico (e fisiologista, também) acompanham a chegada do limite suportável do correr na esteira e fazem a leitura que a gramática do corpo envia por meio de sinais em forma de tabelas, gráficos e números.

Conectado às inúmeras máquinas o corpo investigado ainda não ofereceu-se por completo. É preciso que ele se desligue de si, para encontrar em outras máquinas os modos de ler sua verdade. Assim, agulhas e potes recolhem a viscosidade, o excesso, o excretado e transportam-nos, agora como puros objetos, retirados do corpo, mas que deixaram de ser corpo, às máquinas que vasculham, esquadrinham, investigam. Identificados com etiquetas e nomes, não mais como parte do ser, mas como posse arrancada do corpo, novamente as máquinas escritoras são dispostas a desvelar a natureza bastante violada do corpo – tanto para que se restitua a sua natureza normalizada, quanto para que se produza um incremento de potência em sua capacidade.

Claro que o que as *máquinas escritoras* escrevem é uma linguagem para poucos, hermética, mas traduzível por especialistas para o “idioma da bola”, daqueles que, por serem estes corpos de quem se escreve, conhecem os corpos próprios, suas dores, seus limites. Estas modalidades de escrever sobre o corpo que a maquinaria médica utiliza são os aspectos que a técnica toma e a ciência incorpora em sua forma de investigar e intervir no mundo, mas também o modo pelo qual um campo de especialistas demarca sua posição no espaço social, vive as estruturas de poder e transfere de seu campo para o campo do futebol um modo de saber que, se para os médicos é incorporado, para os atletas é uma exigência, vivida como natural e inquestionável.

Por fim, há as *máquinas inscricoras*. Como sistemas mais complexos de interação, estas máquinas são na sua maioria de função química (ainda que as mecânicas também existam) e penetram no corpo por diferentes vias, inscrevendo, a depender de sua função, tanto na superfície visível da pele e seus volumes submersos, quanto na interioridade

profunda do organismo. Tais máquinas funcionam como analgésicos, anti-térmicos, relaxantes musculares, e todos os tipos possíveis de medicamentos que visem a normalização de um corpo que sofre. Do mesmo modo, estes químicos são postos em ação para a melhoria do rendimento e para a recuperação mais rápida do esforço realizado (glutamina, creatina, etc.).

Como estes métodos de intervenção são inúmeros, o controle médico do clube não apenas deve aplicar estes dispositivos, como também controlar o uso (ou abuso) por parte dos atletas ou a prescrição por qualquer outro agente que não os próprios médicos do clube. Isto se deve ao fato de que há, no sistema esportivo, um conjunto destas máquinas de ação química proibidas por seus possíveis efeitos atléticos (para o bem ou para o mal), conhecidos como *dopping*. Assim, os atletas do CAP são examinados e medicados exclusivamente pelos médicos do clube.

O que pude perceber é que os químicos, atuando nos processos fisiológicos, são máquinas que inscrevem, ou melhor, reinscrevem a normalidade do corpo, mas, também, produzem no corpo efeitos de força, velocidade, resistência, etc.. Por seus efeitos positivos, que os próprios atletas atestam, são assimilados e incorporados, passando a fazer parte da vida cotidiana desde seus primeiros anos no treinamento organizado. Estas máquinas, encontradas na forma de pastilha, pó, líquido, gel, etc. transbordam também dos alimentos, ponto do qual tratarei quando refletir sobre a nutrição.

Ainda uma última nota sobre as *máquinas inscricoras*. Não apenas nos processos fisiológicos (físico-químicos) esta maquinaria age, pois conforme o Dr. Batista, numa conversa travada com o Diretor Técnico do clube (quando este estava gripado e solicitou uma injeção), alguns medicamentos, como o caso da injeção para a gripe, têm o que se conhece como efeito placebo, ou seja, tem sua ação possibilitada por um efeito secundário, revelando a própria capacidade corporal de recuperar sua normalidade, ainda que por vias transversais.

Por fim, seja escrevendo as verdades do corpo, seja inscrevendo verdades no corpo, as máquinas formam um conjunto inalienável do sistema esportivo, e, como mencionei anteriormente, invadem o mundo do futebol com a promessa de ordenar o caos ao que o esporte, deixado à sua própria sorte e ao *modus operandi* da cultura (o senso comum futebolístico), estaria ainda posto. Caos que cabe à técnica e à ciência porem fim.

### **6.3. DM – A Fisioterapia**

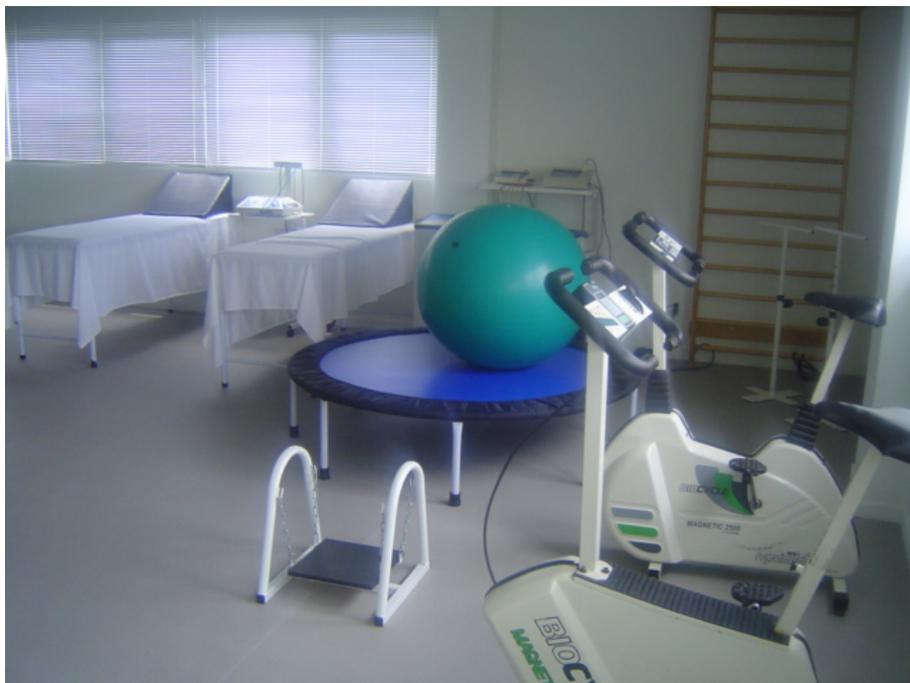
Se hoje nenhum esporte de alto rendimento é praticado sem a intervenção do saber-poder da medicina – diga-se de passagem: seja para efetuar a diagnose e a cura para que atletas possam competir, seja para implementar sistemas rigorosos de desenvolvimento de atletas, principalmente através de procedimentos que investem na fisiologia dos indivíduos, ou seja ainda para coibir os excessos destes procedimentos, notadamente no caso dos doppings: o que se enquadra nos níveis de intervenção tecnológica do ciborgue vistos anteriormente – também não se o faz sem a atuação cotidiana da fisioterapia.

Colocada no campo científico e de intervenção no qual a medicina ocupa lugar hegemônico, a fisioterapia é, no caso específico do futebol, mas também na vida ordinária, o ponto intermediário entre a ação médica e o retorno do atleta aos treinamentos – e do cidadão comum às suas atividades costumazes. Sua tarefa, excetuado os tratamentos circunscritos à ação médica, que geralmente correspondem aos mais invasivos – seja através dos procedimentos cirúrgicos, seja pela adição/ingestão de medicamentos baseados nos princípios da química – é a aplicação das prescrições médicas para a recuperação das lesões de caráter músculo-esqueléticos, em geral, ou neuro-funcionais em casos mais complexos e específicos.

Na sala de fisioterapia pode-se observar um sistema de objetos, e também uma maquinaria, cujas funções específicas devem realizar o tratamento prescrito e promover a cura esperada no cotidiano dos atletas. Se na hierarquia das curas ela aparece sob controle do saber médico, nas relações cotidianas com os jogadores recebem os fisioterapeutas uma atenção especial, pois é com estes que se passa a maior parte do tempo quando do tratamento de lesões e nos quais se depositam a confiança na recuperação adequada e, em casos de gravidade reconhecida, mesmo a esperança.

Passei uma parte significativa de meu trabalho de campo acompanhando os procedimentos fisioterápicos em seu cotidiano. Tal empenho se deve ao fato de, afóra a tecnologia utilizada pelo fisiologista para os testes e avaliações com vistas ao controle do nível de qualidade atlética dos jogadores – que só ao final do meu período de pesquisa foi finalmente implementada –, foi na sala de fisioterapia que encontrei os jogadores conectados a uma maquinaria, ainda que simples, e um sistema de objetos que pude observar com mais freqüência. Ademais, pelo modo de organização do trabalho, era um bom momento para travar diálogo com os atletas, haja vista o fato de estarem em suas

macas a receber tratamento, portanto livres das ações impostas pelos treinamentos e dos controles coletivos de ação e deslocamento.



(Foto 7: sala de Fisioterapia – Foto do autor)

Além destes aspectos, destaco o fato de invariavelmente se poder encontrar jogadores em tratamento. Raras foram às vezes em que vi a sala de fisioterapia vazia. O comum era ter os leitos todos ocupados. Neste ponto é possível perceber, inclusive, uma certa lógica, a saber: o DM e a fisioterapia em particular ficam mais movimentados após os dias de jogos (o que parece evidente), em se comparando com os treinos; quanto mais importante o jogo, maior a tendência de ver-se um número maior de lesionados; os “clássicos” levam mais atletas à fisioterapia do que outros jogos e, por fim; a pré-temporada, quando os jogadores estão recuperando a forma física, e o final da temporada, quando os jogadores já estão desgastados, tendem a levar mais atletas à fisioterapia. Ainda um destaque, jogadores jovens tendem a permanecer menos tempo em fisioterapia do que os mais velhos, apesar de enfrentarem os mesmos esforços e exigências e se contundirem com a mesma frequência.

Pois bem, do ponto de vista das relações entre profissões, atentando ao caráter um tanto generalizante e reforçado pelo conjunto social, pode-se observar uma espécie de subordinação da fisioterapia à medicina, cuja justificativa se evidencia nas práticas e discursos que responsabilizam o médico pelo diagnóstico e a cura, pois é quem conhece o

corpo em sua interioridade e funcionalidade e que portanto, reconhecendo a normalidade inscrita nesta corporalidade, pode, objetivamente, restaurar o equilíbrio perdido. À fisioterapia cabe somar esforços no tratamento das lesões funcionais gerais, principalmente quando se trata do cenário futebolístico. Esta subordinação não se revela através da distinção dos saberes (científicos) cabíveis a cada área e supostamente perceptíveis em suas diferenças, senão a estruturas de poder no interior do campo<sup>157</sup> que tem como hegemônico o saber médico, desliza por várias áreas, recaindo, inclusive, sobre a educação física em seu papel no trabalho com a preparação física e a fisiologia.

Pude observar esta estrutura pertinente ao campo<sup>158</sup> da saúde (se podemos chamar assim) e suas disputas, na qual o papel da ética é a de reguladora funcional das relações quanto a legitimidade da aplicação dos conhecimentos concernentes aos agentes no campo. Exemplificando, mais de uma vez pude notar que atletas com pequenas dores localizadas, decorrentes do esforço de treino ou de algum contato físico um pouco mais forte, foram obrigados a passar pelo médico para, após inquérito e exame, serem encaminhados para a

---

<sup>157</sup> Um exemplo dos conhecimentos da Fisioterapia quase indiscerníveis do saber médico se encontra nestes protocolos que podem ser acessados em:

[http://www.wgate.com.br/conteudo/medicinaesaude/fisioterapia/traumato/protocolo\\_tornozelo Joelho.htm](http://www.wgate.com.br/conteudo/medicinaesaude/fisioterapia/traumato/protocolo_tornozelo Joelho.htm), (acessado em 05/11/2007). O próprio sítio já marca a distinção e a conjunção dos saberes de cada área no campo da saúde:

Trabalho realizado por: Alunos do UNIVERSO

PROTOCOLO DE AVALIAÇÃO DE TORNOZELO

1. História pregressa, profissão, tipo de dor (parada / movimento); 2. Inspeção: aspecto da pele, edema, proeminência óssea, verrugas plantares, calos, deformidades congênitas (varo, cavo, eqüino, plano) hálux valgo, pé de atleta (tinha do pé) infecção fúngica entre os dedos (frieira), formato da unha, cicatriz; 3. Palpação: edema duro ou mole, temperatura, grau de força; 4. Movimento: Ativo (goniometria) - Passivo (goniometria) - \* Flexo / extensão - \* Inversão / eversão - \* Hálux; 5. Perimetria: Edema (pelos maléolos) – Panturrilha e Coxa. Obs.: Joelho (patologia ascendente) - 6. Testes Específicos: a) Gaveta anterior (ligamentar) talo fibular , talo tibial; b) Teste do estresse (ligamento calcâneo fibular / tibio fibular); c) Teste de Homans (trombose) – vascular; d) Palpação do movicular (falha de posição). - Solicitação - Rx (simples); Ressonância; Ultra-som.

#### PROTOCOLO DE AVALIAÇÃO DE JOELHO

Introdução - Idem Tornozelo (principalmente patologias congênitas); 1– Goniometria: a) Flexo / extensão; b)

Rotação axial (Interna / Extensa); Obs.: ângulo Q - Homens 14°; (vetor de força lateral) - Mulheres 17°  
2– PERIMETRIA; 3– GRAU DE FORÇA - ANTERIOR/POSTERIOR/LATERAIS; 4– TESTES ESPECÍFICOS: a) Para Artrose; b) Mobilidade Patelar: Passivo (paciente deitado/supino) \* Deslizamento distal (evitar a elevação devido ao atrito com o Fêmur)\* Deslizamento medial-lateral Ativo: Paciente sentado (joelho 90°). - Obs. 1: Altura da patela (paciente sentado/joelho a 90°). Obs. 2: Joelho em ventania (valgo / varo). Patela estrábica (convergente), rotação medial do fêmur. Rechaço da patela (edema). c) Ligamentos Colaterais: Medial / Lateral (joelho semi-flexão); Teste do Estresse. d) Ligamento C. posterior: Gaveta (flexão 90°) / Queda apoiado Godfrer elevado (joelho 90°); e) Ligamento C. anterior: Gaveta (flexão 90°) / Lachman (flexão + ou – 20°) / Deslocamento do pivô shift; f) Menisco: Childers (paciente marcha agachado / pato) - Macmurray (supino) (rotação do pé contra lateral e valgo / varo) - Apley (prono) (rotação interna / externa compressão); antes distração para observar se tem dor, se houver o teste não é confiável. Obs.: Lacerações meniscais ocorrem no terço posterior; Flexão do joelho - Fêmur gira posterior sobre o platô tibial - maior contato entre os côndilos femurais e a porção posterior do Menisco.

<sup>158</sup> Campo, neste caso, no sentido atribuído por Bourdieu (1998).

fisioterapia para o tratamento adequado. A convivência com jogadores e fisioterapeutas me fez perceber este aspecto hierárquico do sistema médico, uma vez que este, se não despreza, pelo menos descarta, a princípio, aqueles dois saberes relevantes sobre o corpo.

Por um lado, os atletas adquirem uma experiência sobre o corpo próprio que os faz perceber e reconhecer, na maior parte das vezes, o tipo, o grau e a necessidade de tratamento resultantes da sua lesão. É um saber do corpo, no corpo e sobre o corpo que o agente que é corpo pode, sob diversos aspectos, responder. Por outro, os fisioterapeutas constroem saberes de duas formas: a) os acadêmicos: e neste caso pode-se perceber a excelência do trabalho prestado por estes profissionais e o alto nível de conhecimento sobre o corpo, as lesões e os processos de normalização atinentes a sua profissão<sup>159</sup> e; b) as experiências no futebol: resultantes do longo período na profissão de fisioterapeuta e de fisioterapeuta no futebol, o que os faz agir com grande capacidade de discernir, planejar e executar seu trabalho, com resultados muito eficazes.

Encerrando este ponto particularmente complexo, destaco que pude acompanhar inúmeras vezes atletas que procuravam diretamente o fisioterapeuta serem, um pouco a contra gosto destes e não menos desconcertados (para não dizer descontentes), enviados ao médico, para retornarem em menos de dois minutos à fisioterapia para o tratamento. É verdade que a confusão de campos de trabalho e a “intromissão” de um profissional na área de outro podem gerar mais desentendimentos do que aqui posso imaginar, mas também é preciso reconhecer que estes procedimentos estão ligados à hegemonia do saber médico (menos do que do saber do médico, neste caso) e acabam por registrar uma burocratização protocolar e disciplinar no âmbito do tratamento dos atletas. Pois, se há por parte dos médicos uma grande responsabilidade quanto a sua atuação no CT, é preciso reconhecer o mesmo entre fisioterapeutas e que, como pude perceber, salvo engano, jamais poriam em risco os jogadores com os quais trabalham cotidianamente e, caso necessário, não deixariam de encaminhar um caso mais sério ao departamento médico.

Não pretendo ir mais longe nesta discussão que põe, menos por motivos pessoais do que estruturais, dois campos profissionais em trabalho simbiótico mas também, por esta forte conexão e a conseqüente frágil demarcação de fronteiras, em constante, mesmo que sob controle, tensão (ou distensão). Por outro lado, vale registrar, diferente de outras relações dentro do futebol e do sistema hierárquico que marca o campo das profissões, há

---

<sup>159</sup> Sob este aspecto, por diversas vezes tive conversas com estes profissionais, tendo acesso a materiais para palestras e cursos que os mesmos profeririam, demonstrando um amadurecimento prático-conceitual do trabalho fisioterápico.

uma identificação entre os profissionais que ali trabalham, e o ambiente é, de modo geral, de cooperação e respeito mútuos.

Feitas estas considerações, tratarei de descrever o funcionamento do setor de fisioterapia, seus procedimentos regulares, as máquinas e tecnologias utilizadas e os sentidos atribuídos a este trabalho fundamental no conjunto biomédico e tecnocientífico que o CT do Caju põe à disposição de seus atletas.

Como visto, o Atlético, em seu centro de treinamento, conta com três fisioterapeutas, que se revezam em turnos de trabalho para cobrirem todos os dias da semana. Diferente dos médicos, que têm um profissional em tempo integral, aqueles trabalham em sistema de rodízio. Este rodízio se dá tanto para o trabalho no CT, quanto para o acompanhamento dos jogos. Há uma rotina protocolar seguida por estes profissionais que se inicia com a chegada do atleta encaminhado pelo departamento médico até a entrega destes aos preparadores físicos, quando os mesmos estão liberados para o treinamento. Cabe ressaltar que quem libera o jogador para o retorno ao treino é o médico, ao fisioterapeuta cabe deixá-lo em condições ideais para a avaliação médica positiva.

O procedimento normal é realizar o atendimento dos jogadores em seus horários de treino. Assim, enquanto a equipe realiza seu trabalho, o jogador lesionado se encontra em tratamento com os fisioterapeutas. Pode-se resumir este trabalho em três períodos ligados ao estado da lesão e o nível de recuperação do jogador, a saber: a) na fase aguda da lesão: tratamento para recuperação do tecido lesado e analgesia; b) na fase intermediária: implementação de trabalhos mecânicos e de propriocepção em concomitância com os tratamentos anteriores e; c) na fase final: trabalhos mecânicos na musculação e no campo – simulação de gestos e situações de jogo. Cada etapa apresenta características distintas e acabam por colocar em cena um sistema de objetos particulares e também distintos. Tratar-se-á de cada uma delas a seguir.

#### a) A fase Aguda da Lesão:

Durante a fase aguda de uma lesão, que é mais complexa e delicada, a fisioterapia se resume (no caso do CAP) a quatro tipos específicos de ações e usos de tecnologia de tratamento. A mais comum, segundo o Dr. Roberto, é a crioterapia. “Se pegar o livro de ortopedia e tratamento, desde 1940 tem indicações de crioterapia para tratar lesões musculares, ligamentos, processos inflamatórios (...) contra inchaço”. O gelo é tecnologia básica do tratamento. O frio cumpre funções específicas, tais como, a vaso constrição, que controla o edema, na medida em que contrai os vasos sanguíneos locais, diminuindo o

derrame. Por outro lado, sua função analgésica é fundamental, pois a aplicação de gelo local (ou do “spray milagroso”<sup>160</sup>) durante um jogo na hora de uma pancada) baixa a temperatura da região afetada. Sabe-se que os neurônios responsáveis pela sensação de dor perdem sua capacidade funcional quando a temperatura cai abaixo de 13° centígrados.

Por estes dois aspectos específicos, o frio é agenciado constantemente, não apenas para o tratamento de lesões, mas também para a recuperação das condições atléticas gerais e controle das dores decorrentes dos treinos e jogos. Para facilitar sua utilização, o CT conta com uma piscina de água gelada que compre a função crioterápica descrita. Nela, os jogadores, após os treinos ou uma partida, mergulham até os quadris por cerca de cinco minutos. Os efeitos, uma vez associados aos trabalhos leves de recuperação – treino regenerativo – são a diminuição das dores em cerca de 90%, o que facilita a continuidade dos trabalhos previstos para o treinamento.

O segundo e o terceiro tipo de tratamentos nos aproximam do problema central do qual se está tratando: a relação corpo-máquina. Em ambos, a tecnologia suportada numa máquina é agenciada para, ao entrar em contato com a superfície corporal lesionada, cumprir a função de cura. Há diferenças singulares entre ambas, pois que, ainda que os efeitos desejados sejam os mesmos, o modo de aplicação e a interação dos agentes com esta tecnologia se dão de modo distinto.

É possível pensar a pele, esta superfície que esconde e abraça um corpo interior, como a fronteira entre nosso corpo e o mundo que nos cerca. É, ela, aquilo que recobre e corta, diferencia e separa o isto que é corpo humano daquilo que não o é. Entretanto, a pele é também corpo, e, novamente, como toda fronteira é, também, passagem, contato, ligação: fenomenologicamente, diálogo. A diferença das máquinas escritoras, que atravessam a pele-ponte para descobrir um interior, as duas máquinas fisioterápicas da qual tratarei já se investem de verdade antes mesmo de seu mergulho no corpo. É devido a um saber cientificamente registrado nos anuários médico-fisioterápicos que estas máquinas se põem a trabalhar.

Assim, ainda que de modo sutil, a atividade desta maquinaria é inscritora, pois que sua ação visa restabelecer uma verdade do corpo, a saber, sua normalidade. Através de princípios eletro-mecânicos e químicos, o saber tecnologizado vai produzindo a cura ao

---

<sup>160</sup> É interessante o modo desdenhoso pelo qual os narradores e comentaristas de futebol se referem ao tratamento com gelo, água gelada ou spray de gelo quando um massagista acorre a socorrer alguém que recebeu uma pancada ou sentiu alguma dor durante uma partida. Os efeitos analgésicos da crioterapia são conhecidos há muitos anos e a eficiência deste procedimento para aliviar a dor quase imediatamente incontestável. O que com frequência é, por aqueles, chamado jocosamente de “água milagrosa” ou “gelinho milagroso” é, para o saber médico e fisioterápico, uma ação cientificamente reconhecida.

inscrever no interior corporal pelo contato íntimo com a pele que recobre a lesão. Mas ambas são ainda de categorias distintas, pois a primeira obriga ao fisioterapeuta a ação de deslizamento da máquina, portanto, uma participação que ele prescreve e o envolve; a segunda, por outro lado, depois de colada a máquina ao corpo, faz do próprio atleta paciente aquele que regula, controla e disciplina uma parte do procedimento. Estes são, então, o segundo e o terceiro tipo de tratamento do qual se está a tratar.

O segundo tipo de máquina é o gerador de ultra-som<sup>161</sup>. O equipamento, que permite a escolha do modo de emissão do ultra-som, contínuo ou pulsado, envia este tipo de ondas ao tecido lesionado apresentando os seguintes efeitos: térmico, atérmico hiperemia, vasodilatação, ação antiinflamatória, melhora do retorno venoso e linfático, mecânico, químico, ação tixotrópica ou coloidoquímica, fibrinolítico, regenerador, analgésico, relaxante, paravertebral reflexo, efeito antiacidótico, angiogênese, e correntes acústicas... Todos estes efeitos têm função curativa e regeneradora dos tecidos.

Tal equipamento é operado pelo fisioterapeuta na intensidade de sua emissão, no tempo de tratamento e no controle da área a ser tratada. Trata-se então de, após determinar a intensidade e o tempo de tratamento – operação que se dá regulando o aparelho através dos botões de seu painel –, massagear a área lesionada com o *transdutor*, utilizando um gel, que pode servir apenas para facilitar o deslizamento e a melhor transmissão das ondas, como também medicamentos. Em movimentos circulares, o fisioterapeuta realiza este trabalho durante aproximadamente cinco minutos. Ao paciente cabe discutir o conforto ou desconforto dos efeitos térmicos e mecânicos, observar e aguardar o seu final.

O terceiro é a eletroestimulação. Trata-se de um estimulador transcutâneo neuromuscular que atua através de impulsos elétricos. Estes impulsos são gerados por uma máquina e chegam ao paciente através de eletrodos que são colados à pele sobre a região da lesão. A submissão a esta estimulação elétrica causará uma sensação de formigamento

---

<sup>161</sup> “São ondas sonoras longitudinais, não audíveis ao ouvido humano. Essas ondas ultra-sônicas são produzidas a partir da transformação da corrente elétrica comercial em corrente de alta frequência, que ao incidir sobre um cristal de quartzo ou de zirconato - titanato de chumbo (ZTP), provoca compressão e expansão alternada do cristal. Esta ação mecânica (pressão), sobre o cristal, provoca a emissão de ondas ultra-sônicas com frequência igual à corrente recebida ou corrente que incide sobre o cristal dentro do transdutor (efeito piezoelétrico). O cristal sintético (ZTP) é mais resistente a altas temperaturas e mais maleável, aumentando com isto a durabilidade e a emissão do feixe. Transdutor é um dispositivo capaz de transformar uma forma de energia em outra, no caso, elétrica em mecânica. As ondas ultra-sônicas produzem uma ação mecânica vibratória nas células, podendo ter uma frequência de 870 KHz a 1 MHz (ação mais profunda) e 3 MHz (ação mais superficial). Elas podem ser contínuas ou pulsadas. As contínuas possuem 50% de ação mecânica e 50% de ação térmica. As pulsadas produzem mais ação mecânica. No ultra-som contínuo, prevalece mais o efeito térmico e no pulsado, o efeito atérmico”. Para um detalhamento das propriedades do ultra-som no tratamento de lesões ver:

[http://www.wgate.com.br/conteudo/medicinaesaudefisioterapia/eletro/ultra\\_som2.htm](http://www.wgate.com.br/conteudo/medicinaesaudefisioterapia/eletro/ultra_som2.htm) (acessado em 05/11/2007).

no local mesmo da estimulação e/ou nas áreas entre os eletrodos. O grau de sensação, que traduz em termos de conforto ou desconforto a intensidade dos impulsos elétricos, faz com que os mesmos sejam regulados de acordo com parâmetros flutuantes, na medida em que, a despeito de que se saiba que há uma carga mínima para que o tratamento tenha efeito, é o próprio jogador, no caso, quem acaba por controlar e ajustar a intensidade dos impulsos elétricos.

Neste caso, temos uma relação um pouco diferente dos modelos médicos tradicionais, nos quais as máquinas escritoras estão investidas de uma autoridade oriunda de seu poder objetivo de revelar a verdade sobre o corpo, não concedendo ao próprio corpo ou a subjetividade dos agentes espaços de controle e regulação. Ao contrário, como a dor – da qual refletir-se-á mais adiante – e demais sensações resultantes destas conexões reivindicam uma autoridade e sabedoria, dada a impossibilidade de tanto o fisioterapeuta quanto a máquina poderem sentir pelo outro, um espaço de agência organizado pelo corpo se imiscui naquilo que era para ser objeto de uma intervenção objetiva. Deste ponto em diante, nas demais etapas do tratamento fisioterápico, é o atleta, agente corporal sensível, quem vai regular o processo de tratamento e cura.

A quarta forma de tratamento na fase aguda da lesão já está sujeita a lógica do corpo senciente. Esta é o repouso. O controle exercido pelo sistema disciplinar no CT, descrito no primeiro capítulo da tese, colabora na vigilância dos passos dados pelos atletas pelos espaços do CT. São inúmeros profissionais a fiscalizar a vida dos atletas – além, é claro, das câmeras de vigilância instaladas durante a temporada de 2007. O repouso, que evita os esforços músculo-esqueléticos prejudiciais a esta primeira fase de tratamento, se associa a maquinaria descrita, para iniciar o processo de cura almejado<sup>162</sup>.

---

<sup>162</sup> Uma figura importante no futebol, o massagista, parece ter tido seu espaço de atuação modificado (talvez reduzido). Uma vez que há médicos e fisioterapeutas a beira do campo, cabe ao massagista prestar atendimento aos casos menos graves e acompanhar os profissionais especializados carregando o material. Aplicar o spray de gelo, levar água, controlar a ingesta dos recuperadores de energia passaram a ser as principais funções do massagista. Não pude acompanhar caso de tratamento de lesão ou recuperação pós jogo com massagem – imagem corriqueira do futebol nas décadas de 70 até 90. Infelizmente, assim como no caso do mordomo, não fui capaz de descrever com precisão suas atividades e não refleti suficientemente sobre os mesmos no âmbito desta tese. Por certo, ambos mereceriam capítulos específicos, uma vez que suas relações com os jogadores são de intimidade e confiança. Um, à beira do gramado, o outro, cuidando dos materiais (chuteiras, roupas em geral, amuletos, etc.) com os quais cada jogador enfrenta sua vida profissional.



(Foto 8: Maca da sala de fisioterapia. Observa-se, à esquerda, o aparelho de ultra-som e, no console a direita, o eletro-estimulador – foto do autor)

#### b) A Fase Intermediária:

Nesta etapa do processo fisioterápico novos procedimentos são implementados, sempre associados aos tratamentos dispensados na primeira fase descrita. Isto se deve ao fato de, por um lado, ser necessário que a parte do corpo que estava lesionada receba novos estímulos e, por outro, porque permanecem necessários os efeitos analgésicos, anti-inflamatórios, etc. proporcionados pela maquinaria posta a disposição anteriormente. Assim, esta nova etapa incorpora aos procedimentos a cinesioterapia – o tratamento através do movimento – cuja tarefa é, recuperada parcialmente a funcionalidade comprometida pela lesão, realizar estímulos leves para que os tecidos lesados ganhem força, mobilidade, flexibilidade etc.

Na prática os atletas iniciam trabalhos em aparelhos singulares que, além de estimularem a recuperação anátomo-funcional, propiciam a propriocepção. Propriocepção é uma capacidade de saber onde está cada parte do corpo no espaço, a cada segundo. Este não é um saber da consciência – como pode sugerir uma idéia de consciência corporal – mas um saber do corpo, sobre o corpo próprio (ainda que, ao que pode perceber, não é nestes termos que a questão é tratada na concepção nativa, estando mais ligada a idéia de consciência do que a uma fenomenologia do corpo).

As atividades mais comuns são as de equilíbrio, saltos (uso de cama elástica), caminhadas e trotes na esteira, uso da bicicleta ergométrica, trabalhos com resistência ou peso (musculação, elástico), atividades na água e demais conjuntos de exercícios que se enquadrem nos princípios cinesioterápicos e suas aplicações. Nesta etapa a sensibilidade do atleta lesionado é fundamental – tanto quanto a experiência e os conhecimentos dos fisioterapeutas – pois corre-se o risco de, ao errar-se para mais ou para menos na intensidade das atividades, ver comprometido o processo de tratamento. O erro para menos tem menores implicações, pois apenas causam um atraso na cura. Ao contrário, um excesso de esforço pode provocar o retorno da lesão, ou mesmo seu agravamento. Assim, uma sensibilidade conjunta – atleta e fisioterapeuta – se estabelece para que as coisas caminhem bem.

c) A Fase Final:

Esta é uma fase bastante difícil, não pelo emprego do tratamento em si, mas pelas condições sob as quais a mesma se realiza. À medida que o tratamento avança, os procedimentos da primeira fase tendem a diminuir, com exceção da crioterapia – que, em verdade, é utilizada a todo o tempo, independente de se estar lesionado ou não. As atividades cinesiológicas se intensificam, assim como as cargas de treinamento na musculação, na esteira e na bicicleta ergométrica, entre outras atividades que vão ter como função recuperar a força, a mobilidade, a flexibilidade entre outras qualidades físicas gerais.

Um dos aspectos mais estimulantes, do ponto de vista dos jogadores, é o retorno ao campo de futebol. Corridas leves, atividades com bolas, simulações de movimentos do jogo, esforços contínuos e intervalados, exercícios pliométricos entram no conjunto dos procedimentos fisioterápicos. O retorno ao campo é, numa perspectiva clínica, um risco. Este risco se revela sob dois fatores: um, a dificuldade de se controlar as intensidades, as asperidades do terreno, os trabalhos de destreza e controle com bola etc.; o segundo, o risco de os próprios jogadores, estimulados pelo ambiente e pela ansiedade, exagerarem nos esforços, correndo riscos desnecessários. Neste ponto, a sensibilidade conjunta dos profissionais (jogadores, fisioterapeutas e médicos), a parcimônia e o controle da ansiedade são os ingredientes que ajudam a conclusão dos trabalhos.

Para ilustrar, há o caso do jogador Nimar, que pude acompanhar e anotar em meu diário: o atleta estava havia algum tempo sem treinar com bola devido a uma lesão no joelho. Durante um treinamento, quando voltava lentamente aos treinos, numa roda de

bobinho, ficou animado. Porém, reconhecendo seus limites relatou: “percebei que se treinasse poderia voltar a sentir a lesão, pois perderia o controle” da intensidade da atividade e da dor, podendo ter uma recidiva. Mais tarde (no dia 25/05/06) retornou aos gramados para jogar, mas sentiu novamente a lesão. Teve de ficar, então, mais um tempo parado para fortalecer a musculatura da perna e não correr mais riscos.

O caso deste atleta, comum no sistema esportivo, demonstra que, a despeito de todos os cuidados, de todos os investimentos tecnológicos, de toda a maquinaria posta à disposição dos especialistas para diminuir as incertezas, controlar os riscos, regular procedimentos e de, em suma, colocar o corpo (a vida) nos cálculos que favoreçam a intervenção individualizante do disciplinamento e coletiva do biopoder, há no corpo e na vida algo que transcende aquilo que a técnica e a ciência insistem em perseguir, e que nos faz estes seres incomensuráveis, desmedidos, vivos.

## CAPÍTULO VII

Por que não posso eu modelar os homens como uma excelente massa!  
(La Mettrie)

### O TREINAMENTO ESPORTIVO: O CASO DO CAP

Aquilo que ora se toma com naturalidade, a ponto de envolver esferas tão distintas da sociedade como o esporte, a música ou a gestão de pessoal tem uma história não muito longa: o treinamento é moderno. Não pretendo me alongar nesta questão, apenas colocar no centro do debate o modelo de pensamento que produz um tipo de prática, regular e intermitente, que se aprofunda com o passar do séc. XX e se justifica pela melhoria do rendimento individual e coletivo, seja no trabalho, seja no esporte (também transformado em trabalho).

Foucault (1987), ao tratar do esquadramento do “tecido social” através do controle do tempo-espaço, disciplinamento que se instala no corpo através da regulação do gesto, demonstra o princípio do controle do corpo pela repetição e fragmentação do movimento. É a profissionalização dos exércitos e a invenção do fuzil que reivindica uma nova modalidade de soldado. Os novos combatentes devem aprender uma nova gestualidade, que une o corpo ao fuzil, através da repetição mecânica dos movimentos com seu novo instrumento de guerra. Tal processo é também observado nas escolas e nas indústrias: corpo fragmentado, treinado, mecanizado: tempo-espaço que particulariza os gestos e disciplina o corpo.

Se se pode considerar, com Foucault, este momento histórico como o da gênese, é Vigarello (2008, p. 198) quem vai correlacionar o treinamento ao esporte, de sorte a revelar como treinamento e modernidade se imbricam numa modalidade de movimentar-se nascente em fins do séc. XIX. Segundo o autor, o treinamento era visto, até 1885, como um desvio do útil, uma atitude egoísta e distante das necessidades e problemas “reais”. Mas a esportivização crescente residia numa “dupla originalidade” (se comparado às atividades tradicionais: ginásticas de solo, danças e jogos diversos): “uma visão sempre mais técnica e mecânica do movimento, uma visão sempre mais ordenada do treinamento”.

A ordem do treinamento implica na submissão do corpo a uma cientificidade que a matemática concentra: o corpo treinado é o corpo medido. Tal aspecto já foi mencionado, pois disciplinamento e normalização caminham juntos no processo de “aperfeiçoamento” dos corpos. Vigarello (2008) vê, no treinamento, o corpo atravessado pelos modelos da sociedade industrial. Treinar e mover-se esportivamente são seguir as regras que a biomecânica e a fisiologia traçam: vetores, forças, durações.

Mas o treinamento se alarga e se aprofunda, pois não resume sua aplicabilidade ao gesto esportivo. Nas palavras de Vigarello (2008, p. 231):

O treinamento se tornou um mundo, um recurso especialmente particular onde se pensa que o sujeito ganha mais que antes em domínio, mas também em “elucidação” de si mesmo, se não em pleno desabrochar pessoal. Miragem de uma transparência a si mesmo, onde o corpo desempenharia um papel de protagonista.

Há no desenvolvimento do treinamento um componente psicológico fundamental, o do controle e cuidado de si, um trabalho mental que exige uma atenção interiorizada do corpo – na linguagem do CAP, propriocepção: percepção e conhecimento do corpo, de si e de suas capacidades de realização. Mas este mergulho em si – que revela princípios individualistas – não escapa ao segundo aspecto significativo do ser moderno, cujo tempo da técnica já revelou, a saber, o progresso infinito, os aumentos das capacidades indefinidamente: a transcendência. Discreto paradoxo de, a partir da experiência corporal, inventar um infinito.

Trabalho íntimo de efeito e origem coletiva, com pouco mais de cem anos de história, no qual o agente é paradoxalmente sujeitado aos conhecimentos científicos – sempre cobaia do saber de seu tempo –, o treinamento é, ainda, uma modalidade de desvelamento do corpo. Fórmula complexa que tecniciza e mecaniza corpo e gesto, ao mesmo tempo em que exorta uma humanidade transcendente. Saiamos agora destas premissas teóricas e passemos ao nosso campo de pesquisa.

Para pensar o treinamento esportivo no CAP, particularmente no CT do Caju, dividirei as reflexões oriundas da etnografia em dois grupos de trabalho complementares: a fisiologia e a preparação física. O que torna estas duas funções indissociáveis é o mesmo aspecto discreto que regula a relação funcional entre medicina e fisioterapia, ou seja, ao primeiro cabe a tarefa de diagnosticar e prescrever, ao segundo, ainda que uma autonomia na aplicação dos processos lhes seja imanentes, cabe a execução do planejado. Ademais,

no CAP, fisiologia<sup>163</sup> e preparação física são exercidas por professores de Educação Física, cuja formação básica comum e a especialização correlata acabam por gerar a organicidade necessária ao trabalho.

Esta organicidade é afirmada pelos profissionais de ambas as áreas e compõe a prática de trabalho e o discurso nativo sobre a prática, como pude acompanhar diversas vezes<sup>164</sup>. Em síntese, cabe a este grupo de profissionais realizar o planejamento dos diferentes ciclos de treinamento para a temporada, cabendo a cada uma das funções modos de atuação e princípios de organização específicos, ainda que para ambas as partes prevaleça o esforço conjunto de implementar na prática os conhecimentos técnicos e científicos provenientes das áreas de formação. No conjunto, há um trabalho coordenado entre um fisiologista e cinco preparadores físicos, sendo três atuantes na equipe profissional, um nos juniores e um último no juvenil. Cabe destacar ainda a presença do diretor técnico na composição do grupo, haja vista sua formação em treinamento: principal mentor do projeto de modernização do futebol do CAP no plano esportivo, exercida é claro, a partir da função de direção geral dos trabalhos no CT.

Antes de iniciar a descrição dos trabalhos destes setores, uma breve apreciação sobre o que são os ciclos de treinamento e como o mesmo se desenrola no CAP deve ajudar a compreender tanto os pontos centrais da minha investigação, quanto o tempo-espaço dos responsáveis por deixar os jogadores em condições físicas ideais para a prática do futebol profissional.

## **7.1 Os Ciclos de Treinamento**

O treinamento esportivo, baseado em princípios fundamentados pelos conhecimentos biomédicos, mais especificamente na fisiologia do exercício (que estuda os princípios de funcionamento orgânico em diferentes condições, notadamente do corpo em movimento) e na biomecânica (que estuda o corpo através dos princípios da física), organiza o calendário de treinamentos em ciclos estabelecidos de acordo com o calendário de competições. Para diferentes modalidades esportivas, cujas características variam de

---

<sup>163</sup> É comum (talvez o mais comum) encontrarmos médicos atuando nos departamentos de fisiologia dos clubes de futebol e, inclusive, lecionando nos cursos que formam professores e bacharéis em educação física.

<sup>164</sup> O desencontro entre fisiologia e preparação física é gerado em casos em que a chegada de um novo treinador se dá com a implantação de toda uma nova comissão técnica e portanto uma nova “filosofia de trabalho” (segundo o discurso nativo), e ainda, no caso específico em questão, de um novo preparador físico. Os conhecimentos de ambas as partes, preparador físico e fisiologista sobre os princípios (científicos) que regem o treinamento e a disposição do recém chegado de se integrar ao trabalho realizado pelo clube são o fiel da balança para que as coisas andem em conjunto.

acordo com as valências físicas necessárias para sua execução, ciclos de treinamento são previstos para que, no momento em que o atleta vá disputar sua principal competição, ele esteja no ponto máximo de seu rendimento.

Alguns ciclos são amplamente divulgados pelos meios de comunicação de massa, sendo os mais significativos o ciclo olímpico e os ciclos dos campeonatos mundiais. O futebol, entretanto, apresenta características particulares, pois durante toda a temporada há a exigência de que se alcance um nível de rendimento ótimo e que o mesmo se mantenha durante um período que é realmente muito longo. Maratonistas, apenas para tomar um exemplo, após realizarem uma prova de 42,125km, devem permanecer em recuperação durante um período aproximado de um mês, tempo no qual perdem a forma física, para que possam, cerca de três meses depois da prova realizada, estar em condições de participar de uma nova corrida em condições satisfatórias. Preparar-se para uma prova em particular, como as olímpicas, exige um longo planejamento que envolve ciclos de treinamento de diferentes tempos e intensidades para que se atinja os objetivos propostos.

Em linhas gerais, os ciclos de treinamento esportivo são divididos em: macrociclo, mesociclo e microciclo (MATVEEV, 1977). Os nomes já sugerem seus sentidos. O primeiro corresponde ao planejamento de treinamento visando uma competição específica e se desenrola num trabalho de longa duração – que pode ser de quatro, seis, oito ou mais meses. O segundo é o ciclo mensal e o terceiro o ciclo semanal. Considerando variáveis físicas e fisiológicas bastante diversas, os ciclos se organizam a partir de um princípio lógico: a melhoria do rendimento atlético (físico, técnico, tático e psicológico) até o máximo das capacidades quando da disputa da competição alvo.

Para ilustrar, considerando um campeonato de natação em agosto, as atividades iniciadas em janeiro, após terminada a temporada do ano anterior, deve estabelecer metas de desenvolvimento atlético – no caso da natação as metas são estabelecidas pelo tempo realizado pelo atleta em sua prova – para atingir o auge de suas capacidades no período competitivo. Assim, microciclos e mesociclos são pensados com vistas a este fim último, quando deve se dar a competição mais importante do calendário. O cálculo dos esforços, da quantidade e da qualidade de treinos é bastante rigoroso e complexo, não cabendo aqui seu detalhamento. Basta pensar que é necessário levar em conta aspectos como: idade, nível da competição, características físicas e técnicas do atleta (força, velocidade...), aspectos fisiológicos gerais e particulares, alimentação, carga de trabalho e repouso, etc.. formando um número bastante grande de variáveis.

Um exemplo de microciclo de treinamento de 1914 – a época ainda não se usava esta nomenclatura – publicado na revista *La vie au grand air* e reproduzido por Vigarello (2008, p. 204-5) para jogadores de futebol demonstra, ainda que em seu início, a ordem, a precisão e o controle do tempo e dos gestos que as prescrições do treinamento implicam:

#### Terça-feira

- Pela manhã (10:30h): cinco minutos de movimentos respiratórios, quatro corridas de 50 metros, depois uma de cem metros. A seguir, quinze minutos de cultura física geral e, no fim, ducha.
- À tarde (15h): duas corridas de 50 metros e uma de 200 metros. Depois quinze minutos de punching-ball e, no fim, banho de chuveiro.

#### Quarta-feira

- À tarde: trabalho com bola começando com cobranças de pênaltis...

#### Quinta-feira

- Pela manhã: mesmo trabalho de terça de manhã, algumas vezes com uma caminhada de sete e oito Km no campo...
- À tarde: mesmo trabalho de terça.

#### Sexta-feira

- Descanso, o peso dos jogadores é registrado e vigiado.

Minhas conversas com os preparadores físicos, o fisiologista e com o próprio diretor técnico do Atlético alertavam para um problema na preparação de jogadores de futebol, qual seja, o fato de não haver, num calendário tão extenso e desgastante, competição alvo. Como já mencionei, o atleta profissional de futebol deve estar em condições ótimas durante toda a temporada de competições. Para isso, um planejamento que se adeque aos obstáculos, considerando o volume de jogos, as incertezas dos calendários e os diferentes aspectos da competição – posição na tabela da classificação, disputa de jogos decisivos, contusões, variações no elenco – é iniciado com a avaliação dos resultados obtidos no ano anterior.

Desta avaliação, perfis, volumes e intensidades de treino – por sessão, por dia, por semana e por mês até se encerrar o calendário – são pensados pelos profissionais do clube. Na percepção geral dos atletas do CAP, sobre os quais se incide as prescrições das ciências do treinamento, as diferentes etapas – ainda que seus princípios não lhes sejam de conhecimento pleno, a não ser por um saber corporal que pratica – são importantes e necessárias. A despeito disto, é óbvia a alegria com que se deslocam em direção ao campo para trabalhos técnicos com a bola em contraste com o andar pesado que os movem aos trabalhos físicos – mesmo que a alegria seja um componente ordinário da vida do CT.

Deste breve esclarecimento sobre o princípio temporal do treinamento passo a trabalhar sobre os profissionais, suas práticas e saberes na prescrição, organização e condução do treinamento esportivo. Quanto aos ciclos de treinamento, torno a mencioná-los durante o percurso que ora se inicia.

## **7.2. Fisiologia**

Minha estada no CT não seguiu o calendário regular das competições no Brasil. Cheguei ao final do primeiro terço da temporada, em 2006, de modo que não acompanhei a pré-temporada daquele ano. Entretanto, prolonguei minha estada em campo até o início de 2007, quando então pude etnografar, após as férias dos jogadores – e meu “recesso natalino” –, este momento significativo da preparação de uma equipe de futebol. Para descrever o processo que envolve fisiologia e preparação física, seguirei, então, não a cronologia de minha estada em campo, senão a organização dos ciclos de treinamento, desde o seu planejamento até sua conclusão ao término da temporada de competições.

Ao término da temporada de competições (que em 2006 coincidiu com o final do Campeonato Brasileiro e a eliminação do Atlético da Copa Sul-Americana), os responsáveis técnicos pelo futebol iniciam a avaliação do ano e o planejamento para a nova temporada. Não é uma tarefa muito simples, ao se pensar o conjunto de problemas a serem equacionados: contratação ou manutenção da comissão técnica, contratação e dispensa de jogadores, prioridades de investimento – humanas, materiais, etc. – reordenação dos trabalhos que na avaliação deixaram a desejar, projetos novos etc..

Tratando especificamente do grupo de jogadores das diferentes categorias e o planejamento da preparação física – e da técnica e tática também, pois no espírito do CAP estas são indissociáveis –, as reuniões envolvem toda a comissão técnica (diretor técnico, técnico e auxiliar técnico, preparadores físicos e fisiologistas, pelo menos) e, pensando no calendário competitivo para o ano (em 2007, para os profissionais: Campeonato Paranaense; Campeonato Brasileiro e; Copa Sul-Americana), que é o ponto sobre o qual o planejamento se articula, distintas etapas de preparação são planejadas.

Seguindo então, como mencionei, o calendário de preparação e trabalho organizado pelo CAP, tratarei dos aspectos gerais destas formas de treinamento, tendo sempre como horizonte o problema desta tese, a relação corpo-máquina no treinamento esportivo, e o

suporte teórico principal que agora emprego, a implantação do biopoder na ordem do futebol através do treinamento esportivo cientifizado.

Por diferentes motivos cheguei atrasado ao início da pré-temporada. Programado o retorno para o dia dois de janeiro, imaginava que na primeira semana seriam feitos os exames médicos iniciais, para, já na segunda semana de trabalho – quando voltei ao campo – acontecerem os testes ligados ao treinamento, que efetivamente mais me interessavam. Assim entendi, quando de minha conversa com Dr. Batista. Fui surpreendido pela própria tecnologia que pretendia investigar. Num só procedimento, os exames clínicos gerais e os de aptidão física básicos, que liberam os atletas para o treinamento, se realizaram. Ainda assim pude acompanhar alguns testes retardatários.

A pré-temporada é um ciclo de treinamento que visa realizar a recuperação física dos atletas, haja vista os mesmos terem gozado um período de férias e, portanto, parado as atividades físicas ou reduzido muito. Mas não se trata apenas de recuperar os atletas fisicamente, deve-se também, através de um planejamento bem realizado, e para que o processo de recuperação das qualidades e valências físicas se dê a contento, estabelecer uma base segura de intensidades e cargas de trabalhos que dêem o suporte para que o jogador possa enfrentar toda a temporada de competições. Não pretendo mergulhar na teoria dos princípios fisiológicos gerais ou específicos dos quais estes trabalhos são a aplicação<sup>165</sup>, apenas registrar que é na interioridade do corpo perscrutado pelo saber científico da fisiologia e do treinamento e de seus procedimentos correlatos que o planejamento e a execução do mesmo se dão.

Pode ser dividida em três etapas, a pré-temporada de 2007. A primeira, os testes físicos, procuram identificar a qualidade atlética do jogador quando do retorno das férias para prescrever as cargas de trabalho: responsabilidade do fisiologista. A segunda, o planejamento e a implantação destas cargas de trabalho para a recuperação física (trabalho de base): fisiologista e preparadores físicos. A terceira, retorno ao trabalho técnico e tático, sempre tendo como horizonte o planejamento prescrito pela fisiologia: técnico da equipe e preparadores físicos. Evidentemente as responsabilidades se dividem, na medida em que se trabalha em conjunto. Apenas aponte os principais responsáveis por cada etapa.

Para não tornar a descrição dos processos de treinamento demasiado longa e repetitiva, apenas destacarei do restante da temporada o que houver de novidade ou

---

165 Para um aprofundamento nestas questões ver, por exemplo: Gomes & Zakharov, 1992; Platonov, 1984; Matveev, 1977.

diferença. A rigor, os procedimentos tecnocientíficos agenciados durante a pré-temporada se repetem durante todo o ano, em menor ou maior intensidade, constituindo o macrociclo de treinamento que o futebol hoje tende a adotar. Passo a descrever cada uma das etapas de trabalho.

### **7.2.1. Os testes físicos:**

Um dos períodos mais difíceis de se enfrentar quando se é atleta, e no caso do futebol não é diferente, é o dos exames e testes físicos. Durante estes trabalhos o corpo é intensivamente investigado, seja através de máquinas escritoras, que procuram, através do mergulho no interior do corpo, as verdades da fisiologia momentânea, seja através de exaustivos testes de esforço, que levam o corpo ao limite: submáximo e/ou máximo. O objetivo de prescrever a intensidade correta da atividade para cada jogador, de acordo com suas condições diagnosticadas, leva a efeito procedimentos intensos que geram dor, fadiga, estresse e, ou mesmo, lesões.

Dois modos de se investigar a verdade do corpo são implementados. Um, “objetivo” – “impossível de que haja engano ou erro”, segundo meus interlocutores (preparadores físicos) –, se dá através da conexão do corpo examinado com as máquinas escritoras. Outro, mais complexo, pois envolve não apenas uma tecnologia menos sofisticada, mas também a subjetividade do atleta, se dá através dos “testes de campo”, onde se corre, salta, utiliza pesos, etc. e cujos resultados podem ser distorcidos (ou manipulados) pelo empenho com que o atleta se dedica a tarefa.

Uma vez liberados pelo departamento médico para a realização de atividades físicas, o que, como mencionei anteriormente, ocorre após os exames cardiológicos e morfofuncionais gerais, os atletas passam aos testes físicos mencionados. O primeiro e mais importante exame está relativamente banalizado, em termos visuais, pelos meios de comunicação. Atletas correndo em esteiras elétricas com eletrodos pelo corpo e máscaras que parecem com as de pilotos de avião caça são freqüentemente apresentados quando se trata de falar da preparação de atletas. Em linhas gerais é esta mesma a forma figurada do evento. O que ele significa é, todavia, o que é restritamente partilhado. Especificamente, é isto que interessa.

Observando os atletas na esteira, desde a colocação dos eletrodos, início da caminhada e alteração dos ritmos de passadas, até a atenção com que acompanha o médico

e o fisiologista responsável é possível perceber uma parcimoniosa conexão entre os elementos do conjunto. Se médico e fisiologista se preocupam em cumprir os protocolos, realizar todas as etapas dos testes e estabelecer os resultados com a máxima precisão possível, ao atleta cabe duas funções: a primeira, ligar-se a maquinaria através dos eletrodos, completando um circuito bio-eléctro-mecânico conectado a computadores que revelarão a verdade do corpo atlético através da escritura de nomes e números em papéis; a segunda, cumprir as obrigações rítmicas através das passadas impostas pela máquina que o faz caminhar ou correr.

À primeira vista, todo o controle parece ser exercido pelos especialistas, que ajustam a máquina as exigências protocolares dos exames, fazendo com que os atletas tenham que cumprir um ritmo que lhe é externo. Visto de outra maneira, mesmo os especialistas apenas operam com base naquilo que a própria máquina é capaz de escrever, regulada pela própria lógica de seu funcionamento. Mesmo que os especialistas detenham um conhecimento científico sobre os parâmetros médicos e fisiológicos fundamentais para (hoje) se realizar o treinamento esportivo com segurança, seu repertório de ações é traçado pelo “diálogo” que o corpo trava com a máquina que perscruta, escreve e inscreve. Para que o processo funcione, é preciso a antecipação daquela normalidade cujo sentido foi dado por Canguilhem (2006).

Saliento, sem nenhum espanto, que toda a atividade é realizada pelos atletas com a maior naturalidade e desenvoltura. Conectar-se à máquina através de eletrodos não incomoda (tirando o fato, para alguns, de ter que raspar os pelos do peito: um incômodo que pode estar ligado, inclusive, a intromissão na sua masculinidade). Já a máscara, que captura o ar respirado proporciona, para alguns atletas, um certo desconforto, uma espécie de claustrofobia, dada a dificuldade relatada de se acostumar a respiração nestas condições. Assim, há, salvo exceções que podemos incluir mais na esfera da psicologia do que da antropologia, uma interação regulada e tranqüila entre aqueles que se submetem aos exames e as máquinas que se conectam e investigam. Estes testes, que revelam aspectos como volume máximo de oxigênio (VO<sub>2</sub> máximo), limiar aeróbio, limiar anaeróbio etc., que servem para a prescrição dos treinamentos, tem uma duração aproximada de sete minutos, dependendo sempre das condições físicas do examinado.



(Foto 9: Exame cardiológico e teste físico concomitante – Máquina alemã: METAMAX 33 da CórteX - Foto cedida pela comissão técnica.)

A equipe de futebol é testada em seqüência regular, gerando a oportunidade de se acompanhar os testes dos outros atletas. A foto acima ajuda a ilustrar o ambiente no qual o teste de esforço na esteira se realiza. Enquanto um dos atletas é testado, sob a supervisão de um médico cardiologista – que além de regular a máquina realiza o controle da pressão arterial – ao fundo um outro jogador é preparado – estão sendo colados os suportes dos eletrodos – e outros dois atletas conversam descontraidamente, aguardando seus momentos de serem testados. A foto tem uma característica elucidativa, também. O atleta que corre na esteira, em primeiro plano, tem sua imagem distorcida, propiciando a noção de movimento, ainda que não possa transmitir sua intensidade.

A ciência do treinamento e as biociências são especializadas no interior dos corpos. Este saber precisa ser escrito, (cada vez mais através de máquinas escritoras e inscitoras) para que possa se prescrever o tratamento e o treinamento. Por outro lado, dada a tranqüilidade com que os atletas das diferentes categorias lidam com os testes há, em minha análise, a percepção de que as máquinas são incorporadas, tanto em sua concretude maquina quanto como dispositivo escritor de verdade. Ligadas ao corpo por uma necessidade cientificamente justificada, são incontestáveis. Há mais impasses sobre o que ela escreve do que o fato de que escreva, de que seja uma visão invasiva e translúcida da verdade do corpo.

O que chamo de impasse é, na realidade, a preocupação, como para qualquer pessoa, com o resultado que a objetivação cientificamente justificada da máquina escreve. Tal preocupação se eleva quando e principalmente é necessário se repetir os exames. Neste ponto, como sugere o Prof. Oscar, fisiologista do clube: “isto não difere de qualquer mortal”. Por outro lado, os exames e testes são obrigatórios: “não tem choro, tem que fazer”. Como já mencionado, é o poder biomédico que decide quem está apto a ser jogador de futebol profissional, portanto, ainda que haja preocupação quanto aos resultados, a crença neste saber sobre o qual os atletas desconhecem os fundamentos e a lógica os faz submeterem-se.

E mais. A maioria dos testes é realizada durante todo o ano (com exceção dos cardíacos), numa rotina interminável de diagnose e intervenção sobre os corpos. Os próprios especialistas em treinamento e testes (fisiologistas e biomecânicos) reconhecem a interferência dos testes na vida dos atletas, mesmo não se tratando de casos de doença ou qualquer questão grave, senão somente uma má forma física. É interessante notar que evitam os testes em tempos nos quais as competições estão em fase decisiva ou complicada, pois o atleta pode ser afetado psicologicamente por um mau resultado nos testes. O corpo, mensurável, reclama sua tranqüilidade para trabalhar.



(Foto 10: Atleta faz o teste na esteira – foto cedida pela comissão técnica)

Tudo o que se espera é que a máquina realize sua função. Ao inscrever no corpo um ritmo, uma pulsação e as alterações fisiológicas desejadas, escrever relatos daquilo que ela procura: saber sobre a vida interior do corpo. Produzindo gráficos de sístole e diástole, captando o descompasso entre ventilação e respiração<sup>166</sup>, controlando o fluxo sanguíneo e a pressão arterial, descortina os limites da fisiologia corporal, base sobre a qual a ciência do treinamento prescreverá suas rotinas.

Mas a foto acima, que estampa o olhar arregalado e o suor no pescoço, denota uma questão fundamental, sintetizada por José Luiz, lateral direito do CAP: a chegada ao limite fisiológico. Numa conversa que tivemos logo após a realização de seu teste, perguntei sobre como fora, sobre os equipamentos, o uso dos eletrodos, o médico ao lado medindo a pressão arterial, etc.. Sua resposta foi simples: “isso é tudo tranquilo. O problema é quando a máquina inclina”. Pois bem, o teste é simples: enquanto a esteira dita o ritmo das passadas, as condições fisiológicas já mencionadas são controladas. A cada minuto a velocidade da esteira aumenta e em determinado tempo começa a inclinar em aclave. Para que os parâmetros do teste sejam válidos, é preciso que o atleta seja levado ao limite de suas capacidades atléticas. Este esforço final, sob condições físicas extenuantes e simulando uma subida é o ponto no qual o corpo chega ao limite, e a máquina realiza sua dupla função de inscrever e escrever.

A objetividade do teste, todavia, aquilo que o torna incontestável, é o fato de que, como revela Arison Grassmann, preparador físico, “independente de o jogador gostar de mim ou não, de ele estar disposto a realizar o teste ou não”, uma vez que ele atinge o seu limite fisiológico, dado pelo descompasso ventilação-respiração, o ritmo cardíaco, etc. a máquina registra e estabelece a verdade que não pode ser omitida. A invasão do corpo e a descoberta de seus fluxos e intensidades se dão independente da vontade de quem é testado. Estes, a meu ver, são os pontos chaves de minhas observações entre a relação corpo-técnica-ciência-máquina, a saber, a natureza limitada do corpo e a invasão (incorporação) da maquinaria neste. Tratarei desta questão um pouco mais adiante.

Outras pequenas máquinas são postas em ação em outros testes específicos. Freqüencímetros, que captam o ritmo cardíaco e o transferem para um relógio e medidores de ácido láctico, que colhem no sangue – através de uma agulha acoplada ao equipamento –

---

<sup>166</sup> Do ponto de vista fisiológico, a ventilação é o processo de inspiração e expiração de ar dos pulmões. Já a respiração se dá a nível celular, na troca gasosa entre os capilares e os alvéolos.

a quantidade de ácido láctico (um subproduto da atividade física) indicam, através dos valores encontrados, o esforço realizado, bem como a capacidade física do atleta fazem parte da rotina dos atletas. Com facilidade estes equipamentos são incorporados e seu domínio e o domínio de si frente a eles é uma realidade invulgar. Dito isto, decorre uma conclusão preliminar: o problema, por um lado, está na máquina em si, por sua filiação a técnica – por aquilo que obriga desencobrir; por outro, está no limite imposto e suportado pelo corpo, ou seja, na natureza.

A segunda modalidade de testagem para, repito, saber as condições físicas em que os atletas se encontram, são os testes de campo. Estes são realizados, na maioria das vezes, com o uso do freqüencímetro, além de cronômetros, trenas, compassos de dobra cutânea e balanças entre outros equipamentos disponíveis para medição: da anatomia, da velocidade, da distância, da gestualidade, etc.. Cada uma destas medidas gera os dados que funcionam como variáveis calculáveis da verdade corporal. A normalidade da espécie fornece os parâmetros sob os quais os indivíduos serão classificados, hierarquizados e diferenciados.

Uma descrição exaustiva dos testes não nos ajudará a compreender a questão mais do que alguns exemplos. Assim, tratarei de apresentar alguns testes que considero significativos, seja pela sua singularidade e estranheza, seja pelo esforço físico exigido, seja ainda pelas qualidades atléticas que a atividade busca caracterizar, ou, ainda, pelos parâmetros que medem os esforços de cada atleta. Um aspecto importante, neste tipo de trabalho, é que ele depende em grande medida (senão inteiramente) da disposição do atleta em realizá-lo. Estar disposto a se esforçar ao máximo, de chegar ao seu limite: problema difícil para a comissão técnica resolver. A planilha a seguir apresenta alguns dos dados obtidos durante os testes realizados na temporada e as devidas medidas a serem tomadas em virtude dos resultados obtidos, ilustrando a questão.



**FICHA DE TESTES**

Nome:				Apelido:	
Nascimento:	/ /1976	Idade:	29,96	Local:	São Paulo
Categoria:	Profissional			Posição:	Volante/Meia



**ANTROPOMETRIA**

Data da Avaliação:	2/5/2006		Estatura(cm):	183,2	Massa (kg):	79,200
DIÂMETROS ÓSSEOS (cm)	Biepicondiliano do úmero:	7,5	Biestiloidal:	5,7		
	Biepicondiliano do fêmur:	10,1	Bimaleolar:	7,4		
CIRCUNFERÊNCIAS (cm)	Braço:	27,2	Cx. Direita:	55,2	Cx. Esquerda:	55,4
	Antebraço:	26,0	Pt. Direita:	38,5	Pt. Esquerda:	38,3
DOBRAS CUTÂNEAS (cm)	Triceps:	12,8	Subscapular:	13,3	Suprailíaca:	13,9
	Abdominal:	12,7	Coxa:	12,0	Panturrilha:	13,9

**COMPOSIÇÃO CORPORAL**

ABSOLUTA (kg)	MASSA	68,234	MASSA	10,966	MASSA	43,640	MASSA	4,479	MASSA	20,115
RELATIVA (%)	MAGRA	86,15	GORDA	13,85	MUSCULAR	55,10	ÓSSEA	5,65	RESIDUAL	25,40

**TESTES FÍSICOS**

VELOCIDADE 30M (s)	PARADO	0-10M:	1,720	10-30M:	2,480	TEMPO TOTAL:	4,200
	LANÇADO	0-10M:	1,340	10-30M:	2,340	TEMPO TOTAL:	3,680

AGILIDADE (s):	5,880	data:	3/5/2006
----------------	-------	-------	----------

SALTO VERTICAL (cm):		SALTO HORIZONTAL (m):	13,98
data:		data:	3/5/2006

FLEXIBILIDADE (°):	DIR.	FLEX.	110	ABD.	55	FLEX.	20	DORSO	20
	ESQ.	QUADRIL	112	QUADRIL	51	PLANTAR	25	FLEX.	17

300M (S)	0-30	30-60	60-90	90-120	120-150	150-180	180-210	210-240	240-270	270-300	TOTAL	FC.máx	LAC.máx
	4,56	4,22	4,26	4,39	4,50	4,55	4,58	4,90	5,20	5,38	46,54	180	12,7
	92,1%	99,5%	98,6%	95,7%	93,3%	92,3%	91,7%	85,7%	80,8%	78,1%	46,54	180	12,7

LIMIAR ANAERÓBIO	LAC.rep.	LAC.12	FC.12	LAC.15	FC.15	LAC.máx	FC.máx	Vel. Limiar	FC. Limiar
	2	3,7	160	6,6	181	-	-	12,3	162

RESISTÊNCIA AERÓBIA	TEMPO (s)	VO2 máx	VEL. MÉDIA (km/h)	FC. Máx
	831,00	52,3	13,9	180

## **PARECER DAS AVALIAÇÕES DO ATLETA “Joaquim”:**

- 1) Antropometria e composição corporal:** apresenta resultados normais.
- 2) Flexibilidade:** apresentou restrições na musculatura posterior da perna (dorso flexão), sem comprometimento.
- 3) Testes físicos (tabelas em anexo com ranking do grupo atual):**
  - 🕒 **BOM** nos testes de velocidade (30 metros), **REGULAR** no testes de força de membros inferiores, resistência aeróbia, testes de agilidade e potência anaeróbia.

### **CONSIDERAÇÕES:**

O atleta deverá ser submetido a treinamentos específicos de força (está sem treinamento específico há mais de quatro semanas), velocidade e resistência anaeróbia para poder desempenhar melhor sua função de volante, com uma previsão 20 dias para melhoras nos seus resultados.

(Relatório da Condição Física do Atleta “Joaquim”: cedido pelo CAP)

Um teste que me chamou bastante atenção foi o “Ioio”. Este consiste em realizar corridas numa pista de 20m, ida e volta (portanto 40m), com intervalo de 10” para recuperação antes do início de uma nova carreira. O tempo para o cumprimento do percurso é designado por um bip eletrônico, que dita o ritmo da corrida. A medida que o teste avança, menor o tempo para percorrer os 40m. O bip é precedido pelo aviso em voz quase metálica do tempo proposto e a ser seguido. É, para minha sensibilidade, um processo irritante. A distância percorrida (o tempo de duração do teste), associado a frequência cardíaca atingida são os dados que servem a análise da qualidade física que interessa: resistência anaeróbia. Há, na execução destes testes, uma imprecisão causada pela má execução por parte dos atletas: não obedecem ao bip, não retornam no ponto em que deveriam (portanto não cumprem os 40m) e, regularmente, apesar de os atletas estarem atrasados em relação ao bip (pois quando o mesmo toca devem estar na área de retorno), o que deveria determinar o fim da atividade para o “atrasado”, o teste continuava.



(Foto 11: Atletas juniores realizam o Ioio. A foto capta o ponto de retorno dos 20m – Foto do autor)

Retomando o sentido objetivo dos testes, um dos preparadores físicos frisou, entretanto, que há testes que não podem ser burlados – manipulados (roubados, na linguagem dos jogadores) – e é com estes protocolos que se procura trabalhar. Por exemplo, “o limiar aeróbico, realizado na esteira através da espirometria, não vai mudar o resultado se o atleta estiver feliz o triste”. Ou seja, as máquinas escritoras/inscricoras não falham.



(Foto 12: Jogador terminando o teste. Notem-se duas coisas: a) o mesmo já está sozinho na pista, portanto, é o último e o de melhor desempenho. b) A expressão de esforço e cansaço – Foto do autor)

Um outro tipo de teste campo, se dá pela realização de corridas curtas - tiros de 30m – numa pista marcada na grama. Dois pares de foto sensores marcam o início e o término do percurso. A informação do tempo gasto pelo atleta é imediatamente enviada ao computador em m/s. Os freqüencímetros marcam a intensidade do esforço através da medida da freqüência cardíaca<sup>167</sup>. Também este teste tem seus problemas. Independente de ser intencional ou não, os jogadores tendem a diminuir a intensidade da corrida quando perto do ponto de chegada, quando o teste exige que se atravesse o ponto final em velocidade máxima. Este pequeno roubo já provoca alterações nos resultados. Um dos atletas, zagueiro recém chegado ao clube, visivelmente se poupando (“travado”) durante os testes, com recorrência mencionava que “qualquer coisa sentiria alguma dor”.



(Foto 13: Teste de velocidade – 30m. Este pesquisador ao fundo – Foto do CAP)

Interessante ver que os testes são estimulados pela comissão técnica com gritos de “vai”, “isso”, “tudo agora”, “muito bem”, etc. Chamou-me atenção (e não deixou de ser tratado por alguns jogadores de maneira jocosa) o fato de um dos preparadores físicos, acompanhando os testes (de fato ele não consegue participar dos trabalhos que coordena senão intensamente), fazer a mesma cara de sofrimento que o atleta, normalmente mais ao fim do esforço, acabava por expressar. (talvez uma atitude mimética que implique em um estar junto e por seu saber, conhecer e respeitar o sofrimento de quem está em teste).

---

<sup>167</sup> Número de vezes que o coração bate em 1min.

Testes de esforço prolongado, de resistência muscular localizada e de força também compõem esta bateria de dispositivos que procura nas respostas corporais sua condição orgânica geral e os passos a seguir. Algumas imagens dos testes de força na musculação revelam espasmos corporais, perdas de controle – dos movimentos, da respiração, da coordenação motora ampla – e sofrimentos que são parte integrante desta fase de treinamento. No limite, dor e sofrimento são experiências concretas desta fase, vividas com “resignação” (haveria expressão melhor?) em nome de uma causa futura.



(Foto 14: Teste de força: membros superiores – Foto do CAP)



(Foto 15: Teste de força na musculação: membros inferiores – foto do CAP)

É realmente possível perceber quem se entrega aos testes e como ele é realizado. A comissão técnica logo o percebe (quando é um novo jogador) e conhece muito bem os “da casa”. Conversando com o fisiologista sobre o que se faz com estes testes – invalidados devido ao baixo empenho dos atletas – o mesmo responde: “mostro o teste e digo: quem tu achas que estás enganando” e “realizo um novo teste”. É o resultado objetivado pela escritura matemática dos dados coletados objetivamente, não as pessoas, que desmascara o atleta que “rouba”. (Talvez como um professor que diz que não dá baixas notas, é o aluno que as tira). Porém, mais de uma vez o computador que controla alguns dos testes teve problemas e os mesmos foram realizados no cronômetro e no “olhômetro”. A perda da precisão parece não invalidar o procedimento, haja vista que nuances de rendimento (performance?) parecem estar previstos.

Por fim, vou tomar um exemplo individual de participação nos testes para terminar a reflexão sobre os mesmos. Márcio, preparador físico, corroborou uma impressão que eu tinha com referência aos testes físicos. Estes servem para avaliar as condições atléticas dos jogadores dando suporte para o trabalho dos fisiologistas e preparadores físicos para que se possa implementar programas de treinamento específicos. Chamou minha atenção o fato de que um dos jogadores do elenco profissional estava sempre no “vermelho”, ou seja, abaixo das condições físicas ideais (segundo os testes). Tomando por base o fato de que o mesmo era titular da equipe,leticamente bem capacitado e jogar numa posição (volante) cuja exigência física é muito grande, tornava-se suspeito seu desempenho nos testes.

De fato, este jogador não levava os testes a sério, fazendo marcas menores do que as que poderia se o desejasse. Sua justificativa, ao que parece, e segundo relatou-me o prof. Márcio, é de que aquilo não mudava nada. Ou seja, independente de seu desempenho, os treinos continuavam os mesmos e sua posição no elenco se mantinha idêntica. Entretanto, este “não muda” também se torna um problema. Como já mencionei, o futebol é um sistema em equilíbrio instável: quais as garantias que um atleta tem de que não haja mudança?

Visto sob a perspectiva corporal, há, como pano de fundo, um agente que se percebe. O auto-conhecimento de suas possibilidades corporais de se-movimentar – tática, técnica e física – acaba por ser a medida sob as quais orienta sua conduta. Por outro lado, o fato de haver um reconhecimento da comissão técnica de suas capacidades e habilidades (joga como titular) lhe dá uma certa margem de segurança para proceder sem muita preocupação nos testes físicos. Esta observação, que resulta da estada em campo em 2006,

podem ter sido postas em xeque em 2007, pois que havia uma disposição da comissão técnica de aprofundar o trato científico do treinamento.

Dadas estas observações, sugiro que as variáveis que podem interferir na relação dos jogadores com a ciência e a técnica são muitas: desde traços de personalidade até a falta de compreensão do que se passa. Mas talvez se possa inferir algum padrão, qual seja: quanto mais incerta a posição do jogador no campo futebolístico do clube, quanto mais sujeito as oscilações do sistema, e o inverso simétrico, quanto mais seguro no sistema, menos o jogador se empenha nos testes que servem a avaliação e controle dos jogadores. Do mesmo modo, num limite muito difícil de traçar, quando o jogador está ajustado ao sistema, e, portanto fora dos extremos, maior a tendência a cumprir as obrigações dos testes.

Isso não é tudo, porque o sistema etário impõe condições diferentes aos atletas. Ao pensarmos em toda a estrutura do clube, a categoria de base nunca está em condição segura se a compararmos aos que já são profissionais. Mas se tomarmos as categorias como esferas relativamente autônomas, veremos que o modelo pode ajudar. É assim que atletas das categorias de base tendem a se dedicar mais ao testes físicos e se adequar mais ao sistema do que atletas profissionais. Do mesmo modo, atletas em nível de seleção (há vários) e atletas preteridos tendem a diminuir seus esforços. Os atletas preteridos podem estar em dois grupos, os que estão preteridos, mas recebem estímulo e há a preocupação do grupo e da comissão técnica com seu retorno, e os que são preteridos e se sentem afastados e desvalorizados. Isto também implica em condutas diferentes frente às demandas da ciência e da técnica e às imposições do treinamento.

Pois bem, se há uma tentativa de, através da maquinaria que inscreve e escreve, realizar o controle rigoroso do corpo, recorrendo aos princípios regulamentados pela normalização, fazendo deste corpo o suporte de um investimento da técnica e da ciência, numa esfera que podemos chamar de biopolítica do esporte de rendimento; se há na interioridade transluzida um quê traduzível em números e; se se tem disponível esta natureza corporal limitada para a implementação do treinamento cientificamente organizado há, sem dúvida, modos de ajuste, regulação e resistência por parte dos jogadores, donos de uma agência que o corpo comporta e o sistema de relações estruturados em diferenças e distinções proporciona e faz circular.

Por fim, este período de testes que na pré-temporada se faz realizar é o mais violento para o corpo em se comparando com os testes de outros momentos do ano. Isto se dá porque os atletas, ao retornarem do descanso, são exigidos ao máximo – único modo,

segundo os especialistas em treinamento, de se conseguir reconhecer as condições físicas destes atletas. Assim, durante este período e o trabalho subsequente – do qual tratarei a seguir – o que se chama de base, levam o corpo a excessos arriscados, tendo por conseqüência um alto índice de lesões, além de dores generalizadas pelo corpo, uma vez desacostumado a rotina dos treinamentos.

### **7.2.2. A Preparação Física:**

Uma vez testados, avaliados, calculados e subdivididos em frações de tempo, diâmetros, litros e força, os corpos passam para uma segunda etapa no planejamento do treinamento: o trabalho de base. Isto significa dar aos atletas a dose exata de atividades físicas necessárias para que cada um individualmente e todos, coletivamente, alcancem a forma física ideal para poder iniciar os trabalhos técnicos e táticos. O planejamento, então, recorre a duas variáveis para que se confira os valores corretos às cargas de treinamento por sessão, diárias e semanais.

Por um lado, os estudos na área de futebol, feitos a partir da análise de partidas de futebol e campeonatos de diferentes regiões, produziu uma bibliografia básica que indica as qualidades físicas necessárias para se suportar os noventa minutos de uma partida na intensidade em que o jogo hoje se realiza (GOMES & SOUZA, 2008). Segundo os preparadores físicos, foram medidas as distâncias percorridas por cada jogador de acordo com a posição no campo, a intensidade e velocidade de cada deslocamento, o número de toques na bola, o número de chutes a gol, lançamentos e “chutões” (que implicam num uso maior da força), saltos, cabeçadas, etc.. Com estes dados, pôde-se então inferir um certo número de parâmetros básicos que orientam o planejamento de fisiologistas e preparadores físicos.

Por outro lado, o corpo atlético investigado pelos testes da pé-temporada – e de toda a temporada – indicam os investimentos que devem ser feitos pelos diferentes jogadores para a melhoria de seu rendimento. Para alguns, aumento de força e potência de membros inferiores, para outros, aumento na massa muscular de membros superiores, outros ainda, aumento da capacidade orgânica geral. A partir de um controle exercido sobre a população de jogadores – hoje em nível mundial – tem-se o modelo normalizador das capacidades físicas dos atletas do CAP.

Se cada jogador guarda características físicas diferentes, cada posição ocupada em campo requer aspectos singulares dos atletas, fazendo com que, de acordo com cada posição ocupada no gramado um certo perfil anatômico, fisiológico e funcional seja privilegiado e conseqüentemente estimulado pelo treinamento. Por suas características bastante destacadas, usarei o goleiro como exemplo.

Segundo meus interlocutores, neste caso os preparadores físicos e os treinadores de goleiro – geralmente um ex-goleiro – antigamente (tempo abstrato, que pode indicar inclusive o presente em equipes menos desenvolvidas cientificamente) os goleiros treinavam junto com os outros jogadores. Faziam as mesmas atividades físicas que os demais, ou seja, os exercícios propostos na preparação física eram idênticos para todos, e depois de realizarem a mesma bateria de atividades, iam para o gol para participar do treino com os demais jogadores. Hoje o trabalho se dá de forma muito diferente, ao menos no que me informam no CAP.

Primeiramente, genotipicamente, os goleiros devem ser altos. Assim, são realizados exames para determinar a capacidade de crescimento dos jovens. Uma vez constatada a altura ideal, o mesmo se inicia nos treinamentos. Quanto aos treinamentos, são realizados separados dos demais jogadores, pois as características físicas exigidas para um goleiro não são as mesmas do que as de um volante. Assim, o treino dos goleiros tem como aspectos centrais força, potência, velocidade de reação, elasticidade, tempo de bola e noção espacial próximo as traves, etc.. Ao contrário do que se praticava no “antigamente”, o goleiro pouco participa de atividades aeróbias ou de treinos de longa duração. Seu treino é longo, mas com exercícios de máxima intensidade e curta duração.

A especialização dos goleiros é apenas um exemplo do que vem ocorrendo em todas as posições em campo no futebol – segundo o discurso nativo, um tanto tardiamente, pois outros esportes já realizam treinos específicos por características físicas e opções táticas há bastante tempo, como o caso do voleibol ou do basquete, por exemplo. Desde o início da carreira, ainda nos primeiros passos, as características físicas dos jogadores vão sendo estudadas e estimuladas, preparando o futuro profissional. Assim, zagueiros altos e fortes, alas velozes (mas que não devem ter grande massa muscular nos membros superiores para não aumentar o arrasto de peso), volantes resistentes, atacantes habilidosos vão sendo forjados pelas características “biológicas” – ou tipológicas – identificadas e estimuladas pelo treinamento.

Como o trabalho de base tem por função preparar os atletas para suportar toda a temporada de competições, oferecendo-lhes o conjunto necessário de aptidões físicas, do

ponto de vista do atleta, de modo geral, este é um período de grande sofrimento. Primeiro porque, assim como nos testes, as exigências quanto aos esforços a se empreender são muito altas, segundo, e muito mais significativo, é o fato de o treinamento físico normalmente ser realizado sem a presença da bola, o verdadeiro motivo de estarem a jogar futebol, o grande brinquedo e a grande alegria de quem passa os dias num centro de treinamento.

Após um início bastante intenso, com testes de carga máxima e exercícios físicos exaustivos, a preparação física começa a dividir seu tempo com a preparação técnica e a tática, até tornar-se uma parte menor da distribuição do tempo durante a temporada. De todo modo, as atividades de força, velocidade, potência, resistência, aumento do volume muscular, etc. prosseguem e são suportes para o equilíbrio da equipe na competição. Oscilações na capacidade física do elenco são esperadas, assim como deve-se trabalhar com a chegada de novos jogadores ou recuperação de lesionados, por exemplo.

Como os ciclos de treinamento de futebol são diferentes das modalidades chamadas olímpicas – que tem uma competição alvo específica na qual o atleta deve chegar no máximo das suas condições – a partir dos testes e do trabalho de base os treinos passam a seguir os ciclos de jogo. Ciclos curtos que separam uma partida da outra e no qual a grande preocupação dos preparadores físicos é a manutenção das capacidades atléticas através de dois modos principais de trabalhar. O primeiro, realizar a recuperação física dos atletas após um jogo (seja através do descanso, seja através da recuperação ativa); o segundo, nestes intervalos em que os esforços dos jogos geram grandes perdas, realizar a manutenção das qualidades atléticas com a divisão calculada dos objetivos e seus exercícios específicos.

**PROGRAMAÇÃO SEMANAL DE: 24/04 à 30/04/2006 –  
(SUJEITA À ALTERAÇÕES)**

24/04	25/04	26/04	27/04	28/04	29/04	30/04
(SEGUNDA)	(TERÇA)	(QUARTA)	(QUINTA)	(SEXTA) 09:00h	(SÁBADO)	(DOMINGO)
09:00h	09:00h	09:00h		<i>APRESENTAÇÃO</i>	09:00h	<i>RETORNO</i>
TREINAMENTO	FÍSICO	FÍSICO	LIVRE	<i>PARA</i>	TREINAMENTO	<i>PARA</i>
PARA NÃO	MUSCULAÇÃO/ REGENERADOR	FORÇA PLIOMETRIA		<i>CONCENTRAÇÃO</i>	PARA NÃO	<i>CURITIBA</i>
RELACIONADOS				TÉCNICO/ TÁTICO	RELACIONADOS	
	15:30h	15:30h	15:30h	(GELO)	18:10h	
			TREINAMENTO	<i>VIAGEM PARA</i>	<b>BOTAFOGO/RJ</b>	
LIVRE	TÉCNICO/ TÁTICO	TREINAMENTO (COLETIVO)	(COLETIVO) (GELO)	<i>O RIO DE JANEIRO</i>	<b>X</b>	LIVRE
	(GELO)		<i>CONVOCAÇÃO</i>		<b>ATLÉTICO/PR</b>	
LIVRE	LIVRE	LIVRE	LIVRE	CONCENTRADOS	CONCENTRADOS	LIVRE

**PRÓXIMO TREINAMENTO:** 01/05/2006 (SEGUNDA-FEIRA) ÀS 15:30h –  
TODOS – CENTRO DE TREINAMENTO

(Quadro da Programação Semanal de Treinamento em Semana de Jogo: fonte – CAP)

Vista a grade semanal acima, tem-se que grande parte da manutenção atlética dar-se-á durante os próprios treinos técnicos e táticos e que, durante os aquecimentos para os treinos, ordenados pelos preparadores físicos, uma parte importante da manutenção física vai se realizando. Depois de atingir-se um patamar considerado ótimo durante o início da preparação física, manutenção é a palavra de ordem. Mas os testes continuam: controle de peso, VO2 máx., lactato, força permanecem como a referência para o planejamento da preparação física e para o trabalho do fisiologista e dos preparadores físicos.

### 7.2.2.1. A Musculação

Seria excessivo descrevê-la? Já não é bastante conhecida, inclusive por suas incursões midiáticas, a academia de musculação e ginástica? Ao que parece, uma sala de musculação é hoje tão bem conhecida em sua ordem interna, seu modo particular de organizar o espaço, que talvez não se precisasse esquadrihá-la. Porém, penso que, para além de se saber que existe um conjunto de máquinas e aparelhos dispostos ordenadamente, é necessário descrever seus usos, a ocupação ordinária pelos atletas e demais funcionários do CT e as complexas – ainda que aparentemente simples – relações destas máquinas e aparelhos com o corpo, daí sua importância.

A sala de musculação é um espaço visível. Com áreas envidraçadas – o que seriam paredes – em dois lados em oposição, é possível observar o movimento em seu interior. Afora um pequeno balcão com um computador e um fichário, onde o preparador físico responsável organiza suas atividades, na entrada à direita, toda a sala é dominada pelas máquinas. Seguindo um padrão normal encontrado nas academias de ginástica e musculação espalhadas pelas cidades, as máquinas estão dispostas de acordo com suas especificidades. Estas especificidades funcionais são de três tipos, em síntese: a) o grupo muscular ao qual a máquina está destinada; b) sua função fisiológica mais evidente e; c) suas medidas, ou seja, o tamanho do espaço ocupado pelas mesmas.

Sendo assim temos, ao adentrar a sala, a direita, coladas à janela – o que também caracteriza uma preocupação com o calor, a sudorese e os processos fisiológicos –, as esteiras e bicicletas ergométricas. Ladeadas ao final da fileira da parede e também em fila de frente àquela, estão os aparelhos que trabalham membros inferiores. Ao lado esquerdo, juntas das janelas e também em frente – formando uma fileira conjunta, mas de costas para as máquinas para membros inferiores – ficam as máquinas para membros superiores. Existem ainda espaldares, cordas, bolas e colchões. Na parede de entrada, à esquerda, ficam os alteres, em frente a um grande espelho. Em síntese, o que se tem é um núcleo e uma periferia formados por máquinas e uma área de circulação ao redor deste núcleo.

Algumas fotos podem ajudar a compreender este conjunto cuja ordem não é dada aleatoriamente, mas pensada através dos princípios descritos anteriormente, configurando um modelo planejado funcionalmente, nos quais, princípios ergonômicos, de utilidade e eficiência na utilização do tempo-espaço podem ser percebidos.



(Foto 16: Vista dos aparelhos à direita da entrada da sala de musculação. Foto do autor.)



(Foto 17: Vista dos aparelhos à esquerda da entrada da sala de musculação. Foto do autor.)



(Foto 18: Vista da sala de musculação a partir do balcão no qual trabalha o preparador físico. Foto do autor.)

As atividades realizadas nos aparelhos da sala de musculação cumprem funções específicas no treinamento esportivo, sendo algumas delas: aumento da força, da potência e do volume muscular; melhoria das capacidades cárdio-respiratórias – seja os processos aeróbios seja os anaeróbios –; colaborar na recuperação física pós jogo; realizar a parte mecânica da recuperação fisioterápica das lesões ortopédicas; etc.. O mais importante, para nosso caso, é avaliar os usos, através da relação corpo-máquina que se estabelece.

Como parece acontecer com a maioria das pessoas, a adaptação corporal à máquina – os aparelhos de musculação –, que por sua vez foi ergonomicamente pensada, se dá sem problemas. Como as “*farm machines*” de Henry Ford, as quais só podiam ser operadas de um jeito e implementaram, com o controle do tempo administrado estudado por Taylor, o sistema de produção em série, os aparelhos de musculação são desenvolvidos para que o corpo se acople e, neste entorno controlado, descreva no espaço os gestos que a máquina permite. Estas são, como denominei anteriormente, *máquinas inscritoras*.



(Foto 19: Juniores realizam trabalho na musculação nas máquinas para membros inferiores – foto do autor)

Não seria honesto não reconhecer que as máquinas também se adaptam aos corpos, uma vez que podem ser modificadas algumas dimensões das mesmas e mesmo os pesos são colocados a medida dos esforços possíveis a cada corpo. Entretanto, estas são operações não da máquina, mas previstas em sua ergonomia e planejadas de acordo com o corpo e o tipo de trabalho que se pretende realizar. A flexibilidade da máquina está restrita à sua funcionalidade e objetivos, portanto, é muito limitada.

Entretanto, alguns atletas, quando acabam de chegar ao CT, precisam se adaptar (e /ou acostumar) a estas máquinas, por razões diversas, tais como: a) há aparelhos diferentes conforme o fabricante; b) nem todos os atletas vêm de clubes que apresentam as mesmas condições materiais que o CAP e portanto têm pouca experiência na musculação; c) as exigências e cobranças dos profissionais do CAP são, em muitas ocasiões no trabalho muscular, bastante cuidadosas, o que pode não ocorrer em outros locais; d) há, por parte dos jogadores, uma certa indisciplina quanto aos trabalhos físicos e os cuidados a serem tomados nos aparelhos de musculação; etc<sup>168</sup>..

Não é apenas a máquina que regula o gesto e informa ao corpo sua especificidade. O saber científico sob o qual o trabalho muscular se realiza, determinado pelos princípios da biomecânica e da fisiologia, impõe aos atletas atados às máquinas os ritmos dos

---

<sup>168</sup> A prof. Carmen Rial constatou em sua pesquisa com atletas no exterior que alguns jogadores costumam acompanhar suas mulheres nas academias de ginástica, por ser essa uma das poucas atividades que elas realizam, afora as compras, e onde podem estabelecer contatos com a população local. A musculação então é vista como um momento de sociabilidade. No caso do goleiro Gomes, ele não pode continuar acompanhando a esposa à academia porque o clube proibiu-o, pois o atleta estava fazendo exercícios em excesso. )

movimentos, os esforços necessários aos fins objetivados, o período de descanso e de deslocamento de uma máquina a outra, o número de repetições e a quantidade de séries para cada exercício etc.. A máquina, realização de técnica, é contígua à ciência que sabe e prescreve os arranjos do desenvolvimento atlético corporal.

A máquina, é verdade, deixa uma brecha para a interpretação, por parte dos executantes, dos gestos possíveis. Entretanto, não para o objeto concreto e maquínico, mas para os conhecimentos que normatizam (e normalizam) a prática na academia de musculação, que é o saber cientificamente formulado, a subjetividade do atleta, ou melhor, a corporeidade reivindicada e exercida, acaba por ser erro. No gesto exigido não há permissividade. Em suma: a interpretação que nasce da própria experiência carregada no corpo é o erro; a máquina determina o gesto.

Ainda assim, nos interstícios das práticas, quando o volume de atividades e o número de jogadores na sala de musculação crescem, pode-se acompanhar o corpo a errar, o gesto impaciente a procurar o equilíbrio em si, na base corporal que o sustenta, não na máquina ou na ordem exterior. Concomitante, também se afirmam os gestos considerados corretos, equilibrados e justos em sua postura e movimentação. Não há menos corpo em um ou outro tipo de gesto, o que há é uma sabedoria do corpo que se nega a abandonar-se, e que pode, ao movimentar-se na e com a máquina, reafirmar sua posição fundante e inequivocamente originária da relação.

O aspecto que pretendo destacar nesta relação corpo-máquina é que o corpo não é tão somente um objeto visto, pensado e adaptado, como a máquina que está posta à disposição e ainda que tenha, até aqui, insistido neste aspecto da natureza corporal. O corpo é o ser-no-mundo, como propõe Merleau-Ponty (1994). E é o fundamento do modo pelo qual nos relacionamos com os objetos do mundo e as pessoas. Nossos movimentos são ações dialógicas com este mundo. Assim, o movimento que sou e que realizo, não necessariamente se agarra a consciência da máquina e a incorpora, mas reluta em deixar-se conduzir. Assim, neste ponto, o acoplamento homem-máquina e os movimentos decorrentes são uma síntese desta conjunção em que o corpo é o pivô.

### **7.3. Treino Técnico e Tático**

A retomada do contato com a bola, após praticamente um mês entre testes e exercícios físicos exaustivos é como um bálsamo no sofrimento vivido nos períodos

anteriores. Ainda assim, o retorno ao trabalho com bola é marcado, durante a pré-temporada, pela forte cobrança dos preparadores físicos quanto às atividades propostas. Pude acompanhar técnico e auxiliar técnico dos profissionais resmungando em tom jocoso: “quando é que vocês vão me deixar treinar meu time?”; e: “vocês passam com eles um tempão e os entregam deste jeito!” (doloridos, contundidos, cansados...). De fato, a ênfase no treinamento físico acaba por deixar os jogadores um pouco “duros”, com dificuldades no contato com a bola, o que vai ser recuperado aos poucos com o treino técnico.

O treino técnico-tático exige uma outra compreensão do maquínico (ou mecânico). Não é mais o corpo, desvelado em sua interioridade e tornado disponível que é pensado, senão o gesto, o movimento significativo do corpo, aquilo que se exterioriza, que é agora o foco dos investimentos. Os princípios de treinamento técnico, como pude perceber – e a despeito de os treinadores hoje, em sua maioria, terem formação em educação física, e, portanto, com certeza, mergulharam nos princípios da didática e da pedagogia do movimento humano – reproduzem sistemas tradicionais de ensino e aperfeiçoamento dos gestos, a saber, a repetição insistente do movimento<sup>169</sup>.

Este modelo de desenvolvimento das capacidades técnicas leva em conta o fato de que, ao repetirem-se insistentemente os gestos técnicos desejados, como máquinas a reproduzirem um programa que lhes é imposto pelo técnico programador, ou como Carlito em Tempos Modernos a apertar parafusos, obter-se-á a perfeição na mecânica do movimento, aumentando os acertos, a eficiência e a eficácia do jogador. Talvez não paradoxalmente, todavia, quando se trata da equipe profissional, este modelo pedagógico é menos a influência de uma pedagogia cientificamente organizada do que a resultante da experiência de ex-jogadores que os técnicos que vi passar no CT (e seus auxiliares) acumularam.

Se os testes fisiológicos exigem esforços extremos e a preparação física a repetição exaustiva das tarefas planejadas – de força, potência, resistência, velocidade – durante toda a temporada, a questão dos treinos técnicos-táticos esbarra num impasse, qual seja, é que a eficiência do jogo e as possibilidades do movimento humano dependem do par repetição e diferença. Ainda assim, considerando as variantes que qualquer jogo, por ser jogo, impõe, é na ordem sistemática do “de novo”, “mais uma vez” e/ou “até aprender” que a gestualidade é exteriormente comandada.

---

<sup>169</sup> Para críticas a estes modelos pedagógicos ver Kunz (1991; 1994), Bracht (1997a), entre outros.

Tal procedimento depende do que está inscrito na corporalidade do atleta a partir de suas características biológicas. É assim que se estabelecem padrões por classe de idades e modos específicos de atuação dos professores/treinadores. Tais categorias de idade foram indicadas na tabela da página 107, na qual as idades estão associadas a fases de desenvolvimento e a conseqüentes modos de intervenção.

Mas se gesto técnico do futebol é estimulado através dos conhecimentos provenientes sobre o corpo do atleta e de teorias do movimento embasadas nas ciências neurofisiológicas, como a “aprendizagem motora” e o “desenvolvimento motor”, é preciso investir muito neste conhecimento. A idade cronológica não é suficiente. Portanto, é preciso saber também sobre o nível de maturação biológica e, deste saber que se estabelece através de exames específicos (Raio X das epífises ósseas, observação do desenvolvimento dos genitais e da quantidade de pelos), criar prognósticos, estabelecer metas, treinar...

### **Prognóstico da Estatura Definitiva (PED)**

1. Passo - Conhecer a Estatura do Pai (**EP**)
2. Passo - Conhecer a Estatura da Mãe (**EM**)
3. Passo - Conhecer a Estatura Definitiva do Atleta (**ED**)

**Formula:**  $ED \pm 8 = (EP + EM + 13 \text{ cm}) / 2$

**Exemplo:**  $(ED = 173 + 172 + 13) / 2 =$

$$ED = 179 \pm 8$$

4. Passo – Calcular em que percentual da estatura final se encontra o garoto no dado Momento (**PEF**)

**EMO (Estatura do momento do jovem)**

**Formula:**  $PEF = EMO \div ED \times 100$

**Exemplo:**  $PEF = 160 \div 179 \times 100 = 89,38\%$

Essas bases biológicas também acabam por especular capacidades neurofisiológicas e morfofuncionais que enquadrarão os atletas em níveis de aprendizagem e fases de desenvolvimento. Destarte, através da repetição, de comportamentos de estímulo e resposta, padrões motores serão aos poucos incorporados, esquemas motores estabilizados através dos caminhos que a memória motora sanciona e possibilita. Assim, tudo se dá na interioridade do corpo, nos feixes nervosos e no cérebro. A exaustão, repetir passes e

chutes, dribles e cabeceios, compreender o espaço-tempo do jogo será a tarefa do neocórtex, do cerebelo, etc. Um curto circuito fechado se auto-alimentando das experiências repetidas pelo corpo.

Se na prática me parece haver mais uma “cultura pedagógica” que repete um modelo de ensino-aprendizagem, na perspectiva da direção técnica e da comissão científica, é nos conhecimentos produzidos pela “aprendizagem motora” (MAGILL, 2000), pela psicomotricidade ou pela neurofisiologia do movimento que as bases do treinamento devem se estabelecer. Foi nestes termos que assisti a uma palestra do diretor técnico a futuros conveniados e professores de escolinha do CAP, que deveriam seguir a cartilha proposta pelo clube e desenvolver seus processos de ensino e treinamento.

Reafirmo, seja no plano técnico, onde os fundamentos do jogo são treinados a exaustão – passes, chutes, cabeceios, domínio de bola, marcação – ou no tático, onde uma organização do modo de jogar deve ser incorporada – deslocamentos, posicionamento, ultrapassagens – repetir é a ordem. Uma observação de um preparador físico (que na realidade ocupou várias funções no clube e foi treinador em outra equipe) revela o sentido do treinamento técnico e tático: “no treino não há liberdade, é no jogo, quando o juiz apita e eles (os jogadores) ouvem o barulho da torcida e esquecem o treinador que eles fazem o que querem”.

O controle insistente do movimento também é orientado pela necessidade de se aproximar os treinos da realidade do jogo. Simular (e porque não, dissimular) jogadas, posturas e movimentações, inclusive as adversárias, compõe o conjunto de atividades das sessões. O Atlético, para isso, conta com o apoio da estatística e procura nas publicações científicas sobre o futebol os parâmetros para realizar seus treinamentos. É claro que os treinos técnico-táticos dependem muito mais da idiosincrasia dos treinadores do que destes parâmetros. Todavia, a ciência está sempre no horizonte do trabalho no CAP.

É assim que os cientistas do CAP escrevem no site do clube um artigo para discutir a tática, sendo que:

A noção “tática desportiva” abrange todos os métodos **racionais**<sup>170</sup> de realização da competição (tática individual) pelo atleta e (tática de grupo) pela equipe, orientadas para o resultado desportivo. A idéia da tática de uma equipe consiste no aproveitamento dos métodos competitivos os quais permitem realizar com maior eficiência suas capacidades, vencendo a equipe adversária (GOMES & ERICHSEN, 2007).

---

<sup>170</sup> Grifo meu.

Tal racionalidade associa-se ao modelo científico que toma por base os princípios matematizáveis da relação do humano com os objetos e com o mundo e são postos em prática na organização do treinamento. Pois torna-se importante que se desenvolva uma inteligência tática, “a qual tem ligação direta com as etapas de aprendizagem e desenvolvimento motor. A literatura aponta que a fase de ouro é a faixa etária de 8-15 anos aproximadamente, em que o treinador deve criar condições concretas para o enriquecimento do vocabulário motor do atleta” (GOMES & ERICHSEN, 2007).

Por fim, a associação entre a compreensão do jogo em sua estrutura organizacional e ordenamento, esta que as análises estatísticas dos fins de campeonato e as características observáveis dos atletas propõem, se amalgamam ao desenvolvimento dos jovens, pois, frisam nossos autores, “todo o jovem que teve a oportunidade de passar por uma boa escola desportiva, apresenta no início da especialização inicial, por volta dos seus 15 anos, uma condição espetacular para o aperfeiçoamento”.

A razão científica é reforçada como a pedra de toque da modernização do CAP e a base inquestionável de seu desenvolvimento. Entretanto, observando o trabalho diário, me surpreendeu o modo e a origem das informações técnicas e táticas sobre os adversários que o clube iria enfrentar. Elas tinham duas fontes, nem sempre convergentes em suas observações, e em um dos casos (ou nos dois casos?), não preparadas por um “especialista” (tampouco por uma ciência). Vamos a elas.

O método mais tradicional e que é confiado geralmente a um profissional experiente – geralmente ex-jogador profissional, como no caso do CAP – é enviar um observador ao jogo do próximo adversário. Tal profissional deve fazer observações gerais sobre a ordem tática da equipe, características técnicas do jogo e dos atletas, as principais jogadas e os melhores jogadores, pontos fortes e fracos, construindo uma espécie de mapa da equipe adversária para que a mesma possa ser enfrentada com o maior número de informações possíveis. Isto gera efeitos no modo do CAP atuar, ainda que houvesse dúvida, por parte de alguns integrantes da comissão técnica de que se treinasse especificamente para enfrentar aquela situação.

O segundo método, também bastante utilizado, surpreende não pelo fato de que exista, mas pelo fato de ser realizado por um “não especialista”. Um profissional do clube fica responsável por registrar em vídeo os jogos do CAP e gravar jogos das equipes adversárias. Além disso, colhe informações destes adversários na internet, inclusive no site da CBF, onde sabe sobre os jogadores suspensos e aspectos gerais da equipe com relação a competição. Destes dados, o mesmo desenvolve planilhas e informações técnicas e táticas

que são enviadas ao treinador do CAP. Pude acompanhar por diversas vezes este tipo de trabalho, entrando, inclusive, na conversa.

O responsável por tal tarefa, enquanto estive em trabalho de campo, era um técnico em informática, graduando em educação física. Durante a reforma do CT, em 2006, ele trabalhava próximo ao fisiologista (um grande especialista em natação) e ambos discutiam os vídeos, apontavam os aspectos positivos e negativos, falavam sobre jogadores, faziam gráficos e, organizadas as informações, em verdade interpretações um tanto idiossincráticas dos jogos analisados, terminavam o que se pode chamar de um dossiê do adversário<sup>171</sup>. Note-se que com alguma frequência pude ouvir comentários de que as opiniões dos “especialistas” divergiam.

O que se pode notar deste evento, corroborado pela fala do treinador dos juniores durante os testes físicos (científicos) da pré-temporada de 2007, a saber, “ainda bem que não tem isso para a parte técnica e tática”, é o fato de que, ainda que um esforço nada pequeno de incremento de investimento nos procedimentos tecnocientíficos e burocrático-administrativos, isto que se pode chamar de processo de modernização, encontra na lógica do futebol, ali onde se realiza como conhecimento, mas também como movimento humano, técnico e tático, uma cultura do futebol, ou seja, um sistema entrelaçado de símbolos e seus significados, que geram práticas e sentidos às práticas, é recoberto por um outro tipo de saber. Não o saber sistemático da ciência normal, mas o bom senso do senso comum que a experiência vivida acumula e põe em ação.

Isto não se dá sem conflito. Um exemplo gerado por uma situação pouco comum, mas significativa, nos põe em contato com o descompasso entre o saber tecnocientífico que o CAP procura impor aos seus trabalhadores e o saber oriundo da prática, da vivência no interior do futebol. Tal acontecimento gerou muito debate, muita conversa a “boca miúda” e uma forte desqualificação – por vezes preconceituosa – do treinador à época no comando do time por parte dos especialistas em ciência do treinamento. Em confronto, dois modos de pensar o futebol e dois modos de se exercer autoridade. De um lado, a autoridade científica, do outro, a inultrapassável autoridade do treinador, cujo saber, neste caso, era o de quem sabe por que “já esteve lá” – ou seja, um ex-jogador de futebol.

---

<sup>171</sup> Existem diferentes programas de computador sendo utilizados no momento. O CAP tinha, a época, um software, também utilizado pelo Cruzeiro de Belo Horizonte, através do qual simulava as táticas e movimentações, suas e dos adversários, e era ferramenta didática no ensino de seus jogadores. O São Paulo Futebol Clube, por exemplo, também tem tais tecnologias, que é empregada, inclusive, pela seleção brasileira.

Durante a temporada de 2006, o campeonato brasileiro foi interrompido em virtude da disputa da Copa do Mundo. Durante um mês, entre o final de junho e o final de julho, as equipes brasileiras ficaram “paradas”, ou melhor, sem competição oficial a disputar. Assim, treinamentos e amistosos preencheram este vago no calendário futebolístico nacional. No CAP tal evento suscitou uma disputa de saberes: como aproveitar este tempo de intervalo (ou este intervalo de tempo) denominado inter-temporada?

Comecei a perceber o descompasso entre sistema tecnocientífico e cultura do futebol nas minhas primeiras observações de campo – como relatei no início da segunda parte desta. Entretanto, uma conversa sobre a inter-temporada com o fisiologista do clube pôs em evidência tal dessimetria. Este deixou claro seu descontentamento com a comissão técnica do time profissional, mais especificamente técnico e preparador físico, que não utilizou esse período, segundo ele, para qualificar a equipe. Segundo o mesmo, o treinador, ex-jogador de futebol, e o preparador físico<sup>172</sup> (com baixo conhecimento científico sobre fisiologia e treinamento), usaram todo o mês que se sucedeu com microciclos de jogo. As conseqüências foram desastrosas – perda de força e potência e queda no rendimento.

Quando reencontrei o grupo, alguns dias depois das finais da Copa do Mundo, registrei em meu diário de campo a mudança do astral da equipe. Com uma baixa pontuação na tabela de classificação do Campeonato Brasileiro, o grupo andava cabisbaixo e um tanto desanimado. A inter-temporada, feita de jogos amistosos, treinos leves, a maioria técnicos com bola e coletivos, tinha aumentado o moral da equipe, aumentado a esperança de que a mesma se recuperasse logo no campeonato.

O desencontro entre ciência e cultura futebolística se revela neste impasse: por um lado o grupo mostrava disposição renovada, por outro, sua capacidade física diminuía, o que viria a comprometer o rendimento. De fato, não pude deixar de observar, a equipe, apesar do entusiasmo inicial, foi perdendo força e potência, capacidade técnica e tática, tendo como conseqüência o retorno das derrotas e partidas ruins. Estes fatos levaram a diretoria do Atlético a contratar um novo treinador – que trouxe seu preparador físico e seu auxiliar técnico – com um “perfil” mais adequado ao clube: trabalho coletivo, competência técnica, respeito às decisões da fisiologia e da diretoria técnica.

---

<sup>172</sup> No sistema futebolístico, os treinadores costumam ter sua comissão técnica de confiança. Um dos mais importantes aliados do treinador tem sido o preparador físico, que acaba trabalhando com aquele nos diversos clubes. Por outro lado, os grandes clubes têm montado estruturas próprias para o desenvolvimento do futebol e para o treinamento esportivo, contando sempre com um preparador físico que acaba por “auxiliar” o de confiança do treinador. Neste caso, o preparador físico em questão chegou ao clube com o técnico, assim como foi embora com ele.

É fato que o CAP voltou a vencer e parecia ter melhorado sua capacidade atlética. Treinos emergenciais específicos para força e velocidade – portanto potência – foram implementados. O discurso científico ganhou força e a afirmação do trabalho coletivo da comissão técnica – mais especificamente preparadores físicos e fisiologista – foi evidenciado e enaltecido. Por outro lado, ainda que houvesse a possibilidade de inferir a relação entre o retorno das capacidades físicas e as vitórias, é impossível saber o quanto isso se deve a estes fatos ou a outras variáveis, tais como: a troca de treinador, a boa campanha que o Atlético realizava na Copa Sul-Americana e o conseqüente “aumento do moral”, à modificações no elenco, etc..

Mais do que saber quem estava certo, importa salientar o que já se havia anunciado no início desta parte da tese, a de que, aos olhos nativos, no futebol (não o do CAP, é claro) a ciência ainda está distante. A constatação é de que a maioria dos treinadores sabe muito pouco sobre a ciência do treinamento e suas implicações para o trabalho no futebol, do mesmo modo que, de modo geral, os preparadores físicos são mais professores de ginástica do que técnicos e cientistas do treinamento. No Atlético, entretanto, corpo e movimento permanecem inseridos num sistema que une maquinaria e conhecimento, objetos e ciência. Objetos da ciência, os sujeitos do futebol seguem treinando e jogando: esperando um novo teste, uma nova máquina, um novo saber que o invada, que se instale no corpo e reivindique uma nova verdade.

## CAPÍTULO VIII

“- Este caju não lhe faz lembrar nada?

- Nada”

(Mia Couto)

### A ALIMENTAÇÃO/NUTRIÇÃO

Após haver discorrido sobre os sistemas tecnocientíficos e a biomedicina do treinamento, mais um elemento antropológico fundamental da vida dos atletas do CT precisa ser focado. Escolher o termo adequado não é muito simples, pois alimentação e nutrição nos enviam a um caminho ambíguo, que ora suporta uma distinção convincente em suas características, ora convergem num sentido único: o de manter o corpo vivo, biológica e culturalmente. Assim, convenciono para este ponto da tese chamar de alimentação o aspecto mais sócio-cultural que as refeições, quase sempre feitas coletivamente, comportam. Considero nutrição a preocupação com as quantidades de nutrientes e os processos químicos envolvidos na ingestão de alimentos.

Destaco ainda o fato de não ter me debruçado em aspectos mais comuns do trabalho antropológico sobre alimentação: modos à mesa, rituais ou tabus, modos de preparo e seus sentidos, por exemplo. Minha preocupação é mais encontrar a lógica da alimentação/nutrição no CT: sua racionalidade. Canesqui & Garcia (2005, p. 9), logo na introdução da obra por elas organizada, afirmam:

Sendo a alimentação imprescindível para a vida e a sobrevivência humanas, como necessidade básica vital, ela é necessariamente modelada pela cultura e sofre os efeitos da organização da sociedade, não comportando a sua abordagem olhares unilaterais.

Não comemos apenas quantidades de nutrientes e calorias para manter o funcionamento corporal em nível adequado, pois há muito tempo os antropólogos afirmam que no comer seleção, escolhas, ocasiões rituais, imbricam-se com a sociabilidade, com idéias e significados, com as interpretações de experiências e situações. Para serem comidos, ou comestíveis, os alimentos precisam ser elegíveis, preferidos, selecionados e preparados ou processados pela culinária, e tudo isso é matéria cultural.

Se, ainda com Lévi-Strauss, os alimentos são bons para pensar, tentarei demonstrar, a despeito da realidade indiscutível de que os alimentos são escolhidos, selecionados,

preparados em consonância com princípios culturais, que o fundamento principal dos processos que organizam a alimentação está na sua racionalização em termos quantitativos, matematizáveis em seus nutrientes. É a razão tecnocientífica como elemento cultural do treinamento esportivo que nos mostra como os alimentos são bons para pensar. E mais, que eles são pensados, antes de se tornarem alimentos<sup>173</sup>.

Pois bem, como toda a estrutura que envolve o treinamento dos atletas, as refeições são pensadas cientificamente. Trabalhando em conjunto com o departamento médico e a fisiologia, as nutricionistas preparam o cardápio do dia. Contando com uma infra-estrutura de modelo industrial, desde a maquinaria, passando pela logística até o pessoal especializado, o próprio CT é capaz de fornecer cerca de 300 refeições cinco vezes ao dia. Esta capacidade envolve a seleção e preparação de alimentos para atletas e não atletas.

Durante o período em que estive no campo, dois momentos distintos marcaram o trabalho da cozinha e das nutricionistas. Durante o ano de 2006, quando o CT estava em reforma, as refeições eram preparadas e servidas em uma área improvisada com cobertura branca de plástico sobre a quadra de esportes. Ali, a estrutura da cozinha e para a refeição não diferia de qualquer *self-service*. Era possível ver as grandes panelas e o trabalho contínuo de cozinheiras; os alimentos dispostos sobre a área prevista e as pessoas passando com seus pratos, pegando o que lhes interessava e se alojando em um dos lugares às mesas. A comida também não diferia muito das corriqueiras no país, havendo sempre alguma salada, arroz e feijão, alguma massa, batatas, dois tipos de carne, frutas, sobremesas e bebidas (sucos e água).

Todos, jogadores, comissão técnica e funcionários, podiam comer no mesmo horário, havendo apenas um espaço reservado aos jogadores profissionais. Quanto a estes, com alguma frequência, mas principalmente em dia de jogo, tinham um cardápio especial. Havia algum privilégio na qualidade e tipo de frutas, nos sucos, e de algum alimento. Esta diferença, entretanto, não era tão acentuada, mas ajudava a marcar o sistema de hierarquia e status sobre o qual já falei anteriormente. Por certo era mais fácil aos juniores, notadamente os de maior prestígio, burlar estas pequenas diferenças do que aos juvenis. No geral, como já o demonstrou a antropologia, a comensalidade era caracterizada pela comunhão de espaços entre os pares. Entre estes, os mais chegados. Deste modo, o comum

---

<sup>173</sup> Uma racionalidade econômica já determina muito cedo aquilo que se pode considerar alimento, em nossa sociedade. O fato de que produtores rurais deixem estragar parte de sua produção, ou que litros de leite sejam jogados fora por não alcançarem o preço adequado no mercado, sugere que, sob a lógica capitalista, se torna alimento aquilo que pode ser negociado como mercadoria. Este, evidente, é apenas mais um dos efeitos da lógica da quantidade sobre a qualidade, que, evidentemente, deve ser matizada.

era ver-se os juvenis juntos a um canto, os juniores em outro e os profissionais em sua área reservada. Os administrativos também sentavam-se à mesma mesa, geralmente entre aqueles que dividiam o mesmo setor de trabalho. Alimentar-se junto remete a uma forma de manter os laços sociais e afetivos a pessoas que realizam tarefas ordinárias em conjunto<sup>174</sup>.

Aquele, entretanto, foi tomado como um período de transição para aquilo que se considerava o ideal, que estava a tomar corpo no prédio reformado e ampliado. Em janeiro de 2007 houve a mudança de toda a estrutura tecno-burocrática para as novas instalações, sendo que os últimos espaços a serem definitivamente postos em ação foram os da cozinha e do refeitório. A nova área contrastou em muito com o antigo refeitório improvisado. Amplo e decorado com bom gosto, o refeitório climatizado e claro proporciona conforto aos que ali se dirigem. A cozinha transformou-se em muito, absorvendo, segundo uma das nutricionistas, os conceitos mais modernos em infra-estrutura e logística.



(Foto 20: Vista parcial do refeitório: comissão técnica e nutricionistas, em primeiro plano em almoço. Ao fundo, à direita, a parte visível – não subterrânea – da cozinha. Foto do autor)

Tive a oportunidade de realizar uma visita orientada ao universo interior da cozinha. Acompanhado pela mentora do projeto, a nutricionista Lili, vestido de touca azul

---

<sup>174</sup> É possível caracterizar bem o aspecto social da alimentação, ou seja, a forma como laços são estabelecidos e mantidos com um exemplo: dois jogadores estiveram por quase seis meses em tratamento médico após cirurgia de joelho. Além deste algo em comum está o fato de que com frequência ambos se alimentassem juntos, a mesma mesa, apesar de um dos atletas nem pertencer ao elenco do clube e de estar no CT apenas para realizar a recuperação da lesão.

e sapatos de plástico, além de devidamente higienizado, pude percorrer os caminhos pelos quais os alimentos e produtos chegam, são limpos, separados, cortados, embalados estocados, etc. Em cada área, uma especialidade e seu especialista: um para as carnes, outro para os legumes, verduras e frutas, um local especial para os laticínios, outro para armazenar, pesar e distribuir grãos. Há os que lavam, os que secam, os que separam, os que cozinham, os que limpam, os que transportam. Há padeira e doceira, açougueiro, e, especialmente, um chefe de cozinha.



(Foto 21: Atletas se alimentam no refeitório – foto do autor)

A idéia de pureza e perigo (DOUGLAS, 1976) pode ser um bom modo de pensar o percurso feito por pessoas e produtos (e suas embalagens) no interior da cozinha. O que vem de fora trás o perigo da contaminação: nas impurezas guardadas nas roupas e nas mãos, nas entranhas das embalagens, na qualidade duvidosa dos produtos e que, portanto, precisam ser higienizados, purificados, para que possam servir aos comensais. O retorno dos restos a rua, na forma de lixo, portanto, impuro, é feito por um caminho que o separa das áreas produtivas, criando, através de um percurso paralelo, um fluxo que leva e traz impurezas. Perigo este purificado pela maquinaria que aquece, resfria, embala a vácuo, higieniza com detergente e soluções anticépticas. As pessoas, de acordo com sua função, seguem os caminhos traçado pelos alimentos.

Todo este cuidado com os alimentos pode ser caracterizado por três aspectos: o primeiro, já por vezes discutido, é a obsessão pelo controle que tanto no plano administrativo quanto do tecnocientífico caracteriza o CAP. O segundo, uma preocupação

genuína com o que se vai servir de alimento a todas as pessoas que trabalham no CT, inclusive aos próprios cozinheiros e; o terceiro, e para nosso caso o mais significativo, é o controle sobre as características intrínsecas dos alimentos em sua composição nutricional e suas correlações com o corpo do atleta. Este é, sem dúvida, o aspecto central para o enorme investimento que o CAP fez na montagem da estrutura pessoal e material do restaurante.

A alimentação, como bem o mostra Maes (2005) ao tratar das sopas nos hospitais franceses e das lógicas de alimentação nestes espaços, encontra sua justificativa numa lógica imanente<sup>175</sup>, cortada por um sistema de saberes e práticas que lhes é próprio. No CT o princípio é o mesmo. A composição do cardápio, segundo as nutricionistas, leva em conta dois aspectos significativos e por vezes inconciliáveis, a saber, nutrição e alimentação. Por um lado, é preciso pensar um cardápio que contenha os nutrientes necessários para garantir que os atletas realizem os esforços que o treinamento demanda. Por outro, há a preocupação com o fato de que os atletas vêm de diferentes regiões do país e têm hábitos alimentares bastante diversos, o que obriga a oferecer um conjunto de alimentos que atenda a esta diversidade. Portanto, boa comida, com as substâncias químicas necessárias e comida boa, para satisfazer ao paladar de muitos.

Evidentemente, o mais importante na montagem do cardápio é a relação que a comida estabelece com a química e a fisiologia do corpo. Trabalhando em conjunto com o fisiologista, que ao final de cada semana planeja, de acordo com o calendário de jogos, as atividades para cada período de treino, um tipo de alimentação é pensado. Assim como não o fiz nas descrições anteriores, haja vista não ser o objetivo, não entrarei em detalhes por demais técnicos sobre tipos de alimentos e suas características nutricionais – carboidratos, protídios, lipídios, glicídios, vitaminas, sais, água... – e, tampouco, pois muito mais complexo, discutir os tipos de alimentos que cada tipo de treinamento acaba por exigir.

É mister constatar que não apenas a interioridade do corpo humano e sua fisiologia, mas também a natureza interna dos alimentos e sua química entram nos cálculos cujas variáveis são a quantidade de energia necessária a ser consumida para se ter disponível a energia suficiente para a tarefa a cumprir. Equilibrando-se entre a falta e o excesso – o

---

<sup>175</sup> “As refeições são servidas duas vezes ao dia: almoço, por volta das 9 ou 10 horas, e o jantar, entre 4 e 5 horas; comia-se carne três vezes por semana (domingo, terça e quinta-feira), meia libra por pessoa e por dia; a sopa de lentilha ou de ervilha era colocada à mesa em todas as refeições. As sextas feitas e nos dias de jejum, servia-se sopa, arenque e bacalhau, queijo e pão. Em grandes ocasiões (como no Dia de Reis, ou Páscoa) (...) as pessoas no hospital se regalavam com bolos e pudins (...). *Em todos os lugares come-se à luz do dia para evitar abastecer inutilmente as luminárias e por medo de incêndios*” (Grifo meu) (MAES, 2005, p. 241). Neste caso, além da lógica alimentar, o modo e os horários encontram seus sentidos internamente.

primeiro porque impossibilita a realização das atividades a contento, o segundo porque o acúmulo de energia implica em perda de capacidade atlética – a nutrição lida a todo o tempo com a ciência e o bom senso, tentando oferecer conforto e qualidade ao mesmo tempo em que fornece o “combustível” para treinos e jogos.

Pensando deste modo, é possível inferir que a constituição dos híbridos que nos transformam no ciborgue de Haraway (2000), é realizado já no inventário das qualidades intrínsecas dos alimentos – antes mesmo dos suplementos e ou complementos. A regular a relação dos atletas no CT com os alimentos está a ciência da nutrição, cuja tarefa, ao decompor o alimento em nutrientes, descrever e prescrever suas funções químicas e conseqüentes desencadeamentos fisiológicos, opera na lógica concertada da técnica. No fundo, a mesma racionalidade que segundo Simmel (1987) substitui a qualidade pela quantidade abstrata do dinheiro, se revela na relação comida-pessoa.

O recurso ao cálculo, que de modo bastante significativo tende a desconsiderar a experiência do corpo próprio, pois que lhe vem imposto exteriormente na forma de regime alimentar, reforça um modelo de pensamento no qual disciplina e controle estão em sintonia com a quantificação das ações diárias. A nutrição completa o quadro no qual a vida é calculada em seus detalhes mais íntimos: o rendimento, pelo salário; o treinamento, no número de horas, repetições e esforços; o descanso, nos intervalos programados; a comida, na relação quantidade e tipo de esforço e composição químico-nutricional do alimento.

O passo decisivo nesta direção estava por ser dado em meados da temporada de 2007, o que, no entanto, pelo que tenho notícias, nunca foi implantado – talvez mais pela dificuldade operacional do que pela vontade de realizar. Este passo era chamado “empratado”. Na prática, cada jogador, de acordo com suas composição corporal e características fisiológicas e da quantidade e tipo de treino do qual participaria, receberia uma quantidade de comida – nutricionalmente pensada – correspondente ao cálculo destas variáveis. Através de um cartão magnético, sua dieta seria regulada em quantidade e qualidade, do café da manhã ao lanche noturno.

Discuti com alguns atletas o problema da alimentação no CT. Para a maioria a comida é excelente<sup>176</sup> (ainda que se tenha que considerar o fato de haver saudades da comida da mãe). Complemento, apoiado em conversas com profissionais das diversas

---

<sup>176</sup> Durante minha permanência no campo me alimentei com freqüência no CT. A comida, em ambas as épocas mencionadas, era de excelente qualidade e bastante saborosa – se me é permitido um juízo mais pessoal.

áreas do clube e com os próprios atletas, com o fato de que, para muitos deles, especialmente das categorias de base, refeições com a qualidade e quantidade que recebiam no CT não lhes era possível na vida fora do futebol. Sobre o “empratamento”, havia uma dúvida quanto a validade, mas, de todo modo, também uma resignação quanto ao fato de sua implantação: no fundo mais um sacrifício (ou investimento em si).

Para que tal projeto fosse levado a efeito, apostava-se na tecnologia. Como grande vedete de uma cozinha que faz de arroz a sobremesas sofisticadas, um forno inteligente, cujo nome já destaca sua pretensão, *Rational*, seria agenciado para transformar o “empratamento” em realidade. Se a técnica é este ambiente no qual vivemos, os processos tecnológicos disponibilizam condições de realizações complexas, como a produção de pratos exclusivos – em qualidade e quantidade – para cada atleta. Tal forno, capaz de cozinhar doces e salgados, massas e carnes, e “fritar” batatas deixando-as com 2% de gordura tornou-se duas coisas: de um lado, a metonímia dos avanços tecnológicos do CT; de outro, a metáfora da racionalidade do sistema de treinamento esportivo.

Destaco a sensibilidade da nutricionista em perceber o paradoxo da nutrição esportiva naquelas circunstâncias e seu esforço em não apenas nutrir, mas oferecer opções diferentes de refeições, tentando, ao respeitar a diversidade de registros culturais, ensinar aos atletas não apenas os cuidados com os alimentos, mas também novos sabores, ingredientes, cores, texturas. Pude notar também suas inquietudes com referência a implementação do “empratado”. Em suma, uma preocupação pedagógica complexa, na qual a objetividade calculável dos valores nutricionais reivindicava em conjunto a sensibilidade no alimento palatável.

Se como apontei, há na comensalidade uma forma pela qual os atletas e demais funcionários do CAP criam ou atualizam suas alianças, formando grupos de interesse, gosto, com laços afetivos ou com qualquer outra origem ou finalidade, o empratamento estaria indicando outra direção, o da individualização pela separação dos corpos a partir de sua interioridade. Mais do que coletivos em banquete alimentar, o empratamento reafirma a individualização calculável através dos corpos a ingerir nutrientes.

Do ponto de vista nutricional, não registrei o uso de nenhum tipo de complemento ou suplemento – vitamínico, protéico, etc.. A alimentação deveria dar conta da nutrição. Apenas repositores energéticos e recuperadores das capacidades atléticas, como isotônico e creatina, eram utilizados para facilitar a recuperação orgânica dos atletas. A preocupação com a hidratação também era fundamental, havendo cuidado com a ingestão permanente

de água e sucos<sup>177</sup>. O não uso de suplementos não contraria os pressupostos de uma nutrição cientificamente calculada, apenas reforça um princípio nutricional adotado: toda a fonte energética necessária para as atividades se encontra nos alimentos. Um cálculo eficiente de seus princípios torna desnecessárias medidas adicionais de nutrientes, ou seja, os suplementos industrializados não produzem efeito<sup>178</sup>.

Devido a impossibilidade da implementação do “empratmentamento” e de que, na prática, atletas e demais comensais comem os alimentos disponíveis no cardápio, mas na quantidade que lhes é comum e apetece, o sistema nutricional, que calcula, não consegue atingir o que de mais profundo caracteriza o humano, a sensibilidade e a razão do corpo próprio, seus desejos e possibilidades, sua experiência acumulada no mundo vivido. Por isso os esforços avançam do disciplinamento e do biopoder aos dispositivos pedagógicos, que procuram produzir efeitos de autocontrole nos atletas.

Finalizando, os princípios que ordenam a alimentação oferecida aos atletas e demais trabalhadores do CT está em homologia com a estrutura montada em torno da cientifização do treinamento esportivo, da incorporação das máquinas como dispositivos escritores e inscrites e da entrada dos corpos humanos, alimentos e objetos na calculabilidade da vida dos atletas, desde seus primeiros passos no CT até a sua profissionalização. Mas esbarram nas aberturas do próprio sistema e no saber resistente do corpo que corre, salta, joga, descansa e se alimenta. Ou seja, a alimentação/nutrição suscita este encontro, sempre complexo, do local com o global, do indivíduo com a espécie, do discurso universalizante da ciência e o mundo vivido e as experiências sócio-culturais dos agentes; por fim: da disciplina com o biopoder e com a vida.

\* \* \*

Gostaria de encerrar esta segunda parte da tese com algumas considerações acerca do biopoder, justamente na necessidade de colocar a etnografia no contexto alargado no qual as discussões sobre biopolítica se encerram. É verdade que o problema do biopoder está associado à política de Estado, teve origem – como já apontei anteriormente – no

---

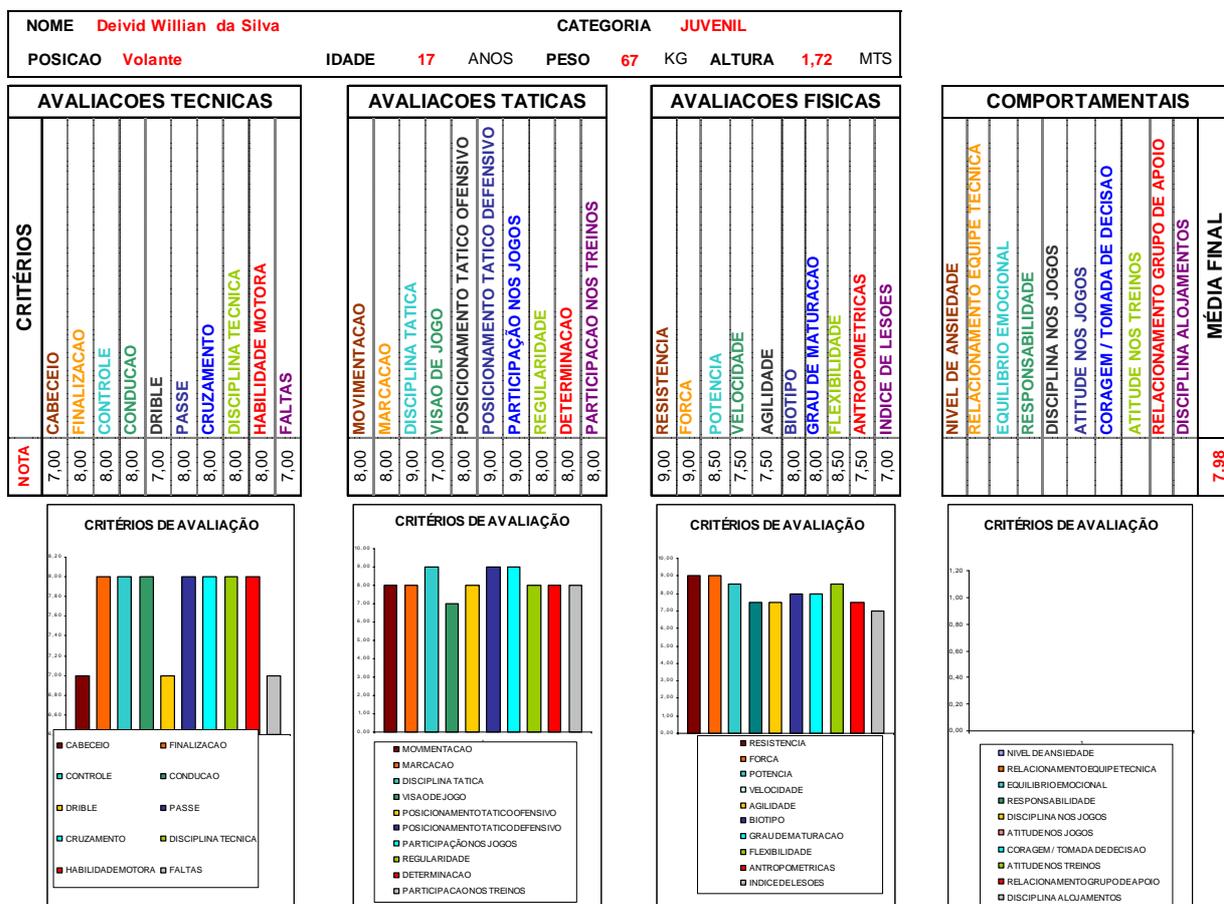
<sup>177</sup> Não havia refrigerante no dia-a-dia do CT. Nas refeições eram servidos sucos, águas, leite e café. O refrigerante, cujo controle se perde quando os atletas não estão no clube, chegou a ser utilizado como estímulo em um determinado treino físico. Para a equipe vencedora, latas de coca-cola estavam a disposição depois do treino. A maioria bebeu quase imediatamente o mesmo, inclusive provocando os derrotados que, ainda assim, tiveram seu quinhão; menor, mas o tiveram.

<sup>178</sup> Uma outra preocupação envolve a questão da suplementação alimentar – a mesma que a medicina deve estar atenta quanto aos medicamentos. Muitos dos produtos vendidos em farmácias ou casas especializadas não são confiáveis quanto a sua composição química, sendo possível se encontrar nestes, substâncias consideradas *dopping* no esporte.

liberalismo europeu e se desenvolveu nos momentos mais graves de nossa história, as grandes guerras.

Mas, seguindo o próprio Foucault (2005), a biopolítica é uma nova ordem nos mecanismos, nas técnicas e nas tecnologias de poder. Para o autor, a medicina (chave para a instalação deste tipo de saber/poder) é um aparelho de estado – instituição subestatal – e passa a servir ao poder através do saber que articula o indivíduo e a espécie, a vida e a morte, aos cálculos estatísticos e ao controle racional e interventor. Assim, ainda que sua existência esteja ligada ao circuito de poder do Estado, também instalada através de microfísicas em instituições e espaços sociais distintos, surge como modelo de controle e vigilância dos corpos e da espécie em diferentes esferas da vida social, tal como no esporte. É, em verdade, também o esporte uma política de Estado, na qual o discurso da saúde e do bem estar coletivo são alguns dos principais motores.

Assim, que ao final do exaustivo trabalho de escrutinar, perscrutar e invadir o corpo e a vida dos atletas, obtém-se resultados semelhantes ao exemplificado abaixo, no qual as diferentes esferas da vida estão matematizadas – ponto senoidal de controle –, portanto, sujeitas a normalização.



(Planilha de avaliação de atleta dos Juvenil. Fonte: CAP – Relatório da Base.)

Nestes termos, tem-se que, pensando o conjunto anátomo-biopolítico (assim, inseparável, operando em níveis distintos, mas em conjunto),

(...) a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos. E, depois, a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento e a morte, a produção, a doença, etc. Logo, depois de uma primeira tomada de poder sobre o corpo que se faz consoante o modo da individuação, temos uma segunda tomada do poder que, por sua vez, não é individualizante mas é massificante, se vocês quiserem, que se faz em direção não do homem-corpo, mas do homem-espécie. Depois da anátomo-política do corpo humano (...) vemos aparecer (...) uma biopolítica da espécie humana. (FOUCAULT, 2005, p. 289)

Ou seja, para o trabalho no CT, após individualizar através do recrutamento/seleção e do esquadramento do corpo (e do espaço/tempo), os investimentos correm em outra direção, no da uniformização, da formação de um corpo/atleta espécie, alcançado através dos esforços conjuntos da biomedicina e da tecnociência. Através das estatísticas, previsões globais, protocolos, etc. a biopolítica vai se dirigir “aos acontecimentos aleatórios que ocorrem numa população considerada em sua duração” (idem, 2005, p. 293) com vistas ao controle e intervenção.

Os níveis distintos em que operam a anatomopolítica e a biopolítica, a primeira na ordem do corpo individual e a segunda na ordem do humano-espécie, possibilita a articulação entre ambos. Foucault (2000) sugere com exemplo as cidades planejadas (cidade-modelo ou cidade-artificial, em sua linguagem) ou mesmo as vilas operárias, nas quais mecanismos disciplinares são implantados através do esquadramento do espaço, a regulação do tempo e o controle sobre os corpos e, ao contrário (mas na mesma direção), têm-se os mecanismos reguladores como os controles sobre higiene e saúde. Concluo, deste modo, que o Centro de Treinamento Alfredo Gotardi é um destes espaços nos quais ambos os mecanismos de poder se instalam e operam.

Uma última questão, porém, para não se fechar as portas para a terceira parte desta tese. Foucault (1999) afirma que a biopolítica vai exercer seu poder sobre a aleatoriedade, o imponderável. É sobre este imponderável, no qual o corpo surge em sua incomensurabilidade, que tratarei a seguir com o propósito de, ao reconhecer no CT os dispositivos anátomo-biopolítico em ação, não reduzir a vida ao controle, apresentando o

quanto de *poiesis* há no corpo, no movimento e na cultura. Pois considerando correta a afirmação de Csordas (2008, p. 395), qual seja a de que “na sociedade contemporânea a biotecnologia está cada vez mais envolvida em transformar as próprias condições corporais para ter e habitar qualquer mundo” e que o corpo humano é o alvo objetivo destas tecnologias, é na “indeterminação essencial da existência” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 169) que as aberturas do ser-no-mundo aparecem.

## **TERCEIRA PARTE**

## CAPÍTULO IX

“Nós nunca nos realizamos. Somos dois abismos – um poço fitando o céu.”  
(Fernando Pessoa)

### O SER-NO-MUNDO: DO CONTROLE AO MUNDO VIVIDO - INCOMENSURABILIDADES

Até este ponto da tese, desenvolvi uma análise que interpreta o trabalho no CT como concebido a partir de uma perspectiva de fundo cartesiana, através das quais funções são atribuídas e técnicas aplicadas sobre a “objetividade” do corpo. Entretanto, ainda que se conserve este modo de pensar no plano profissional e institucional – seguramente hegemônicos no esporte de rendimento – ,estamos todos imersos no mundo e, de alguma maneira, talvez numa modalidade de aquém, onde a intercorporalidade – que envolve o saber do corpo próprio e portanto um saber sobre o corpo próprio do outro – informa modos de interação que não se limitam ao corpo orgânico. Médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, fisiologista, preparadores físicos partilham o mundo vivido: este que reclama, a todo o tempo, o ser como carne do mundo.

Essa mudança de perspectiva é necessária haja vista a incomensurabilidade do corpo e do movimento fenomenológicos, o que é, pois, registrada em uma passagem bastante importante do pensamento de Haraway (2000, p.105-6), que, talvez de modo paralelo encontre, aqui, Merleau-Ponty:

Nossos corpos são nossos eus; os corpos são mapas de poder e identidade. Os ciborgues não constituem exceção a isso. O corpo ciborgue não é inocente; ele não nasceu num Paraíso; ele não busca uma identidade unitária, não produzindo, assim, dualismos antagônicos sem fim (ou até quando tenha fim). Ele assume a ironia como natural. Um é muito pouco, dois é apenas uma possibilidade. O intenso prazer na habilidade – na habilidade da máquina – deixa de ser um pecado para constituir um aspecto do processo de corporificação. A máquina não é uma coisa a ser animada, idolatrada e dominada. A máquina coincide conosco, com nossos processos; ela é um aspecto de nossa corporificação. Podemos ser responsáveis pelas máquinas; elas não nos dominam ou nos ameaçam. Nós somos responsáveis pelas fronteiras; nós somos essas fronteiras.

Para Haraway o ciborgue ultrapassa o princípio foucaltiano de biopoder, pois se este se baseia na noção de que o corpo entrou nos cálculos explícitos da economia-política, o ciborgue transcenderia os excessos do controle produzindo um horizonte mais aberto, onde o campo político se daria como luta e não apenas como dominação. Esta afirmação de Haraway se encerra, talvez, numa aporia, a saber: como pode o ciborgue exceder o biopoder, haja vista que sua possibilidade reside na incorporação da tecnociência, esta sim, modelo hegemônico e legítimo de compreensão do mundo?

Do mesmo modo, resultado de sua ironia, Haraway desmascara o ciborgue ao coincidir máquina e corpo, não para integrá-los, ao meu ver, em uma unidade transcendente, mas para reforçar a tese de que “nós somos responsáveis pela fronteira; nós somos essas fronteiras”. O trabalho de Foucault, que recupera, em seus últimos escritos, a vida como possibilidade (de luta?), faz o alerta de que é o corpo o limite, ou seja, *o nós humanos* é o ponto sobre o qual a biociência gravita: o corpo, pivô do mundo. Pretendo trabalhar, ainda que no solo em que caminhamos esteja a noção de técnica proposta por Heidegger, este aspecto fundamental proposto por Merleau-Ponty, o incontornável ser-no-mundo.

De acordo com os dados de campo, ligar-se a máquina, vê-la inscrever e escrever sobre si, não incomoda por demais aos atletas. O que se revela perturbador, experiência em algum sentido radical, é levar o corpo ao extremo. Os testes fazem isso e a preparação física também o persegue. O corpo máquina tem seu limite na dor e no sofrimento: no corpo humano. Ou seja, não na técnica ou na máquina, mas no binômio natureza/cultura. Trato, nesta última fase da tese, dos paradoxos que a técnica, a ciência e a máquina provocam, quando de seu agenciamento através da quantificação e calculabilidade, na produção de atletas no CT.

Já o assinalei anteriormente: “A ciência manipula as coisas e renuncia habitá-las”. Assim Merleau-Ponty (2004, p. 13) inicia um de seus mais importantes textos e já anuncia o hiato no qual o ser-no-mundo fenomenológico se insere e implanta, ali onde descrevi os controles disciplinares e normalizadores: a vida e seus imponderáveis. Ou seja, o poder que parte da vida e, para além dos elementos trágicos e pessimistas, estabelece as possibilidades criativas e críticas de se enfrentar, desvencilhar, esvaecer ou ao menos suportar as tramas de saber-poder moduladas pela biomedicina e a tecnociência do treinamento esportivo no futebol.

A ciência, que transforma em objeto o ser humano, não o alcança. Se as ciências duras apenas tangenciam a incomensurabilidade do vivido, as ciências humanas, ainda que mergulhem na intimidade deste vivido, estão numa espécie de aquém, que o campo de pesquisa e os sujeitos com quem se partilha o mundo vivido nos faz reconhecer: o interminável processo de conhecer “objetos” moventes, opacos, fluidos. Sejam os humanos a cismar sobre si mesmos, ou relações sociais impregnadas de regularidades estruturadas, para o antropólogo, este nosso caso particular de conhecer, as bordas sempre se alargam e, vista da superfície, a profundidade do vivido é abissal.

Não que nosso mergulho no cotidiano dos agentes em suas relações não nos ensine algo e que não possamos reconhecer padrões, modelos, movimentos, formular interpretações ou compreender o outro. Se assim o fosse, não viveríamos nesta empreitada. Quero apenas reconhecer o sempre limitado, parcial e, mais importante, inacabado processo de conhecimento de um *outrem*. Pois, como na superfície bem desenhada de um quadro o acúmulo de objetos é apenas o engessamento, em uma perspectiva, dos inúmeros pontos de vista, de um horizonte aberto e da dispersão das grandezas, opacidades e contrastes que compõem uma pintura como apenas uma visada do possível, conhecer é viver este modo de síntese numa visada.

O próprio futebol, em suas engrenagens ainda lubrificadas pelo senso comum, pelo saber acumulado na vivência dentro de campo ou nas bordas do esporte, pelas superstições e saberes construídos numa vida profissional alijada de qualquer debate com a ciência, ou mesmo pela experiência do se-movimentar fenomenológico, este diálogo que o corpo trava com o mundo e seus objetos, em nosso caso, o campo, os adversários, a bola, e que vai construindo os sentidos deste mundo, acaba por impor limites, resistências ou contraposições à cientificização de sua lógica.

Para fazer esta discussão final, trarei a tona três aspectos da vida dos atletas, sejam das categorias de base sejam os profissionais, que encerram este paradoxo que mencionei acima. O primeiro destes aspectos é o da dor. Resultante incontornável da relação do jogador com seu trabalho, suscita reflexões que nos fazem claudicar entre a natureza e a cultura, o corpo e a máquina. O segundo, o se-movimentar fenomenológico e a *poiesis*, sobre o qual o domínio do jogo, do corpo e o lance “mágico” (talvez aurático) se sustentam. O terceiro, finalmente, que teimosamente resiste apesar da profissionalização crescente, é o jogo: a *illusio* que a atmosfera envolvente do campo e da bola provoca em quem participa do futebol.

Os três pontos que destaco são de caráter incomensurável e fundam relações sociais distintas das de controle, como sugerem o disciplinamento e o biopoder. É, portanto e paradoxalmente, na dor inscrita no corpo e no movimento (no se-movimentar fenomenológico) que se encontram as aberturas que pretendo discutir neste último capítulo. Antes, porém, pensemos o corpo (máquina).

### **9.1. O Homem-Máquina**

Sennet (2009, p. 100), ao descrever as mudanças ocorridas na modernidade em virtude do aperfeiçoamento das máquinas – e de suas implicações para os artífices – percebe, ainda hoje, movimentos semelhantes ao do início da modernidade, qual seja o de se refletir sobre os perigos e possibilidades das máquinas. Em suas palavras: “Em termos culturais, ainda lutamos por entender positivamente nossos limites, em comparação com o mecânico; socialmente lutamos com o antitecnologismo.” Nestas reflexões, o autor vai cunhar a expressão “ferramenta espelho” cuja existência convida a pensar sobre nós mesmos.

As ferramentas espelhos são o replicante e o robô. O primeiro são cópias dos seres humanos. Tais como os replicantes de *Blade Runner*, os marca-passos ou o aparelho para hemodiálise são máquinas que nos imitam. Já, os robôs, nos ampliam. Este nós mesmos ampliados é capaz de realizar mais tarefas ao mesmo tempo em que invoca nossos limites. Ou seja: “de maneira geral, contudo, o replicante nos mostra como somos, e o robô, como poderíamos ser” (SENNET, 2009, p. 101). Nesta linha enxerga o autor uma ambigüidade entre replicante e robô. Tal ambigüidade, que convida a pensar sobre o humano, em minha perspectiva é resolvida pelo ciborgue.

Pois, das inúmeras questões suscitadas pelo encontro do humano com a máquina, uma última ainda precisa ser destacada, não a da cópia ou da extensão, mas a da hibridação<sup>179</sup>, ou aquilo que nos faz ciborgues, não através do encontro, mas o da assunção entre ambos. Ou seja, ainda que haja uma mecânica no corpo – que a biomecânica insiste em evidenciar –, seja em suas alavancas ou em seus fluidos, ou que circuitos elétricos estimulem as redes neurais que nos conformam, é a metáfora do corpo como máquina que resiste e ainda solicita algumas palavras.

---

<sup>179</sup> Seria mesmo uma hibridação ou uma espécie de sincretismo corpomaquínico, no qual a assunção entre as partes tornaria inapreensível as distinções de fato?

Vimos eletrodos e máscaras produzindo informações sobre o corpo em movimento e escrevendo uma verdade científica sobre as condições fisiológicas. Da mesma maneira, conjuntos maquínicos sendo agenciados pela fisioterapia e, perturbando a intimidade corpórea, a associação entre a química dos alimentos com a fisiologia e a química corporal intencionando levar o combustível qualitativa e quantitativamente corretos para a realização das tarefas motoras exigidas. Por suposto há um componente maquínico nesta representação de corpo e uma conjuminação de esforços ciborgueanos. Mas, enfim, sempre que conversava sobre estas questões eu era lembrado de que os atletas são pessoas.

Procurei investigar os sentidos dados aos corpos pelos meus próprios sujeitos pesquisados, para além das práticas institucionalmente realizadas. Havia, sempre que eu perguntava “o que é o corpo para você?”, um mal estar súbito. O motivo evidente reside no fato de que esta não é uma pergunta com resposta simples, ainda que a vida dos atletas esteja ancorada em sua capacidade corporal. Assim, invariavelmente, em virtude do caráter aberto da questão, solicitavam auxílio, ou com um olhar perdido e inquisidor ou através da pergunta mais direta: “como assim?”, “o que tu estás querendo dizer (ou perguntar)?”, “em que sentido?”

Primeira conclusão: o corpo não é “objeto” de reflexões deste tipo por parte dos atletas, não é veículo de questionamentos ou dúvidas desta ordem (considerando, claro, a dificuldade da pergunta), ele é, sim, vivido, praticado, experienciado. Nesta experiência dividem com os demais o sentido da profissão de jogador de futebol, suas dores e alegrias, seus esforços e expectativas. Jamais (ao que parece), porém, se perguntaram o que eram seus corpos. Assim, minha pergunta gerava mais dúvidas do que certezas, inquietação.

A comissão técnica, ainda que a abertura da questão deixasse margem a muitas possibilidades, via ali, concretamente, um corpo como ferramenta de trabalho: um corpo, portanto, técnico no sentido clássico, a saber, o meio através dos quais se chega a fins; um suporte material da realização do esporte, materialidade bruta que podia ser trabalhada nos treinamentos, lapidada em seus contornos, mas que também continha em si uma dinâmica interna, própria, em cuja imanência se encontra o talento, a arte, o jogador. Mas também, é verdade, via pessoas: com suas dores, tristezas, preocupações e alegrias.

Este corpo força de trabalho, que se distribui socialmente nas diferentes profissões, teve seus sentidos ampliados quando Mauss (1974) propôs a tese das técnicas corporais. Mas esta primeira ferramenta humana, quando se fala do interior de futebol, vê esta polissemia reduzida à funcionalidade e à capacidade mecânica de repetir a exaustão os procedimentos técnicos e científicos que o treinamento impõe. É assim que a metáfora da

máquina como modelo estereotípico do corpo aparece na linguagem comum e na esfera diária do trabalho no CT.

Entretanto, no momento mesmo em que os atletas, estimulados por minhas proposições, tomavam seus corpos como máquinas, eram novamente surpreendidos pela ambigüidade de, ao serem máquinas, ainda sofrerem, sorrirem, jogarem etc. Esta ambigüidade exigia uma reparação, adjetivações que não perturbassem a certeza da mecanicidade maquínica de seus corpos, mas que não os transformassem em pura máquina. Deste modo, um esforço por recuperar a humanidade acabava por confirmar o modelo dualista que caracteriza o corpo no CT.

Por certo não é muito fácil pensar diferente, ainda mais consideradas as circunstâncias a que os atletas estão expostos: treinamentos repetitivos, testes físicos exaustivos e matematizáveis, conexões constantes com outras máquinas, alimentação calculada: combustível controlado para o máximo de eficiência energética, etc. A resposta mais evidente ao convite a falar do corpo foi considerar-se uma máquina, mas uma máquina diferente: que pensa, sente, dorme, chora, ri...

Mas houve também quem rejeitasse a idéia de ser uma máquina, reconhecendo a sua humanidade já em seu corpo, um corpo que se tem controle através do pensamento e que age quando solicitado. Um corpo posse, portanto, feito de carne e osso, diferente das máquinas de aço, engrenagens e sistemas elétricos e que, mais importante, não pensam e não sentem. Em verdade, pude perceber que os jogadores não sabem falar sobre si quando perguntados sobre suas práticas ou seu corpo. É fato que há um limite na linguagem que dificulta a descrição de algumas imagens ou representações das práticas ou do corpo próprio. Para os atletas, é mais fácil viver as experiências do corpo e do gesto do que falar sobre elas.

Assim, foi uma discussão com o prof. Michel que abriu o problema para outro aspecto, que traduz o conflito entre o “corpo-pessoa” em seu mundo vivido e aquilo que se consegue expressar quando mergulhado no sistema esportivo e suas lógicas, o corpo-máquina. As palavras do professor são estas:

Então, mas a questão da pergunta que você me fez, se eles se sentem máquina porque são tratados ou tem um tratamento semelhante a uma máquina. Fazem-se todos os ajustes, se põe o óleo certo, se faz aquecimento... eu acho que tudo isso se quebra, a questão máquina, na euforia que antecede o jogo, com a alegria do dia que vai jogar ou a emoção de que vai se apresentar. Tudo aquilo, todo aquele trabalho, aquela dificuldade... Porque esse momento é um momento magnífico. Um ou dois

dias antes de um jogo importante um garoto já está tremendo de emoção. É uma emoção muito forte. Então eu acho que toda aquela dificuldade da preparação é compensada antes de um jogo importante, antes de uma estréia. Compensa e por isso que eles suportam... É duro quando se treina bastante e pensa que está bom e ainda não é convocado (relacionado) para o jogo, daí a fadiga e a dor ficam muito maiores.

As palavras do professor são esclarecedoras e traduzem com bastante lucidez este ambiente no qual o corpo suporta a evidência de uma prática e uma racionalidade, a saber, a tecnocientífica. Explorarei um pouco os argumentos apresentados, relatando, em conjunto, outras passagens em que as reflexões de Michel se fazem reconhecer.

A primeira questão importante é que a afirmação acima reflete uma lógica interna ao treinamento e exprime o cartesianismo com precisão: a dualidade do corpo. Quando pergunto se o corpo dos atletas é uma máquina, os argumentos que se constroem para o que parecia indicar a resposta “não”, se inicia com a afirmação da metáfora do mecânico. Fazer ajustes, colocar óleo, aquecer... Os procedimentos postos em operação nos treinos ou jogos estão investidos desta lógica. Mais do que funcionar, o corpo precisa estar ajustado, ou seja, o relógio torna-se a figura central de uma imagem já bastante conhecida.

As entrevistas com alguns jogadores refletem este mesmo aspecto. A tentativa de sair do impasse entre a representação de um corpo que é maquínico e um ser que é sujeito (pessoa, humano ou o que quer que seja que se refira a nossa humanidade) resvala sempre na dualidade corpo/mente, corpo/espírito, máquina/pessoa e, penso eu, é vivida assim porque a experiência cultural que o corpo atlético como ser-no-mundo apreende é esta. É respondendo mecanicamente às demandas dos treinamentos, testes e exames que a “pessoa” se separa de seu corpo, cuja possibilidade de reintegração ainda mantém a visão dualista, ou seja, quando fica nervoso ou excitado com o jogo por vir ou a dor dói mais porque não foi relacionado para uma partida. Ou seja, elementos de uma psique que se encontra com o corpo em momentos liminares.

É por isso que o CAP, à época, iniciava um trabalho de psicologia (que infelizmente não pude acompanhar). Se os corpos estavam sendo bem tratados, com o que há de melhor na biomedicina e na ciência do treinamento, era preciso preparar a cabeça dos atletas para vencer e alcançar o máximo rendimento. Foi neste período que se iniciaram testes psicológicos, anamneses e a “alma” passou a ser um problema de especialista (na verdade voltou, pois o CAP já havia realizado trabalho com psicologia outras vezes).

Este esforço de encontro, ainda que afirmando a dualidade corpo/mente e reforçando a hipótese do ciborgue de modelo mecânico, é corroborado pelas respostas de

outros agentes sobre a idéia do que é o corpo para os atletas e membros da comissão técnica (respostas à questão: o corpo é uma máquina?):

- “é uma máquina magnífica, perfeita.” (Preparador Físico Arison);
- “é minha ferramenta de trabalho. É uma máquina, mas diferente...”. “O teste físico e a preparação física são investimentos”. (Luiz Fernando, zagueiro)
- “é... acho que sim. Mas não é só isso. A gente pensa, sente, tem amigos...” (Wilson, atacante).

Bem, se até aqui tenho apontado para o fato de que o corpo se inscreve num paradigma tecnocientífico e tanto na prática quanto no sistema de representações do CAP é como modelo mecânico que ele é tratado, por outro lado tenho procurado mostrar também que, ainda que o CAP assim se oriente, é o corpo fenomenológico que se imiscui no mundo vivido no CT. É como corpo que habita um mundo e na sua unicidade trava um diálogo com este mundo que efetivamente vivemos, e assim também os agentes vivem suas vidas profissionais no futebol.

Pois bem, é nessa condição, na qual a corporeidade é o veículo do ser-no-mundo, que o sistema biopolítico que controla e decide sobre a vida dos atletas e aplica saberes/poderes encontra sua contrapartida. As incomensurabilidades anunciadas ao início desta parte da tese começam agora a se desenhar e, como a mim se afiguram, são modalidades de resistência, tramas que a vida traça para promover, nos espaços de disputa e através da corporeidade, agências.

## **9.2. Questões sobre a Dor**

Na abertura de *Vigiar e Punir*, Foucault (1987) transcreve um relato bastante incômodo para nossa sensibilidade hodierna<sup>180</sup>. O suplício, modo de punir anterior ao disciplinamento, vivido por Demiens, o condenado, é assim narrado (já no primeiro parágrafo):

[Demiens fora condenado, a 2 de março de 1757], a pedir perdão publicamente diante da porta principal da Igreja de Paris [aonde devia ser] levado e acompanhado numa carroça, nu, de camisola, carregando uma tocha de cera acesa de duas libras; [em seguida], na dita carroça, na praça de Grève, e sobre um patíbulo que aí será erguido, atenzado nos mamilos,

---

<sup>180</sup> Por diversas vezes tive conversas com colegas que iniciaram a leitura deste livro e ficaram um tanto chocados com a crueza e força da descrição do suplício narrado. Minha primeira impressão, também, foi de desagrado, uma sensação ambígua, que misturava a curiosidade mórbida ao horror da cena.

braços, coxas e barrigas das pernas, sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e às partes em que será atenazado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e a seguir seu corpo será puxado e desmembrado por quatro cavalos e seus membros consumidos ao fogo, reduzidos a cinzas, e suas cinzas lançadas ao vento. (ROSSI *apud* FOUCAULT, 1987, p. 9).

O texto continua, destacando, para além da condenação, como as coisas se passaram: do uso das tenazes e da aplicação do enxofre, até o fracasso do desmembramento do corpo pelo uso de cavalos, quando foi necessário esquartejar parcialmente os membros com facas para que as coisas funcionassem. Falou também da conduta do supliciado, seus pedidos de perdão a Deus, suas conversas com os bispos e o modo como levantava a cabeça para ver seu corpo. Finalmente, posto em pedaços na fogueira (havia dúvidas se o mesmo morrera antes), morreu sem ter praguejado.

Esta narrativa, que nos faz recuar no tempo, pode revelar outros contornos se pensarmos menos historicamente e mais espacialmente. As descrições de Clastres (1978) sobre os ritos de passagem em sociedades “primitivas”, nos quais a inscrição das leis sociais sobre o corpo, e a conseqüente aceitação destas, se dá através de ritos dolorosos: perfurações, escarificações, picadas de insetos, clausura, privações de alimento e bebida etc. nos remetem a duas questões principais, a saber: dos modos de agenciamento social da dor e a forma de suportá-la – além, é claro, das sanções sociais de não enfrentá-la.

Eu mesmo, Bitencourt (1999), realizei um estudo sobre os trotes no esporte e de como, em sentido semelhante aos trotes universitários, calouros – neste caso os que participam pela primeira vez de uma competição específica – são “torturados” por veteranos, normalmente através da humilhação pública, de práticas que invadem a privacidade corporal e a intimidade e, em caso de resistência, com o uso da força para impor ao neófito as regras do grupo e promover sua sociabilidade (ainda que com terror) e confirmar seu pertencimento ao grupo.

De fato, seja perscrutando a história, mergulhando nas diferentes sociedades em suas culturas complexas, seja investigando nossa “aparente normalidade”, encontramos sistemas de relações nos quais a dor é elemento fundamental do conjunto que organiza a sociabilidade. No esporte, como acabei de mencionar, não é diferente. No esporte de alto nível, muito mais significativo, pois em sua lógica o atleta profissional *não passa um dia sem sentir dor*. É desta dor e suas implicações que trato a seguir.

Visto deste ponto, o esporte constitui-se como um paradoxo. Em *A Montanha Mágica*, Thomas Mann (2006, p.19) afirma que “a luta contra o sofrimento e a dor é o coração da ideologia do progresso”. De fato, a modernidade procura afastar a dor, o sofrimento e a morte. Entretanto, quanto mais nos afastamos, mais a dor dói, o sofrimento se aprofunda e a morte angustia<sup>181</sup>. Nas palavras de Le Breton (2006, p. 17): “Comme la mort, la douleur est la destinée commune, nul ne peut prétendre leu échapper”. Por outro lado, o esporte de alto rendimento exige a dor, sua presença e sua superação. A dor aparece como a justificação ideológica do esforço atlético e do heroísmo, seja na vitória, seja na derrota.

Antes de chegarmos às notas de campo, cabe ainda uma vez mais retomar investigações que antecipam esta perspectiva de tratar nosso objeto, o corpo, ainda que não se desenhe nestas a mesma concepção que se põe no fundo das teses deste trabalho. Em “Efeito físico no indivíduo da idéia de morte sugerida pela coletividade” e “A expressão obrigatória dos sentimentos”, Marcel Mauss (1974) vai apontar o caráter simbólico e social do corpo e suas manifestações. A leitura desta questão pode ser direta, ao entender-se que a sociedade infunde efeitos psíquicos em seus indivíduos sob os quais os mesmos, inconscientes e integrados, responderiam com as atitudes que o grupo espera dos mesmos.

“Deixar-se” morrer por ter descumprido um tabu alimentar (Mauss, 1974) ou pôr-se a chorar no velório dos pais (Bitencourt, 1999), seriam imposições simbólicas do coletivo sobre os indivíduos. Do mesmo modo, a “eficácia simbólica” foi reafirmada por Lévi-Strauss (1996) quando o xamã é invocado para realizar um parto complicado de uma jovem *cuna*. Entre cânticos e rezas, uma luta é travada entre o xamã e os espíritos que impedem o parto. Através de invocações, sentenças e palavras, esta luta simbólica entre espíritos protetores (agenciados no útero, pelo xamã) e malfazejos se dá no interior de um corpo que vive e acredita, que jamais põe em dúvida tal evento, mas dele participa pela crença integrada no conjunto de práticas e símbolos próprios ao seu grupo. Ou ainda, como bem expressa LeBreton (2006, p. 65): «Les mêmes matériaux en quelque sorte sont présents dans le chant du mythe et dans la chair de la femme».

Voltando a Mauss (1974), em “As técnicas Corporais” o autor explora a aprendizagem mimética e muda, desde a infância à vida adulta, dos modos de utilizar o corpo, esta primeira ferramenta que utilizamos no mundo. Pois bem, talvez se sigamos estes autores, encontremos ora uma modalidade de pensamento que compreende as

---

<sup>181</sup> Para mais discussões sobre esta questão ver: Elias (2001) e Rodrigues (1999).

complexas interações entre sociedade e psique individual. Por outro lado, talvez seja possível encontrar também aquilo que Bourdieu (1882; 1998; 2001) vai recuperar na idéia de *habitus* e que Merleau-Ponty vai trabalhar a fundo em toda a sua obra, a conexão irrevogável entre corpo e mundo.

Reconhecendo com LeBreton (2006, p. 63) – algo que também se expressa em Merleau-Ponty e Mauss – que “a ordem do corpo é de realidade simbólica”, retomo a idéia de que há uma aprendizagem do corpo, pelo corpo e que se dá no e através do corpo, anterior a toda a consciência. O que em Mauss aparece sob a perspectiva de uma aprendizagem mimética e em Merleau-Ponty (e mesmo Bourdieu) vai ser tomada como esta relação muda – “selvagem” – do corpo com o mundo é a âncora sobre a qual as práticas corporais – o se-movimentar – e seus corolários fundam este modo de estar no mundo.

Assim afirmo duas coisas sobre a questão da dor: a) que ela é aprendida no interior de um sistema prático-simbólico que, à forma da imposição da morte ou das emoções, lhes escapa ao sentido e se reproduz como prática incorporada e; b) que a consciência destas aprendizagens, sempre tardias em relação à aprendizagem por incorporação, é que possibilitam os agenciamentos no interior do campo ao qual os agentes pertencem, ainda de acordo com as lógicas internas e os sentidos recortados das práticas e significados.

Um último aspecto merece destaque, ainda que sua inserção talvez se dê por demais reduzida. Quando Foucault (2004) descreve o biopoder, recupera uma distinção aristotélica entre *zoé*: o viver de todos os animais, a vida natural e; *bios*: a vida dos indivíduos ou grupos, a vida humana. Agamben (2007) esclarece que *zoé*, que o autor vai chamar de “vida nua” (do *homo sacer*), é a vida na qual apenas dor e prazer estão inscritos: é a vida dos animais, a vida natural. *Bios*, a vida na linguagem (não na voz, que todos os animais teriam), portanto a vida dos humanos, é a vida política, onde moral e virtude, bom e belo se exprimem.

O biopoder é o poder exercido não sobre a *bios*, exclusivamente, mas sobre a *zoé*, a “vida nua”, como os controles biomédicos e tecnocientíficos descritos nos capítulos anteriores o demonstraram. O que aproxima, ao mesmo tempo em que afasta, a segunda parte da tese do que pretendo trabalhar por ora é a ambígua relação que a dor, como domínio da *zoé*, é infligida pelo próprio sistema que busca sua evitação e cura e, como passagem da voz a linguagem, tem sua incomensurabilidade transformada em um sistema de símbolos significados cuja prática opera nas estruturas de relações sociais dentro do CT.

Pensando no CT e no sistema de treinamento, afirmo que a dor estabelece o limite até onde o “jogo” pode ir: o limite imposto pelo corpo próprio. O limite de dor ao qual é legítimo suportar ou enfrentar implica colocar a dor não como uma variante fisiológica, mas inscrita no mundo vivido, organizado num sistema de valores e normas, numa cultura. Como sugere LeBreton (1995, pg 15), “dans la constitution d’un monde humain, cest-à-dire un monde de significations et de valeurs accessibles à l’action de l’homme, la douleur est sans doute une donnée fondatrice”. É possível pensar o esporte em geral e o futebol em particular como uma relação entre indivíduos regulada pelos limites impostos pela dor? Talvez não seja o caso, mas não se pode deixar de considerar que a dor é uma das muitas formas pelas quais as configurações do jogo encontram limites.

A dor, como percebi em uma de minhas primeiras observações de campo, é tratada com cuidado e em várias situações é motivo de desconfiança. Se toda a tecnologia tenta tornar o mais objetivo possível a formação e a preparação atlética, a normalização calculada descrita na segunda parte da tese, a dor, como elemento da subjetividade, mas, mais importante, como imanência do corpo próprio – um saber do corpo? – coloca sob suspeita as possibilidades tecnocientíficas do controle absoluto sobre o corpo atlético. A intangibilidade da dor é suporte de agência. Assim, compondo as variantes dos usos sociais da dor, como sugere LeBreton (1995), na fé, no amor, na tortura e no mal, encontramos no esporte a singularidade ambígua da perseguição e do afastamento da dor.

Pois bem, em um parágrafo: de um lado encontra-se a ciência do treinamento que tem um exaustivo conhecimento e conseqüente controle sobre as qualidades e as valências físicas; organiza e planeja o necessário para o desenvolvimento de força, velocidade, resistência, aumento de massa muscular etc.. Por outro lado, há toda a ciência médica que faz o diagnóstico, o controle e a manutenção da saúde desses atletas. Para ambos, impõe-se uma maquinaria sofisticada. O que a ciência faz é eliminar incertezas. A dor, porém, é um elemento de incerteza. É um espaço onde a subjetividade do atleta pode jogar com as (in)certezas da ciência.

Portanto, a dor é componente intrínseco ao treinamento e constitutivo do futebol, e me parece relevante analisá-la. É amplamente divulgado, já o disse, que a dor faz parte da vida do atleta. Toda atividade física gera subprodutos não eliminados pelo corpo que, dependendo da intensidade, podem acumular-se entre as fibras musculares na forma de ácido láctico causando uma dor singular. Por outro lado, os impactos decorrentes do jogo de futebol geram lesões de diferentes graus que podem ser desprezadas ou exigir tratamento.

Na perspectiva dos próprios atletas e dirigentes, em esporte de alto nível, em esporte de competição a dor está presente. Assim, “o atleta tem que superar a dor para estar em um nível acima”. Segundo o Dr. Roberto, se levantarmos a ficha (médica) de qualquer garoto dos juniores, encontrar-se-á uma quantidade significativa de registros, uma vez que estes já estão no futebol há 5, 6, 7 anos ou mais. Estes registros de contusões, doenças e dores acompanham os atletas em suas carreiras, orientando o trabalho das biociências e, mais diretamente, marcando os corpos – as vidas – de cada um dos atletas em formação ou já formados.

Mas a dor não é apenas isso. Ela comporta algo mais. A dor tem um papel social. Como fato da natureza é inquestionável (talvez ponto singular de hiato entre humanos e máquinas), mas como fato da cultura é contextual. Tem caráter espaço-temporal e é aprendida na particularidade da vida coletiva. Há uma fisiologia da dor, que se esvazia ao reduzir-se há uma exclusiva biologização. Ao mesmo tempo, há modificações no sistema de fisiologia da dor decorrentes das experiências vividas pelos agentes.

O debate natureza/cultura encontra no fenômeno da dor um sistema complexo de interações. Segundo Guerci & Consiglieri (1999) o geneticista Lewontin entende que o indivíduo é o resultado histórico das relações complexas entre um genótipo e o ambiente, sendo a dor também fruto desta. Uma questão singular, entretanto, é o fato de que existe uma série de substâncias químicas atuando no cérebro quando da sensação da dor. Várias delas com efeito analgésico. Sabe-se, ainda, segundo tais autores, que “a repetição de estímulos dolorosos pouco intensos facilita a emissão de morfinais cerebrais mais do que um único estímulo muito intenso”.

Os atletas de futebol são sujeitados cotidianamente a uma série de estímulos dolorosos – leves, moderados ou intensos – que podem (devem) influenciar na capacidade de resistir aos impactos sobre o corpo decorrentes dos treinos e jogos, contribuindo na formação do “caráter guerreiro”. Observando os treinamentos, pude perceber que a intensidade dos contatos físicos é realmente grande. É provável que, se em uma “pelada” de fim de semana se chegasse às intensidades dos treinos de garotos de 16 anos, teríamos uma grande quantidade de lesões, além do risco de o jogo terminar em pancadaria.

É nestes termos que para um dos preparadores físicos a dor é “maravilhosa”, pois é uma reação de defesa realizada pelo corpo, que ajuda aos preparadores físicos, médicos e fisioterapeutas dosarem o trabalho, controlarem suas ações, orientarem seus planejamentos. Não fosse a dor, o treinamento esportivo não seria possível. Paradoxalmente, a prescrição se baseia, como visto, no acúmulo de medidas e cálculos, na eliminação de variáveis, o que

o elemento subjetivo inscrito na dor desfaz como um intruso. Ainda assim, este aspecto biologizante da dor encontra eco nas tentativas médicas de diagnosticar com precisão a dor do paciente através das máquinas de transluzir e escrever sobre o corpo e sua experiência no “inquerito”.

Entretanto, o fato de a dor ser de caráter intangível é reconhecido pelos próprios médicos, fato que debati com os mesmos e que se confirma neste depoimento:

A dor é subjetiva. Nós temos que respeitar. Nós temos parâmetros clínicos, parâmetros de exame, parâmetros de várias possibilidades para estar avaliando. A dor que o atleta refere às vezes, a dor que existe é provocada por algum processo. Nós temos condições de ir atrás e pesquisar esse processo, mas quando isso acabou, não existe a máquina para ver dor e essa máquina para ver dor é o bom relacionamento que você tem com o atleta e ele com você, entra a estrutura com respeito do atleta para os companheiros, com respeito para o clube, do respeito do atleta para o treinador, inclusive para a direção da entidade a qual ele está participando, no caso o clube.

Confirmando que a dor é menos um espaço do qual a ciência convoca suas certezas, a despeito das técnicas e tecnologias, e mais um problema no qual se desenrolam relações sociais complexas, temos que, segundo o Dr. Batista:

Nós, no dia-a-dia, estamos sempre no limite com o atleta, sempre em comum acordo com ele. A gente avalia, examina e coloca sempre a possibilidade dele estar bem ou não estar bem, estar lesado ou não estar lesado e a possibilidade de poder treinar ou não. Claro que isso tudo desde que não envolva riscos de gravidade para o atleta.

Se ele está com entorse no tornozelo e consegue realizar o treinamento com uma dor suportável ou que possa acontecer do atleta não estar disposto a fazer, então ele não está disposto. Isso a gente se permite a fazer, desde que não vá causar nenhuma gravidade maior para o atleta.

É claro o fato de haver um esforço para que o trabalho médico, fisioterápico e dos preparadores físicos esteja embasado em conhecimentos e procedimentos inquestionáveis. Por isso, a despeito da ausência de uma máquina para ver dor, um sistema complexo de conhecimentos e práticas – que passam pelo saber médico, o diagnóstico clínico e por imagem, além do peso da instituição Atlético – procuram diminuir as possibilidades de erro ou mesmo mobilidade dos atletas quanto a sabedoria de seus próprios corpos. Cito, a seguir, aspectos procedimentais descritos nas entrevistas realizadas com os médicos e fisioterapeutas que resumem o esforço de controle.

Inúmeros elementos objetivos são levantados para que a lesão e a dor possam ser diagnosticadas com segurança. Um, é a observação direta, pelos médicos, do causador da

lesão. Estar presente nos treinos e jogos, além de assistir aos vídeos dos lances, gera uma objetividade preliminar, cujo amparo é a experiência médica na observação de contusões. Evidente que esta objetividade está ancorada na subjetividade médica, mas exprime-se como uma objetividade por presença ao fenômeno. O olhar informado resmunga as primeiras impressões.

É preciso, em seguida, determinar as características da lesão e da dor, pois (...) “a dor é muito subjetiva, mas ela também é diversa. Por exemplo, a dor de fincada, a dor de pontada, a dor de queimação, a dor de aperto, a dor de sufoco...”, como revela o dr. Batista. Entretanto, a dor ou a visão do lance não podem ser os únicos parâmetros para o diagnóstico e o tratamento. Outros parâmetros são postos em ação, quais sejam, os funcionais, a reabilitação na pista, o trabalho de propriocepção, etc.

Os conhecimentos de fisiologia e anatomia darão, então, os próximos diagnósticos através do reconhecimento do local lesionado e dos testes funcionais para inferência e confirmação da lesão<sup>182</sup>. Segundo os médicos e fisioterapeutas há como, através destes testes, determinar o local exato da lesão e, com algum grau de sensibilidade, sua extensão. Tal procedimento é correlato do inquérito/exame, no qual o atleta é instigado/estimulado a falar sobre sua dor: tipo (aguda, ardida, latejante); intensidade (fraca, média, forte); e mesmo duração e extensão.

Por fim, realizadas as condutas nas quais a relação médico-paciente se encerra, quando o estar juntos não informa mais nada, as máquinas são chamadas a intervir. O olhar maquínico – sobre o qual já se tratou – revelará a interioridade corporal e “a verdade” sobre a lesão. Entretanto, nada dirá sobre a dor, que ainda revelar-se-á intangível aos que não a sentem e mesmo inefável ao sofredor. Assim são os exames clínicos: tentativas de eliminação da subjetividade.

Por outro lado, como a dor entra num complexo de símbolos pelos quais os atletas se comunicam entre si e com os demais agentes do campo esportivo (comissão técnica), pode ser usada para agenciar posições e interesses na estrutura esportiva. Suportar a dor, manipulá-la, controlá-la, admití-la ou forjá-la são recursos através dos quais uma lógica do corpo se engendra no sistema esportivo. De modo geral, os atletas toleram muito bem a dor e o contato físico (desde que seja considerado leal), como destaca o Dr Roberto: “essa semana aconteceu algo interessante, minha irmã teve um entorse no tornozelo, caiu no meio fio. Ela sentiu uma dor, segundo ela, insuportável. Entretanto, é uma dor que os

---

<sup>182</sup> Os testes funcionais são ações mecânicas como apalramento, flexão e extensão, por exemplo, sobre o membro, articulação ou tecido lesionado.

atletas nem reclamam. Eles suportam muito mais que o padrão de um cidadão comum, sedentário”. Porém, como já se viu, suportam muito melhor do que a jocosidade e a pilhéria.

No limite, o que se tem é uma estrutura organizada por homens que infundem, desde muito cedo, os atributos “naturalizados” por nós da masculinidade: suportar a dor, revidar em caso de violência, vencer o adversário. Forja-se, em certa medida, o caráter guerreiro, que não por coincidência, alimenta-se nas inúmeras metáforas e metonímias que a guerra oferece ao esporte.

Uma passagem interessante, durante o treinamento do Juvenil, pode ajudar a compreender os aspectos que ligam a masculinidade “prescritiva” ao treinamento e à dor. Naquele dia, vários jogadores se contundiram, sendo necessária a intervenção do massagista. Numa passagem curiosa, ao falar com o atleta Rafael (que esteve machucado por um período significativo) que treinou dizendo que estava “meia boca” para jogar, o preparador físico Edmilson agiu da seguinte maneira: chamou Rafael para perto, que aproximou-se e sentou. O preparador físico mandou que o mesmo levantasse e disse: “vamos falar de homem para homem! Tu podes jogar ou não, tu estás bem ou não? Ou tu tá 100% pra jogar ou diz pro treinador que não dá. Ele não pode treinar contigo e tu tá “meia boca” e chega na hora tu não joga”.

Ainda que uma lógica importante, para quem trabalha coletivamente, estivesse em jogo, qual seja, o fato de o atleta estar treinando em condições físicas precárias (o que é bastante comum, a medida que se espera que o atleta suporte as dores cotidianas), ocupando o lugar de alguém que poderia (deveria) treinar, uma vez que não havia garantia de que Rafael pudesse participar da partida, o que se destaca é o desafio imposto ao homem (ainda que de 16 anos) de, ou suportar a dor calado e treinar, ou assumir a sua incapacidade – tarefa sempre difícil, pois implica em correr o risco de perder prestígio, além do lugar no time – perante o treinador. Em ambos os casos, assume-se o risco que esconder ou revelar a dor sempre provoca quando se trata de homens a jogar.

### **9.2.1. A ética cavalheiresca (corpo nobre)**

Mas não é apenas desta incorporação da dor e da violência que se forja o atleta profissional de futebol. Há mais. Há, por mais complexo que possa parecer, uma formação

que a primeira vista se insurge como paradoxal, mas que pensada sob termos específicos, carrega uma lógica significativa, a saber, a formação de um sujeito nobre.

Thomas Mann (2006), mais uma vez, lembra que a nobreza não é transmitida pela riqueza ou pela inteligência, mas pelo sangue, pelo corpo. É este corpo que exige um comportamento digno dos colegas de profissão, cuja honra e nobreza está no respeito aos traços característicos da função exercida. A nobreza de que trato não é aquela afetada das cortes, mas a dos cavaleiros, que ao respeitar em igualdade e dignidade o outro, ainda assim podiam se lançar à luta, à violência, à guerra.

Guardados os limites das comparações, mas com este espírito iluminando estas idéias, esperam os jogadores de futebol, seja durante os treinamentos, com seus parceiros, seja durante os jogos, contra os adversários, a conduta firme e honrada de quem, ao não temer a dor, nem a violência, se porta com elegância e respeita os princípios éticos dos códigos implícitos da profissão, mesmo que à revelia da lei, da moral mais ampla ou do espetáculo.

Ao contrário do que possa parecer e que de modo geral tornou-se senso comum sobre jogadores de futebol, a saber, a idéia de que são malandros, indisciplinados e pouco respeitosos com as pessoas em geral e os companheiros de profissão em particular, há um comprometimento coletivo – mesmo que na hora do jogo, jogadas desleais se desenrolem – com o outro, um código de honra que, se não está escrito, não é também demasiado sutil, regula a conduta na relação entre os pares na lógica futebolística.

Ainda assim, a despeito da perceptível tendência ao respeito profissional reclamado sob o nome de ética, a dor agenciada em treinamentos e jogos colabora na organização dos espaços sociais e até coordena, em sentido performático, as ações individuais e as posturas coletivamente aceitas no contexto futebolístico. Das contingências aos ordenamentos mais estruturais, a dor resgata a ambigüidade do humano e recoloca os cálculos das ações não nas medidas científicas, mas nos espaços de relações sociais.

Retomemos os atletas. Em minhas observações, conversas informais e entrevistas, pude perceber que o cotidiano vivido em meio a dor, a rotina e o cansaço é contrabalançado pela alegria de estar com o grupo e com a bola, pela certeza dos resultados positivos na melhoria do rendimento em virtude dos treinamentos e a esperança/fé numa carreira de sucesso. É assim que todos com quem conversei, sem exceção, dizem se acostumar em conviver com a dor e que ela nem incomoda tanto, a não ser em caso de lesão grave.

A fadiga muscular e as lesões leves são facilmente assimiladas e raramente impedem o atleta de jogar ou treinar. Isto se deve, ao meu ver, ainda que as experiências sobre os “anestésicos químicos cerebrais” acima citados pareçam ter fundamento, ao fato de que se espera que estes atletas, mesmo os mais moços, resistam e enfrentem este componente intrínseco de sua formação/profissão e aprendam a lidar com a mesma nas diversas circunstâncias. Não sem razão há na fisioterapia uma certa jocosidade que resulta, em alguma medida, desta incomensurabilidade do corpo e da desconfiança que isto gera.

Interessante notar que a dor das lesões mais graves está ligada ao afastamento dos treinamentos e dos jogos. Quanto mais importantes os jogos a serem disputados, mais dói a dor de quem está afastado, num processo de ampliação da dor resultante do afastamento de seus pares e das possibilidades profissionais que as boas partidas representam. Portanto, também considero haver uma hierarquia no trato da dor, semelhante aos esforços dos atletas com relação aos testes (conforme descrito na segunda parte) que faz com que os jogos tenham significados distintos para cada jogador, de acordo com sua posição no sistema futebolístico, e as dores decorrentes sejam agenciadas de forma diferente.

Do mesmo modo, o afastamento dos familiares, principalmente dos mais jovens em relação aos pais e irmãos – mais significativamente da mãe – e dos amigos, da rua e da cidade onde nasceram geram contornos complexos e diversos no sentimento da dor. Como revela o Prof. Michel, a distância de casa, a ausência dos parentes, amigos e principalmente a saudade da mãe, no caso das categorias de base, faz com que a dor doa mais, uma intensidade associada ao sentido deslocado e solitário que este ser-no-mundo carrega. Lembra LeBreton (1995, p. 56): «La médecine est un savoir du corps (organic) et de ses processus, elle n'est pas un savoir sur l'homme et son report au monde». A dor não é um fato da fisiologia corporal, mas um fato da existência.

Corroborando estes aspectos, o próprio médico do CAP reconhece:

Nisso vai estar tudo envolvido [...] fatores extras. Por exemplo, o atleta está com dor no joelho, mas o problema não é só o joelho, o problema é que ele não dormiu em casa, está com problemas com a família, o filho novo não o deixa dormir, ou ele saiu do time. Tudo isso precisa ser observado.

Há dois consensos importantes entre atletas e comissão técnica: 1) o de que a dor pode ser agenciada para se deixar de treinar e/ou jogar, ou seu contrário e; 2) a profissionalização e modernização dos processos têm inibido esta forma de agir dos atletas.

Sobre o primeiro ponto, o acordo é evidente<sup>183</sup>, ainda que o que se chama de “migué”, termo nativo referente a simulação de contusão ou doença para não treinar, seja tratado com uma dose de embaraço e descartado como prática no clube. Ainda assim, haja vista o fato de seu reconhecimento, a jocosidade com que alguns atletas simulam, de modo performático, uma contusão quando o treino está muito pesado – principalmente treino físico – demonstram que tal prática não desapareceu e seus efeitos prático simbólicos são importantes, pois reafirma a hierarquia entre pares na relação entre si e com a comissão técnica.

A afirmação do Dr. Romero, transcrita logo a seguir, que anuncia, por parte dos jogadores, uma possibilidade de jogar com o que interessa, do ponto de vista profissional ajuda a elucidar a questão:

Tem o popular “nhé né”. É que não está a fim de jogar um jogo, ou não está com vontade de jogar outro. Quando eu trato de um atleta assim (...) ele está de má vontade, não está a fim. Porque na cabeça dele há uma certa prioridade, já que uma determinada competição é mais importante que outra. Em uma ele pode ser convocado para a seleção.

Tais afirmações, assomadas às inquietações de um jovem jogador quanto a sua recuperação longa e difícil resultante de uma sucessão de lesões, em se comparando ao tratamento dado a jogadores consagrados – como a recuperação atlética do jogador Washington, que teve problemas cardíacos e ficou um ano sem jogar, ou mesmo de Zé Roberto, que sofreu duas intervenções cirúrgicas no joelho – demonstra o caráter hierárquico e privilegiado que o futebol expõe, através, evidentemente, do capital futebolístico do atleta conversível em capital econômico pelo clube.

É nestes termos que Samuel se expressa:

(...) quando a gente se machuca, jogador assim ah! Não dá atenção nenhuma, deixa você lá largado. Se você precisa de um apoio eles não estão nem aí e isso acontece em todos os lugares. Não só aqui. Então se isso acontecer comigo... aconteceu várias vezes comigo e eu sempre procurava minha família, assim, pra me ajudar, me apoiar, porque se dependesse daqui eu ia ficar muito pra baixo eu acho que não ia superar tudo isso entendeu. E é difícil, ninguém te dá atenção, você se sente um desvalorizado, que não serve pra nada. E isso é difícil. Você está ali machucado, precisa de um apoio, de força, tal, superação e isso não acontece.

---

<sup>183</sup> Nas palavras do Dr. Batista: porque a gente já viu algumas vezes que ele (o atleta) está com dor, mas está com dor porque não quer treinar. Já aconteceu de o atleta se referir a dor, você vai avaliar, faz teste funcional e vai chegar a conclusão de que a dor não está compatível com o que ele relatou.

O interessante é que o próprio jogador reconhece o sentido econômico de sua condição, quando reclama uma maior atenção do clube com base no fato de os jovens jogadores serem uma fonte de renda para o clube, o que exigiria maior respeito e cuidado. Assim, ainda que os jogadores possam jogar, através da dor, com suas posições no elenco de jogadores, com os jogos e treinos, o próprio clube pode trabalhar, como se viu ao tratar-se do departamento médico, para que seus interesses sejam impostos.

Ainda assim, há um espaço de manobra que, embora evidentemente regulado pelo sistema de hierarquia e status, permite aos jogadores certa margem de movimento no interior do treinamento, dos jogos e do próprio grupo. Da mesma maneira que um jogador importante para o clube pode ficar afastado do treino em virtude de “dores musculares”, outros podem enfrentar (ou mesmo ocultar) dores e lesões para não desperdiçarem a oportunidade de estar presente em momentos importantes. É o caso de um dos jogadores do juniores (Pedrinho), que pressionou o médico para retornar à equipe – ainda que o mesmo não houvesse sido liberado pelo DM – pois queria estar na final da Copa Tribuna de 2006.

É comum o desejo de voltar logo aos treinos e às competições, de modo que os atletas escondem a dor para poder treinar. Os casos conhecidos, geralmente, são os que acabam sendo obrigados a retornar ao tratamento médico-fisioterápico em virtude da recidiva da lesão ainda não cicatrizada. Por outro lado, pouco se sabe dos que retornaram aos treinos ainda com dores e prosseguiram, do mesmo modo que é comum o departamento médico liberar um jogador para suas atividades normais – após exames, testes e tratamento “completo” – e o mesmo voltar a sentir dores ou mesmo ter uma recidiva da contusão.

O Prof. Michel me chamou a atenção para mais um aspecto dos usos da dor: os gritos dos jogadores, mesmo nos treinos, quando sofrem uma falta ou um contato físico mais vigoroso, ou ainda que não tenham nem sido tocados. Esta forma de jogar com a dor através do grito – da voz que se torna linguagem – funciona como um modo de ludibriar árbitros, torcedores e adversários e é incorporada na performance que cada jogador desenvolve dentro de campo. Entretanto, como as hierarquias e estratos classificatórios são diversos, há um sistema de distinção no agenciamento da dor através da performance – ou da teatralidade incorporada e modulada na voz e no gesto.

Esperam-se condutas condizentes com as atribuições dos atletas em campo, com suas características físicas, assim como com seu status no sistema futebolístico. Exemplificando, de zagueiros e volantes, principalmente, além de jogadores de porte físico

avantajado, imagina-se que joguem pouco com esta possibilidade, diferentemente dos atacantes leves, que abusam do grito e do teatro. Já os craques devem se conduzir cavalheirescamente, simulando e dissimulando, sem jamais exceder o ponto em que seu respeito e prestígio corram riscos. Agem, por fim, sob pena de perderem espaço no sistema que classifica os jogadores pelo seu saber incorporado, que se estabelece como “capital futebolístico” acumulado e pronto a ser utilizado, com as lógicas coletivas que a estrutura distribui.

Ressalto que a aprendizagem deste modo de agir/reagir ao jogo, mais do que a própria violência, aprende-se pela atitude mimética descrita por Mauss (1974) em “As técnicas corporais”, e que o sistema organizado em valores e normas implanta, distribui e regula as performances esperadas, e por vezes desejadas, tornando a dor e seus usos mais um componente da *illusio* que pretendo descrever nas próximas páginas.

Mais uma vez recorro ao discurso médico para reforçar meus argumentos. Nas palavras do Dr. Batista: “Então, na verdade, a dor não é critério que você usa no dia-a-dia. Você tem outros critérios que vão estar atirando sobre você para ter mais segurança. A gente não se atém só a essa questão de dor”. Primeiro, porque ela entra no plano do suportável; segundo, porque ela é incomensurável e; terceiro, corolário e fundamento das primeiras, porque, em sendo como o é, é possível agenciá-la, ainda que se reconheça os limites que a estrutura do campo esportivo impõe.

Portanto, e por fim, ainda que o campo tenha apresentado algumas destas variantes ligadas a lesão, dores e recuperação, o mais importante, para além do fato de as mesmas ocorrerem, é o reconhecimento da impossibilidade das biociências – medicina, fisiologia e treinamento esportivo – alcançarem o corpo vivido. Relembrando LeBreton (2005), há pouco citado, estes são saberes do corpo: do homem em sua relação com o mundo.

### **9.3. O Movimento: mimeses e poiesis – repetição e diferença**

Início este ponto da tese lembrando um aspecto importante que já anunciei no decorrer do texto, a saber, o fato de habitar um mundo. Nossa condição mundana foi levantada quando tratei do espaço onde carne e pedra se embaralham. Moutinho (2006) afirma que para Merleau-Ponty habitamos um mundo natural e humano. A natureza do mundo se dá porque o mundo já está aí, é antepredicativo. Quando falamos sobre o mundo

e o conhecemos através do cogito, já o percebemos. Estamos com o mundo, tanto como estamos no mundo. O mundo humano é o mundo da cultura.

As idéias formuladas até aqui acabam por nos encaminhar a outra discussão necessária, que nos coloca novamente em contato com o corpo e, finalmente, com o movimento: se, sob um determinado enfoque, especificamente o foucaultiano, o corpo é o local de inscrição do poder e para Bourdieu é o espaço de aprendizagem do *habitus*, uma incorporação de disposições, quero refletir agora sobre o corpo como possibilidade do ser-no-mundo e o movimento sendo aquilo que promove o diálogo dos seres humanos entre si e com o próprio mundo.

Para Merleau-Ponty (1994, p. 122), o corpo é o “veículo do ser-no-mundo”. É nossa possibilidade de juntarmo-nos com o meio em que vivemos, de nos confundirmos com o mundo e com as pessoas, de fundarmos nosso mundo e nele realizarmos projetos. Em outras palavras, “meu corpo é o pivô do mundo”. Sou, em minha corporeidade, o sujeito da percepção, não objeto percebido, pois o corpo enquanto afetividade é o espaço de sensações cinestésicas: movimento que dialoga. Deste modo, o espaço corporal relaciona-se com o espaço exterior através de sua motricidade. No espaço exterior encontro também um outro, que encarna em sua experiência do mundo as singularidades constitutivas da minha própria experiência, que se sustenta no fato de o mundo estar aí, antes mesmo de eu poder falar dele. Desde esta perspectiva, Merleau-Ponty (1994, p.8) escreve

Se o outro é verdadeiramente para si para além do seu ser para mim, e se nós somos um para o outro e não um e outro para Deus; é preciso que apareçamos um ao outro, é preciso que ele tenha e que eu tenha um exterior, e que exista, além da perspectiva do Para Si – minha visão sobre mim e a visão do outro sobre ele mesmo –, uma perspectiva do Para o Outro – minha visão sobre o Outro e a visão do Outro sobre mim.(...) É preciso que eu seja meu próprio exterior, e que o corpo do outro seja ele mesmo.

Isto significa também, como já mencionamos ao tratar da metodologia, que ao reconhecer o outro como participante do mesmo mundo e partilhando a mesma “fé perceptiva” de que estamos no mesmo mundo, não o reduzamos a nossa própria lógica – e vice e versa – mas constituamos diálogo para o mútuo entendimento. Estas questões que ora coloco, e que podem se traduzir por demais abstrata, parecem ganhar concretude na experiência do movimento e aparecem agora como uma dimensão fundamental da apreensão do mundo – através do diálogo pelo movimento –, da invenção criadora da

corporeidade que funda o mundo e comporta, para além daquelas imposições culturais – e estruturais – um modo de reinventar o mundo, de refundar a experiência não apenas através da incorporação dos dispositivos disciplinares e do biopoder, mas também do corpo próprio, que se faz movimento transgressor, inventivo, criador.

Esta nossa relação com o mundo, dada pela percepção, é uma relação “selvagem”. Ao contrário de Foucault, que vê o corpo já amarrado a teias de poder, numa inquebrantável relação na qual o humano nasce preso (assim como Sartre, para quem o inferno são os outros, ou seja, aquele que me agride a liberdade), Merleau-Ponty vai ver o diálogo corpo-mundo como uma abertura, pois que feitos do mesmo estofado, são a possibilidade de existência de um e de outro, uma vez que sujeito e objeto não se cindem, estão em co-presença. Não há percepção sem mundo, nem mundo sem percepção.

Assim também se dá o mundo humano, que para Merleau-Ponty (1994) é o mundo da cultura. É certo que habitamos um mundo dado, culturalmente ordenado, tanto como os objetos da natureza estão presentes antes de nós, mas também é fato que vivemos em co-presença com o *outrem*, que vive e percebe o mesmo mundo que eu e que também é abertura para este mundo. Escreve o autor:

Há portanto um sujeito abaixo de mim, para quem existe um mundo antes que ali eu estivesse, e que marcava lá o meu lugar. Esse espírito cativo ou natural é o meu corpo, não o corpo momentâneo que é instrumento de minhas escolhas pessoais e se fixa em tal ou tal mundo, mas o sistema de “funções” anônimas que envolve qualquer fixação particular em um projeto geral. E essa adesão cega ao mundo, esse prejuízo em favor do ser não intervém apenas no começo da minha vida. É ele que dá seu sentido a toda percepção ulterior do espaço, ele é recomeçado a cada momento. O espaço e, em geral, a percepção indicam no interior do sujeito o fato de seu nascimento, a contribuição perpétua de sua corporeidade, uma comunicação com o mundo mais velha que o pensamento. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 342)

Vivemos uma totalidade natural e cultural. Para voltarmos a etnografia, atletas e comissão técnica – assim como este antropólogo – estão abertos a este fundo, o solo comum de nossas experiências e horizonte de nossas ações. É neste estar em comum que se funda a comunicação. A intersubjetividade nasce da fé perceptiva de que habitamos o mesmo mundo. A intercorporalidade, a co-presença, é a abertura para este entendimento, num mundo que é público (como a cultura em Geertz, 1989). O mundo humano, do qual somos parte e no qual nos apresentamos, é aquele no qual somos coextensivos ao *outrem*.

Habitamos um mundo cultural, um terreno comum no qual nos lançamos. Para Merleau-Ponty (1994, pg. 474-5),

(...) na experiência do diálogo, constitui-se um terreno comum entre outrem e mim, meu pensamento e o seu formam um só tecido, meus ditos e aqueles de meu interlocutor são reclamados pelo estado da discussão, eles se inserem em uma operação comum na qual nenhum de nós é o criador.

Mas este aquém, do qual a percepção é o anúncio e o cogito (e a ciência) a manifestação tardia, se dá pela motricidade do corpo próprio. Através do movimento alcançamos o mundo, traçamos perspectivas, vislumbramos objetos, alargamos o horizonte... A corporeidade, esta manifestação do ser-no-mundo, é o corpo dotado de uma intencionalidade original, que é movimento em relação ao mundo. Um saber do corpo, que não está numa consciência do corpo, menos ainda numa consciência sobre o corpo, fora do corpo, mas um saber que é corpo.

É por isso que caminho sem ter que pensar em cada passo a dar, e se tenho que pensar nos passos, não preciso estar atento, no pé ante pé, num equilíbrio por vir. Minha relação com o mundo é direta. Isto, que Merleau-Ponty vai chamar de corpo habitual – inscrito na temporalidade vivida –, e que está em ambigüidade com o corpo atual – este, que ora vive aquilo a que chamo presente – é o corpo próprio; não um corpo para a psique ou para o cogito, mas um corpo que reúne o em si e o para si em sua manifestação.

Tais questões nos fazem retornar ao problema do movimento no treinamento do CAP e o conhecimento sobre o corpo atravessado pela biociência. Há que se concentrar, então, em dois aspectos, repetição (*mimeses*) e diferença (*poiesis*), para formular o entendimento de mais um dos aspectos inapreensíveis pelos dispositivos descritos na primeira e na segunda parte da tese, a saber, o movimento e o corpo próprio.

Argumentei, quando tratei do sistema de treinamento, em especial os técnico e tático, que alicerçado numa perspectiva fechada no corpo em si, a partir da neurofisiologia, que a aposta na repetição continuada dos movimentos do futebol traria a perfeição do gesto adequado ao jogo. Passar, chutar e cabecear são exaustivamente postos em prática em processos diários de repetição mecânica do gesto. Não há dúvida de que isto expressa uma mecanicidade do corpo e uma aposta no sistema fechado (cujo feedback se dá pela correção feita através da palavra e demonstração do treinador) de nervos e músculos, comandados por um cérebro que aprende, para a execução do gesto.

É neste edifício teórico sobre o movimento que o corpo fenomenológico desaparece. O ser-no-mundo é, em termos conceituais tecnocientíficos, um deslize, a fonte do erro que deve ser controlado e corrigido. Mas uma questão posta pelo professor Elenor

Kunz<sup>184</sup> põe em xeque este modelo de pensar o gesto como efeito de um circuito eletromecânico (neuro-muscular) que encontra a resposta em seu fechamento. O exemplo dado pelo professor é o que segue: imagine um atleta, corredor de 110 metros com barreiras, que na execução de sua técnica ultrapassa a barreira um pouco alto demais. As análises de seu gesto descobrem que se tal corredor passar o obstáculo apenas 1cm mais próximo lhe dará décimos de segundos importantes para o final da corrida e melhorará significativamente sua marca. A questão está aí: como um corpo que corre a passar barreiras pode aprender a transpassá-las 1cm mais baixo?

A resposta está não em tal circuito fechado do conjunto nervos músculos, mas na abertura do corpo para o mundo. No saber do corpo que é mundo, pois que, mais uma vez, é feito do mesmo estofado, encontra-se a resposta do corpo a um problema que nasce desta imediata relação: um corpo que passa barreiras. O que pretendo afirmar com isto é que um gesto não resulta da distância percorrida por um impulso nervoso do comando até a ação, como na distância entre cérebro e mão – distância preenchida por nervos, articulações e músculo. Quando me movimento, é todo o mundo que está comigo. É no diálogo do corpo com o mundo que o movimento se realiza e, por sua vez, encontra o mundo que está aí.

Para melhor esclarecer tais afirmações, recorro mais uma vez a Merleau-Ponty (1994, p. 159):

Todo movimento é indissolúvelmente movimento e consciência de movimento, o que se pode exprimir dizendo que (...) todo movimento tem um fundo, e que o movimento e seu fundo são “momentos de uma totalidade única”. O fundo do movimento não é uma representação associada ou ligada exteriormente ao próprio movimento, ele é imanente ao movimento, ele o anima e o mantém a cada momento.

Assim se chega a mais uma das incomensurabilidades que a estrutura tecnocientífica do CT não pode abarcar: a natureza dialógica do corpo próprio. Quando Mauss (1974) nos disse que a aprendizagem das técnicas corporais se daria através da imitação prestigiosa, portanto através de uma atitude mimética, já antecipou a idéia da ligação muda e ante-predicativa da intercorporalidade do ser-no-mundo. Não é repetindo insistentemente um gesto para desenvolver um padrão motor que meu gesto se define e aperfeiçoa, é através do saber do corpo em diálogo com a bola, com o espaço-tempo do instante, com o outrem que nasce, naquele instante, no corpo atual, o que o corpo habitual já incorporou. A bola corre e o jogador chuta – com o peito do pé, com o lado ou de bico –

---

<sup>184</sup> Registro de aula.

ajustando o corpo ao mundo, sem que para isso tenha que realizar um esforço de pensamento. O corpo “apenas” chuta.

Quando vemos um atleta treinando, repetindo mecanicamente os gestos técnicos para aperfeiçoar seu padrão motor, o que temos é um corpo a se expressar, a tatear uma resposta ao objetivo proposto e, a cada tentativa, na imitação da técnica mesma, ou seja, na *mimeses*, o momento criador e inventivo do gesto único e impensado que aquele instante cria. Assim, esta *mimeses* não se traduz em pura repetição, como gostaria o padrão mecânico da aprendizagem, mas é já *poiesis*, pois da partitura de gestos possíveis é criada a harmonia que vai unir, pelo movimento, o corpo à bola e ao mundo. Pois o movimento, não é o pensamento de um movimento, ele brota da intencionalidade do corpo próprio que habita um mundo, cujo movimento se realiza neste fundo que o próprio movimento determina.

Permitam-me uma citação um tanto longa de Merleau-Ponty (2004, p. 74-5) para esclarecer o que tenho tentado argumentar a partir do próprio autor, num viés como também apreende Csordas (2008), que toma o corpo como suporte do mundo (ou da cultura). Escreve o autor:

O ato de pintar tem duas faces: há o borrão ou o traço de cor que são colocados num ponto da tela, e há o efeito deles no conjunto, sem medida em comum com eles, já que não são quase nada e bastam para mudar um retrato ou uma paisagem. Quem observasse o pintor de muito perto, com o nariz em seu pincel, só veria o avesso de seu trabalho. O avesso é o fraco movimento do pincel ou da pena de Poussin, o direito é a passagem do sol que esse movimento desencadeia. Filmou-se em câmara lenta o trabalho de Matisse. A impressão era tão prodigiosa que o próprio Matisse, dizem, ficou comovido. Esse mesmo pincel que, visto a olho nu, saltava de um ato para o outro, podia-se vê-lo meditar, num tempo dilatado e solene, numa iminência de começo do mundo, tentar dez movimentos possíveis, dançar diante da tela, roçá-la várias vezes, e por fim abater-se como um raio sobre o único traçado necessário. Há, claro, algo de artificial nessa análise, e Matisse estaria enganado se, com base no filme, acreditasse que naquele dia tinha realmente optado entre todos os traçados possíveis e resolvido, como o deus de Leibniz, um imenso problema de mínimo e máximo; ele não era demiurgo, era homem. Não considerou, com olhar da mente, todos os gestos possíveis, e não precisou eliminá-los todos, exceto um, justificando-lhe a escolha. É a câmara lenta que enumera os possíveis. Matisse, instalado num tempo e numa visão do homem, olhou o conjunto aberto de sua tela começada e levou o pincel para o traçado que o chamava, para que o quadro fosse afinal o que estava em vias de se tornar. Resolveu com um gesto simples o problema que mais tarde parece implicar um número infinito de dados, como, segundo Bergson, a mão na limalha de ferro obtém de uma só vez o arranjo complicado que o sucederá. Tudo se passou no mundo humano da percepção e do gesto, e se a câmara nos dá uma versão fascinante do acontecimento, é por nos fazer acreditar que a mão do pintor operava no mundo físico em que é possível uma infinidade de opções. Entretanto é verdade que a mão de Matisse hesitou, é verdade

que houve escolha e que o traço foi escolhido de maneira a observar vinte condições esparsas pelo quadro, informuladas, informuláveis para qualquer outro que não Matisse, porquanto não estavam definidas e impostas senão pela intenção de fazer aquele quadro ainda não existente.

A estrutura tecnocientífica do CT do Caju, apertando o nariz contra o pincel, ou, invadindo e perscrutando o corpo, vê apenas o avesso do movimento de quem joga. Presos às imagens em câmera lenta, só podem ver os atletas a pensar e escolher através do olhar da mente a jogada a fazer, o gesto a cumprir, ou o melhor movimento para o momento por vir. Mas o devir gesto não nasce desta razão demiúrgica que a deusa ciência insiste em capturar, e nesta captura fazer nascer. A vida não se passa no laboratório.<sup>185</sup>

O movimento, o gesto atlético, o passe, o drible, o cabeceio e o chute a gol nascem desta experiência mundana do corpo. Ainda que hesitante, tal gesto é o corpo próprio a dialogar com o mundo. Por isso, a cada toque na bola, um toque diferente, e em cada jogador, um modo distinto de se-movimentar. Indefinido o gesto por vir, o mesmo se realiza então pela intenção de fazer aquele gesto, aquele poeticamente tramado pelo corpo do ser-no mundo. Tais questões nos levam a um último ponto a considerar, a do jogo – o lúdico e seus imponderáveis.

#### **9.4. Ludicidade e *Communitas***

Após as reflexões expostas anteriormente, pretendo postular ainda outra chave interpretativa, associada à dor e sua imponderabilidade, com o objetivo de escapar de uma aporia, qual seja, a de que ao se realizar o esporte no âmbito do treinamento – no futebol profissional no CT, ou em qualquer outro espaço-tempo contemporâneo onde tal prática se dê – não seja possível escapar-se das imposições incorporadas pela retórica do rendimento e seu corolário tecnocientífico, impossibilitando um ponto de fuga de qualquer ordem: prática ou simbólica (ou mesmo dia-bólica).

Para pensar os conjuntos de práticas e representações aqui etnografados, pretendo discutir os momentos de *communitas* (TURNER, 2008) para mostrar que, como propõe uma análise relacional, não é apenas o esporte ou o rendimento atlético que está em questão quando se é jogador de futebol, mas também outros aspectos da vida sociocultural

---

<sup>185</sup> Aqui, cabe registrar, o próprio Antônio Carlos, em conversa que tivemos sobre os testes físicos e os laboratórios, reconhece – na verdade sabe muito bem – que o mundo vivido do atleta (não nestes termos) não pode ser capturado pelas máquinas e exames. Por isso, em seus livros de treinamento afirma que não é possível treinar situações de jogo, pois elas só podem ocorrer no próprio jogo.

e, mais importante, como tais eventos provocam fissuras no sistema de controle do CAP. Para tanto, agencio novos pontos de análise, pensados a partir do próprio esporte, tomando a vivência dos atletas num ambiente lúdico como contexto interpretativo para os fenômenos relatados. O jogo é a abertura para estas questões.

Para iniciar esta discussão, apresento algumas notas de campo que tomam a ludicidade, a brincadeira, o jogo como pontos centrais das práticas levadas a efeito pelos agentes no interior do CT. Vejamos.

Uma das mais interessantes formas de convivência durante os treinamentos era a que se dava entre os profissionais da comissão técnica à beira do gramado. Enquanto os atletas realizavam suas atividades de aquecimento ou eram orientados por um ou outro profissional específico, os demais passavam o tempo a contar histórias (de viagens, festas, de outros jogadores, de acontecimentos vividos ou conhecidos...) cuja principal característica era a de provocar risos. Verdadeiras anedotas do futebol, contadas com desenvoltura por mais de um participante da roda de conversas (ora o massagista Badu, ora Nelsinho – auxiliar técnico de Hernani, treinador do CAP durante uma parte de meu trabalho de campo – ou Arison, preparador físico), tais assuntos se iniciavam como uma combustão espontânea e só encerravam com a adesão de todos ao trabalho, o aparecimento de alguém “estranho” ou com o final do treino.

Tais acontecimentos, realmente muito comuns, tornavam o dia leve, inspiravam o coletivo e eram partilhados por todos que estivessem presentes no início do treino: técnico e auxiliar, preparadores físicos, médicos e fisioterapeutas, diretor técnico, gerente de futebol, jogadores... Repousa nesta questão um primeiro aspecto, a saber, de que ainda que a estrutura do futebol invista esforços no controle dos corpos e na aplicação da ciência, o mundo vivido no CT não se resume a este esquadrinhamento de funções e práticas, mas é feito de interações de diferentes tipos, como as lúdicas, das quais estou tratando.

Os jogadores vivem a ludicidade com uma intensidade incomum e parece procurarem a jocosidade e o jogo a todo o tempo. A “roda de bobinho” é um dos modos mais corriqueiros de brincar. Formando um círculo, os jogadores trocam passes evitando que um ou mais participantes, dentro do círculo, consiga pegar a bola. Não se trata de apenas evitar perder a bola e tornar-se o bobo, mas, no limite, brincar com quem está ao centro. Assim, toques de bola rápidos, tentativas de passar a bola entre as pernas de quem “marca”, levar ao máximo a *illusio* através dos toques debochados, do riso e da ironia é o

objetivo central. Os jogadores se divertem com grande entusiasmo e, em ocasiões em que alguém fica muito tempo sem pegar a bola ou é “humilhado”, uma espécie de êxtase se instala<sup>186</sup>.

Mas se as conversas à beira do gramado são comuns e as “rodas de bobinho” bastante conhecidas e óbvias, durante o dia a dia, nos treinos ou fora dele, a diversão está presente. Algumas, inclusive, tão sutis que apenas a convivência continuada consegue perceber. Certo dia, durante um treinamento para zagueiros que consistia em realizar cabeceios em bolas levantadas na área a partir de chutes da linha do meio de campo, pude perceber as risadas de dois dos responsáveis por fazer os lançamentos. Passei então a observar. A brincadeira, passada despercebida pela comissão técnica ou outros jogadores, estava no modo como a bola era lançada.

Há muitas maneiras de se chutar uma bola. Para tal treinamento, esperava-se que os chutadores batessem com o peito do pé (mais de lado) no centro e embaixo da bola, para que a mesma, realizando uma rotação em sentido contrário a sua direção, chegasse leve para quem fosse cabecear. Porém, com o objetivo de “sacanear” os zagueiros, a bola era chutada de forma a ganhar peso, tornando a tarefa dos companheiros mais difícil, além de dolorida. Muitas risadas foram dadas com isso. Após o treino, inclusive pelos zagueiros.

Outro exemplo pode ser observado na relação entre os goleiros e demais jogadores. Os inúmeros desafios a que uns e outros se punham, os primeiros a defenderem os chutes e os segundos a tentarem o gol, era motivo de uma disputa divertida, levada a efeito por provocações, apostas, bravatas que era impossível acompanhar sem rir das atitudes performáticas de ambas as partes. O envolvimento neste jogo era total e quem estivesse realizando chutes a gol era tragado pela jocosidade que defesas “espetaculares”, chutes perigosos ou longe do gol e o próprio gol proporcionavam.

É na mesma perspectiva que a ausência de controle da instituição CAP (seja dentro do CT, com suas câmeras e inúmeros profissionais, ou seja fora, com a torcida ou familiares) gera lapsos no espaço-tempo no qual os atletas (mas não só eles) podem se despir das imposições sobre seus corpos e acionar outros modos de sociabilidade. Quando juvenis fazem uma orgia no apartamento de um dos atletas, quando jogadores vão a festas e se “excedem”, ou, circulando em seu universo próprio, vivem um modo próprio de vestir, de incrementar um carro e criam um estilo de vida próprio, algo está sendo dito sobre a

---

<sup>186</sup> Ao contrário do descrito sobre a dor e a honra, lavada com violência em caso de “provocação”, neste caso é permitido, e buscado, “humilhar” quem está no interior da roda de bobos.

uniformidade dos uniformes, das práticas ou dos processos de treinamento, controle, disciplinamento...

Sem me alongar mais nestas descrições, afirmo que, fosse durante as refeições, nos treinamentos, durante a realização dos testes físicos ou exames clínicos, na recuperação fisioterápica, enquanto se preparavam para ou saindo do treino, ou indo para um jogo, o universo lúdico era bastante pronunciado, independente da faixa etária. Claro que o sistema hierárquico sobre o qual tenho tratado até aqui também aparece neste quadro, quando se torna explícito quem pode brincar com quem, quais os jogadores mais respeitados e com os quais se evita alguma brincadeira “de mau gosto”, etc. Porém, isto não descaracteriza um aspecto desta *illusio*: a efervescência de algumas destas atividades coletivas geravam momentos de *communitas*, inversões na estrutura urdida pela trama do futebol.

Bem, as inversões, afirmo com DaMatta (1997a), provocam um deslocamento das práticas e representações para contextos diferentes dos habituais. Isto pode se dar em diversos contextos da vida cotidiana, em momentos liminares ou de passagem, mas, neste ponto, ao contrário do autor, não exclusivamente em processos rituais. Tento pensar tais inversões, no contexto desta pesquisa, como se estas falassem para além (ou aquém) do esporte, e que os atletas (e outros profissionais), através do jocoso, do brinquedo e da ludicidade, deslocassem componentes fundamentais da estrutura do esporte para fazer algo diferente.

Nos termos acima analisados, o espaço e o tempo de duração do lúdico, a roda de bobinho, as conversas à beira do gramado e a jocosidade das disputas – mais performáticas do que sérias – provocações e brincadeiras, ou mesmo da teatralidade da dor, resultariam de uma ação, não necessariamente consciente por parte dos agentes, para romper com uma lógica extremamente ancorada na calculabilidade, que funciona como um sistema de classificação e hierarquização dos agentes. Através desta *illusio*, outros modos de sociabilidade são agenciados e modos subversivos de viver o CT aparecem através de suas margens.

Não obstante, quero argumentar que uma ação num determinado plano, como sugere Levi-Strauss (1975), pode estar falando de outra coisa, em outro plano. Sustento, deste modo, que para além de um discurso sobre o futebol, está em jogo também, nas inversões, questões postas contra a estrutura tecnocientífica do CT em seus diferentes planos: culturais, espaciais e temporais. Destaquei o sistema esquadrihado que o modelo panóptico de controle das pessoas no interior do CAP se configura, tanto quanto as

imposições do biopoder. Inverter através da ludicidade, então, sugere um nível a mais de análise, que ultrapassa o próprio esporte e remete a um novo contexto relacional.

O caminho para pensar as práticas descritas, ainda em conexão com a perspectiva damattiana, está em Turner (1974; 2008). O que descrevi como inversões, cujas características insistentemente remetem ao prazer e ao *ludus*, sugerem um momento de *communitas* – de anti-estrutura –, em contraponto ao universo estruturado do treinamento esportivo em suas diversas dimensões. Claro está que esta apropriação que ora faço, de Turner, tanto quanto fiz de DaMatta, promovem um deslocamento de suas teorias do ritual para o da vida cotidiana. É evidente, também, que há riscos nesta transposição. Acredito, porém, no caráter heurístico destas perspectivas para interpretar o lúdico no sistema ordenado do CT. Tratemos de ver em que consiste a idéia de *communitas* e sua relação com as inversões apontadas.

Turner (2008) sugere que as sociedades, que não são nem coisas nem estados, mas processos, apresentam em suas configurações momentos estruturados e de anti-estrutura – ou *communitas* –, sendo a segunda um momento de suspensão da ordem no qual um drama social se desenrolaria. Os momentos críticos são tratados pelo que se concretizou como teoria da liminaridade e os ritos, conforme Rivière (1996), estariam associados ao teatro, ao drama e ao jogo. Seriam, no sentido dado por Geertz (1989), uma história que um grupo se narra a si mesmo. Tomadas estas perspectivas, parece interessante pensar que as inversões são momentos liminares nos quais através do jogo, do drama ou do teatro – em última instância, do *ludus* – a estrutura é posta em cheque. Como momento de anti-estrutura, estas práticas reorganizam as relações dos grupos, suspendendo por um determinado período as imposições hierárquicas e esquadrihadas da cultura, do espaço e do tempo no CT.

Refletindo sobre os exemplos tomados para descrever os modos diferentes de se trabalhar à beira do gramado, durante o treino ou mesmo no DM, é possível perceber que eles nascem de momentos em que a estrutura do CT perde o controle dos grupos e as relações pessoais ultrapassam as institucionais. A ausência de um treinador, que cria um lapso de tempo fora da ordem; o jogo de futebol em um espaço não convencional e em condições configuracionais incomuns; bem como mexer sozinho nas máquinas de fisioterapia quando o fisioterapeuta não está olhando, sugerem momentos liminares nos quais possibilidades práticas e simbólicas de organizar o desestruturado (a falta de controle) se dão pela possibilidade de intervir ou agenciar dispositivos coletiva ou mesmo individualmente em favor de outra lógica de ser-no-mundo.

Não se trata, todavia, de uma ação funcional, no sentido de retomar a ordem estrutural do CT. Ao contrário, configura-se, enquanto *communitas*, em práticas simbólicas através das quais “elementos improvisados e variáveis que exprimem a criatividade do social e, por vezes, um lado anárquico e conflitante” (RIVIÈRE, 1996) tomam forma. A partir destas assertivas, considero importante recuperar este aspecto fundamental do social, qual seja, o fato de haver no mundo vivido práticas criativas que rompem com as pressões reprodutoras das estruturas sociais e inventam modos de fazer vivos, que podem produzir espaços-tempos sociais críticos.

É assim que os jogadores “roubam” nos testes físicos, não usam caneleira nos treinos (equipamento obrigatório, tanto nos treinos quanto nos jogos), fogem de exames ou deixam de tomar recuperadores de energia (como a creatina) durante os treinos. Estes aspectos, por um lado, quando tratados entre o grupo de jogadores, podem ser vistos com ambigüidade, por certo, pois sempre há quem pense que é preciso se cuidar, respeitar as regras, etc. Porém, como o caso dos meninos que fizeram a orgia aponta, tais modos de agir acabam em brincadeira, jocosidade e riso. É no mesmo plano que um jogador pode ameaçar (ou fingir), durante os testes físicos, ter uma dor e expressá-la sem problemas, pois na prática, acaba por revelar agenciamentos corporais que resistem aos controles do sistema tecnocientífico.

#### **9.4.1 Uma Partida de Futebol**

DaMatta (1982; 1994) já nos apresentou a tese de que um jogo de futebol se desenrola como um drama. Pois bem, pensado a partir deste trabalho, considero o jogo, ou seja, a partida de futebol, um momento liminar. Talvez, por uma artimanha do destino, seja este o momento paradoxal do improvável, da “indeterminação essencial da existência”, do limite e o principal a questionar a estrutura gerada em torno das biociências e do treinamento, da anatomopolítica e da biopolítica.

Por um lado, o jogo, a *illusio*, aquilo que acabo de descrever como uma resistência (ou uma inversão) e que aparece quase às margens dos treinamentos e procedimentos gerais cotidianos, torna-se o centro: o eixo no qual a roda do futebol gira. Por outro, é onde se espera que os investimentos de controle apareçam e dêem o resultado esperado através

das condições físicas dos jogadores, da qualidade técnica e tática e no rendimento geral da equipe. Em suma, quando a certeza do trabalho reivindica a vitória. Mas, enfim, é um jogo.

Durante a tese já descrevi algumas passagens de treinos e performances atléticas para auxiliar na discussão de um e outro ponto. Agora, descreverei em linhas gerais o que acontece em uma partida de futebol para, ao discutir seus imponderáveis e descontroles, apresentar o centro para onde convergem os esforços diários de atletas, comissão técnica, torcedores, dirigentes... Vamos ao jogo.

Como demonstrei anteriormente, quando tratei do esquadramento do tempo-espço, é na organização da semana de trabalho, na rotina preparada de treinos, nos convocados e não convocados, na apresentação, concentração, viagem, hora de dormir, alimentação, retorno e etc. que o clube ordena os passos de quem está envolvido. O roupeiro prepara o material, o gerente de futebol antecipa passagens, estadia, restaurante, local para treino. Os médicos liberam ou vetam atletas e treinadores acertam os últimos detalhes para enfrentar o adversário. Muito bem, chega a hora do jogo.

Nos vestiários, rituais particulares e coletivos têm início. Os rituais privados envolvem a seqüência de pôr o uniforme, o modo de se concentrar, os pedidos de ajuda e rezas a deuses e santos, as superstições (caneleiras, chuteiras, sungas, meias e/ou camisas especiais, assim como entrar com o pé-direito...<sup>187</sup>). Os coletivos, que já descrevi algumas fases anteriormente, envolvem a preleção, o aquecimento, a “hora dos jogadores” e a entrada em campo. Tratei do aquecimento e da preleção, feita pelo técnico, assim como a hora dos jogadores, em outro momento.

Quero registrar, entretanto, neste momento dos jogadores, uma espécie de fervor coletivo, que incita os jogadores a enfrentar os esforços e o adversário. São, em geral, divididos em quatro tempos. Primeiro, a fala do capitão, que “convida” o time a “dar tudo de si” para sair com a vitória. O segundo, o chamado aos deuses. A reza coletiva é feita em uníssono, quase gritada, aparentando um fervor religioso e um quase êxtase<sup>188</sup>. Depois abraços, tapas, saudações e gritos de vamos etc. Por fim, a porta do vestiário, um grito de guerra encerra o preâmbulo.

---

<sup>187</sup> Devo estas informações à Murilo, que muito gentilmente me concedeu a primeira entrevista gravada que realizei. Marcelo é mordomo (roupeiro) e cuida do material de jogo e treino. Sabe, pelo tempo que está com o clube, os gostos e medos dos vários jogadores. Tenta atender a todos, sabendo que isto pode fazer diferença na hora da partida.

<sup>188</sup> Destaco o fato de que, conforme pude averiguar, nem todos rezam realmente. Alguns consideram aquela reza apenas um modo coletivo de vibrar e gritar. Em geral, estes rezam em particular, procurando uma ligação menos performática e mais íntima com o sagrado. De todo modo, seria necessário um esforço de pesquisa, que não empreendi, para compreender as nuances de todo este procedimento ritual.

Mas é quando o jogo se inicia que tudo é posto em xeque. E, é neste momento, quando se espera que se repitam os gestos técnicos e táticos treinados e que os corpos suportem os esforços calculados por preparadores e fisiologistas, que o imponderável aparece. Pois, quando o apito soa (talvez já antes), se entra verdadeiramente em jogo, ou *in lusio*. E, uma vez absorvido pelo jogo, está suspenso o “mundo real” (CAILLOIS, 1991) – sem se sair da realidade, é claro. É nesta trama que o preparador físico João Paulo (que já teve a experiência de ser treinador) pode afirmar: “é quando o juiz apita que eles (os jogadores) fazem o que querem”. Absorvidos pelo jogo, pelo canto da torcida e pela atmosfera que envolve um evento destes, os treinadores são esquecidos, as funções relativizadas e a criatividade, o gesto inesperado, uma *poiesis* do movimento aparece.

Tal aparição ajuda a responder uma questão posta por Csordas (2008) sobre a técnica: se a mesma está presa à disponibilidade ou se pode ser também *poiesis*. Pois bem, talvez aqui se realize também o paradoxo da técnica heideggeriana, na medida em que o corpo que possui técnica (como a técnica maussiana), tem na técnica a possibilidade de expressão<sup>189</sup>. E tal como vimos anteriormente, esta não é uma expressão resultante do cálculo ou da antecipação de uma disponibilidade, mas a expressão do ser-no-mundo: uma expressão que é ao mesmo tempo *mimeses*, *poiesis* e *esthesis*.

Como vimos, o treinamento é todo controlado. Treinos técnicos e táticos são preparados pelos especialistas e cabe aos jogadores executarem as ordens. Há uma *illusio* no treino, quando o próprio treino convida – nas rodas de bobinho, nos recreativos e rachões – mas, em geral, está-se na ordem do trabalho. O jogo, paradoxalmente, o momento por excelência e finalidade de todo o empreendimento, é o mais imponderável. Não apenas pela presença de um adversário, que cria configurações ímpares no movimento conjunto do jogo, mas no próprio corpo, que, ao se-movimentar, dialoga com a bola, os adversários e com o espaço-tempo e cria as situações no qual o gesto é invenção.

Assim, seguindo a categorização de Caillois (1991) para os jogos, *agon* (na disputa pela vitória), *alea* (quando um cruzamento desvia em um zagueiro e entra no gol), *mimicry* (quando um jogador simula um pênalti ou rola como se tivesse sofrido uma falta muito violenta) e, finalmente *ilinx* (na vertigem da entrada em campo, na ansiedade da cobrança de pênaltis, no canto da torcida, na pressão da derrota, no fim do jogo...) preenchem o espaço em disputa e constroem a *illusio* que faz da partida de futebol este paradoxo que

---

<sup>189</sup> Sennet (2009) discute tal questão ao tratar do trabalho do artífice. O que são os jogadores de futebol senão artífices (ou artistas) da bola?

descrevo: quando o ápice do trabalho se dá através do mergulho na realidade suspensa do jogo.

É então, e assim, que pôde afirmar também um ex-treinador do CAP, levado a conhecer o CT: “isso aí é tudo muito bonito (a maquinaria tecnocientífica), mas se a redinha não balançar, cai tudo”. E aqui se encontra o limite e a encruzilhada do que pretendo tratar. Quando os jogadores mais parecem pressionados pelo olhar – do técnico e comissão técnica, dos torcedores, da imprensa (ou os olhos do mundo) – é quando estão livres para jogar, e o fazem. E é da “partitura de movimentos possíveis”, que o se-movimentar surpreende, inventa, recusa, cria: *poiesis* e *esthesis* estão na abertura do momento.

Ao realizar um toque ou passe inesperado, um lançamento perfeito, um chute certeiro ou um drible desconcertante, é o saber do corpo em sua relação com os elementos do jogo que se afigura. Não é o sistema nervoso central a gerar informações neuro-fisiológicas ao sistema músculo-esquelético que cria a inventiva de uma jogada (ainda que estes processos se realizem). É o saber do corpo que ao se-movimentar encontra as distâncias, separa, no horizonte do jogo, os companheiros, os adversários, os espaços, inventa os ritmos, o tempo e a velocidade. Estes são, também, além de poéticos, momentos estéticos, não apenas porque podem carregar o belo, mas porque afetam. E tal sentido de afetividade acende nas relações, no instante de sua realização, esta possibilidade de *comunnitas* que o gozo de estar juntos revela.

Após tanto treinar, repetir, receber ordens, sofrer com dores e lesões, o jogo chega como uma espécie de redenção, um prêmio, e como a possibilidade de expressar o ser-no-mundo através da *illusio*, muito mais do que através da anatomopolítica e do biopoder. É o corpo inalcançável que alcança o mundo que habita, dialoga com ele, com a bola, com o gramado e faz da partida de futebol o momento paradoxal onde os esforços do treinamento se realizam sem serem cumpridos. Ou seja, as forças que tentam domar o corpo perdem o controle e, portanto, aparece a possibilidade de uma abertura para a experiência.

Esta resistência do jogo como momento liminar, porém, não parece carregar apenas o aspecto funcional do retorno a estrutura. Sabemos muito bem o que os jogadores de futebol são capazes de fazer para que a ordem que os controla “caia”. Mas aponta para um saber e controle que os coloca, por fim, no domínio de seus corpos e seus movimentos, ainda após passarem tanto tempo sendo inquiridos, esquadrihados, perscrutados, testados escritos e inscritos.

Por fim, através de uma forte disputa, um lance de sorte, uma encenação ou um risco, nasce um gol. O êxtase se instala, a *comunnitas* se estabelece e a ordem – através da vitória – é restaurada. No fim, o gol é dedicado a Deus, o jogador agradece a família (ou vice-versa) e enaltece o trabalho realizado pelo clube. E o circuito prossegue, naquilo que há algumas páginas descrevi como “um sistema em equilíbrio instável”. Pois o jogo é o momento mais sério e portanto (e paradoxalmente, mais uma vez) o mais lúdico.

Mas bem, retomando a *illusio*, temos que, segundo Buytendijk (1977, p. 66)

Todo jogo humano é de algum modo relacionado com o fundamento irracional e obscuro dos nossos instintos e paixões, capacidades e disposições, condições e estados de ânimo, e também com o inexplicável elemento criador de cada atividade.

O jogo inscreve-se em nosso ser desde a mais tenra infância. Quando estamos envolvidos neste “fora do mundo”, o jogo nos joga enquanto nós o jogamos. Vivemos um movimento pendular entre o jogo e a realidade. É por isso que, seguindo Gadamer, Buytendijk (1977) reconhece que o ser humano sabe que joga, o que é o jogo e que aquilo que realiza é apenas jogo. Todavia, envolvido com o jogo, acaba por não saber o que é isto que sabe, não refletindo sobre o ‘como’, o ‘quê’ e o ‘porquê’ de seus procedimentos.

Mas o jogo encerra em si uma linguagem, assim como todo objeto lúdico. Nesta linguagem, encontra-se descolado de qualquer situação que se configure como séria, necessária, penosa ou obrigatória. Divertir-se é perder-se, desviar-se num sentido de extroversão ou expansão. Ora, os momentos acima descritos são marcados por esta característica essencial do jogo. Os modos irônicos de viver as práticas descritas demonstram a zombaria para com o mundo, uma inteligência encerrada no conhecimento de quem joga.

Nesta mesma perspectiva, para Merleau-Ponty (1994), “pensar é tentar”, do mesmo modo que para Gadamer, segundo Buytendijk (1977, p. 85), “um jogo é a *compreensão*” (grifo do autor). Estes dois aforismos aludem à linguagem como jogo que nos envolve – como todos os jogos – e, portanto, ao pensamento em sua unidade como imaginação, projeção e conhecimento, levando o lúdico à esfera do humano. A espontaneidade do jogo é manifestação do cogito. Assim, sugere Trebels (apud BUYTENDIJK, 1977, p. 85) que a ilusão é como nível de realidade do jogo, mas, como atividade do pensamento, temos que “no jogo, sucumbimos à aparência e à ilusão e, porém, ao mesmo tempo, conhecemos a realidade”.

Como tratamos até aqui, a dimensão lúdica do jogo não é, tão somente, o puro resultado do processo liminar que instaurou a crise para a qual estas foram respostas. A ludicidade se configura como um modo específico de se viver a corporeidade – muito próprio da infância e da juventude, mas também do ser em sua continuidade histórica – e de instaurar no mundo vivido espaços prazerosos de vivência. Esta fenomenologia do vivido que recuperei até aqui carece, apesar de suas positivities, de uma reflexão complementar exposta por Benjamin (1987), pois recoloca a questão do mundo vivido na necessidade de seu entendimento.

Nos termos em que descrevi o CT e a racionalidade técnica que atravessa o futebol em quase seu todo, temos que os princípios estruturais da razão instrumental que operam sobre o movimento – ou sobre as técnicas corporais no sentido maussiano –, decompondo os gestos em “micro” eventos apreensíveis e incorporados posteriormente em uma totalidade, esta fragmentação, encontrada também no processo de trabalho industrial, é, para Benjamin (1989; 1994), a impossibilidade da experiência na modernidade.

Para este pensador frankfurtiano, a experiência é termo fundamental para a existência humana. A vida, termo para nossa existência biológica, e a vivência, modo de estar no mundo sem que haja necessariamente a compreensão deste, são dimensões do humano em sua condição existencial. Porém, estas esferas do ser são limitadas. Para Benjamin, a fragmentação da sociedade sob o regime industrial resultou na perda da experiência. Por experiência o autor entende a capacidade de compreensão do mundo vivido, das relações sociais e dos bens culturais produzidos por uma sociedade. Nestes termos, as perdas de conexão entre as várias partes que compõem o trabalho, a cisão da relação geracional, além de outros aspectos que caracterizam o modo de vida contemporâneo, implicam na perda desta experiência.

A experiência seria fruto da capacidade de narrar o vivido, apreendê-lo e transmiti-lo em nossas relações sociais. Esta experiência estaria vinculada ao mundo comum partilhado pelos agentes sociais, apoiada na comunidade entre vida e palavra. Narrar uma experiência é compartilhar um saber inscrito na história – que não distingue o macro do micro evento em termos de importância, e procura fazer ver no presente aquilo que a narrativa busca no passado (seria uma história estrutural a de Benjamin?). A atrofia da experiência, hoje, decorre do fato de o narrado não estar mais integrado à vida do narrador devido às condições fragmentárias das relações sociais.

Por outro lado, Benjamin (1987) vê no lúdico uma possibilidade concreta de viver e narrar uma experiência. A criança – quiçá todos nós – quando joga (entra *in lusio*), quando

toma o brinquedo e se transforma em um outro, numa *mimicry*, vive esta experiência em sua totalidade. Em Rua de Mão Única, o autor nos apresenta sua infância em Berlim, carregada de surpresas e emoções que o conectavam às pessoas e às coisas e que se transformavam em experiência através da narração incorporada. O que são os momentos de ludicidade descritos, senão a possibilidade mesma da experiência?

Talvez seja por isso que, em minhas entrevistas, quando pedia para que meu interlocutor narrasse um pouco de sua história, me deparava apenas com dois elementos essenciais: o sucesso e o sofrimento, a alegria e a dor (física ou emocional). Qualquer narrativa sobre as “histórias de vida” eram preenchidas com os feitos ou as lesões, independente da idade ou do tipo de sucesso obtido na carreira. Assim é que Samuel (Junior) conta de sua ida ao Japão ainda aos 14 anos, seu sucesso no campeonato juvenil paranaense e das lesões que o afastaram da equipe do CAP durante um longo período. Do mesmo modo, Bráulio (ex jogador) descreve toda sua trajetória por equipes do interior paulista, sempre em pequenos clubes, apresentando seu currículo vitorioso em times de segunda divisão, lembrando a atmosfera “fantástica” do estádio cheio durante um jogo de futebol. Assim, também, Carlos (profissional próximo ao fim da carreira) fala de seu início na Portuguesa de Desportos, a passagem pela seleção brasileira e a possível aposentadoria. Destaco sua consciência sobre seu momento presente e sobre o futuro.

Em nenhuma das entrevistas, ao contar um pouco suas histórias de vida e suas passagens no futebol, exceto se conversássemos especificamente sobre tais questões, qualquer jogador mencionou a dureza dos treinos ou a exaustão das intervenções técnicas em seu corpo. Sujeitos às imposições do esporte de rendimento, o *ludus* – assim como a dor – aparece como uma prática não fragmentada e possível de converter-se em experiência, em compreensão do mundo. Vividas com intensidade, estas práticas exprimem com alegria a totalidade do movimento, tornando-se forma de narrar e apreender o corpo, o gesto, o jogo e o esporte numa dimensão diferente das exigências mudas do gesto puramente instrumental.

Afirmo, por fim, que a ludicidade etnografada, posta nestes termos, sugere que há nestas práticas o anúncio de um certo desconforto. Se elas comportam esta característica, é porque tramam contra o hegemônico, propõem um espanto, convidam, através do jogo, ao entendimento do mundo, ao esclarecimento que o diálogo proposto entre movimento e mundo comporta e no qual o corpo repousa, inalcançável.

Pois, mais uma vez, Merleau-Ponty (1991, p. 53) nos lembra que:

Já que a percepção nunca está acabada, já que as nossas perspectivas nos dão para exprimir e pensar um mundo que as engloba, as ultrapassa e anuncia-se por signos fulgurantes como uma palavra ou um arabesco – ou um gesto – por que a expressão do mundo seria sujeita a prosa dos sentidos ou dos conceitos? É preciso que ela seja poesia, isto é, que desperte e reconvoque por inteiro o nosso puro poder de expressar, para além das coisas já ditas ou já vistas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

... e os lírios nas margens de rios remotos, frios e solenes,  
numa tarde eterna de fundo nos continentes verdadeiros.  
(Fernando Pessoa)

Procurei neste trabalho, a partir de uma etnografia do mundo vivido no futebol, no encontro do corpo com a máquina, compreender o sistema prático-simbólico de tal encontro e seus significados. Para tanto, fiz um percurso que tratou de descrever o CT como uma estrutura em “equilíbrio instável”, portanto um campo de disputas, de querereres, e interesses. Tal estrutura é atravessada por uma racionalidade que infunde, seja na ordem dos espaços físicos, na complexidade de sua organização jurídico-burocrática, ou, seja em seus investimentos em ciência e tecnologia, um projeto de profissionalização de suas práticas, pressuposto para que o CAP alcance a modernidade (também no futebol).

A primeira parte da tese tratou de apresentar o conjunto de procedimentos de caráter administrativo através do qual o CAP se relaciona com a cidade, com seus torcedores, atletas e demais integrantes das comissões técnicas. Primeiro demonstrei o modo de distribuição dos capitais (econômico, simbólico, social...) e a disputa, no campo futebolístico, para a ocupação de um lugar relevante no cenário nacional. Foi visto então que a Arena da Baixada (Kyocera Arena) era (provavelmente ainda o seja) o estádio mais moderno do Brasil e que o CT passava por investimentos de infra-estrutura bastante significativos. Todo este processo visando ascender o Atlético ao hall dos grandes clubes do país.

Tratei também de demonstrar o esforço de controle sobre a vida dos atletas, o que na perspectiva foucaultiana adotada aparece como um procedimento de anatomopolítica. Através do esquadramento do tempo e do espaço, da distribuição dos corpos, da hierarquização dos atletas, da intervenção na intimidade – no que considerei, com Goffman, uma estufa para transformar pessoas – até a produção de uma identidade, o clube investe na formação dos pés de obra. Ao mesmo tempo em que aqueles que estão no interior do CT são sujeitos a um panopticismo burocrático e tecnologizado, modos de recrutar novos atletas foram descritos, aproximando cada vez mais tais modalidades de seleção aos dispositivos científicos que descrevo na segunda parte da tese. A todo instante,

entretanto, procurei lembrar a presença da natureza, do corpo e do se-movimentar e do olhar desde uma perspectiva fenomenológica, inserindo um contraponto inicial ao sistema de controle e vigilância.

Ainda nesta primeira parte, mostrei com Georg Simmel as marcas do liberalismo que fundamentam a lógica econômica no futebol (e em todo o momento presente) e as conseqüências para as relações entre jogadores e clubes. O “equilíbrio instável” a que me referi, no qual nenhum dos integrantes do sistema está em posição confortável, pode ser melhor percebido hoje, quando vários treinadores já passaram pelo comando do time, as equipes das diferentes categorias já viveram mudanças significativas no elenco e, inclusive, o diretor técnico, meu interlocutor e responsável por minha entrada no campo, não mais faz parte da comissão técnica do CAP.

Em seguida, após tentar apreender a lógica interna de tal instituição, mergulhei finalmente no mundo do ciborgue. Realizei uma discussão inicial sobre a ciência no futebol para, imediatamente, formular o problema da técnica com Heidegger, base para as discussões posteriores sobre a biomedicina e a tecnociência e sua aplicação no sistema de treinamento. O sistema de objetos, cuja maquinaria dividi em escritoras e inscitoras, realizam a invasão da máquina no corpo: olhando, ouvindo, tocando, limitando, impondo... Tais procedimentos interpretei mais uma vez à luz de Michel Foucault, agora sob o regime de biopoder, possibilidade que a “ordem” e a normalização descritas por Canguilhem abre.

A partir destas constatações, apresento as intervenções dos diferentes profissionais responsáveis por agenciar o saber-poder prescritivo das tecnociências e suas modalidades de intervenção na vida (corpo) dos atletas. O médico com seus inquéritos e exames e os fisioterapeutas com suas máquinas a tanger o tecido corporal participam dos esforços das ciências do treinamento para eliminar as incertezas, matematizar as práticas e regular as forças. É assim que a fisiologia testa e prescreve através de suas máquinas e seus cálculos e a preparação física põe em prática o acúmulo de saber escrito sobre o corpo. Por fim, os técnicos de futebol, com seu saber associado a uma mecanicidade do corpo, organizam o treinamento em doses reguladas o suficiente para que a repetição dos gestos e deslocamentos alcancem os efeitos desejados: a repetição quase espontânea dos movimentos.

Ainda um último esforço de cálculo foi descrito quando tratei da nutrição. Mais do que alimentar, ainda que as qualidades estejam no horizonte da nutrição, são as quantidades que preocupam àqueles que ordenam o treino. Investidos de conhecimentos objetivos sobre os corpos, sobre as massas e os esforços, as idades, os tipos de treinos,

sobre o tempo do trabalho e do descanso, o alimento é quimicamente analisado em consonância com a fisiologia e a química do corpo para que, ao final do dia, nada falte, tampouco se perca. Ou seja, o ciborgue já está naquilo que o alimenta, antes mesmo de qualquer adição estranha a natureza. É já na natureza do corpo e dos alimentos que o ciborgue ganha vida.

Todo este esforço do CAP não pode ser pensado como uma modalidade maquiavélica de controle sobre a vida. Como destacaram Dreyfus & Rabinow (1995), Foucault percebe no biopoder um ordenamento de diferentes esferas da vida que se justifica pela melhoria do bem-estar geral das pessoas. Sob a mesma perspectiva o CAP investe e agencia seus dispositivos. Entretanto, tal ordem não tem ninguém a dirigi-la, estando todos, como mencionei ao tratar do uso das máquinas por parte dos especialistas, enlaçados nesta trama.

Por fim, na terceira parte da tese procurei demonstrar a incomensurabilidade do corpo e os imponderáveis da vida. Discutindo a dor, elemento intangível da corporeidade, o corpo e o se-movimentar fenomenológico, bem como o jogo e o lúdico, argumentei que há modos de interação social que transcendem os mecanismos de controle e cálculo, que tramam resistências ou que subvertem e revelam o ser-no-mundo como aquele que não se alcança.

Mas o ciborgue está aí. Vigarello (2008, p. 453) lembra uma característica paradoxal dos atletas – principalmente dos vencedores – a de que ainda que alguma qualidade excepcional lhe seja impingida, estes continuam sendo “naturais” e “ainda que a prova fosse aparentemente fora de qualquer medida, ainda seria “humana”, esportiva, igualitária”. Mas, em outro ponto retoma a questão, e renasce com o problema quando afirma: “Corpo indefinidamente maleável: “metamorfoses pensáveis”, ainda que, momentaneamente, não realizáveis” (VIGARELLO, 2008, p. 480).

O entrelaçamento corpo-máquina que o ciborgue suscita, estudado em meu campo de pesquisa, demonstrou a “naturalidade” com que os jogadores de futebol vão incorporando a ciência, a tecnologia e a maquinaria correlata. Como antecipei em algum momento da tese, não é a máquina que se traduz em um problema para os jogadores de futebol, mas os esforços máximos que a natureza biológica do corpo tem que suportar. Por ora, ainda que haja um esforço teórico para recolocar a natureza em outro plano ontológico/epistemológico, como os esforços de Descola (2001; 2007) ou Latour (1994; 2004), é a sua existência – e exigência – que recorta as margens que o corpo ciborgue contorna de ludicidade, *poiesis*, irreverência, jocosidade...

Esta não foi uma tese sobre máquina, ciência, futebol... Foi, sim, mais um esforço antropológico sobre o humano, este que vive a cismar sobre si mesmo.

\* \* \*

Iniciei esta tese com Pinóquio, devo terminá-la com ele. Uma animação por computador recente, chamada Pinóquio 3000, reescreve a “história cuja moral serve para educar crianças”, ou para fazê-las dormir. Nesta nova versão, Gepeto não é marceneiro tampouco seu boneco é fruto do engenho de talhar madeira. Pinóquio 3000 também é filho da técnica, como seu antecessor, mas também da ciência e da tecnologia. Este nasce como um robô e ganha vida como Frankstein, com a força da energia elétrica. Suas peripécias são muitas e seu destino segue sendo tornar-se um menino de verdade: assim faz, mais uma vez, a fada.

A mudança de “natureza” de Pinóquio é já o fruto da nova imaginação tecnocientífica, que cria vidas em laboratório. Nossos jogadores ciborgues parecem ser isso e aquilo, ao mesmo tempo que invadidos pelos dispositivos de controle agenciados pela anatomopolítica e pela biopolítica, seres-no-mundo em abertura para a criação e a experiência. O Pinóquio no CAP, hábil agente do Reino do Quero-quero, continua lá, a sonhar, jogar, sofrer, negociar, viver. Pois, é verdade, por fim, que Foucault não apenas tratou do duro jogo do poder a partir de suas imposições, lembra Deleuze (2005, p. 100) com estas palavras:

Espinoza dizia: não se sabe do que um corpo humano é capaz, quando se liberta das disciplinas do homem. E Foucault: não se sabe do que o homem é capaz “enquanto ser vivo”, como conjunto de forças que resistem.

Neste jogo interminável, nosso Pinóquio realiza, através da bola – essa fada azul – o destino de tornar-se menino de verdade, simplesmente porque, como bem disse DaMatta (2006), “a bola corre mais que o homem”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. *Minima Moralia: reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo: Ática, 1993.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

\_\_\_\_\_. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007b.

ALABARCES, Pablo (Org.). *Futbológicas: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003.

APPADURAI, Arjun. *Modernity at Large: cultural dimensions of globalization*. London: University of Minnesota Press, 1996.

\_\_\_\_\_. *El Rechazo de Las Minorías*. Barcelona: Tusquets, 2007.

\_\_\_\_\_. *A Vida Social das Coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008.

ARSAC, Laurent. “Le Corps Sporti, Machine em Action”. In: GENZLING, Claude (Org.). *Le Corps Surnaturé. Les sports entre science et conscience*. Paris: Autrement, 1992

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAETA NEVES, Luiz F. “Sobre algumas Mensagens ideológicas do Futebol”. In: *O Paradoxo do Coringa: e o jogo do Poder & Saber*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1979.

BAUDRILLARD, Jean. *La Societé de Consommation*. Paris: Gallimar, 1970.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Obras Escolhidas)

\_\_\_\_\_. *Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.– (Obras Escolhidas; v II)

\_\_\_\_\_. *Charles Baudelaire Um Lírico no Auge do Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.– (Obras Escolhidas; v.III)

BETTI, Mauro. *A Janela de Vidro: Esporte, Televisão e Educação Física*. Campinas (SP): Papirus, 1998.

\_\_\_\_\_. *Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no esporte-espetáculo*. Ijuí: Unijuí, 1997.

\_\_\_\_\_. “A televisão e a guerra do Pacaembu; povão versus cidadãos”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 220-225, 1996.

BIMBENET, Étienne. *Nature et Humanité: Le problème anthropologique dans l'oeuvre de Merleau-Ponty*. Paris: VRIN, 2004.

BITENCOURT, F. G. . “Ritos de Passagem no Esporte?”. In: *XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*. Florianópolis. Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999.

BOSI, Alfredo. “Fenomenologia do Olhar”. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982

\_\_\_\_\_. “Como é possível ser esportivo?”. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Miséria do Mundo*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas (SP): Papyrus, 1997b.

\_\_\_\_\_. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. “Programa para uma sociologia do esporte”. In.: *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: USP, 1996

\_\_\_\_\_. *El Sentido Práctico*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

\_\_\_\_\_. *La Distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Minuit, 1979.

\_\_\_\_\_. *Les Estructuras Sociales de la Economia*. Barcelona: Anagrama, 2000.

BRACHT, Valter. *Educação Física e Aprendizagem Social*. Porto Alegre (RS): Magister, 1997a.

\_\_\_\_\_. *Sociologia Crítica do Esporte: Uma Introdução*. Vitória (ES): UFES, 1997b.

BROHM, Jean-Marie. *Deporte, Cultura y Repression – Colección Punto y Línea*. Barcelona: Gustavo Gili, 1972.

\_\_\_\_\_. *Sociologia Política del Deporte*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

BROHM, Jean-Marie et alli. *Materiales de Sociologia del Deporte*. Madri: ediciones de La Piqueta, 1993.

BRUMANA, Fernando G. *Sentidos de La Antropologia: Antropologia de los Sentidos*. Universidad de Cadiz: Servicio de Publicaciones, 2003.

BRÜSEKE, Franz Josef. *A Técnica e os Riscos da Modernidade*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

BUYTENDIJK, F. J. J. O Jogo Humano. In: GADAMER, H-G. *Nova Antropologia: o homem em sua existência biológica, social e cultural - v 4*. São Paulo: EPU, 1977.

CAILLOIS, Roger. *Os Jogos e os Homens*. Lisboa: Ed. Cotovia, 1991.

CANESQUI, Ana M. & GARCIA, Rosa W. D. (Org.). *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. *Escritos Sobre Medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

CARDOSO, Ruth (Org.). *A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CAUQUELIN, Anne. *A Invenção da Paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – Vol 1: Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *A Invenção do Cotidiano – Vol 2: Morar, Cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHAUÍ, Marilena. *Experiência do Pensamento: ensaio sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CLASTRES, Pierre. *A Sociedade Contra o Estado: Pesquisa de Antropologia Política*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1978.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

COURTINE, Jean-Jacques & VIGARELLO, Georges “Identificar – Traços, Indícios, Suspeitas”. In: CORBIN, A.; COURTINE, J-J. & VIGARELLO, G. *História do Corpo 3 – As Mutações do Olhar: o século XX*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CSORDAS, Thomas. *Corpo/Significado/Cura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

\_\_\_\_\_. (Org.) *Embodiment and Experience: the existential ground of culture and self*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para Uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro (RJ): Rocco, 1997a.

\_\_\_\_\_. *A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. Rio de Janeiro (RJ): Rocco, 1997b.

\_\_\_\_\_. "O ofício de etnólogo, ou como ter 'Anthropological Blues'". In: NUNES, E O (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. "Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro". *Revista USP. Dossiê Futebol*, 22, São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. "Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro" in Roberto DaMatta, *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

\_\_\_\_\_. *A Bola Corre Mais que os Homens: duas Copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMO, Arlei S. *Do Dom à Profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2005 - Tese (Doutorado)

\_\_\_\_\_. *Para o que Der e Vier: O Pertencimento Clubístico no Futebol Brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*. Dissertação de mestrado, Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, 1998.

\_\_\_\_\_. "Ah! Eu Sou gaúcho! O Nacional e o Regional no Futebol Brasileiro". *Estudos Históricos*, 13 (23), Rio de Janeiro, 1999.

Damo, Arlei & Oliven, Ruben. *Fútbol y Cultura*. Buenos Aires, Grupo Editorial Norma, 2001.

DAOLIO, Jocimar. *Da Cultura do Corpo*. Campinas (SP): Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. *Cultura: Educação Física e Futebol*. Campinas (SP): UNICAMP,

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Minuit, 1991.

DESCOLA, Philippe. *Par-Delà Nature et Culture*. Paris: Gallimard, 2007.

\_\_\_\_\_. "Construyendo Naturalezas, Ecología Simbólica u Práctica Social". In: DESCOLA, P. & PÁLSSON, G. *Naturaleza y Sociedad: perspectivas antropológicas*. México: Siglo XXI, 2001.

DESCOLA, P. & PÁLSSON, G. *Naturaleza y Sociedad: perspectivas antropológicas*. México: Siglo XXI, 2001.

DEVEREUX, George. *De l'angoisse a la methode dans les sciences du comportement*. Paris: Aubier, 1980.

DOSSE, Françoise. *História do Estruturalismo - Vol 1: o campo do signo – 1945-1966 – Vol 2: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias*. Bauru: EDUSC, 2007..

DREYFUS, Hubert L & RABINOW, Paul. *Foucault : uma trajetória filosófica : para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995

DUARTE, Rodrigo A. de P. *Mimeses e Racionalidade: a concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno*. São Paulo: Loyola, 1993.

DUMOND, Louis. *O Individualismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

\_\_\_\_\_. *Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: EDUSP, 1992.

DUPOND, Pascal. *Dictionnaire Merleau-Ponty*. Paris: Elipses, 2008.

DURHAM, Eunice. “A Dinâmica Cultural na Sociedade Moderna”. *Ensaio de Opinião*. Rio de Janeiro (RJ), nº 4, 1977, Págs 33-35.

DURKHEIM, Emile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes – Vol. 1*. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. *O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização – Vol. 2*. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_. *Mozart: Sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. *A Solidão dos Muribundos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

\_\_\_\_\_. *Antropologia Social*. Lisboa: Edições 70, 1999.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de Consumo e Pós Modernismo*. São Paulo (SP): Studio Nobel, 1995.

\_\_\_\_\_. *O Desmanche da Cultura: Globalização, Pós-modernismo e Identidade*. São Paulo (SP): Studio Nobel, 1997.

FERREIRA, Jonatas. “Da Vida ao Tempo: Simmel e a construção da subjetividade no mundo moderno. *RBCS*, Vol 15, no. 44, outubro/2000.

- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- \_\_\_\_\_. *As palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1995
- \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005..
- \_\_\_\_\_. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Estratégia, Saber-Poder – coleção Ditos e Escritos, Vol IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FREITAG, Barbara. “Sistema e Mundo Vivido em Habermas”. Mimeo. s/d.
- GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne: o homem na idade da técnica*. São Paulo: Paulus, 2006.
- GASTALDO, Édison. *Pátria, Chuteiras e Propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Paulo: Annablume – São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- GASTALDO, Édison & GUEDES, Simoni (Org.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Nova Luz Sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Negara: the theatre state in nineteenth-century Bali*. Princeton: Princeton University Press, 1980.
- GENZLING, Claude (Org.). «Sports et Sciences en Compétition». In: *Le Corps Surnaturé. Les sports entre science et conscience*. Paris: Autrement, 1992
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

\_\_\_\_\_. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1989.

GOMES, Antônio C, & SOUZA, Juvnilson de. *Futebol: treinamento desportivo de alto rendimento*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GOMES, A. C. & ERICHSEN, O. “A. Preparação Tática nos Desportos Coletivos: Teoria aplicada ao Futebol”. 2007 In <http://www.atleticoparanaense.com/colunas/>. Acessado em 20/09/2007.

GOMES A.C. & ZAKHAROV, A.A. *Ciências do Treinamento Desportivo*. Grupo Palestra Sport, Rio de Janeiro, 1992.

GUEDES, Simoni L. *O Brasil no Campo de Futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Futebol Brasileiro: Instituição Zero*. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 1977.

GUERCI, Antônio, & CONSIGLIERI, Stefania. “Por uma Antropologia da Dor: notas preliminares”. *Ilha Revista de Antropologia*. Florianópolis, vol 1, no. 0, outubro de 1999.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo (SP): Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *Espaços de Esperança*. São Paulo: Loyola, 2004.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo (SP): Perspectiva, 1996.

HABERMAS, Jürgen. *A Ética da Discussão e a Questão da Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

\_\_\_\_\_. *Racionalidade e Comunicação*. Lisboa: Edições 70, 2002.

HARAWAY, Donna. “Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In: SILVA, Tomas Tadeu da (org.). *Antropologia Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. *Ciencia, Cyborgs y Mujeres: la reinvenición de la naturaleza*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. “A Questão da Técnica”. In: *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. *El Concepto de Tiempo*. Madrid: Minima Trotta, 2003.

HELLER, Alberto A. *Fenomenologia da Expressão Musical*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2006.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. *Temas Básicos de Sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1978.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*. São Paulo: Centauro, 2000.

HOBBSAWM, E. & RANGER, T. (Org.) *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

INGOLD, Tim. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.

\_\_\_\_\_. “El Forrajero Óptimo y El Hombre Económico”. In: DESCOLA, P. & PÁLSSON, G. *Naturaleza y Sociedad: perspectivas antropológicas*. México: Siglo XXI, 2001.

KOURI, Mauro G. P. “A Dor como Objeto de pesquisa Social”. *Ilha Revista de Antropologia*. Florianópolis, vol 1, no. 0, outubro de 1999.

KUNZ, Elenor. *Educação Física: Ensino e Mudanças*. Ijuí (RS): Unijuí, 1991.

\_\_\_\_\_. *Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*. Ijuí (RS): Unijuí, 1994.

\_\_\_\_\_. “Esporte: Uma Abordagem Com a Fenomenologia”. *Movimento: Porto Alegre - Ano VI - Nº 12 - 2000/1*

KUNZ, Elenor & SURDI, Aguinaldo César. “A Fenomenologia como Fundamentação para o Movimento Humano Significativo”. *Movimento: Porto Alegre*, v. 15, n. 02, p. 187-210, abril/junho de 2009.

KUPER, Adam. *Antropólogos e Antropologia*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978.

\_\_\_\_\_. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Bauru: EDUSC, 2002.

LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos: ensaios de Antropologia Simétrica*. Rio de Janeiro: Ed 34, 1994.

\_\_\_\_\_. *Reflexão Sobre o Culto Moderno dos Deuses Fe(i)tiches*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

\_\_\_\_\_. *Políticas da Natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

LATOUR, Bruno & WOOLGAR, Steve. *A Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LEACH, Edmund. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: EDUSP, 1996.

- LE BRETON, David. *Anthropologie du Corps et Modernité*. Paris: Quadrige/PUF, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Anthropologie de la Douleur*. Paris: Métailié, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Adeus ao Corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- \_\_\_\_\_. *As Paixões Ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LECLERC, Gerard. *Crítica da Antropologia: ensaio acerca da história do africanismo*. Lisboa: Estampa, 1973.
- LEITE, Ilka B (Org) *Ética e Estética na Antropologia*. Florianópolis: PPGAS/UFSC – CNPQ, 1998.
- LEITE LOPES, José S. “A Vitória do Futebol que Incorporou a Pelada”. *Revista da USP*, 22, 1994.
- \_\_\_\_\_. “Esporte, Emoção e Conflito Social. *MANA – Estudos de Antropologia Social*, 1 (1), out., Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.
- LEROI-GOURHAM, André. *O Gesto e a palavra: I – Técnica e Linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Antropologia estrutural II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- \_\_\_\_\_. “Las Tres Fuentes de la Reflexion Etnológica”. In: Llobera, José R. *La Antropologia Como Ciencia*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1975.
- \_\_\_\_\_. “Introdução: a obra de Marcel Mauss”. In: MAUSS, Marcel (1974). *Sociologia e Antropologia – Vol II*. São Paulo: EPU – EDUSP, 1974.
- \_\_\_\_\_. *De Perto e de Longe: entrevista a Didier Eribon*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Olhar, Escutar, Ler*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MAGILL, R.A. *Aprendizagem Motora: conceitos e aplicações*. São Paulo: Edgard Blucher, 2000.
- MAGNANI, José Guilherme. *Na MetrÓpole: Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo, Edusp/FAPESP, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Festa no Pedaco: Cultura e Lazer na Cidade*. São Paulo, Hucitec/Edunesp, 1998.

MAIA, Cavalcanti. “Biopoder, Biopolítica e o Tempo Presente”. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O Homem Máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MAES, Gérard. “A Sopa no Hospital: testemunho”. In: CANESQUI, Ana M. & GARCIA, Rosa W. D. (Org.). *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. – Coleção Os Pensadores.

\_\_\_\_\_. *Um Diário no Sentido Estrito do Termo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MANN, Thomas. *A Montanha Mágica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

MARCUS, George & FISCHER, Michael. *La Antropologia como Crítica Cultural*. Buenos Aires: Amorrortu, 2000.

MARX, Karl. “Trabalho Alienado e Superação Positiva da Auto-Alienação Humana”. In: FERNANDES, Florestan (org.). *Marx / Engels*. São Paulo: Ática: 1989. (coleção história).

MATVEEV L.P. *Bases do treinamento desportivo*. Material didático. M. Cultura física esporte, 1977.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia – Vol II*. São Paulo: EPU – EDUSP, 1974.

\_\_\_\_\_. *Manual de Etnografia*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

MENEZES BASTOS, Rafael J.. “Antropologia Como Crítica Cultural e Como Crítica a Esta: dois momentos extremos de exercício da ética antropológica (entre índios e ilhéus)”. In: Leite, Ilka B. (Org) *Ética e Estética na Antropologia*. Florianópolis: PPGAS/UFSC – CNPQ, 1998.

MAZZOLENI, G. *O Planeta Cultura: para uma antropologia histórica*. São Paulo: Edusp, 1992.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_. “De Mauss a Lévi-Stauss”. In: *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. *Signos*. São Paulo (SP): Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. *O Visível e o Invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. *A Natureza*. São Paulo (SP): Martins Fontes, 2000a.

\_\_\_\_\_. *A Estrutura do Comportamento*. São Paulo (SP): Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *O Olho e o Espírito*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

\_\_\_\_\_. *A Prosa do Mundo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

MOUTINHO, Luiz Damon S.. *Razão e Experiência: ensaio sobre Merleau-Ponty*. Rio de Janeiro: editora UNESP, 2006.

NOVAES, Adauto (Org.). *O Homem Máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

OLIVEIRA, Manfredo A. de. *Ética e Racionalidade Moderna*. São Paulo: Loyola, 1983.

OLIVEIRA, Luís R. C. “Pesquisa *em versus* Pesquisa *com* seres humanos”. In: Victoria, Ceres et all. *Antropologia e Ética: o debate atual no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2004.

OLIVEIRA, Roberto C. & OLIVEIRA, Luís, R.C. *Ensaaios Antropológicos Sobre Moral e Ética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OLIVEIRA, Roberto C. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. “O Mal-estar da Ética na Antropologia Prática”. In: Victoria, Ceres et all. *Antropologia e Ética: o debate atual no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2004.

\_\_\_\_\_. *Sobre o Pensamento Antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. “Biontes, Bióides e Borgues”. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O Homem Máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. “Lévi-Straus: Aberturas”. In: QUEIROZ, R. C. & NOBRE, R. F. (Org.). *Lévi-Strauss: Leituras Brasileiras*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

PIRES, Giovani de L. *Educação Física e o Discurso Midiático: abordagem crítico-emancipatória*. Ijuí: Unijuí, 2002.

\_\_\_\_\_. Globalização, Cultura Esportiva e Educação Física. *Revista Motrivivência*. Florianópolis (SC): Ano IX, nº10, dezembro de 1997.

PITT-RIVERS, Julian. *Antropologia del Honor o Política de los Sexos*. Barcelona: Editorial Critico, 1979.

PLATONOV, V. N. *Teoria e metodologia do treinamento desportivo*. Kiev: Escola Superior, 1984.

POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologia da Alimentação*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade. Seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: UNESP, 1988.

RABINOW, Paul. *Antropologia da Razão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

\_\_\_\_\_. *Reflections on fieldwork in Morocco*. Berkeley: University of California Press, 1977.

RIAL, C. S. “Rugbi e Judô: esporte e masculinidade”. In: Pedro, Joana; Grossi, Míriam. (Org.). *Masculino, Feminino, Plural*. 1 ed. Florianópolis: Mulheres, 1998, v. , p. 229-258

\_\_\_\_\_. “Televisão, Futebol e novos ícones planetários: aliança consagrada nas Copas do Mundo”. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 13, n. 18, p. 15-31, 2003.

\_\_\_\_\_. “Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa”. *Antropolítica* (UFF), Niteroi, v. 14, n. 2, p. 61-80, 2003

\_\_\_\_\_. “Futebolistas brasileiros na Espanha: emigrantes porém...”. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, v. LXI, p. 163-190, 2006.

\_\_\_\_\_. “Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior”. *Horizontes Antropológicos*, v. 14, p. 21, 2008.

\_\_\_\_\_. “Brasil: primeiros escritos sobre comida e identidade”. In: CANESQUI, Ana M. & GARCIA, Rosa W. D. (Org.). *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

RIVIÈRE, Claude. *Os Ritos profanos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

RODRIGUES, José Carlos. *Antropologia e Comunicação: Princípios Radicais*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

\_\_\_\_\_. *O Corpo na História*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.

ROUANET, Sérgio Paulo. “O Homem-Máquina Hoje. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O Homem Máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RÜDIGER, Francisco. *Martin Heidegger e a Questão da Técnica: prospectos acerca do futuro do homem*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Ed., 1990.

\_\_\_\_\_. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). *Mana*, Abr 1997, vol.3, no.1, p.41-73. ISSN 0104-9313

\_\_\_\_\_. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II). *Mana*, Out 1997, vol.3, no.2, p.103-150. ISSN 0104-9313

\_\_\_\_\_. *Esperando Foucault, ainda*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

- \_\_\_\_\_. *História e Cultura: apologias a Tucídides*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- SEBRELI, Juan José. *La Era del Fútbol*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.
- SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental*. Rio de Janeiro (RJ): Record, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O Artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. “Futebol, Metrôpoles e Desatinos”. *Revista USP*, 22, dossiê futebol, 1994.
- SILVA, Tomas Tadeu da (org.). *Antropologia Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SIMMEL, Georg.. *Philosophie de L'argent*. Paris: Presses Universitaires, 1977.
- \_\_\_\_\_. *La Tragédie de la Culture*. Paris: Rivages, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Questões Fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- \_\_\_\_\_. “A metrópole e a vida mental”, in Velho, Otávio Guilherme (org.), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Georg Simmel: sociologia*. Organizador: Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.
- SIMSON, Vyv & JENNINGS, Andrew. *Os senhores dos Anéis: poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas*. São Paulo: Best Seller, 1992.
- SMIT, Barbara. *Invasão de Campo: Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- SOARES, A. J.; SALVADOR, M. A. S.; BARTHOLO, T. L. “Copa de 70: planejamento México. In: GASTALDO, Édison & GUEDES, Simoni (Org.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.
- SOUZA, Ana Maria Alves de. *"Evoluindo" - mulheres surfistas na Praia Mole e na Barra da Lagoa*. 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. “Torcidas Organizadas de Futebol”. Campinas, Autores Associados/Anpocs, 1996.
- \_\_\_\_\_. “A Cidade das Torcidas: Representações do Espaço Urbano entre os Torcedores e Torcidas de Futebol na Cidade de São Paulo”, in José Guilherme Magnani & Lilian de

Lucca Torres (orgs.), *Na Metrópole – Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Fapesp/Edusp, 1996b.

\_\_\_\_\_. “A Invenção do Torcedor de Futebol: Disputas Simbólicas pelos Significados do Torcer”, in Márcia Regina Costa et al. (orgs.), *Futebol, Espetáculo do Século*. São Paulo: Musa Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. *No País do Futebol. Rio de Janeiro*. Jorge Zahar Editor: Coleção Descobrimo o Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. *Lógicas no Futebol*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2002.

\_\_\_\_\_. "Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002)". *BIB*, 52: 133-166, São Paulo, 2001.

TURNER, Victor W. *O processo ritual; estrutura e antiestrutura*. Petropolis: Vozes, 1974.

\_\_\_\_\_. *Floresta de Símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: EdUFF, 2005.

\_\_\_\_\_. *Dramas, Campos e Metáforas: as ações simbólicas na sociedade humana*. Niterói: EdUFF, 2008.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Sociologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Ed.1987.

\_\_\_\_\_. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

VELHO, Otávio G. (Org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

VIGARELLO, Georges. “Treinar”. In: CORBIN, A.; COURTINE, J-J. & VIGARELLO, G. *História do Corpo 3 – As Mutações do Olhar: o século XX*. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. “Estádios – O espetáculo esportivo das arquibancadas”. In: CORBIN, A.; COURTINE, J-J. & VIGARELLO, G. *História do Corpo 3 – As Mutações do Olhar: o século XX*. Petrópolis: Vozes, 2008.

VINNAI, Gérard. *El Fútbol como Ideologia*. México: Siglo Veintiuno, 1986.

VIRILIO, Paul. *A Arte do Motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

\_\_\_\_\_. “Os Motores da História”. In.: ARAÚJO, Hermetes (Org.). *Tecnociência e Cultura: ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo (SP): Estação Liberdade, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Espaço Crítico*. Rio de Janeiro: Ed 34, 1993.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *A Inconstância da Alma Selvagem – e outros ensaios*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

\_\_\_\_\_. O nativo relativo. *Mana*, Apr. 2002a, vol.8, no.1, p.113-148.

\_\_\_\_\_. *A Propriedade do Conceito*. Texto apresentado a AMPOCS, 2001 (mimeo).

WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

\_\_\_\_\_. “Putas, Escravos e Garanhões: Linguagens de Exploração e de Acomodação entre Boxeadores Profissionais”. *MANA - estudos de Antropologia Social*, vol 6, no 2, outubro. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2000.

WAGNER, Roy. *The invention of culture*. Chicago: The University of Chicago, 1981.

WAIZBORT, Leopoldo. *As Aventuras de Georg Simmel*. São Paulo/USP: Ed. 34, 2000.

YALLOP, David. *Como Eles Roubaram o Jogo: segredos dos subterrâneos da FIFA*. Rio de Janeiro: Record, 1998.